



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Literatura

**Ser na árvore, ser com árvore e ser árvore:**  
Diálogos entre fitoliteratura e biografia humana à luz da Antroposofia a partir de  
*O barão nas árvores* de Italo Calvino, *O homem que plantava árvores* de Jean  
Giono e a poesia *Árvore* de Manoel de Barros

**Thiago Soares Gigliotti de Carvalho**

Brasília  
2025

**Thiago Soares Gigliotti de Carvalho**

**Ser na árvore, ser com árvore e ser árvore:**

Diálogos entre fitoliteratura e biografia humana à luz da Antroposofia a partir de *O barão nas árvores* de Ítalo Calvino, *O homem que plantava árvores* de Jean Giono e a poesia *Árvore* de Manoel de Barros.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Fabícia Wallace Rodrigues.

Brasília  
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS481ss SOARES GIGLIOTTI DE CARVALHO, THIAGO  
Ser na árvore, ser com árvore e ser árvore: Diálogos entre fitoliteratura e biografia humana à luz da Antroposofia a partir de O barão nas árvores de Italo Calvino, O homem que plantava árvores de Jean Giono e a poesia Árvore de Manoel de Barros / THIAGO SOARES GIGLIOTTI DE CARVALHO; orientador Fabrícia Wallace Rodrigues. -- Brasília, 2025.  
162 p.

Dissertação (Mestrado em Literatura) -- Universidade de Brasília, 2025.

1. Árvore. 2. Fitoliteratura. 3. Biografia humana à luz da Antroposofia. 4. Relação entre a árvore e o ser humano. I. Wallace Rodrigues, Fabrícia, orient. II. Título.

**Thiago Soares Gigliotti de Carvalho**

**Ser na árvore, ser com árvore e ser árvore:**

Diálogos entre fitoliteratura e biografia humana à luz da Antroposofia a partir de *O barão nas árvores* de Italo Calvino, *O homem que plantava árvores* de Jean Giono e a poesia *Árvore* de Manoel de Barros.

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.  
Eixo de pesquisa: Imaginários Botânicos

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabrícia Wallace Rodrigues (Orientadora e Presidenta da Banca)  
Departamento de Teoria Literária e Literatura - UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Anne Louise Dias  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - UnB

---

Prof. Dr. Alan Bezerra Torres  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Divina Melo de Salvi (suplente)  
Universidade do Distrito Federal (UnDF)

Brasília  
2025

Dedico este trabalho *in memoriam* à minha mãe, Maria da Penha Soares Gigliotti de Carvalho, que nasceu e morreu no dia da árvore.

## **Agradecimentos**

Agradeço de coração à minha ancestralidade, à minha árvore genealógica, aos meus avós, minha mãe Maria da Penha, meu pai Marcos Bolívar e irmã Marcela.

Agradeço à minha esposa Deidmar, pelo amor, pela parceria, ao meu filho Cassiano Jorge e às minhas enteadas Isabel e Joana.

Agradeço à professora Fabrícia Wallace Rodrigues pela orientação, incentivo e por ter criado a linha de pesquisa *Imaginários Botânicos*.

Agradeço ao grupo de pesquisa *Fitopoéticas* pelas reflexões e partilhas.

Agradeço aos amigos pelos apoios e conversas.

Agradeço à árvore, à natureza, e às forças de luz que movem o mundo.

## Resumo

A presença do reino vegetal na literatura permite um espectro de simbologias, analogias e narrativas, abrindo a possibilidade de pesquisas sobre a forma de viver das plantas. A fitoliteratura, permeada por imaginários botânicos, constitui como ferramenta valiosa para um pensar nas e pelas plantas, em busca também de desbravar novos caminhos para permitir novas relações e interações entre o mundo vegetal e o mundo humano. O problema da pesquisa é verificar a possibilidade de uma relação entre as partes constitutivas da árvore e as fases da biografia humana à luz da Antroposofia. A semente, a raiz, o tronco, o galho e a copa de uma árvore têm relação com a criança, o adolescente, o adulto e o idoso? As respostas terão como base as obras *O barão nas árvores* de Italo Calvino, *O homem que plantava árvores* de Jean Giono e a poesia *Árvore* de Manoel de Barros. O objetivo desta pesquisa é realizar paralelismos que indiquem semelhanças entre as estruturas de uma árvore com as fases do ser humano, assim como explorar os princípios formadores e simbólicos do mundo vegetal e humano, como ancestralidade, nascimento, pertencimento, desenvolvimento, aprendizado, inteligência, comunicação, cooperação e morte. A metodologia aplicada será a descritiva bibliográfica e o referencial teórico em relação aos imaginários botânicos considerará os processos de crescimento das árvores, bem como uma reflexão crítica em relação à ação humana na natureza, tendo como principais autores Peter Wohlleben, Stefano Mancuso e Suzanne Simard. No campo da biografia humana à luz da Antroposofia, os principais teóricos abordados foram Rudolf Steiner, Bernard Lievegoed e Gudrun Burkhard. O resultado esperado é apresentar formas de se desenvolver uma cultura que conduza a uma compreensão mais aprofundada da relação entre as árvores e os seres humanos, unificando, de ambos, os saberes.

Palavras-chave: *Árvore*; Fitoliteratura; Biografia humana à luz da Antroposofia; Relação entre a árvore e o ser humano

## **Abstract**

The presence of the plant kingdom in literature allows for a spectrum of symbologies, analogies and narratives, opening up the possibility of research into the way plants live. Phytoliterature, permeated by botanical imagery, is a valuable tool for thinking about and through plants, also seeking to break new ground to allow for new relationships and interactions between the plant world and the human world. The research problem is to verify the possibility of a relationship between the constituent parts of the tree and the phases of human biography in the light of Anthroposophy. Do the seed, the root, the trunk, the branch and the crown of a tree have a relationship with the child, the adolescent, the adult and the elderly? The answers will be based on the works *The Baron in the Trees* by Italo Calvino, *The Man Who Planted Trees* by Jean Giono and the poem *Tree* by Manoel de Barros. The objective of this research is to draw parallels that indicate similarities between the structures of a tree and the phases of the human being, as well as to explore the formative and symbolic principles of the plant and human world, such as ancestry, birth, belonging, development, learning, intelligence, communication, cooperation and death. The methodology applied will be descriptive bibliographical and the theoretical reference in relation to botanical imaginaries will consider the processes of tree growth, as well as a critical reflection in relation to human action in nature, with the main authors being Peter Wohlleben, Stefano Mancuso and Suzanne Simard. In the field of human biography in the light of Anthroposophy, the main theorists approached will be Rudolf Steiner, Bernard Lievegoed and Gudrun Burkhard. The expected result is to present ways of developing a culture that leads to a deeper understanding of the relationship between trees and human beings, unifying the knowledge of both.

Keywords: Tree; Phytoliterature; Human biography in the light of Anthroposophy; Relationship and interaction between the tree and the human being

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Goiabeira.....	p. 19
Figura 2 - Cosimo.....	p. 35
Figura 3 - Raízes do cerrado.....	p. 37
Figura 4 - Cajá-manga.....	p. 62
Figura 5 - Desmatamento no Brasil.....	p. 70
Figura 6 - Desmatamento no mundo.....	p. 71
Figura 7 - Efeitos da degradação ambiental na floresta amazônica .....	p. 71
Figura 8 - Primeira região árida no Brasil.....	p. 73
Figura 9 - Júlia protegendo a sequoia.....	p. 77
Figura 10 - Árvore Mark Twain cortada.....	p. 77
Figura 11 - Instalação de Andrea Bowers.....	p. 78
Figura 12 - Mulheres do movimento Chipko abraçando as árvores.....	p. 78
Figura 13 - Desmatamento em um assentamento de Manaus.....	p. 79
Figura 14 - Cidade de Palmanova.....	p. 89
Figura 15 - Cidade ideal.....	p. 89
Figura 16 - Terraza Alta II.....	p. 91
Figura 17 - Fazenda de Ernst Götsch.....	p. 99
Figura 18 - Jasmim.....	p. 104
Figura 19 - A Fazenda - Joan Miró.....	p. 116
Figura 20- Caderno de rascunhos de Manoel de Barros.....	p. 117
Figura 21 - Desenho de Manoel de Barros.....	p. 117
Figura 22 - Casa-atelier de Frans Krajcberg.....	p. 122
Figura 23 - Moonflower - Margaret Mee.....	p. 126
Figura 24 - Desenho de Arturzinho, filho de Ana Primavesi.....	p. 129
Figura 25 - Família Bororo - farta como o Jatobá.....	p. 131
Figura 26 - Símbolo da permacultura.....	p. 136

## SUMÁRIO

Introdução - .....	p. 12
Capítulo 1 - <i>O barão nas árvores</i> de Italo Calvino - Ser na árvore - .....	p. 19
1.1 Ancestralidade, família, nascimento, semente - .....	p. 20
1.2 Habitat, território, raiz, amizade, nutrição, cérebro, linguagem - .....	p. 26
1.3 Brincar, natureza, inteligência, cerrado - .....	p. 32
1.4 Aprendizado, educação, imitação, arte, casa - .....	p. 38
1.5 Escrita, leitura, estudo, comunicação - .....	p. 41
1.6 Amor, desafios, cooperação, relação, pertencimento - .....	p. 46
1.7 A literatura - .....	p. 55
1.8 Problemática, cultura e inteligência - .....	p. 58
Capítulo 2 - <i>O homem que plantava árvores</i> de Jean Giono - Ser com árvore - .....	p. 62
2.1 Tempo, plantar - .....	p. 63
2.2 Mudanças, respiração, resiliência - .....	p. 66
2.3 Tronco, galhos, florestas, Amazônia, desmatamento - .....	p. 67
2.4 Trabalho - .....	p. 74
2.5 O outro, a relação, o diálogo - .....	p. 81
2.6 A luz, a sombra - .....	p. 83
2.7 Ter e ser - .....	p. 85
2.8 Sentir - .....	p. 86
2.9 Fractais, arquitetura, cidade ideal - .....	p. 87
2.10 Samaúma - .....	p. 91
2.11 Capitalismo - .....	p. 92
2.12 Saberes, autoestima, superação - .....	p. 92
2.13 Pai, mãe, regras, fazer tua parte, guerra e paz, exemplos - .....	p. 95
2.14 A mudança de linguagem, o que comemos, Constituição - .....	p. 99
2.15 Problemática, cultura e inteligência - .....	p. 101
Capítulo 3 - Poesia <i>Árvore</i> de Manoel de Barros - Ser árvore - .....	p. 104
3.1 A poesia - .....	p. 105

3.2 As copas, O Pantanal, A terceira idade - .....	p. 108
3.3 Primeira parte da poesia - .....	p. 110
3.4 Segunda parte da poesia - .....	p. 112
3.5 Terceira parte da poesia - .....	p. 115
3.6 Quarta parte da poesia - .....	p. 120
3.7 Quatro elementos, quatro orixás -.....	p. 122
3.8 Folhas, flores e frutos - .....	p. 123
3.9 Morte - .....	p. 129
3.10 Problemática, cultura e inteligência .....	p. 135
Conclusão - .....	p. 141
Referências - .....	p. 145

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação *Ser na árvore, Ser com árvore e Ser árvore: diálogos entre fitoliteratura e biografia humana à luz da Antroposofia a partir de *O barão nas árvores* de Italo Calvino, *O homem que plantava árvores* de Jean Giono e na poesia *Árvore* de Manoel de Barros* pretende elaborar uma trajetória de pesquisa que busque responder à seguinte questão: é possível relacionar as fases de desenvolvimento de uma árvore com as fases de desenvolvimento do ser humano e, com isto revelar possíveis e novas interações entre ambos?

Introdutoriamente apresento reflexões iniciais sobre a simbologia das árvores e o desenvolvimento humano, pilares deste trabalho.

O capítulo 1 será a partir do livro *O barão nas árvores* de Italo Calvino e tratará da semente e da raiz da árvore relacionadas com a fase humana da criança e do adolescente, desenvolvendo desta forma o ser na árvore.

O capítulo 2 será a partir do livro *O homem que plantava árvores* de Jean Giono e tratará do tronco e dos galhos da árvore relacionados com a fase humana do adulto, desenvolvendo neste capítulo a “ser com árvore”.

O capítulo 3 será a partir da poesia *Árvore* de Manoel de Barros e tratará das folhas, flores e frutos da árvore relacionados com a fase humana do idoso, finalizando o tripé conceitual desta dissertação com o “ser árvore”.

Na conclusão buscarei comprovar minhas hipóteses sobre a relação entre o desenvolvimento da árvore e do ser humano, justificando o uso de ser na árvore, ser com árvore e ser árvore, na busca de demonstrar tal jogo de palavras em consonância com as temáticas desenvolvidas ao longo da dissertação.

A pesquisa proposta está inserida na linha de pesquisa “Imaginários Botânicos”, que se pauta em analisar e discorrer sobre uma literatura que apresente o reino vegetal na literatura, demonstrando como as plantas podem estar presentes na construção de um texto literário, em uma fitoliteratura<sup>1</sup>, e como podem ser vistas dotadas de qualidades e características de desenvolvimento que indicam uma nova consciência para transformar a era do antropoceno<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Evando Nascimento apresenta este termo para apresentar uma proposta de escrita com e sobre as plantas. (Nascimento, 2021)

<sup>2</sup> “Antropoceno é o termo originalmente cunhado por Crutzen e Stoermer, no ano 2000, para denominar a atual época geológica, que se caracteriza pela dominação humana e seu imenso impacto na Terra.” (Scarano, p. 27, 2019). Contudo, não é possível dizer com certeza quando esta era começou. Geólogos se reuniram em 2024 e determinaram que não podemos definir com clareza que estamos na época do antropoceno (segundo alguns, começou em 1950 com as usinas nucleares e a produção de plástico. Porém, sua origem pode ser muito anterior: e quanto ao impacto do ser humano na natureza na revolução industrial e na colonização?) (Zhong, 2024)

O reino vegetal sempre esteve presente na literatura, seja como paisagem ou como personagem, e vem intensamente nas últimas décadas sendo parte prioritária para aqueles conscienciosos da questão climática global, de modo que surgem cada vez mais pesquisas sobre a importância das florestas e das comunidades vegetais para a existência de todos os seres vivos no planeta Terra.

Adoto nesta dissertação uma abordagem ensaística, entrelaçando referenciais teóricos com apontamentos pessoais, críticas, além de experiências próprias. Tal abordagem permite uma compreensão que legitime não só o intelecto, como também a memória e os sentimentos<sup>3</sup>.

As árvores estão presentes há milhões de anos em nosso planeta, são testemunhas das transformações geológicas, civilizacionais e culturais da Terra. A árvore atravessa toda a história da humanidade e além de suas mais conhecidas e comprovadas funções, como oxigênio, alimento, abrigo, incontáveis usos de sua madeira, fornece fundamentos e simbologias que permitem sua pesquisa através de estudos cosmológicos, míticos, teológicos, ritualísticos, iconográficos, culturais, folclóricos e ambientais. Hoje em dia a árvore está na pauta de reuniões governamentais e pactos pela melhoria da qualidade de vida. A árvore nos clama para ações individuais e coletivas caso queiramos viver no nosso planeta.

O estudo e pesquisa sobre a árvore nos impele a vê-la como fundamental para a sobrevivência, na perspectiva de um “ekos”, de uma “casa” a partir de um “logos”, de um verbo, de um fazer. Sendo assim, esta ecologia<sup>4</sup>, tornando nossa casa habitável, saudável, sustentável, é um dever que se apresenta como nunca antes na história do *homo sapiens* e na época do antropoceno.

A árvore representa o eixo da natureza, sustentáculo das florestas, “pulmões do mundo”. Mircea Eliade<sup>5</sup> trata a árvore de forma bem ampla em seu capítulo “A vegetação:

---

<sup>3</sup> Efrén Giraldo faz de seu “*Sumário para plantas oficiosas*” um ensaio, um diário no qual costura as pesquisas recentes sobre a inteligência das plantas, com suas experiências pessoais, como as vivências com seu filho, com leituras e filmes que o inspiraram para essa temática. De fato, vários autores citados nesta obra, como Stefano Mancuso, Peter Wohlleben, Suzanne Simard, compartilham suas memórias e subjetividades, na busca do entendimento de uma relação mais profunda com o reino vegetal. Tal qual jardim de múltiplas espécies, no qual flores vão desabrochando, o ensaio revela um prisma de olhares e saberes sobre o mundo das plantas. O ensaio também abre a possibilidade de dizer pelo afeto. É no afeto que dedico este trabalho à minha mãe, que nasceu e morreu no dia da árvore, me fazendo sentir que sou semente dela, naturalmente. Naturalmente também, todos os seres humanos têm ligação com as árvores.

<sup>4</sup> O desenvolvimento de uma “ecologia profunda” mostra-se necessária. Arne Naess cita que um dos pontos-chaves deste termo é: O bem-estar e a prosperidade da vida humana e não humana na Terra têm valor em si mesmos [...]. Esses valores independem da utilidade do mundo não humano para fins humanos.” (Garrard, 2006, p. 38)

<sup>5</sup> Professor romeno naturalizado norte-americano, que fez seus estudos sobre a ciência da religião, entre outros assuntos.

símbolos e ritos de renovação”<sup>6</sup> sendo-a simbolizada como o próprio cosmo, carregando em si um poder, uma força fundamentada na relação simbólica, cosmológica com o mundo, revelando, tornando-se sagrada por ser uma ponte com outra dimensão da vida, além da divindade habitá-la.

A árvore tem o poder de se regenerar, de perder suas folhas e voltar a tê-las. Representativa para várias civilizações, como para os egípcios, ao ser considerada a árvore da vida, assim como no mito babilônico de Gilgamesh, em que encontra uma árvore miraculosa e pede à menina junto à ela, a imortalidade.

Símbolo da maternidade divina na África e na Índia, dá nutrição às almas. Sua ligação com a espiritualidade na Índia demonstra uma interligação entre céu e terra, exemplificada no Bhagavad Gita: “Continua Krshina: 1. Os Vedas descrevem Asvatha (*Ficus Religiosa*), que é uma árvore invertida, com as raízes para cima e os galhos para baixo. É imperecível [...]” (Bhagavad... 2006, p. 145).

A árvore busca revelar que nossa nutrição não física vem de outros mundos. Na Indonésia se planta uma árvore onde foi enterrada a placenta, em uma comunhão de crescimentos, tanto da árvore como do ser humano. Para os povos originários de todo o globo terrestre a árvore ocupa papel vital, cheia de significados e importância para as comunidades, de modo que nas florestas, os antepassados e as crianças partilham a vida em sintonia com suas forças.

O carvalho<sup>7</sup> era a árvore do Deus Zeus na Grécia antiga e através do farfalhar de suas folhas o oráculo era interpretado, além do mesmo carvalho ser a árvore de Thor, o Deus do Trovão (no mito escandivo, a árvore Yggdrasil torna-se a portentosa presença de ser o eixo, o centro do mundo). A árvore da chuva ou *Maa hi*<sup>8</sup> para os Yanomamis é também aquífera, da qual suas folhas escorrem água o tempo todo.

Para os iorubás, a árvore *irokô* é a árvore sagrada na qual surgem os orixás. Na cultura Maori, o Deus das florestas é uma enorme árvore de 2000 anos; os druidas, pertencentes à cultura celta, criaram um alfabeto a partir das árvores, o *Ogham*, inspirando sabedoria e um caminho iniciático<sup>9</sup>. As figueiras-de-bengala na Índia, os baobás na África, o Pau-Brasil no Brasil, a Árvore do Conhecimento na Bíblia, a figueira na qual Buda se iluminou, o diagrama evolucionário de Darwin (que chamou de *A árvore da vida*), e claro, a árvore genealógica, a lembrança de nossos tataravós, bisavós avós, pais, a família representada por galhos, enfim, as

<sup>6</sup> (Eliade, 1993-2010) em “*Tratado de histórias das religiões*”.

<sup>7</sup> (Stafford, 2016)

<sup>8</sup> (Albert; Kopenawa, 2023)

<sup>9</sup> (Feres, 2018)

árvores atravessam gerações. As árvores falantes povoam o imaginário com seus conselhos sábios, com sua voz forte e ainda há aquelas que dão passos largos e pesados. Se prestarmos atenção ao nosso corpo, perceberemos que somos imagem e semelhança à uma árvore: nossos pés sendo as raízes (temos a “planta” nos pés), o nosso tronco que tem o mesmo nome do tronco da árvore e nossos braços/cabeça representando os galhos, a copa. Enfim, eis uma amostra do amplo espectro da simbologia das árvores. Olhar para as árvores é olhar para si mesmo, é um espelho de nossas questões existenciais mais profunda:

Ansiamos por atingir o crescimento da árvore, a sua altura e as suas raízes, a solidez e o equilíbrio entre as suas extremidades, o modo como recebe cada estação, mantendo o chão, as reservas e as florescências que lhe pertencem. Todos os tipos de criaturas se aconchegam ao abrigo dos ramos protectores e maternais das árvores, escondem-se nas suas concavidades e são alimentados pela sua matéria. Os nossos antepassados eram arborícolas e apenas desceram das árvores quando a idade do gelo encolheu as florestas e quando as destrezas das suas mãos e a força dos seus membros se desenvolveram de modo a poderem escalar as árvores e balançarem nelas. Parecemo-nos às árvores, direitos no tronco, de braços compridos, dedos das mãos delgados, os dedos dos pés em contacto com o chão. (The Archive for Reserach in archetypal symbolism, 2012, p. 128).

Nos primórdios da humanidade, os seres humanos tinham maior sintonia com as forças da natureza, em uma integração com todas as formas de vida. Enquanto nômades, buscavam abrigo e alimentos, evoluíram para agricultores, e com o surgimento das primeiras cidades e civilizações, o ser humano foi se distanciando cada vez mais da natureza. A humanidade historicamente age na transformação do mundo, produzindo matérias-primas.

Qual o impacto na natureza por conta da ação do humano no mundo? Basta buscarmos dados recentes da mudança climática global, do desmatamento das florestas, da desertificação de paisagens para compreendermos que esse processo de degradação tem sua origem há muito tempo. Paralelamente, é necessária a consciência de que comparando o tempo de surgimento de nossa espécie humana aqui na Terra com a presença dos anfíbios ou de florestas, somos um piscar de olhos: “Este não é nosso mundo com as árvores dentro dele.

É o mundo das árvores, onde humanos apenas acabaram de chegar.” (Powers apud Outeirinho, 2022, p. 62, tradução nossa). E mesmo tendo chegado bem depois, carregamos a qualidade humana do cuidar, de conservar para que sobrevivamos, porém o esquecimento criou raízes. Fazemos parte de uma imensa teia, de uma engrenagem natural, celular, composta de vida:

Um poeta chamado Michel Valentin disse: “O homem é a conquista mais nobre da planta”. Pelo fato de passarmos a vida cuidando delas, recolhendo sementes,

fazendo-as viajar, plantando-as aqui e ali, de um continente a outro, somos um dos melhores meios de dispersão que as árvores possuem. (Hallé, 2022, p.57)

Possível é analisar que quanto mais o ser humano progride nos anseios da manutenção do *status quo*, do acúmulo de capitais que mantêm um “padrão de vida”, mais se esquece do simbolismo da árvore. O simbolismo é uma força que mantêm na memória a história, de como foram formadas as narrativas, para a continuidade da vida.

É necessário trazer na memória que as árvores são testemunhas da presença do ser humano na Terra, sempre estiveram aí, na metamorfose de suas existências, contribuindo inestimavelmente em tudo o que ser humano precisa, como na alimentação, saúde, vestuário, ferramentas, moradia, cultura.

E as árvores não estão sozinhas, estão a todo momento nos mostrando que vivem unidas, sejam formando florestas que nos surpreendem pela beleza e magnitude, seja por debaixo da terra, através da ampla rede de comunicação e nutrição das raízes.

O desenvolvimento das árvores pode também oferecer simbologias para analogias com as fases de desenvolvimento humano. A biografia humana é o percurso, a jornada de uma vida, a evolução de processos que se iniciam com o nascimento e terminam com a morte. Nesse ínterim, muita coisa acontece, muitas transformações, aprendizados. “[...] trabalhando a sua própria biografia, o ser humano se dá a oportunidade de ir tomando consciência de seu caminho de vida, de sua missão terrena e, principalmente, de fazer mudanças fundamentais em si mesmo.” (Burkhard<sup>10</sup>, 2006, p. 241).

Cada momento vivido está dentro de uma idade, evidentemente, e esta idade está dentro de um período maior, de uma fase biográfica. Um grupo de crianças de 10 anos viverá algo condizente com essa faixa etária da mesma forma que pessoas com 49 anos e assim por diante. Cabe então compreendermos o que é melhor, mais saudável para cada fase biográfica, assim, auxiliamos o ser humano em desenvolvimento, em formação - este é um dos princípios magnos da educação e também do desenvolvimento humano.

A lente ou o prisma metodológico que usarei para me debruçar sobre a biografia humana, tal como a luz decomposta nas cores do arco-íris, é o olhar da Antroposofia. Antroposofia quer dizer conhecimento do ser humano e é considerada uma ciência espiritual<sup>11</sup>, uma metodologia de observação, pesquisa e atuação na vida, criada pelo austríaco

<sup>10</sup> Gudrun Burkhard, médica brasileira, não encontrou as respostas que buscava na medicina tradicional, então, encontra na medicina antroposófica uma visão integral do ser humano. Funda o Centro de Desenvolvimento Humano Artemisia e é pioneira no estudo da biografia humana no Brasil.

<sup>11</sup> É uma ciência, pois se apoia em fatos, observações, dados, análises, pesquisas. É espiritual pois se apoia na premissa de que existe o espírito, que há uma vida espiritual, invisível, não captada a princípio pelos sentidos, mas que dá suporte à vida terrena, seja através de pensamentos, ideias/ideais, imaginações, inspirações,

Rudolf Steiner<sup>12</sup>. Entre as contribuições da Antroposofia para a sociedade estão a Pedagogia Waldorf (presente em mais de 100 países), a agricultura biodinâmica, além do estabelecimento de estudos e práticas para a medicina, a farmácia, a arquitetura, as artes e outros ramos do conhecimento.

A Antroposofia estabelece uma visão mais integral para a biografia humana<sup>13</sup>, considerando fases de vida de sete anos, chamados “setênios”, nos quais ocorrem transformações substanciais em cada ser humano, como leis gerais que regem o desenvolvimento daqueles que têm a mesma faixa etária<sup>14</sup>. É baseado nesta visão que desenvolvo meu estudo sobre a biografia humana e que leio as obras dos três literatos que compõem a presente dissertação.

Steiner também presume dez períodos de sete anos no desenvolvimento humano: três vezes sete anos para o desenvolvimento físico e mental; três vezes sete anos para o verdadeiro desenvolvimento psicológico; três vezes sete anos para o desenvolvimento do espírito. Assim, em sessenta e três anos o homem atravessou os estágios de seu desenvolvimento e, então, tem um período adicional de sete anos para consolidá-los. Aos setenta ele está então em posição de colher os frutos de sua vida e devolvê-los à comunidade." (Lievegoed<sup>15</sup>, 1984, p. 32)

Através da literatura, Italo Calvino, Jean Giono e Manoel de Barros se permitem deixar as árvores estarem em evidência, permeadas de sabedoria e protagonismo, evoluindo tal qual as páginas folheadas, deixando suas mensagens: "[...] as plantas como parte de uma nação, de uma comunidade de indivíduos que compartilham origens, costumes, história,

---

intuições, seja através de seres espirituais. “[A Antroposofia] não se trata apenas de antropologia; trata-se, na realidade, de uma ciência do Cosmo, tendo por centro e ponto de apoio o homem.” (Lanz, 2002, p. 16)

<sup>12</sup> Rudolf Steiner foi um pesquisador e fundador da Antroposofia e desenvolveu suas pesquisas para a compreensão do desenvolvimento integral humano além de contribuições em várias outras áreas do conhecimento que são praticadas em centenas de países.

<sup>13</sup> A Antroposofia considera uma metodologia biográfica, ou seja, um percurso de pesquisa a partir de premissas e também de fatos, revelando problemáticas e perguntas a serem solucionadas em cada período da vida (período de sete em sete anos). Termos amplamente utilizados pela Antroposofia são a trimembração e a quadrimembração, ambas constitutivas do ser humano. A primeira diz respeito aos sistemas neurosensorial, rítmico e metabólico-motor, que por sua vez determinam nosso pensar, sentir e querer. A quadrimembração engloba os nossos corpos físico, etérico, anímico e eu. (Gardin, 2015). A Antroposofia também traz uma visão da sociedade organizada através da trimembração. A trimembração do organismo social busca um equilíbrio entre as partes constitutivas, considerando as dimensões materiais e não materiais da existência, possibilitando mais consciência e harmonia aos processos de relação com os outros e com a vida. “A Liberdade é associada à vida cultural/espiritual; a Igualdade à vida política/jurídica; a Fraternidade à vida econômica. (Goecks, s.d.). Esses três ideais, princípios da Revolução Francesa, estarão dialogando na presente dissertação. Não adentrarei a fundo na temática da Revolução Francesa, apenas utilizo esses princípios como valores universais, que sintonizam com a dinâmica e as qualidades das árvores e da natureza, como inteligência, comunicação e cooperação.

<sup>14</sup> Constata-se pessoas que passaram pela mesma situação de vida aos 42 anos, por exemplo, uma mudança de emprego ou início de um empreendimento.

<sup>15</sup> Bernard Lievegoed, médico nascido na Sumatra, se dedicou às questões sociais e espirituais a partir da Antroposofia, contribuindo para as pesquisas sobre a biografia humana.

organizações e propósitos: a Nação das Plantas.” (Mancuso<sup>16</sup>, 2024, p. 6). Surpreender-se pela vida vegetal, que não está longe, está ao nosso lado, no quintal de casa, na vizinhança, no trabalho, na escola, no parque, na floresta, no bioma, no ecossistema, na Terra.

---

<sup>16</sup> Stefano Mancuso é um botânico italiano fundador do *LINV - International Laboratory of Plant Neurobiology*. Pesquisa entre outros assuntos, sobre neurobiologia vegetal.

## Capítulo 1 - *O barão nas árvores* de Italo Calvino - Ser na árvore

“Goiabeira  
Início da brincadeira  
Fonte vegetal verdadeira  
Nasce, cresce, sendo inteira.”<sup>17</sup>



Figura 1 - Goiabeira<sup>18</sup>

O ser humano desde os primórdios de sua evolução se relaciona com as árvores. Seja em uma relação mais direta, ao usar suas partes como cascas, folhas, flores, frutos para a própria alimentação, como para uso medicinal, adornos e adereços, em larga escala através da madeira, em ferramentas, artesanato, moradia, meios de locomoção, ou em uma relação mais indireta, contemplando-as, observando suas formas e com isto as representando artisticamente.

Duas outras maneiras de relacionamento que podem ser estabelecidas com as árvores: uma é naturalmente plantar uma muda e acompanhar/auxiliar o seu desenvolvimento, e a outra é pensando na fase da infância, as crianças manterem uma relação íntima com as

---

<sup>17</sup> Poesia de minha autoria.

<sup>18</sup> Uma foto da goiabeira aqui de casa. As crianças gostam de subir nela. Certa vez meu filho me chamou com veemência, para eu ir rápido, fiquei até preocupado para ver o que era. Ele disse: “Pai, uma goiaba madura!”.

árvores, aproximando-se para tocá-las, subir em seus galhos e dando asas à imaginação, construir um recinto, um local de encontro.

O *ser na árvore* é, portanto, ao mesmo tempo uma alegoria, uma imaginação de um arquétipo humano que sobe em árvores, com a possibilidade de sair da gravidade, de tirar os pés do solo e com uma nova realidade, um novo horizonte, um novo ponto de vista, ver literalmente a vida com outros olhos, escutando e vendo o que a árvore pode lhe dizer e ver, ou os caminhos que pode apresentar. Este ser humano, para também querer saber mais sobre este ser que é a árvore, busca uma interação, um diálogo: é o encontro de dois seres vivos, com suas particularidades.

Quando li *O barão nas árvores* de Ítalo Calvino pela primeira vez, nem imaginava que um dia eu iria relê-lo para ser parte do estudo do mestrado. Indiquei-o certa vez para uma professora para ler para seus alunos da 6ª série. Inicialmente ela disse que estavam achando difícil, mas depois gostaram, havia até uma aluna que adorava subir em árvores. Também assisti a uma peça de teatro aqui em Brasília inspirada na obra, chamada “Cosme Trepado”, da Cia Brasilienses de Teatro.

A história me surpreende primeiramente porque narra a vida de um menino que vai morar nas árvores; segundo porque Ítalo Calvino, com maestria, arvora suas imaginações e nos faz adentrar em uma aventura na natureza, com direito a encontros, cores, sabores, dissabores e transformações. Ítalo Calvino traz em seu personagem Cosme, vivências de infância e adolescência, que serão abordadas neste primeiro capítulo da dissertação.

Este primeiro capítulo representa também a árvore que acabara de nascer e que traz sua força, vitalidade e sabedoria na semente e na raiz. Ou seja, podemos dividir a vida humana em 3 grandes fases: criança/adolescente, adulta e velhice, assim como a árvore também em três grandes fases: semente/raiz, tronco e copa. Desta forma podemos fazer a correspondência: a criança/adolescente com a semente/raiz, a adulta com o tronco e a velhice com a copa.

### 1.1 ANCESTRALIDADE, FAMÍLIA, NASCIMENTO, SEMENTE

A história do livro se passa no século XVIII e Cosme, o personagem principal, vive com seus pais, mais 2 irmãos, além de outros agregados. A família segue hábitos e etiquetas condizentes à sociedade aristocrática da época. A irmã de Cosme gostava de fazer experiências culinárias e certo dia colocou os escargots dentro de um tonel. Cosme e seu

irmão fizeram um buraco no recipiente para os pequenos animais rastejantes fugirem. Foi suficiente para ambos ficarem de castigo além de serem obrigados a comerem escargots.

Para Cosme, contrariado, foi o motivo para que subisse em um carvalho ao lado de casa, aos 12 anos, em 15/06/1767 (a ambientação da história de Cosme se dá em meio à época da Revolução Francesa, datada de 1789). Portanto, o contexto da história reflete anos anteriores, sendo assim, o menino que mora nas árvores é um prelúdio do que se almejava, do contexto e da transformação da sociedade francesa à época.

O mundo de Cosme e de seu irmão já acontecia sobre as árvores, um mundo a explorar, cheio de aventuras e de descobertas. Um mundo paralelo se estabelecia e enquanto seus familiares seguiam seus afazeres, uma nova perspectiva se abria para o personagem, mas não só para ele, pois a vida de todos mudaria com essa atitude, é como se houvesse um grito de independência, uma bandeira da liberdade fosse fincada.

Evidentemente, Cosme, com 12 anos, precisaria deste lar próximo, dos cuidados de sua família, que apostava que aquela rebeldia não duraria mais que algumas horas ou um dia. A relação com seu irmão era de muita proximidade, desde pequenos brincavam nas árvores e Biágio acaba por se tornar a testemunha fiel, o narrador, o jornalista dessa nova vida de seu irmão.

Já disse que passávamos horas e horas em cima das árvores, e não por motivos utilitários como fazem tantos meninos que sobem nas árvores apenas para apanhar frutas ou ninhos de pássaros, mas pelo prazer de superar difíceis saliências do tronco e forquilhas, e chegar o mais alto possível, e encontrar bons lugares para ficar olhando o mundo lá embaixo e brincando com quem passasse por ali. (Calvino, 1991, p.15).

Carregamos em nós nossa ancestralidade, nossas raízes, aqueles que vieram antes de nós e prepararam o caminho, atravessaram adversidades e fizeram escolhas que sabendo ou não, possibilitaram o surgimento de cada membro da família. As crianças trazem a referência biológica e cultural de seus pais, avós, bisavós e assim por diante, e nesta ramificação se forma uma árvore genealógica.

A ancestralidade é pautada por um entrelaçamento de destinos formados dentro de culturas e que encontra na comunidade sua forma de existir; o indivíduo não está apartado, nasce dentro de um grupo. Além desta perspectiva cultural, fundamentalmente uma ancestralidade se baseia na relação dos seres humanos com a terra, em uma relação simbiótica. Uma fusão tão íntima com a terra que nascer, se alimentar, se vestir, morar e morrer é em certa medida, estar em consonância com as forças da natureza:

[...] não deve ser esquecida a grande dimensão atribuída à terra pelos ancestrais: fonte de vida, ela é uma divindade a ser tratada com muita cautela, possuidora que é de forças vitais a serem respeitadas. Nessa dialética estabelecida entre natureza e sociedade [...], o homem consegue interação ótima devida em grande parte, supomos, à concepção ancestral que a orienta e lhe dá materialidade e que propõe, ao contrário de agressão à natureza e a todos os seus seres e manifestações, uma composição constante, organizando-a no interior da sociedade e esta no interior daquela. (Leite, 2008, 373)

No que diz respeito ao reino vegetal, uma semente carrega em si uma memória, um aprendizado do que foi retido, armazenado, e desta inteligência “condensada”, surge o movimento para uma nova forma de existência, para um crescimento. A partir do broto que surge até ele se tornar uma árvore com dezenas de metros, cada experiência gera uma memória vegetal, capaz não só de armazenar para si informações, mas de realizar uma transformação a partir do ato de se relacionar, fundamentada em uma inteligência:

A coesão da biodiversidade de uma floresta, dos músicos de uma orquestra, dos membros de uma família crescendo por meio de conversas e comentários, de memórias e aprendizado com o passado, mesmo que caótico e imprevisível, tirando máximo proveito dos recursos escassos para prosperar. Graças a essa coesão, nossos sistemas se desenvolvem e tornam-se íntegros e resistentes. Eles são complexos. Auto-organizáveis. Têm as marcas da inteligência. Reconhecer que os ecossistemas das florestas, como as sociedades, possuem esses elementos de inteligência nos ajuda a deixar para trás velhas noções de que eles são inertes, simples, lineares e previsíveis. Noções que ajudaram a alimentar a justificativa para a exploração veloz que pôs em risco a existência de diversos seres nos sistemas florestais. (Simard<sup>19</sup>, 2021, l. 3289)

Pensar a infância, a primeira fase da vida, pressupõe retornarmos a fase que antecede o nascimento em si, que é a gestação, período fundamental de formação do ser como um todo, como os sistemas neurais. A vida integral da mãe, suas emoções, de como cuidou de sua saúde, de sua alimentação, influenciam muito o desenvolvimento do bebê. Nascer com estes pais, com estes irmãos, o recém-nascido terá o aprendizado de que necessita para sua evolução. O nascimento é um marco. O nascimento de parto natural tem em seu nome a própria naturalidade, uma necessidade de que a criança e mãe passem por esta experiência da “dor de parto”, uma dor para vir para a vida, em que se libera o hormônio ocitocina, considerado o hormônio do amor.

É a semente que precisa romper a membrana e vir para o mundo, a membrana é a placenta, o envoltório, o relicário. A busca da humanidade é por partos humanizados.

---

<sup>19</sup> Suzanne Simard é professora de ecologia florestal na Universidade da Colúmbia Britânica. Comunicação e inteligência entre as plantas são temas basilares de suas pesquisas.

Cesáreas<sup>20</sup> são feitas em todo mundo de forma arbitrária, com procedimentos médicos invasivos desnecessários, acarretando em falta de vínculo inicial entre mãe e filho. Enfim, nascer é um acontecimento decisivo, que exige coragem, que transforma todos os envolvidos.

Pelo nascimento, todo corpo vivo, qualquer que seja sua forma, sua dimensão, sua situação, assim como a espécie e o reino aos quais ele pertence, é uma metamorfose: uma transformação de corpos passados, uma modificação de uma forma que já existia antes dele, uma mutação de um olhar que já tinha tocado o mundo. Se nascemos é porque cada um de nós, em corpo e alma, é apenas uma parte do mundo. Nascer se resume a isto: a prova de que não somos nada além da metamorfose, de uma pequena modificação de uma parte ínfima da carne do mundo. (Coccia, 2020, p. 162)

Nascemos e também carregamos conosco as influências dos nossos pais, nossa hereditariedade, que durante a infância vamos deixando para trás, através de processos orgânicos, assim como de afirmações dos nossos desejos e nossa personalidade perante o mundo. Uma família nos acolhe, somos muito pequeninos para darmos conta de nós mesmos, diferente dos animais, do cavalo, da girafa, que nascem e já ficam de pé. Uma rede de apoio é formada, familiares e amigos se tornam cuidadores<sup>21</sup>.

De uma forma geral o nascimento e crescimento inicial de uma árvore é um processo lento e gradativo, segue o próprio tempo da natureza, pois ou a vemos enquanto pequeno broto (na clássica experiência escolar de ver o broto de feijão nascer), ou nos surpreendemos quando já vemos uma árvore crescida, de um metro, com galhos finos e algumas folhas. Antes de mais nada é preciso trazer um contexto, pois a árvore enquanto um ser vivo, para nascer, precisa de vários acontecimentos prévios, elementos, aportes e condições. A árvore precisa primeiramente da semente e esta de um solo, de um local onde irá ser acolhida e também, de condições necessárias, como incidência constante de raios solares, de água e nutrientes.

Mas antes mesmo da semente, toda filha ou filho precisa de uma mãe. Falamos em Mãe-Natureza. Por que? A mãe, antes de dar à luz, desejou que a vida acontecesse, houve uma preparação, um planejamento, uma gestação, um cuidado. E quando nasce, ela cuida. E quanto ao pai?

Metaforicamente podemos dizer que o pai de uma árvore é o sol e os mensageiros tenham sido um passarinho ou um lobo que transportou a semente, mas de toda forma, uma

---

<sup>20</sup> Há costumeiramente o agendamento de horário para que o filho nasça de cesárea, demonstrando assim um procedimento anti-natural. O filme “O Renascimento do Parto”, com a direção de Eduardo Chauvet, mostra sobre a importância para a humanidade do parto humanizado. A gestação é um período de tantas transformações que se observa a mudança da psique feminina a cada trimestre, além de que o corpo da mãe precisa ir se tornando mais maleável, flexível para o crescimento do filho. (Hioki, 2015)

<sup>21</sup> Mostra-se salutar também se formar redes de apoio independente do laço familiar, como amigas que se organizam para se ajudarem no cuidado com os bebês.

mãe, uma árvore, foi quem gerou a semente, ou melhor, muitas sementes, milhares às vezes, pois a abundância é prerrogativa do reino vegetal.

A árvore gestou sua filha, protegeu, nutriu e deixou ela ser livre para encontrar um território, um terreno propício para nascer. Contando com a vida e também em algumas situações com a sorte, a semente recebe os fatores propícios para seguir em frente. Mas não pensemos que será fácil sua jornada, pois ainda é muito frágil no início, qualquer chuva ou vento forte pode dificultar sua vida.

De alguma maneira esta semente é a continuação de sua mãe, é a continuidade de uma história, de uma ancestralidade, a perpetuação também de uma espécie, como se nas sementes de uma árvore contivessem um “selo”, ou melhor, um “DNA” que a liga àquela espécie, gênero, família.

Alguns dos muitos algodões voadores vão aterrissar em um lugar adequado. A árvore-mãe de uma dessas plantas pioneiras solta até 26 milhões de sementes – por ano. Para a espécie se perpetuar, basta que uma das pequeninas encontre um bom lugar a cada 20 a 50 anos e alcance a idade reprodutiva. Parece um desperdício? Como as árvores não sabem onde ficam os melhores lugares, produzir muitas sementes é a única forma de chegarem aonde precisam ir. (Wohlleben<sup>22</sup>, 2022, p. 158)

Causa-me grande fascínio as sementes de ipê pela sua aparente fragilidade, com sua quase transparente membrana e lá dentro uma semente ovalada bem fina. Quão maravilhoso é o arco-íris de cores dos ipês que pode-se ver aqui em Brasília, começando a despontar em agosto. Outra semente que é alegria das crianças é a de pajeú, que parece um “helicóptero” e que tem duas “hélices” que quando são soltas, descem girando. Nesta aparente fragilidade há uma inteligência oculta, uma vontade da árvore-mãe de que suas filhas-sementes vão longe, já que há nelas um *design*<sup>23</sup> propício para o desenvolvimento. Esse *design* aerodinâmico, com sua geometria sagrada, nos revela uma estética, uma beleza primordial que nos arrebatada pela sutileza, proporção, equilíbrio, harmonia e continuidade.

Desde que nascemos nossos sentidos estão, ou deveriam estar, voltados para a natureza: "Eu me pergunto se a primeira relação com as árvores não é inicialmente estética,

---

<sup>22</sup> Peter Wohlleben é um engenheiro florestal alemão que fundamenta suas pesquisas sobre o que sentem e como se comunicam as árvores, em busca de uma sabedoria oculta nestas e na natureza.

<sup>23</sup> O filme *Biocêntricos* (2022), idealizado por Fernanda Heinz Figueiredo, apresenta estudos da biomimética. É a observação da natureza através de seus designs e estratégias em prol da continuidade de seus processos, inspirando desta forma os seres humanos em construções, invenções e inovações em diversas áreas para melhoria da qualidade de vida. Biomimética é a observação e conhecimento oriundos da sabedoria dos povos originários.

antes mesmo de ser científica. Quando encontramos uma bela árvore é simplesmente extraordinário." (Coccia; Hallè, 2019, p. 3)

No nascimento vem o carinho, o afeto<sup>24</sup>, o lar, o quarto, o ambiente em que se deve prezar pelo silêncio, pois, na maior parte do tempo o recém-nascido dorme. Uma atividade já tem seu início e durará todos os dias, madrugadas, por meses e até alguns anos, que é mamar. O leite materno contém os nutrientes para a criança, é o manjar do céu presente na mãe, tem tudo o que o bebê precisa. Nicolas Behr, plantador de árvores e poeta nos incita em seu livro de poesias "Dendrolatria" (sobre o culto às árvores), a vermos com olhos mais brincantes, mais lúdicos, o processo que ocorre com as raízes: "ao longo das raízes existem pequeninas bocas que sugam minúsculos seios por onde a mãe-terra alimenta as árvores." (Behr, 2006 p. 52).

O que acontece na infância reverbera por toda a vida, sejam alegrias ou traumas, pois a criança desde que nasce se relaciona com as pessoas e com o mundo à sua volta. Há nela uma inteligência: vai conquistando seu movimento, gira na cama, engatinha, indicando para os cuidadores/educadores que é fundamental conhecer o desenvolvimento, o que cabe em cada fase, sem trazer precocidades, sem antecipar etapas, sem forçar, deixando simplesmente, acompanhando, e claro, favorecendo o contato com natureza.

Um "andador" é necessidade da criança ou é dos pais que já querem que o filho ande logo, se torne autônomo com rapidez, estando pronto para a vida em sociedade? Calma e observação são palavras-chave. "A sabedoria que reina no organismo humano nesses primeiros anos de vida não é, realmente, pequena." (Steiner, 1918 apud Burkhard, 2002, p. 141).

A criança, naturalmente, não desejará mais leite, as etapas de crescimento pelas quais passou ficam internalizadas, são medalhas conquistadas que são levadas para os próximos desafios de desenvolvimento. A sabedoria do desenvolvimento humano é como um relógio biológico que informa o momento adequado - se para tal estivermos atentos e preparados - para ganhar novas habilidades. A sabedoria de uma criança pode ser constatada fielmente em sua total entrega à natureza, ao mundo vegetal, aos bichos. Uma criança sentada na praia está totalmente integrada com aqueles grãos de areia que escorrem pelos pequenos dedos ou pelo castelo que é rapidamente desfeito.

---

<sup>24</sup> A abordagem de Emmi Pikler enfatiza o afeto bem como o brincar livre e a presença amorosa como impulsionadores do desenvolvimento integral das crianças, favorecendo a formação de adultos autônomos e amorosos. O filme *Dos 3 aos 3* (2023) é um exemplo desta abordagem.

## 1.2 HABITAT, TERRITÓRIO, RAIZ, AMIZADE, NUTRIÇÃO, CÉREBRO, LINGUAGEM

Cosme não só conheceria o carvalho, mas o olmo, a alfarrobeira, a amoreira, veria animais mais de perto, observaria as pessoas, se portaria também como um mensageiro, levando mensagens, mas que de alguma forma passava pelo filtro das árvores, ou pelo filtro do menino que mora nas árvores. Uma semente que se solta da árvore não terá mais a proteção materna e estará sujeita às intempéries.

Evidentemente, o organismo-floresta a acolhe e nos canais subterrâneos, através das raízes, sua mãe pode se comunicar com a filha. O habitat de Cosme não era mais o lar da família Chuvasco de Rondó, mas o carvalho e tantas outras árvores. Seu ponto de vista a partir de agora seria outro, e dessa forma inverter a ordem natural<sup>25</sup> do existir - vive-se em casas, construções, e a natureza está fora, agora é como se a natureza fosse a casa - já que escolheu a árvore para viver, observaria mais os detalhes e ao mesmo tempo as grandes “objetivas” da vida: “Cosme observava o mundo da árvore: qualquer coisa, vista lá de cima, era diferente, e isso já era um divertimento.” (Calvino, 1991, p.17).

A árvore começa da semente, que dependendo da espécie varia de tamanho, peso, estrutura e inclusive depende da meteorologia, de animais para poder germinar. A viagem de uma semente pode ser um simples passeio no jardim ou uma epopeia digna das criações gregas. Não só o passarinho passará pela prova de fogo de voar pela primeira vez de um galho, a semente também:

Assim que a semente cai da árvore, sua viagem começa. Muitas espécies são apressadas. Suas sementes têm uma penugem que ajuda no transporte delas pelo vento, como uma pluma. As espécies que lançam mão dessa estratégia precisam formar sementes pequenas e leves o bastante. É o caso dos choupos e salgueiros, cujas sementes fazem viagens de muitos quilômetros. Mas essa vantagem do alcance também traz uma desvantagem: para ser leve a semente carrega poucos nutrientes. Quando germina, não demora a usar as poucas reservas de energia, por isso precisa ter a sorte de cair num solo adequado. Do contrário, pode sofrer com a falta de nutrientes ou de água. Já as sementes de bétula, bordo, carpino, freixo e coníferas são muito mais pesadas. A penugem não é uma alternativa, por isso elas fornecem a seus frutos outros equipamentos que auxiliam o voo. Muitas espécies, como as coníferas, formam verdadeiras asas que reduzem a velocidade da queda. Num vendaval o voo pode alcançar alguns quilômetros. Espécies que produzem frutos pesados (como o carvalho, a castanheira ou a faia) nunca seriam capazes de cobrir distâncias tão longas, por isso não usam qualquer aparato e formam uma aliança com o mundo animal. Aproveitam-se de camundongos, esquilos e gaios, que adoram sementes ricas em óleos e amidos e as depositam no solo como reservas de inverno, mas depois não as encontram ou não precisam mais delas. (Wohlleben, 2017, p. 166)

---

<sup>25</sup> (Gazola, 2006)

Ao lado da casa da família de Cosme, havia o jardim vizinho dos Rodamargem e a relação entre as famílias não era amistosa. Estes importavam<sup>26</sup> raridades<sup>27</sup> botânicas, como magnólia, inclusive árvores da França, Inglaterra, Índias e Américas. Cosme fez uma grande amizade permeada de encontros e despedidas.

Cosme deparou-se com uma menina que comia uma maçã e que se balançava em um balanço, era Viola. “Viola: E até onde chega este seu território? Cosme: Vai até onde se consegue ir caminhando em cima das árvores, por aqui, por ali, além do muro, no olival, até o cimo da colina, do outro lado da colina, no bosque, na torre do bispo. Viola: Até a França? Cosme: Até a Polônia e a Saxônia. Cosme: Está convidada para o meu território.” (Calvino, 1991, p. 24).

O território é uma ferramenta do brincar das crianças, o lugar onde se fixa, onde é permitido ações, movimentos, o lugar onde se pode dizer “meu” no sentido de intimidade, onde se inventa uma nova história, mas para Cosme, em cima das árvores, este território não é tão definido, é expansivo, pois lá de cima pode visitar muitos lugares, pode ir de galho em galho<sup>28</sup>.

Há o que vemos por cima do solo, como as árvores e há um outro mundo, subterrâneo, que não vemos, cheio de vida, dentro da terra. Imprescindível o trabalho de minhocas, de besouros-rola-bosta, de fungos e de tantos outros animais microscópicos para o solo, que também se alimentam do que está ao redor das árvores, do que cai delas. A terra rica em nutrientes tem um cheiro familiar, a terra preta nos dá esperança de nascimentos, de vida, de abundância.

O que acontece lá depende do que acontecerá na superfície: "Até metade da biomassa de uma floresta se encontra no subsolo, e a maioria dos seres vivos que habitam essa área não pode ser vista a olho nu." (Wohlleben, 2017, p. 82). Um solo precisa de algumas características para auxiliar uma semente em seu desenvolvimento: a) que não seja

---

<sup>26</sup> O ato de importar, considerando as plantas, requer antes de tudo, uma reflexão sobre a necessidade de tal ato. Já não se têm plantas aqui onde se vive, acostumadas com o clima e com a vegetação locais? Para que trazer de fora? É somente uma busca pelo exótico, pelo diferente, pelo que os outros consideram belo? Vale ressaltar o que foi para o Pau-Brasil ser exportado para a Europa, a perda de sua identidade (considerando-o como um ser) e a perda da identidade de seu país de origem. Foi o início da degradação ambiental do Brasil, que ainda traz consequências.

<sup>27</sup> A raridade de uma planta se dá ou porque há poucos indivíduos da espécie na natureza ou por causa da área de sua distribuição ser restrita. Salvar e proteger espécies raras são atitudes humanas que revelam seu compromisso para com a vida: “[...] um último argumento sobre por que conservar espécies raras: porque elas têm rigorosamente o mesmo direito de existência que qualquer outra espécie, inclusive a nossa. Essa é uma questão de cunho ético e profundo que requer mais do que reflexão, requer atitude.” (Martinelli; Messina; Filho, 2014, p. 17)

<sup>28</sup> É dito no livro de Calvino que antigamente um macaco poderia ir de Roma até a Espanha sem pôr os pés no chão (atualmente esta distância é de mais de 1900 quilômetros). Infere-se assim do volume de árvores que existiam antigamente.

compactado - um dos grandes pilares da agrofloresta, da produção orgânica de alimentos é deixar o solo “fofo”, “respirável”, “trabalhado” e portanto mais receptível à água, ao sol; b) um solo úmido, seja por receber água da chuva ou de irrigação, seja pela transpiração da água armazenada da matéria orgânica que o cobre; c) um solo com bastante matéria orgânica, como folhas secas, galhos, que armazenam nutrientes por mais tempo, atraindo formigas e outros animais; d) um solo que receba sol e com a luz solar a planta possa realizar fotossíntese, sua atividade constante. "Sem solo não há matas e florestas, pois as árvores precisam se enraizar em algum lugar. As rochas nuas não seriam suficientes, e o cascalho solto até poderia oferecer suporte para as raízes, mas não armazenaria água e nutrientes suficientes para ela." (Wohlleben, 2017, p. 82).

A “semente grávida de árvore e fruto”, como disse Bartolomeu Campos de Queirós em seu poema “*Minerações*”, pode agora fazer nascer suas raízes, para a nutrição, para buscar os elementos necessários para crescer.

Uma das principais consequências do enraizamento das plantas é fazê-las contar apenas com os nutrientes disponíveis no trecho do solo que suas raízes podem explorar. [...] Na falta de nutrientes ou água, conseguem transformar substancialmente sua anatomia, adaptando-se às condições alteradas.[...] flexibilidade de seus corpos é incomparável: “plasticidade fenotípica” é o termo técnico que descreve essa habilidade. Elas reduzem de tamanho, engrossam, afinam, se enrolam, se curvam, escalam, rastejam, mudam a forma de seus corpos, interrompem o próprio crescimento, fazem tudo o que for necessário para que seu equilíbrio com o ambiente seja o mais estável possível. (Mancuso, 2024, p. 74)

Ao mesmo tempo que as raízes buscam nutrientes, em contato com um solo rico em nutrientes, não compactado, úmido, as árvores também dão aos animais e aos seres humanos, folhas, flores e frutos comestíveis. Nutrição é o combustível para se realizar o que se precisa. O mundo vegetal também armazena água, lembremos do cacto que guarda água em pleno deserto, ou da bananeira que, por exemplo, em uma técnica chamada círculo de bananeiras, trabalha com suas raízes a água cinza da casa, como das pias e da máquina de lavar, e usa esta água para se nutrir e possibilitar o crescimento de suas fibras. Esta bananeira depois de podada volta para a terra e se transforma em matéria orgânica para novos ciclos. É um resgate que precisamos fazer deste conhecimento antigo de que a vida é circular e que, como exemplo mais imediato, de que as fezes viram adubo. A nutrição é saber de onde vem, como utilizo e como descarto, consciente que não há lixo fora, e sim tudo está aqui dentro da Terra.

[...] enormes comunidades (as árvores) conectadas que, por meio das raízes, trocam nutrientes, água e informações. Comunidades extensas que, não raro, podem até incluir plantas de diferentes espécies e que baseiam sua possibilidade de

sobrevivência mais na cooperação do que na concorrência. Uma verdadeira revolução cujas consequências não são fáceis de prever. (Mancuso, 2021, p. 63)

Na concorrência, na competição, nem os humanos, nem as plantas podem se ajudar. Uma relação de parceria, de cooperação, mesmo na diversidade, como nos esclarece Stefano Mancuso acima, acontecia com Cosme e seu irmão. Biágio deu a Cosme cordas, roldanas e ganchos para a construção de artefatos no carvalho oco. Os pais haviam perdoado Cosme, e seu irmão Biágio falou que a família o esperava para jantar. Cosme não fora, apenas pedira uma coberta para o irmão.

Depois do jantar todos foram para o aposento, e Biágio deixou a luz da vela acesa e ficou se remexendo na cama, pensando no irmão, no que estava passando lá fora, sobre uma árvore. Vivemos muitos momentos juntos com nossos irmãos, somos íntimos. Pela vida também encontraremos amigos que podemos chamar de irmãos.

Basta às vezes um olhar, ficar ao lado em silêncio ou apenas escutar é suficiente. Assim é nas amizades de crianças, onde o intuito é conhecer mais a fundo, saber do outro. Assim é na irmandade das sementes, onde voam juntas, onde compartilham memórias vegetais, onde fundam territórios (aqui em Brasília é possível ver muitos ipês amarelos um ao lado do outro).

Cosme foi ficando íntimo dos caminhos pelas árvores, pelas passagens entre os galhos e copas, em uma sinuosa trilha. Cosme encontrou garotos que roubavam frutas pelos arredores e certa vez teve um momento de reflexão mais profunda, pois vira a dura realidade da situação das famílias destes garotos, as pessoas mais pobres de Penúmbria.

É um choque de realidade para a criança perceber que há diferenças sociais; a pureza da amizade, de ver a essência do outro sem se importar com posses é uma virtude das crianças, de chamar para brincar alguém que se conheceu no exato momento. Ver o outro é se ver, é um espelho; a pobreza da vida do amigo pode sinalizar a riqueza que se tem ou o supérfluo em que se vive.

No encontro entre crianças, as diferenças sociais desaparecem, pois o que interessa para elas é a essência da outra pessoa. Quando brincam estão no presente, não é preciso saber de onde vem, de qual nacionalidade, se rico ou pobre, de qual raça ou credo, simplesmente são. Para a criança a amizade é coisa séria<sup>29</sup>, importantíssima e há pessoas que mantêm amizades que nasceram na infância, por toda uma vida. Cosme fez também amizade com o cavaleiro advogado (Enéias), ajudando-o a cuidar de abelhas nos arredores de Penúmbria.

---

<sup>29</sup> Uma vez meu filho com 9 anos disse: “Amizade é tudo.”

Havia uma praticidade nas coisas em que Enéias pensava, e de alguma maneira isto foi um exemplo para Cosme. O próprio ato de cuidar de abelhas<sup>30</sup> e observá-las permite uma constatação de seu trabalho associativo, coletivo. Uma amizade que se propõe a trazer soluções ecológicas para o mundo é transformadora.

Após o broto irromper de uma semente e se fixar com pequeninas raízes na terra, poderá se estabelecer para sempre naquele local e permanecer por dias, meses, anos, décadas, centenas e milhares de anos; a árvore encontrou seu lugar, se transformará muito e verá muita transformação ao redor.

As raízes podem ser comparadas aos cordões umbilicais, trazendo nutrientes para toda a árvore; são também as antenas parabólicas, captando informações e transmitindo informações para toda a árvore. As raízes, tamanha a força da árvore como um todo, levantam calçadas e muros. Um sistema de inteligência faz com que toda uma árvore de 100 m de altura possa receber nutrientes.

Enquanto nos humanos o cérebro está no alto da cabeça, tal qual farol em uma ilha em alto-mar, nas árvores, seu sistema radicular é vasto, sendo capaz de realizar a manutenção da vida vegetal mesmo sofrendo danos, pois a atividade está distribuída e não centralizada<sup>31</sup>; não se trata de um farol, é a própria ilha.

O sistema radicular consiste em um número astronômico de extremidades de raízes – podem chegar a centenas de bilhões em uma árvore – que, espalhando-se pelo solo e explorando-o em busca de nutrientes e água, formam uma rede tão complexa que rivaliza com a complexidade estrutural de nossas redes neurais. À diferença de nosso cérebro, incrivelmente frágil e com diferentes áreas destinadas a funções específicas, em um sistema radicular as funções estão espalhadas por toda parte. Assim, as raízes, por não apresentarem áreas especializadas em funções fundamentais, podem sobreviver facilmente a danos extensos que atingirem todo o sistema. (Mancuso, 2024, p. 47)

Em nosso primeiro setênio (período de sete anos) nosso cérebro será formado com uma velocidade ímpar, sem igual, se comparada com o resto da vida. Criam-se redes neurais, padrões, memórias e raciocínios. Nossos neurônios são como as raízes da árvore, e quanto

---

<sup>30</sup> Da mesma maneira que se pensa no *ser da árvore*, também se pensa no *ser da abelha*. A colmeia é um ecossistema em miniatura, um organismo social e ecológico. A relação das abelhas com as árvores é de milhares de anos (As abelhas encontram no tronco de árvores o local para sua moradia) (Poeplau *et al*, 2019). O material *Abelhas & árvores: Um informativo para escolas e jardins de infância* de Poeplau *et al* (2019) e *Os 100 Anos da Pedagogia Waldorf - As Abelhas* de Massei (2018) mostram a inequívoca necessidade de uma integração entre educação e natureza, especificamente mostrando a sabedoria das abelhas em sintonia com o meio ambiente e, como as crianças e adolescentes podem participar dessa interação.

<sup>31</sup> Diferentemente dos humanos, que a depender do dano cerebral, a fala ou a visão podem ser afetadas ou até perdidas.

mais relações e vivências saudáveis foram proporcionadas para a criança, mais ela terá ferramentas cognitivas e afetivas em sua vida.

Retomando o livro de Calvino, houve tentativas por parte da família de Cosme que ele descesse das árvores. Seu pai enviara empregados, porém foi em vão. Sua mãe observava de luneta e seu pai o olhava quando estava no jardim, gerando na família emoções diversas, como raiva e pena. É um marco quando a criança começa a dizer “não”. É para ela muito mais uma autoafirmação do que uma rebeldia, é um “daqui não saio”, este é meu lugar, minha conquista.

Quando entramos em uma floresta, sentimos como se estivéssemos entrando em um teatro ou em um recinto que reverbera o som. Ao mesmo tempo que ouvimos o som de folhas secas, de galhos, animais, vento, também percebemos que há um silêncio. Os nossos sentidos se amplificam. Na natureza nos tornamos também recipientes, recebemos informações, enfim, nossos ouvidos escutam mais detalhes.

Há de se ficar na mesma frequência, sintonizar na mesma rádio. Aguçando o olhar, ou melhor o ouvido, as pesquisas de vanguarda sobre a interação das plantas constatam que as plantas produzem sons. A ecologista Monica Gagliano vem estudando a comunicação das plantas. Habilidades bio acústicas são úteis para as plantas, são os sons que elas produzem e esta é uma característica ancestral das espécies para se relacionarem com o ambiente ao redor. Uma comunicação que favorece quem emite e quem recebe, que engloba também captar informações do ambiente e repassar uma mensagem.

Comunicação é um aspecto fundamental e os estudos desse assunto podem lançar luz sobre o comportamento, a parte física, química, fisiológica e evolucionária das plantas. Plantas são seres que interagem<sup>32</sup>. Adentrar em uma floresta exige uma mudança de “frequência”, estando mais atento, receptivo e silencioso. A possibilidade de ser picado por abelha, de se tropeçar em uma raiz, quando não se está sintonizado com a natureza é completamente real.

A harmonização com a floresta vem do ato de escutá-la. Para os povos originários, como os Yanomamis, suas próprias corporalidades são como um grande aparelho auditivo, tal qual árvores que sentem tudo que acontece ao redor, sensíveis às mudanças dos ventos, aos cantos dos pássaros, as sinfonias das florestas: “[...] os Yanomamis mantêm um diálogo constante com a multiplicidade de vozes da floresta. Sua escuta da biofonia florestal é, assim, objeto de uma atenção constante, e estão sempre prontos para o mimetismo sonoro em resposta a seus interlocutores não humanos.” (Albert; Kopenawa, 2023, p. 121).

---

<sup>32</sup> (Gagliano, 2013a)

Considerando que o som propaga suas ondas sonoras em determinadas frequências, os humanos podem ser ao mesmo tempo emissores e receptores do som. Tais ondas sonoras impactam nossa qualidade de percepção, ou seja, entraremos em harmonia mais facilmente ouvindo o som da queda de uma cachoeira, da onda do mar quebrando na praia, do coaxar do sapo.

O experimento das placas de Chladni demonstra como as ondas sonoras afetam os objetos, no qual a areia é colocada em uma placa de ferro e ao passar com o arco do violino na borda da placa, os grãos de areia se unem formando figuras geométricas. A água é o exemplo do movimento, como nos mostra o experimento de Massaru Emoto, que fotografou com microscópio os cristais de água a partir de palavras sendo ditas (palavra como “amor” formou um cristal geometricamente simétrico enquanto que a palavra “raiva” formou um cristal disforme). Somos a maior parte feitos de água, portanto, somos sensíveis às alterações do meio. Nesse sentido, um banho de floresta<sup>33</sup> nos nutre de diversas maneiras.

E quanto aos sons? Como eu disse, as árvores são silenciosas, porém estudos mais recentes reconsideraram essa afirmação. Monica Gagliano, da Universidade da Austrália Ocidental, auscultou o solo junto com colegas de Bristol e Florença. Como não seria nada prático ter árvores em laboratórios, foi mais fácil pesquisar brotos de cereais. E o fato é que os dispositivos de medição logo registraram um leve estalo das raízes a uma frequência de 220 hertz. Esse fato por si só não significa muita coisa, afinal a madeira morta estala quando queimada. Mas o ruído captado no laboratório também foi ouvido pelas raízes não envolvidas no experimento. Quando eram expostas aos estalos a 220 hertz, as extremidades de suas raízes apontavam para a direção de onde a frequência era emitida. Isso significa que estavam registrando a frequência e, portanto, faz sentido dizer que os brotos 'ouviram'. (Wohlleben, 2017, p. 23)

A literatura pode nos lembrar deste mundo para além dos nossos cinco sentidos habituais, trazendo uma chave de compreensão para adentrar no mundo dos símbolos, dos arquétipos, um mundo onírico que nos oferece, por exemplo, histórias com árvores falantes. O que vivia apenas no imaginário, agora a ciência vem comprovando, ou seja, que existe uma comunicação vegetal, uma linguagem das árvores.

### 1.3 BRINCAR, NATUREZA, INTELIGÊNCIA, CERRADO

Cosme e Viola, em seus jogos infantis, brincavam de perseguição no olival. Em um brincar de minutos podemos levar para toda uma vida, uma recordação, um tempo onde

---

<sup>33</sup> “Banhos de floresta” são praticados no Japão, trazendo inúmeros benefícios para os adeptos, como a redução de estresse, ansiedade, fadiga e depressão. (Li, 2022)

realmente fomos livres. Era o muro da magnólia que o atraía, mesmo quando Viola não estava por lá. A luta com um feroz gato-do-mato foi para Cosme um rito de iniciação.

A bravura e o ato de coragem de se ver de frente ao medo, é uma fase pela qual todas as crianças passam, como o medo de dormir sozinho (imagine para Cosme dormir em uma árvore?). Após levar arranhões do felino, conseguiu matá-lo. Foi mostrar à Viola, porém, ela iria ser mandada para um colégio interno.

Na despedida, houve uma mistura de vitória por derrotar o animal, como também de desilusão e tristeza. Esta cena de Cosme e Viola representa os encontros e as despedidas que fazem parte da vida, os laços que são rompidos repentinamente trazendo um amargor. Sua amiga não estaria mais por perto, é como aquela pessoa que se conhece nas férias e que talvez nunca mais se veja. Aquele outro guarda e leva um pouquinho de quem eu sou. Cosme com o couro do gato fizera um gorro, justo para alguém que deveria sentir frio na cabeça dormindo no alto de uma árvore, além de ser produto de um trabalho manual<sup>34</sup>, que exige dedicação e persistência.

O encontro consigo mesmo em momentos de silêncio, enseja movimentar-se, ir em direção a algo, dirigir-se à própria maturação, ao próprio crescimento. O movimento está presente desde quando nascemos, é a chegada ao mundo. O movimento é a possibilidade de conquistas motoras e para a criança pequena isto é fundamental. Do engatinhar até os primeiros passos se apoiando na parede, do balbucio até dizer uma palavra, são experiências vividas com muita inteireza.

A criança cria um mundo próprio, a imaginação literalmente cria asas. Os objetos, as pedras e os pedaços de madeira ganham vida: "A contínua alegria de viver e o sempre renovado relacionamento com o meio ambiente, essa simpatia que desabrocha e tudo abrange, é a origem de toda fantasia." (König, 2006, p. 64).

O brincar<sup>35</sup> é o grande acontecimento da infância. Base para um crescimento saudável e um desenvolvimento integral, o brincar é a própria experiência da criança no mundo, é onde desenvolve sua imaginação, onde se relaciona, onde descobre novos "mundos" na natureza, onde inventa, reconstrói, dá vida.

---

<sup>34</sup> No desenvolvimento humano, os trabalhos manuais ocupam um lugar de destaque visto a sua importância de exercitar o foco, concentração, proporção, método, além de auxiliar na formação cerebral. "[...] não há dúvidas acerca do fato de que as mãos contam uma história ao fazerem coisas, da qual o cérebro capta e se apropria." (Ortega, p. 34, 2017). Em um mundo cada vez mais tecnológico, o artesanato se mostra como uma contracultura que precisa voltar a ter seu papel milenar na formação cultural humana. Na Pedagogia Waldorf, as crianças do ensino fundamental aprendem a fazer tricô e crochê, por exemplo.

<sup>35</sup> O verbo brincar é aqui utilizado para expressar com maior alcance toda uma variedade de relações das crianças com o meio que a circunda, transformando-o através de fantasias, de narrativas, de interações com outras crianças. Todas as brincadeiras infantis estão abarcadas nesse brincar.

O brincar para a criança é se encontrar, é descobrir um mundo interior. Adentrar na natureza, subir em árvores, brincar com a água e as pedras, fazendo-se uno com o que circunda, sem diferenciação, é como a criança quer viver o tempo que tem. O espaço natural, os jardins, os gramados e os parques com muitas árvores são os lugares onde as crianças criam suas realidades.

Habitar secretamente os espaços é um dos sonhos da criança. Entre os meninos do interior, das choupanas de palha, das casas de taipa, dos muitos irmãos e de poucos móveis, a noção de brincar e habitar os esconderijos da casa lhes é vaga. Os lugares secretos não estão no interior da casa, mas na floresta, nos buracos, num barranco de rio, no rasgo de uma rocha. A casa da família, casa pequena, mais remete ao ninho, ao aconchego temporário, da proximidade apertada e calorosa com os irmãos, da intimidade compartilhada, da casa que quase só cabe o corpo. No entanto, as mais marcantes impressões são trazidas do íntimo exterior, da casa natural, da natureza que o circunda. O menino guarda-se, protege o corpo, em solidão imaginada. Habita em devaneio de fortaleza os troncos e as copas das árvores. (Piorski, 2016, p. 82)

Na brincadeira, os objetos se transformam, a vida se transforma. Uma grande folha de bananeira vira um barco, uma caixa de papelão, um castelo. Os personagens são vividos com afinco, com adereços que são encontrados à mão. Há uma vontade de sentir, de tocar, de se “sujar” de lama, de fazer bolas de barro. Não seria esta uma característica tipicamente das árvores, que se desfolham, que mudam a tonalidade das folhas, que também se preenchem de flores e frutos, experimentando novas “personas”, novos heterônimos, sendo a mesma, porém diversa? Não está a criança imitando a natureza em suas formas, cores e sons? “Começou o período em que a criança vê o mundo através de um vidro mágico, onde as cores e as coisas mudam conforme seu próprio arbítrio.” (Lievegoed, 2007, p. 50)

Meu avô paterno Euclides passou a infância em Miguel Calmon, no interior da Bahia. Em suas narrativas, há muita gratidão por ter passado a infância em meio à natureza e sendo uma criança feliz. Eis um trecho de seu relato sobre uma brincadeira:

Ah, as brincadeiras no terreiro da casa de Vovó Laura! Manhãs e tardes transcorriam céleres. Que é de mais tempo para brincar de bola de gude, pião, malha, roda de ferro, chicote-queimado, cavalo-de-pau e esconde-esconde...? E os carros de bois?!...Todo o santo dia, às tardezinhas, passava um. E que alvoroço! A gente saía correndo atrás, coração na mão, doidinho para pongar! Pongava, e despongava...Pongava, e despongava...Depois, depois era só saudade do ringir cadenciado dos mancais ecoando melancólico pelas montanhas e colinas...Então, eu imaginava que seria sempre criança. Que a minha vida seria sempre assim...Foi privilégio, e dádiva, eu ter vivido aqueles tempos. (Rios, 1985, p.33)

Pongava e despongava, a repetição é atitude da infância, a vontade de ir, de fazer mais uma vez; cada vez é diferente, já que a criança não é mais a mesma de um instante para o

outro. Essa é também a alegria de Cosme ao ir de árvore em árvore, ao balançar no balanço ao lado de Viola.



Figura 2 - “Cosimo”<sup>36</sup>

Cosme tinha um assobio em comum com seu irmão e o levou com uma lanterna até uma tenda de cortinas e tapetes onde havia feito sua cabana, em cima de uma faia. A cabana para criança remonta ao mais ancestral, ao período das cavernas<sup>37</sup>. Dentro da cabana acontece intimidade, um boneco ganha fala, um pedaço de galho ganha movimento. É o lugar-mundo da infância. É no quase-escuro ou no escuro que as raízes vão se espalhar, vão em busca de água e nutrientes.

Sua irmã Batista encheu a alfarrobeira (árvore em que Cosme ficava todas as manhãs) de visgo para capturar o irmão, mas o que grudou foram pintassilgos, mariposas, folhas e um pedaço da casaca de Cosme. O pai montado a cavalo foi ao encontro de Cosme. Ambos estavam aborrecidos. Cosme havia roubado ameixas de um arrendatário (fez um sorriso de timidez quando o pai falou-lhe o fato). O pai pediu-lhe para descer e retomar seus deveres. Este diálogo a seguir entre os dois, pontos de vista a partir de onde estão, o filho em cima da árvore e o pai no chão é significativo nesta obra de Calvino, é o momento que podemos caracterizar o começo da adolescência, em que se busca uma afirmação, um jeito próprio de se afirmar na vida, resistindo às tradições vindas dos pais: "Por estar alguns metros acima do chão, acredita que ficarei alheio aos bons ensinamentos?" O pai: "A rebeldia não se mede em

<sup>36</sup> Desenho de Roger Olmos, inspirado no livro de Calvino, captando bem a atmosfera do mundo de Cosme.

<sup>37</sup> A nossa real casa é a natureza, e o sentimento de plantar uma árvore evoca o sentimento de cuidar dos seres humanos, assim como da vida no planeta Terra. Almejamos, no fundo, intimidade: "Reflorestar é construir a casa de todos. Quando faço uma cabana de madeira para meu filho e a cubro com folhas para que ele possa brincar dentro dela, quero acreditar que algo ancestral e revolucionário pulsa naquele pequeno gesto de cumplicidade paterna." (Giraldo, 2023, p. 207-208)

metros - disse. - Mesmo quando aparenta ter poucos palmos, uma viagem pode não ter retorno." Cosme: "pôs a língua para fora e gritou: Mas de cima das árvores mijo mais longe!"

O pai: "Cuidado, filho, há quem possa mijar sobre todos nós!" (Calvino, 1991, p.70-71). O pai foi embora e a chuva começava. Os questionamentos como fundamentos de encontrar o próprio caminho, de pensar por conta própria, de se afirmar, de sentir com todo o poder do universo, “dono do próprio nariz” e do outro lado, a figura paterna, aconselhando, vendo lá na frente, que pela própria experiência pode antever, prever. É a figura do pai, da mãe, é a árvore-pai, árvore-mãe, que se preocupa com seu filho, pois pela própria experiência já passou por aquilo que o filho está passando.

Quem pode urinar sobre todos nós é o imponderável, o desconhecido, o destino, a sorte, a natureza, Deus? A natureza está avisando como o pai de Cosme avisou, espécies estão entrando em extinção, sementes de árvores nativas desaparecendo, as monoculturas e as erosões cada vez mais expansivas. Os biomas estão também em processo de extinção: 82% das árvores que só ocorrem na Mata Atlântica<sup>38</sup> estão em risco de extinção, entre elas angico, peroba e pau-brasil.

Toda árvore nos lembra da natureza. Pode ser uma árvore isolada na Esplanada dos Ministérios em Brasília e independente do lugar no qual esteja enraizada, esta árvore é um símbolo vivo da natureza, uma representante do Planeta Terra. Há muitos milhares de anos a natureza vem se adaptando ao modo de vida do ser humano.

Ficamos estarecidos ao descobrir o quanto resta dos biomas Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica. Quem conclama para uma mudança de postura é cada árvore, cada floresta, é como se em cada ser vivo deste globo houvesse uma placa dizendo: “Atenção, Mãe-Natureza precisa de cuidados”. Agora é a hora de cuidar da Mãe, pois nossa vida depende dela.

Assim como ocorre na floresta, onde cada árvore está ligada a todas as outras por uma rede subterrânea de raízes que as une formando um superorganismo, as plantas constituem a nervura, o fundamento, o mapa (ou planta) com base nos quais se constrói o mundo em que vivemos. Não ver essa planta, ou pior, ignorá-la, acreditando que já nos encontramos acima da natureza, é um dos perigos mais graves para a sobrevivência da nossa espécie. (Mancuso, 2021, p. 5)

A raiz está pronta para desbravar o mundo quando as condições estão favoráveis; de fato, é necessidade do planeta Terra que haja condições favoráveis, é uma inteligência macro. Podemos dizer que não se deu tanta importância para a raiz na história biológica de nosso planeta. Ela está na maioria das vezes escondida embaixo da terra. Alegramos-nos com um

---

<sup>38</sup> (Redação do jornal da USP, 2024)

tronco forte, galhos compridos, copas generosas, flores e frutos lindos de se ver e comer. Mas e a raiz? A raiz é o motor, a força motriz de uma árvore.

A raiz é incansável, se mistura com a terra e, peregrina, busca maneiras de manter em pé, seja um limoeiro ou uma araucária. Há caminhos variados que as raízes percorrem e se entremeiam, e não só, também trocam nutrientes, se ajudam, se comunicam. A árvore como um todo, como uma inteligência, sabe o que está acontecendo com cada parte, sabe do trabalho das raízes, lá no subsolo, e estas não são esquecidas, são amparadas.

O cerrado, esse bioma berço das águas e antiquíssimo, apresenta nas suas árvores, peculiaridades. Suas raízes podem chegar a vários metros de profundidade. A imagem abaixo (figura 3) mostra que a raiz pode ultrapassar os 15 metros de comprimento.

Outra característica é que as raízes cerratenses funcionam como uma verdadeira bomba d'água natural, em que no período de seca, a raiz principal, mais grossa, puxa a água dos lençóis freáticos e entrega para as raízes mais superficiais, que acabam por umidificar o solo mais visível; em contrapartida, na época chuvosa, as raízes superficiais armazenam a água que recebem mais abundantemente e enviam para a raiz principal; um poderoso ciclo da natureza, no qual as raízes são mensageiras<sup>39</sup>.

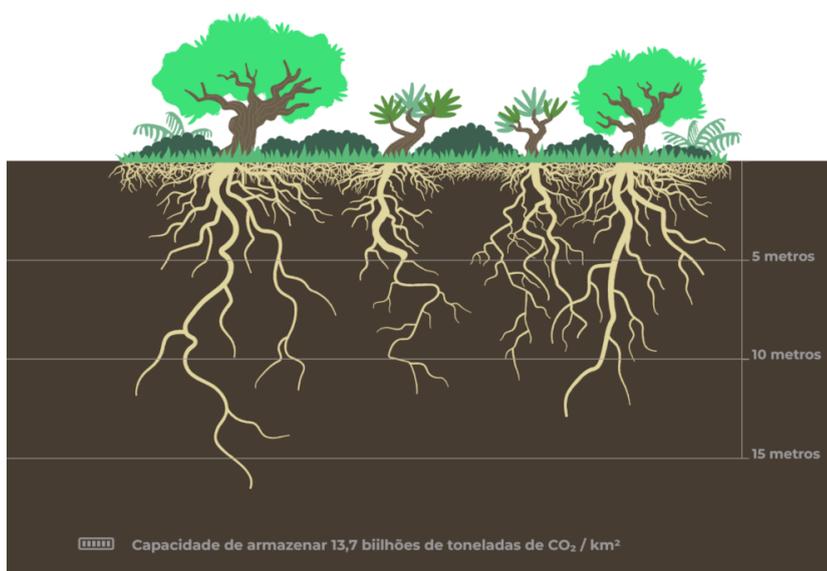


Figura 3 - Raízes do cerrado<sup>40</sup>

<sup>39</sup> (Lopes, 2008)

<sup>40</sup> (Cerrado, s.d.).

A vida só é possível pela água e as árvores estão aqui também por causa dela. A água subterrânea também precisa das raízes profundas do cerrado para continuar seu ciclo, seu movimento, que é subir pelas raízes e seguir por toda a árvore, sendo então transpirada pelas folhas ou transformada, por exemplo, na polpa de uma manga, que será consumida e que sua água também continua a trajetória.

Após ser evaporada e formar nuvens, a água retorna com as chuvas e reencontra seu lar subterrâneo no cerrado. As raízes também têm a capacidade de armazenar quantidade imensa de dióxido de carbono, equilibrando os efeitos da atividade humana no planeta, freando a diminuição da camada de ozônio e o aumento da temperatura global.

#### 1.4 APRENDIZADO, EDUCAÇÃO, IMITAÇÃO, ARTE, CASA

A vida precisava continuar mesmo com Cosme nas árvores. O pai decidira que o filho iria ter aula de latim com o abade Fauche Lafleur. As aulas aconteceram com Cosme em um galho. Se Cosme não ia atrás das “coisas” do mundo, o mundo vinha até Cosme. Um ato de amor do pai com o seu filho, que mesmo tendo dificuldades com a rebeldia do primogênito, cuidara da educação do mesmo. Rabindranath Tagore, primeiro não ocidental a ganhar o prêmio Nobel de Literatura, em 1913, fundou sua escola “Patha Bavana” na Índia, onde os primeiros alunos eram seus próprios filhos.

As aulas até hoje acontecem embaixo das árvores, onde os professores ficam aguardando os alunos saírem de uma “sala de aula-árvore” e irem para a próxima. Uma árvore-mãe cuida de seus filhos, e o que seria uma educação vegetal? Uma educação vegetal é quando as árvores mais velhas protegem e se comunicam através das raízes, com suas filhas, com sua família.

O papel da educação na vida de uma criança é fundamental, não necessariamente a escolar. Primeiramente, a autoeducação, onde a criança através da imitação se forma, a partir do exemplo a ser seguido de adultos conscientes, que se desenvolvem. Cosme em cima das árvores se relaciona com seus próprios instintos, imita a natureza de certa forma. Como o gato do mato que enfrenta, se torna um selvagem, um náufrago, um ilhado, lida com o próprio corpo e, com o que observa, aguçando os sentidos, se tornando resiliente, em semelhança às árvores.

A criança imita um espectro de formas de vida: imita a pedra ao ficar “estátua”, a planta ao mover seus braços, imita os animais ao andar de quatro, ao rugir em uma brincadeira, e também imita os humanos ao criar com as mãos, ao conversarem, ao encenarem uma

profissão, ao lerem, escreverem. Ao imitar, em um fazer criador - *poíesis* - as crianças são inventores-poetas:

A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer. (Aristóteles, s.d., p.4)

A educação na escola não substitui a educação em casa. É adequada aquela expressão popular que a educação vem de berço no sentido de que o aprendizado de virtudes, de fortalecimento do caráter, começa dentro de casa. As virtudes vêm do nicho familiar, inclusive muitas famílias estão adotando a educação familiar pelo mundo, onde as crianças não vão mais às escolas, mas seguem uma rotina de afazeres domésticos, artísticos e cognitivos com a ajuda de familiares e comunidade.

Tanto que há uma recomendação da Pedagogia Waldorf de que é aconselhável que a criança fique em casa na fase de idade correspondente ao jardim de infância, e que vá para a escola só no primeiro ano do fundamental. Claro que a escola tem o papel formador no indivíduo, ajuda nas relações sociais, possibilitando encontros com professores que transformam nossa maneira de ver o mundo, favorecendo a descoberta do mundo através de práticas, experimentos e do conhecimento acumulado, enfim, são experiências muito valiosas, mas hoje em dia o sistema tradicional de ensino, o bullying, o foco voltado exclusivamente para os vestibulares, têm adoecido muitas crianças. Por exemplo, no ensino integral, como pode uma criança de 3 anos ficar das 8 até as 18 horas dentro de uma escola? E a convivência com os pais, a família, com a casa, o quintal, o brincar na rua, o estar na natureza?

Os adultos, sejam os pais ou educadores, deveriam estar por perto, cuidando do tempo, zelando, são exemplos a quem as crianças querem também imitar, pois um dia serão adultas. O adulto precisa olhar o brincar com admiração, com surpresa e encantamento, precisa perceber que o brincar é quando a criança é artista, mas para isto é preciso enxergar a arte como possibilidade de transformação da vida.

Em um mundo cada vez mais competitivo e materialista, a arte, a sutileza, o imaginário, vão perdendo força e espaço. A brincadeira ficou mecanizada, digitalizada, plastificada. Voltar-se à natureza é naturalmente desacelerar, entrando em seu ritmo e tempo, e assim, tendo tempo, pode-se fazer arte. A busca por conhecimento, por fazer ciência, deve estar aliado a uma busca estética, descobrindo a beleza no que se estuda e se pesquisa. Toda busca precisa de tempo. A criança precisa de tempo para brincar e criar seu mundo em meio à natureza, que se torna para ela a musa inspiradora, revelando uma estética silenciosa, que se

apresenta nas formas, nas cores, nos movimentos. A ciência se baseia em testar a validade do que se pesquisa, ou seja, há hipóteses e métodos para se chegar a uma conclusão; por exemplo, um pesquisador que quer saber quantos litros de água uma árvore armazena em determinado período chuvoso.

Da mesma forma, na arte, há caminhos para chegar à conclusão de uma obra de arte; por exemplo, em uma sinfonia, com a junção dos vários instrumentos de uma orquestra que dão um resultado almejado pelo compositor. Portanto, o artístico se revela a partir do científico - o ritmo, o tom, afinação da orquestra - e o científico se revela a partir do artístico - a ideia que o pesquisador teve, os instrumentos de coleta que usou e adaptou, sua permanência em campo, o mapa que fez das árvores da região, a comparação com pesquisas similares. Ambos, ciência e arte, são em essência, inseparáveis.

Grandes coisas a humanidade alcançou na compreensão científica e no manejo da natureza e de suas forças; mas esse conhecimento, por si só, não basta para se apreender o milagre do corpo humano em formação, das forças criadoras da vida, pois aqui a natureza trabalha como artista, manifestando-se somente à observação artística. Se quisermos aproximar-nos de processos vitais, então precisaremos conciliar nosso pensamento científico com concepção artística. (Heydebrand, 1991, p. 13-14)

Cosme era um solitário, mas que fazia questão de estar entre as pessoas, servindo às vezes de mensageiro, levando recado, notícia, pedido, ou simplesmente observando os trabalhadores em seus ofícios. Seu irmão Biágio estava muito ligado a Cosme mesmo a distância:

[...] para ser franco, ao ver meu irmão perder-se em uma nogueira interminável, como em um palácio de muitos andares e inumeráveis cômodos, até eu sentia vontade de imitá-lo, ir lá para cima; tamanha é a força e a certeza que aquela árvore dedica para se tornar árvore, a obstinação de ser pesada e dura que afirma inclusive nas folhas. [...] ele que passava as noites a escutar como a madeira acumula em sua célula os círculos que assinalam os anos no interior dos troncos [...]" (Calvino, 1991, p. 82-83)

O fruto da nogueira, a noz, se parece muito com nosso cérebro, com suas duas partes, como os lados cerebrais esquerdo e direito, um mais inclinado para o pensamento objetivo, analítico, matemático, e o outro lado para o pensamento mais subjetivo, sintético, artístico. Este palácio de muitos andares a que se refere Calvino é também nosso cérebro, nossa mente, os labirintos de muitos cômodos que percorremos em busca de nossa personalidade, identidade, são também os muitos “quartinhos” criados pela infância, pela imaginação.

O cérebro humano se parece com a semente de dois lobos, lindamente conectados, de uma noz. Quando nascemos, essa noz magnífica dentro de nós já está formada e desenvolvida na venerável Árvore do Conhecimento por uma duração incalculável de vida. Com infinito potencial, ela mergulhou quando embrião no centro de gravidade de nossas mães, para dar início a sua busca de liberdade de pensamento. Enchendo-se por inteiro, de modo limpo e ordenado, ávido para luzir e aumentar seus conteúdos já vastos, ele brilha por uma existência dentro da dura concha protetora do crânio. (Mellon, 2010, p. 304)

Cosme ficou mais velho e a árvore também, ambos mais experientes. Cosme é como uma orquídea que se instala na árvore? Ou está mais para uma abelha que tem sua colmeia ali? Não. É um menino, apenas, ou tudo. É mensageiro como as raízes são, leva e traz boas novas e alertas. Chamar o outro para nossa casa, abrir nosso espaço de refazimento para o outro conviver conosco é uma experiência muito humana.

Cosme fez da árvore sua casa e a árvore faz de sua casa a terra onde se finca. A casa representa nosso ninho<sup>41</sup>, nosso aconchego, nosso lar. Quantos passarinhos não fazem suas casas nas árvores?

Cosme dormia em um odre (saco) com peles, pendurado em um galho. Fizera uma bica da água que vinha de uma cascata improvisada com galho. Assava sua comida da árvore com um espeto apontando para gravetos em chamas, acesos por uma pinha em que colocaram fogo.

Cuidara para fazer próximo da bica, caso necessitasse apagar por segurança. Além de se alimentar dessa maneira, também do alto da árvore ordenava uma cabra, com quem fizera amizade, além também de ter uma galinha como amiga, onde dia sim dia não, tinha ovo. Até escolheu um local para fazer suas necessidades em respeito aos outros, onde jogavam águas servidas. Deu um jeito de sobreviver, de se relacionar, “usou a inteligência” como dizem, não só para si, mas para a natureza, pois começou a perceber que tudo estava interligado, tinha uma sequência, causa e efeito. Ao perceber como a natureza funcionava, começou a ser também um artista para criar inovações.

## 1.5 ESCRITA, LEITURA, ESTUDO, COMUNICAÇÃO

---

<sup>41</sup> Bachelard, em *A poética do espaço*, reflete sobre a simbologia da casa, representando um local de intimidade, onde todo o universo está condensado entre quatro paredes: “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela.” (Bachelard, 1978, p. 200). Esta singularidade da casa é um local de refazimento de energias para as crianças, fortalecendo os vínculos com os parentes e com o ambiente.

As árvores buscam o local mais apropriado para permanecerem e crescerem, expandindo desta maneira, suas raízes, fortalecendo seu enraizamento. A história natural do Planeta Terra, que é água em seus 75%, é uma história de se enraizar, de criar origem, de crescimento.

Os seres humanos cruzam fronteiras, os animais voam, nadam, marcam territórios, mas as plantas se dirigem para dentro da terra. A árvore se mobiliza para enfrentar as dificuldades que se apresentam, como um vendaval ou um galho quebrado. A raiz precisará fazer outros caminhos, por exemplo, se a árvore precisar de mais potássio.

As plantas não escapam quando estão diante de um predador; não vão procurar comida; não se movem para ambientes mais confortáveis. Elas não têm a possibilidade de recorrer à principal estratégia que os animais empregam para resolver qualquer dificuldade: o movimento. Mas, se não é possível escapar, como resistir aos predadores? O truque é não ter um órgão fundamental único ou duplo, mas distribuir por todo o corpo, ao mesmo tempo, todas as funções que os animais concentram em órgãos especializados. Os animais veem com os olhos, ouvem com as orelhas, respiram com os pulmões, raciocinam com o cérebro etc.; as plantas veem, ouvem, respiram e raciocinam com todo o corpo. Uma diferença crucial: concentração versus distribuição, cujas consequências para a vida de nós, animais, não são perceptíveis de imediato. (Mancuso, 2024, p. 37)

As raízes estabelecem entre si parcerias, onde trocam informações e nutrientes em uma rede vegetal subterrânea. Stefano Mancuso em seu livro *A planta do mundo* narra uma história em que comprara em uma feira, um livrinho de 1794 escrito por Henri Grégoire (1750–1831).

O pequeno livro conta a história de que na Revolução Francesa foram plantadas milhares de árvores na França e se uma morria outra era plantada no lugar. As árvores representavam a união do povo (o carvalho foi escolhido como símbolo, por sua resistência), onde as raízes através de suas redes, uniriam toda a população a partir dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. O que me causa admiração é que *O barão nas árvores* se passa nesta época em que Grégoire escreveu o livro. Teria Italo Calvino se inspirado nesse livro de Henri Grégoire para escrever a história de um garoto que vive nas árvores que através delas une as pessoas? Uma rede de raízes, uma rede vegetal que inspira as pessoas e que as ligam às ideias ecológicas. Temos uma rede que liga as pessoas através da tecnologia, a internet, o “www”, que encurta distâncias, porém muito antes já havia outro “www”, o “wood

*wide web*<sup>42</sup>, no qual as raízes, sejam na revolução da França ou na Floresta Amazônica, já se comunicavam.

[...] o lema da Revolução Francesa, Liberdade, Igualdade, Fraternidade, embora nunca tenha sido plenamente realizado em nenhuma comunidade humana real, concretiza-se com perfeição nas comunidades vegetais, que vivem em regime de partilha perfeita por meio das redes que as unem. (Mancuso, 2021, p. 26-27)

Cosme fez amizade com um cão, fato justo para um caçador. Um jovem *basset*, que lhe deu o nome de Ótimo Máximo. O cão o levou para conhecer de onde vinha, logo o jardim dos marqueses de Rodamargem. O cão era de Viola. Com a ponta do espadim, escreveu na árvore o nome de Viola e o seu e embaixo o nome de seu cão.

A relação das crianças com os animais é de confiança, o fiel escudeiro de Cosme se tornara suas pernas no chão, já que não descia das árvores; o cão que poderia ir longe entregar uma carta para Viola se Cosme soubesse onde estaria. Cosme começou a escrever e seus pensamentos e palavras ganhavam forma no desenho das letras, unindo nomes, paixão, esperança.

A escrita para a criança tem sabor de conhecimento do mundo. Conhecer as letras é uma etapa importante na sua maturação emocional. Em determinado momento de seu desenvolvimento a criança pode escrever o seu nome, o nome dos pais, dos amigos, pode escrever o mundo. Quem faz a escrita vegetal, a escrita arbórea? Não é, de novo, senão, as raízes? Que escrevem com tinta de terra a mensagem das árvores no subterrâneo da terra?

Cosme começou a ter o hábito da leitura (*Leu Gil Blas de Lesage*). Fez uma amizade com João do Mato, um bandido. João do Mato pegou um gosto imenso pela leitura e Cosme escolhia obras para ele. João lia em um dia o que Cosme lia em uma semana. Cosme conseguiu um livreiro judeu (Oberque) que fornecia obras em troca de caças. A leitura transformou não só a vida de Cosme, mas a de João do Mato. Cosme gostava de estudar e passara a ser professor do abade Fauche Lafleur. Ambos ficavam nas árvores conversando, contemplando as plantas e o pôr-do-sol. Começa na infância, se assim proporcionarmos às crianças, o amor pelo estudo.

O estudo será um presente precioso por toda a vida. O adulto e o idoso terão dentro de si a motivação para estudar se o amor pelo conhecimento, pela sabedoria, pela descoberta, forem possibilitadas desde tenra idade. A leitura chegara na vida de Cosme, o mundo parava

---

<sup>42</sup> (Wohlleben, 2017). Os fungos ocupam um papel importante como mensageiros entre as árvores. O *www* vegetal indica que a vida e a comunicação subterrânea é contínua, buscando a harmonização de todo o sistema.

para poder o mundo da imaginação ganhar vida e o menino ser o autor de seu destino, de sua obra de arte, de seu clássico. A criança em seu relicário interno, encontra um local de prazer em contato com os livros, em encontro com outros mundos, pressentindo que “[...] os livros nascem da vida prática e das relações entre os homens.” (Calvino, 2004, p. 15-16).

Recordo-me de Paulo Freire que diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Cosme colocava seu olhar repleto de mundo nas páginas, descolando as palavras do livro, fazendo-as voar, irem para o coração. O fonema, a letra, a sílaba, a palavra, a frase, o texto, o contexto, tudo importa para a criança, para sua leitura, para a descoberta de novas histórias. Como é fundamental contar histórias para as crianças, elas literalmente entram nas histórias, vivem os personagens.

Os contos de fadas têm o seu papel na formação do ser humano, são histórias contadas há muito tempo pela humanidade, que tratam de arquétipos necessários e terapêuticos para nossa alma. É um momento mágico quando um pai ou uma mãe contam uma história para seu filho antes de dormir, com ambos deitados na cama, com o filho deitado no colo, por exemplo.

A leitura para o adolescente será essencial para sua análise crítica do mundo; que bom seria se os adolescentes lessem mais poesia, clássicos, se escrevessem mais. O próprio Calvino nos avisa: “[...] na juventude, cada livro novo que se lê é como um novo olho que se abre e modifica a vista dos outros olhos ou livros-olhos que se tinha antes, e na nova ideia de literatura que eu ansiava fazer, reviviam todos os universos literários que haviam me enfeitado desde o tempo de infância” (Calvino, 2004, p. 17).

Os adolescentes poderiam andar com um lápis pendurado na orelha (igual o feirante que tem um lápis pendurado na orelha para anotar os pedidos) para escreverem cartas, poesias, estatutos para viver em harmonia com a natureza, ou um projeto de graduação em árvore. Daniel Penac, em seu livro *Como um romance*, nos inspira a amarmos a leitura, que somos livres para ler; Guimarães Rosa, que em suas viagens andava com uma cadernetinha pendurada no pescoço para fazer suas anotações. A árvore também lê o mundo, lê as estações, o sol, a chuva, o calor, o frio, a árvore é permeável, porosa, respira, deixa entrar e depois deixa sair.

Um marco importante na infância é a troca dos dentes, que geralmente ocorre por volta dos 7 anos. Mas devido às questões de precocidade em nossa época atual, as crianças estão trocando os dentes cada vez mais cedo. As raízes estão presentes também em nossa dentição, a ida ao dentista revela através das chapas que nosso dente se prolonga dentro da

gingiva através de suas raízes (por isso tão importante higienizar a boca para que bactérias não alcancem as raízes).

A troca prematura dos dentes de leite, fazendo com que os dentes permanentes irrompem antes do tempo, força as raízes bucais a se emanciparem antes da hora. Um dos motivos para a precocidade dos processos infantis reside no fato de incentivar desde a tenra idade, que as crianças adquiram uma avalanche de habilidades cognitivas, que se alfabetizam cada vez mais cedo, precocemente, que se intelectualiza antes do tempo, que se tornem “mini-adultos”, e assim, o corpo, os processos formativos de seu desenvolvimento, pagam um preço<sup>43</sup>.

De forma visível, vemos cada vez mais crianças cansadas, exauridas com a agenda cheia de segunda a sábado, repletas de atividades escolares e extra-escolares. A leitura e a escrita têm o seu tempo de chegar. Depois que a criança aprende, será por toda a vida. Não há problema se não for por nenhum outro motivo diagnosticável, uma criança de 10 anos ainda não estar alfabetizada. Há o tempo dela, e com ajuda, ela chegará a este aprendizado. Não há como forçar uma árvore a dar fruto fora do tempo.

Na pedagogia antroposófica, a pedagogia Waldorf, busca-se não antecipar a maturação do desenvolvimento humano. Como exemplo, as crianças começam a ser alfabetizadas no ano que completam sete anos, ou seja, no período que geralmente os dentes começam a ser trocados e começa a haver uma força interior para abstrações, subjetividades, como é o caso de aprender a ler, escrever e fazer operações matemáticas.

Após a troca dos dentes, podemos perceber que a criança está mais apta a desenvolver novas habilidades cognitivas, sendo assim, a educação familiar e escolar podem lhes auxiliar ao gosto pelo estudo, leitura, escrita, pelas ciências, artes, jogos de movimento. A criança adora jogar, formar times, se superar, onde pode também aprender com a derrota.

Cosme trocava cartas com os maiores filósofos e cientistas da Europa. Mas as cartas não seriam encontradas no futuro, pois Cosme as guardava em cavidades de árvores apenas conhecidas por ele. Além dos livros de literatura, Cosme começara a ler manuais de artes e ofícios, decerto para tentar aprender alguma profissão, pois de alguma maneira, queria fazer algo útil<sup>44</sup> ao próximo. Aprendeu a arte de podar árvores. O adolescente quer se comunicar

---

<sup>43</sup> Quando começa a troca dos dentes, há uma transformação do pensar. O corpo indica que agora, a representação mental e a memória podem atuar mais intensamente. Na antecipação desse processo, ao por exemplo, se alfabetizar uma criança com cinco anos, a vitalidade, o lúdico, a vontade de brincar, de se movimentar, são transferidos para uma intelectualização precoce. (Galitese, 2013)

<sup>44</sup> No início de Gil Blas de Lesage, livro que Cosme leu, aparece dois estudantes e em uma inscrição encontrada um deles lê que se forem seguidas as orientações morais, se for dada a devida atenção, achará o útil unido ao agradável (LESAGE, 19-?). O útil bem pode ser o desejo de Cosme de ajudar as pessoas e o agradável, de ser livre entre a natureza, sendo assim, a busca por uma arte [de viver] voltada para a observação crítica da

com o mundo, quer enviar suas ideias, planos, estratégias para governantes, filósofos, cientistas, enfim, quer dialogar. Perdemos hoje em dia a experiência de enviar cartas e de esperar a resposta<sup>45</sup>. Esta característica de envio e recebimento, de dar e receber, é típica das raízes que, por exemplo, dão nutrientes para uma árvore milenar ao mesmo tempo que recebe dos lençóis freáticos a água, e da terra, os minerais.

Hoje, o tempo está escasso para esperas, para pausas, para o desabrochar de uma árvore, de um Cosme. O diário também cumpre um papel importante na adolescência, onde se descreve os acontecimentos do dia, que podem ser variados, como conversas animadas, uma descoberta, um nova amizade, ou simplesmente, “hoje não fiz nada, fiquei em casa, choveu o dia todo”; que bom também que há este dia, de reencontro consigo, de silêncio.

“[o diário íntimo] é o amigo invisível que não contradiz e sempre escuta pacientemente — tornando-se, assim, o substituto para o verdadeiro amigo, ainda não encontrado. É para ele ou ela que o diário também é redigido. Olhos invisíveis observam o papel à medida que é preenchido; são os olhos do próprio Eu Superior, do verdadeiro guia através da vida terrena. Nesse período ainda o procuramos fora de nós; só muito mais tarde é que ele será encontrado em nós mesmos. A vivência da proximidade do eu — e a incapacidade de captá-lo —, ligada à impossibilidade de encontrar o outro é que causa a intensa sensação de solidão expressa no diário íntimo.” (Lievegoed, 2007, p. 78)

Existiria um diário das árvores? Seus anéis, que detalham sua idade, trazem também memórias? As raízes são as responsáveis por comunicar a vida vegetal. Enfim, da mesma forma que os seres humanos escrevem em diários, a inteligência de Gaia faz das árvores, diários de sua evolução.

## 1.6 AMOR, DESAFIOS, COOPERAÇÃO, RELAÇÃO, PERTENCIMENTO

Cosme amava as árvores, nada mais poderoso do que este sentimento, que se espalha como semente para tudo e todos. O amor está na natureza, amor da árvore-mãe por cada filha, por cada semente.

Em resumo, soube tornar o amor por este elemento arbóreo, como acontece com todos os amores verdadeiros, também sem piedade e doloroso, que fere e corta para fazer crescer e dar forma. Certamente, ele cuidava sempre, podando e derrubando árvores, de atender não apenas ao interesse do proprietário da planta mas também ao seu, de viajante que tem necessidade de tornar mais acessíveis as estradas; por isso,

---

realidade como se pode inferir da obra de Lesage (Silva, 2008). Observação crítica e atuação na realidade que podemos dizer serem dois dos eixos do pensamento calviniano em seu *Il barone rampante*.

<sup>45</sup> A carta levava semanas para chegar no destinatário e ainda tinha o tempo da pessoa escrever e enviar de volta, definitivamente era um exercício de paciência. Quantas vezes fui olhar a caixa de correio na esperança de uma carta chegar!

fazia com que os ramos que lhe serviam de ponte entre uma planta e outra fossem sempre preservados e ganhassem força com a supressão dos outros. Assim, essa natureza de Penúmbria que ele encontrara tão benigna, com sua arte contribuía para torná-la pouco a pouco mais favorável a si próprio, amigo ao mesmo tempo do próximo, da natureza e de si mesmo. E as vantagens deste sábio trabalho veio a desfrutá-las em idade mais tardia, quando a forma das árvores supria cada vez mais a perda das forças. Depois, bastou o advento de gerações desatinadas, com imprevidente avidez, gente sem amizade por nada, nem por si mesma, e tudo então mudou, nenhum Cosme poderá mais caminhar pelas árvores. (Calvino, 1991, p.120)

Atearam fogo de propósito no pé do freixo onde Cosme estava. Queriam lenha, jogar a culpa em Cosme e assá-lo vivo. O barão nas árvores jogou um pouco de uma bebida que tinha no chão e conseguiu conter o fogo. Cosme organizou grupos (de camponeses e artesãos) para combaterem os incêndios.

Frente às adversidades da vida, como as doenças, seja na infância como na adolescência, é sempre bom lembrarmos de um dos princípios básicos da saúde: é melhor prevenir do que remediar. As causas podem ser má alimentação, falta de sol, horas de sono insuficientes, excesso de tecnologia, ou claro, causas genéticas que ainda a medicina tenta compreender e acessar.

No mundo vegetal, a semente pode adoecer, secar, perder sua vitalidade. Quanto mais se usa agrotóxicos, mais a planta se fragiliza e mais é necessário estes venenos para aumentar a produção. A raiz também pode adoecer, ficar sem nutrientes básicos, sem conseguir extraí-los da terra, como potássio, nitrogênio, cálcio, além de falta de água e de sol.

Cosme compreendeu que os seres humanos eram mais fortes juntos e que poderiam se organizar em associações e fazer o bem, com harmonia, trazendo a paz para aquela gente sofrida. Instalou até uma campainha em cima de uma árvore, para ser acionado o alarme quando um foco de incêndio acontecesse.

Seu pai queria que continuasse com o nome da família, cuidasse das terras particulares e deu-lhe sua espada, mas Cosme queria era viver nas árvores, proteger a floresta. Percebeu o poder da cooperação, do viver em comunidade, estava em cima das árvores, mas a vida continuava embaixo. Precisava dos outros.

Talvez a Natureza, da qual nos afastamos na ilusão de tê-la dominado, guarde algumas pistas capazes de nos encorajar. E entre essas pistas a mais evidente talvez seja sua capacidade de renovação reconfigurando combinações dos mesmos elementos que a constituem em diálogo permanente com seu meio. O individualismo e a competição são episódicos no espaço natural; o que assegura o ciclo de vitalidade é a interdependência dos fenômenos, a cooperação das partes com o todo e deste com as partes em aliança pela Vida. (Diskin, 2020, p. 56)

Não sabemos o dia de amanhã, o calor está aumentando, as geleiras estão derretendo, não é possível ser anacrônico. Doenças têm vindo com mais frequência em todo o mundo e o depois de amanhã já está aqui hoje. Gosto da expressão “órbitas de retorno” que os rabinos judeus<sup>46</sup> usam, que é o mesmo que carma.

A órbita de retorno da natureza já chegou. Lá em 1900 não havia chegado tanto ainda a conta da natureza como está vindo agora, e temos que pagá-la. Devemos usar nossa inteligência para transformar este mundo em um lugar melhor para se viver. Começa com coisas simples, como se sensibilizar e também, escutar. Sim, escutar quem está aqui há muito tempo tem a nos dizer. Os povos originários têm uma linguagem direta como a das árvores:

Já vi pessoas ridicularizando: 'ele conversa com árvore, abraça árvore, conversa com o rio, contempla a montanha', como se isso fosse uma espécie de alienação. Essa é a minha experiência de vida. Se é alienação, sou alienado. Há muito tempo não programo atividades para 'depois'. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã. (Krenak, 2020, p.7)

Queremos saber mais sobre o presente? Devemos estar mais com crianças e adolescentes. Eles vivem no presente e têm respostas. Com a morte de seu pai, o Barão de Rondó agora era Cosme. Aproximava-se junto a ele um público para ouvir suas histórias, reais ou inventadas. Havia uma insatisfação em Cosme, queria experimentar o amor. Observava os casais de pessoas, o amor entre os animais, esquilos, pássaros, lagartixas, porcos-espinhos: “Na primavera, o mundo sobre as árvores era um mundo nupcial[...]” (Calvino, 1991, p.144). Inclusive Ótimo Máximo cortejava. Em Olivabaixa havia um clã de espanhóis que viviam em cima das árvores, exilados, não podendo ficar no solo. Partiu para lá. Viveu uma nova etapa de sua vida, se relacionou com Úrsula e auxiliou muito os espanhóis com invenções para se ter mais conforto sobre as árvores, como cordas para as pessoas visitarem.

Até um confessionário foi criado dentro de um tronco. Cosme ajudou os exilados a lerem e conseguirem escrever cartas para o soberano, tendo mais adiante recebido o indulto e assim, puderam voltar para o solo. O pai de Úrsula pediu a Cosme para se casar com sua filha e construir uma casa. "Minha casa... - disse Cosme e apontou ao redor, em direção aos ramos mais altos, as nuvens -, minha casa está por toda parte, onde quer que seja possível subir, andando para o alto...". (Calvino, 1991, p. 157). A casa de Cosme era as árvores do mundo, Cosme virara cosmopolita, experimentara outras culturas, outros modos de ser e estar.

---

<sup>46</sup> Nilton Bonder usa esta expressão em seu livro *A cabala do dinheiro*.

Na adolescência temos aquele momento em que nos apaixonamos, nos encantamos com outra pessoa, às vezes, é no olhar de alguém, em um “aceno, que o mundo pára e só pensamos naquela pessoa; basta escutar uma música romântica que o pensamento corre solto, imaginando o primeiro beijo, de passear de mão dada.

O mundo na natureza é nupcial, é um convite à reprodução, à abundância, vejamos só as abelhas ou os beija-flores que levam o pólen para a reprodução. Pensemos na fartura de sementes que há, como nos traz o capítulo de Tacita Dean no livro “A Linguagem das árvores” de K. Holten, onde fala que o jardim do poeta Michael Hamburger era tão fecundo que bastava jogar uma maçã para crescer uma macieira.

Cosme começou a escrever o Projeto de Constituição de um Estado ideal fundado em cima das árvores, com ideais de respeito, cooperação e cuidado com a natureza. Uma visão não fragmentada da natureza deve ser a busca dos seres humanos dispostos a compreender a interligação da vida, não separada.

A nossa Constituição Brasileira tem também o nome de Constituição cidadã, mas este cidadão precisa de sua mãe natureza para poder ser cidadão<sup>47</sup>. O Estado, segundo Cosme, seria em cima das árvores. A maioria dos avanços da civilização não teriam utilidade nesse projeto de Cosme, para que um trator, um shopping? Cosme ficou conhecido até em outros lugares, inclusive em nações estrangeiras sua fama chegou, até por Voltaire. Sua mãe havia ficado doente e Cosme certa vez soltou bolhas de sabão que a alegraram; em breve faleceria. A bolha de sabão é um dos símbolos da infância, é fugaz, dura um segundo ou mais; soltamos um sorriso quando a bolha vai mais longe e não estoura. É também um símbolo da finitude, de que tudo passa, de que o tempo de viver e de morrer faz parte de nossa história.

Biágio casou-se, teve filhos. Cosme ficou triste, já não tinha mais alegria por coisas de antes. Viola apareceu cavalgando em um cavalo, de volta à sua casa após ter ficado viúva. Pediu que colocassem o balanço e quando foi até a magnólia reencontrou Cosme ao subir na na árvore onde ele se encontrava.

Os reencontros fazem a vida ter novo sabor, novos rumos, novas decisões, e as despedidas também são parte inegável da vida. Então, reacendeu-se a chama do encontro, da paixão. Cosme e Viola amaram-se nas árvores, com as árvores, pelas árvores, entre as árvores: "O mundo deles eram as árvores, as mais intrincadas e tortas e inacessíveis." (Calvino, 1991, p. 87).

Certo tempo depois se separaram, não eram mais os mesmos. Tudo muda, as gentes, as árvores. É preciso viver junto para conhecer mais de perto; se só se vê de vez em quando, não

---

<sup>47</sup> Ailton Krenak em 1987 subiu no plenário e colocando jenipapo no rosto, falou sobre os indígenas.

dá para aprofundar a relação. A questão central da natureza, do mundo vegetal, dos humanos, é a relação, é a intimidade, é ver o outro como ele é, desnudado, quando as emoções afloram; o outro é uma “centrífuga” de mim.

O tempo do balanço de Cosme e Viola havia chegado ao fim e viera então o tempo das rotas sinuosas pelos galhos, o emaranhado de emoções, os sentimentos, as angústias: é a passagem da infância para a adolescência, a passagem do balanço para a gangorra, onde se olha de frente, um está lá embaixo e o outro em cima, onde se precisa da força do outro para subir e assim sucessivamente.

A adolescência é este momento de crise, onde uma nova parte de nosso ser deve nascer. Ao mesmo tempo que há uma vontade de estar em grupos, há um recolhimento, um não querer aparecer, um se esconder sob casacos grandes, como vemos muitos jovens vestirem. “A puberdade é um acontecimento dramático e grandioso na vida juvenil. [...] O mundo florido, claro e multicolor da criança fica despedaçado, e de repente o jovem se reencontra no mundo desolado e cinzento da chamada ‘realidade nua e crua’.” (Lievegoed, 2007, p. 73).

A Árvore com suas raízes vão cavando o solo pacientemente. Assim é também nossas emoções, que na adolescência ficam ainda mais nítidas, pois é o momento do nascimento do corpo astral<sup>48</sup>, o corpo das emoções.

Cosme se amargurou, perdera Viola e o cão. Ficara louco, usava penas na cabeça e nas roupas, era alimentado por seu irmão e os moradores o protegiam. Antes era Cosme que protegia os moradores de Penúmbria, agora era o contrário. Cosme ficara doente, vários médicos subiram nas árvores. Cosme se filiava em associações, mas ficava pouco tempo. Tinha em mente uma sociedade universal.

Em algumas situações da vida, é um rito de passagem pertencer a algum grupo, quer seja um clube de leitura, um partido político, um grupo teatral, uma religião, um grupo de pedal noturno ou de trabalho voluntário. Fazer parte de uma comunidade é um sentimento grandioso, de fazer parte do elo, de sentir a força do grupo, de se sentir uno, e se vai muito longe assim em comunidade, ajudando os outros e o planeta: doando sopas, roupas, limpando praias, plantando árvores.

O adolescente é um viajante interior, seu pensamento começa a ir longe e a literatura é seu passaporte. A história de Cosme é sobre sobre uma alfabetização corpóreo-vegetal, que a

---

<sup>48</sup> A antroposofia explicita que nos três primeiros setênios há o nascimento/desenvolvimento de três corpos. No período até os sete anos nasce o corpo físico, até os quatorze o corpo etérico e até os vinte um anos, o corpo astral.

partir dos movimentos nas árvores, cria um alfabeto de sentimentos a partir de uma vivência-árvore de mundo. Cosme abre a mão para segurar o lápis, que é a consequência natural de suas raízes.

O espírito do leitor viajante diante do livro-mundo é como um sistema nervoso que se ramifica sob cada página-acontecimento. A sensibilidade, a imaginação e os raciocínios que emergem daí se ramificam no leitor viajante; inscrevem-se no mundo-livro que narra as emoções e as articulações e desarticulações de cada acontecimento-página. (Castro, 2007, p. 87)

A literatura oferece a passagem para o leitor que se torna um viajante, do tempo. Cosme pôde verbalizar seus sentimentos em cima de uma árvore, pois se imaginarmos naquela época, no século 18, uma criança conseguir dizer o que sentia era bem mais difícil. Então, o ato de escrever tem este papel de dizer o que muitas vezes não se consegue com a boca.

As palavras fazem parte de nossa vida mesmo antes do nosso nascimento, quando nossa mãe conversa conosco quando estamos na barriga. Através das palavras, construímos veículos de memórias. Podemos apenas reproduzir o que nos disseram ou conduzir a palavra a uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do que nos formou enquanto ser humano. Um olhar mais minucioso de nossa expressão verbal diz muito sobre nós. Permitir-se ser quem se é, deixando as raízes falarem: “árvore e palavra: ambas enraizadas em mim.” (Behr, 2006, p.5).

A comunicação é um dos grandes desafios do ser humano de qualquer época. A revolução industrial afastou o ser humano da natureza e colocou entre as pessoas, máquinas, mais horas de trabalho para a produção aumentar e menos tempo de comunicação verdadeira. A matemática parece ser simples: quanto mais afastado da natureza, mais há falhas e ruídos de comunicação: "Em suma, Calvino foi um escritor que tentou - e conseguiu - corresponder-se com os homens. Empreendimento difícil este, que exige duras provas, que requer uma vontade de comunicação e um cálculo exato da distância entre os homens e destes em relação à natureza." (Neto, 1997, p. 92).

O sentimento de pertencimento é o que faz da natureza, das árvores, grandes exemplos de cooperação, de manutenção da vida, de solidariedade, através de uma comunicação vegetal. Comunicação implica em crescimento, em abundância. Um dos exemplos é a bananeira, que em seu habitat, a família cresce: um broto é a avó, o outro é a mãe e a mais

nova é a filha: as três interagindo e se comunicando. Comunicação é o ato de saúde pela e através da palavra<sup>49</sup>.

As cartas do caminho sagrado (da tradição de sabedoria dos indígenas norte-americanos) oferecem ensinamentos para questões da existência humana e de sua relação com as manifestações de vida da Terra. Eles chamam as árvores de Povos-em-pé. Apresentam uma visão integral, holística das árvores. Uma consciência do cuidar, dos afetos, assim como Krenak colocou de abraçar a árvore. A virtude dos Povos-em-pé, da Nação Árvore, para a tradição deles, é a de doação. Doação que tem um propósito, que oferece o oxigênio que precisamos e que até oferece de presente sua madeira para o ser humano utilizar<sup>50</sup>.

Os seres do Povo-em-Pé, as árvores, também são nossos Irmãos e Irmãs. Eles são os Chefes do reino das plantas. O Povo-em-Pé fornece oxigênio ao resto dos filhos da Terra. Através de seus troncos e de seus galhos, as árvores dão abrigo aos seres que têm asas. Nos vãos de suas raízes as árvores fornecem asilo às pequenas criaturas de quatro patas que vivem abaixo do solo. Os materiais para a construção das casas de seus companheiros humanos constituem outro presente que a Nação Árvore nos oferta. (Sams; Carson, 1993, p. 83)

A vida estava difícil para Cosme, que tivera a ideia de amarrar com um barbante um caderno na árvore para anotarem o que não andava bem: preço dos peixes, dízimo, disputas. Para não ficar tão triste, pediu que colocassem o que mais desejavam. Alguns dos pedidos foram uma cabra, rever a mãe morta, encontrar os deuses do Olimpo. Intitulou o caderno de "Registro das dores e das alegrias".

As dores fazem parte da vida, é o substrato para se mudar de fase, de pensamento, de consciência. As dores estão presentes também nas árvores, que passam por desafios para crescerem, para suportar e superar invernos rigorosos, calores excessivos, fungos e bactérias que as deterioram.

Aos 14 anos temos o início do 2º período de sete anos, o 2º setênio, que vai até os 20. Nessa fase a adolescência ganha vida. Interessante que antigamente não havia esta fase, a criança já ia direto para a fase adulta. O esquecimento desta fase trouxe sérias consequências para o desenvolvimento, pois achava-se que a infância já era uma preparação para o mundo do trabalho.

---

<sup>49</sup> Na filosofia tolteca, o primeiro compromisso "Seja impecável com sua palavra" diz respeito ao poder da palavra. A palavra tem força, é energia, é criadora do mundo que se deseja e faz do ser humano um ser livre. (Ruiz, 2021)

<sup>50</sup> Evidentemente sempre caberá a reflexão do uso inconsciente, desproporcional e indiscriminado do uso da madeira, da derrubada de florestas. O desmatamento é uma das grandes causas do aquecimento global.

Igualmente à infância, a adolescência é uma fase de profundas descobertas e transformações. Redescoberta do próprio corpo, o desenvolvimento mais aguçado do pensar, com a elaboração de ideais, através de reflexões com a família, colegas, professores, a escrita de redações, a resolução de equações matemáticas. Pensa-se sobre o mundo, já se visualiza um futuro com as escolhas que se deve tomar em breve, como o curso que fará na universidade.

O jovem busca sua tribo, seu grupo, onde encontra afinidade, seja um grupo que gosta de um mesmo gênero musical, ou que pratica um esporte, enfim, dois pilares fundamentais que trazem sentido e autonomia para esta fase são arte e esporte. Jamais esqueçamos que os jovens precisam ter a família por perto, precisam de pais e educadores que escutem suas dores, suas dúvidas, que os aconselham, que os conduzam, eles precisam! Os jovens têm a vontade de mudar o mundo, de fazer dele um lugar verdadeiro<sup>51</sup>, e isto é muito bonito. Demos a eles voz e vez, estejamos juntos. No adolescente, está a criança que foi, não é mais uma, mas guarda informações valiosas em suas raízes.

Uma fase de vida, bem como da planta, precisa do estágio anterior, evidentemente, para conseguir se desenvolver. Sendo assim, o que está acontecendo agora, em termos de maturação, de aprendizado, precisa ser bem conduzido, pois o futuro do humano e do vegetal, dependem deste cuidado:

[...] pode-se comparar o desenvolvimento psíquico da criança em direção à pessoa adulta com a evolução da planta. Esta evolui da forma simples da semente até a planta completa. O caule cresce e forma ao seu redor, em níveis superpostos, as folhas, a flor e, por fim, o fruto. Enquanto a forma superior nasce, a anterior, mais antiga, permanece e conserva a sua função dentro do todo. O crescimento segue o cone da vegetação, onde o novo órgão se desenvolverá. Porém aquilo que foi formado anteriormente continua funcionando e ajuda no crescimento do novo órgão ou perece em parte, depois de cumprir sua tarefa.

A flor só pode desenvolver-se depois de as folhas terem desabrochado para exercer sua função alimentar. O fruto só se formará depois de a flor tiver desempenhado sua tarefa, com a inflorescência e os órgãos de reprodução servindo de base para a formação do fruto e da semente. (Lievegoed, 2007, p. 85)

O desabrochar remete não só a flor, mas a cada fase da vida humana. O desabrochar acontece para as potencialidades internas afloram e conseqüentemente, para que esteja a serviço para as necessidades do mundo, como no caso em que Cosme foi defender o povo das taxas cobradas e dos dízimos. O barão também ajudou os franceses contra tropas invasoras, tornando-se tão conhecido que marcaram para que Napoleão se encontrasse com o menino

---

<sup>51</sup> Na Pedagogia Waldorf diz-se que no 1º setênio (0 a 6 anos) as crianças são educadas para perceberem que o mundo é bom. No 2º setênio (7 a 13 anos), que o mundo é belo. No 3º setênio (14 a 20 anos), que o mundo é verdadeiro.

que vivia nas árvores, nomeado de "patriota em cima das árvores". Napoleão disse a ele: "Se eu não fosse o Imperador Napoleão, gostaria de ser o cidadão Cosme Rondó!" (Calvino, 1991, p.243). Cosme ficara popular.

Aquela famosa expressão "santo de casa não faz milagre" faz jus ao garoto, pois por ali não lhe davam muita bola, porém, quando o imperador veio, tudo mudou. O papel social, a roupa de personagem tem uma papel decisivo numa sociedade de aparências, pois o imperador mostra-se, no fundo, portador de matérias<sup>52</sup>, de coisas vazias, de poder, que é ilusão. O que aparentemente não tem nada em cima das árvores, tem tudo, pois se vê a serviço da imperatriz Natureza, "dona de tudo".

A criança não tem nada externo, mas com suas mãos pode fazer um castelo, de areia, que se desmancha com a onda do mar, e nisso está a alegria, o momento presente. O adolescente não tem coroa de um rei, mas dentro de si pode usar a cabeça para dar sentido a sua existência. O que a árvore possui? Apenas está enraizada com seu corpo vegetal, é mais uma dentro da imensidão da floresta, mas é imprescindível para a vida, embeleza, nutre, ajuda outras árvores.

Certo dia, Cosme estava no topo de uma árvore, em um galho altíssimo. O médico subiu, o padre também, para ver o que estava acontecendo. As pessoas embaixo esticavam um pano caso ele caísse. De repente, um balão de ar quente de aeronautas ingleses que faziam experiências sobrevoava o local.

Uma corda com âncora foi jogada, pois um vento forte mudou a direção do balão. Eis que Cosme salta e pega a corda, com os pés na âncora. Foram para o mar, superaram o golfo e o balão aterrissou na outra margem. Cosme não estava. No jazigo da família, colocaram a inscrição: "Cosme Chuvasco de Rondó - Viveu nas árvores - Amou sempre a terra - Subiu ao céu". (Calvino, 1991, p. 251).

Cosme que acabara não descendo à terra, caíra no mar? Ir da terra para o céu e do céu para o mar se mostra como uma tríade simbólica de nascer, crescer e morrer. A terra pode ser representada enquanto família, até os doze anos de Cosme.

Posteriormente o céu, representado pelas árvores, enquanto espaço-tempo de crescimento, de ideal, de religião, e por fim, o mar, como princípio cosmológico primordial, referência também às emoções humanas; água que permite a vida e ao mesmo tempo oceano que a tudo recebe, de retorno às origens. Cosme esteve entre, foi uma ponte entre árvores,

---

<sup>52</sup> Biágio em determinado momento do livro narra as aventuras de Cosme quando piratas atacam nas terras, ocasionando a morte de seu tio Enéias - em uma simbologia de busca por riquezas.

entre terra e céu, fluido como a água. Ir ao mar pode simbolizar o barco-indivíduo<sup>53</sup>, que encontra na água, assim como o pai no conto da *Terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, um novo capítulo de uma história a ser vivida.

## 1.7 A LITERATURA

O papel da literatura é decisivo na vida de Cosme, pois a partir do momento que as letras e o mundo da imaginação adentram em seu dia-a-dia, suas escolhas mudam, sua relação com as pessoas fica mais próxima, justamente por estar criando um novo mundo dentro de si. Literatura que ressignifica contextos e passados, criando cultura, arte<sup>54</sup>. Formar uma imagem cósmica<sup>55</sup> é um anseio de Calvino para a função da literatura. Nesta imagem cósmica, a literatura abarca corporalidades, encontros:

[...] o que é literatura? Costumamos associá-la à palavra escrita, como se esta fosse a única possibilidade. Gosto de imaginar que literatura é toda linguagem metafórica, toda linguagem simbólica: nosso corpo, uma árvore, um sonho, todo gesto de interpretação a partir deles é literatura. Um corpo que dança é a literatura, a adivinhação do formato de uma nuvem. O filho que cresce no útero pode ser literatura. A voz que já não sai da garganta de um homem, uma planta que perdeu as flores, um rio, um vulcão. (Saavedra, 2021, p. 41-42)

Em sua obra *Seis propostas para o próximo milênio*, Italo Calvino enfatiza as qualidades para uma literatura que reescreva uma nova época, um novo milênio. Italo Calvino pode ser comparado a um alfaiate que une os pedaços de pano e prepara para uma nova vestimenta ou, um ferreiro que com martelo e bigorna molda o ferro a partir das altas temperaturas da fornalha.

Em suas seis propostas, Calvino inicia com a *leveza*, que se refere ao sair da gravidade diariamente através da literatura; leveza em busca da poesia do invisível. A história do barão acontece nesta leveza, com Cosme se deslocando de galho em galho, contrapondo o mundo sobre os ombros, tal qual o mito de Atlas, onde possa respirar com o ar disponível: “[...] a literatura como função existencial, a busca da leveza como reação ao peso de viver.” (Calvino, 1990, p. 39).

<sup>53</sup> Assim como subiu em árvore, Cosme poderia ter subido em um barco, feito de madeira, para não se molhar. Santo Antônio cansado dos entraves constantes do povo, fora para o mar, pregar aos peixes, como nos diz o Sermão do Padre Antônio Vieira. (Vieira, s.d.). Cosme falaria também com os peixes.

<sup>54</sup> O educador Paulo Freire realçava o valor da vida que a pessoa adulta ou idosa levava, a sabedoria prévia existente antes de aprender a escrever ou a ler. Falando de sua própria biografia, ele teve uma íntima relação com as árvores, desde sua infância, em seu quintal com muitas mangueiras. Dizia que a lousa era o chão e o giz era um pedaço de graveto. (Brandão, 2005)

<sup>55</sup> (Calvino, 2006)

A segunda proposta é a *rapidez*, o uso de poucas palavras ou a concisão para dizer algo grandioso, que diz respeito à alma. O tempo ora se encurta, ora se dilata, se eterniza. O beijo que Cosme dá em Viola é ao mesmo tempo breve e permanente.

A terceira proposta é a exatidão, que consiste no tratamento de uma ideia, em um processo que se assimila a um ateliê das palavras, em busca da clareza; por exemplo, quando Calvino consegue traduzir a morte da mãe de Cosme que se aproximava, pela lente do filho, que soltava bolhas de sabão; o autor acertou no alvo ao trazer as bolhas de sabão como referência ao aspecto efêmero da vida.

A quarta proposta é a visibilidade, entendida como “fantasia”, imaginação que passa pela criação mental, como um cineasta que imagina uma cena e a realiza através do enquadramento de um filme; o diretor vê através dos olhos do personagem que cria. O momento em que Cosme assiste da árvore ao casamento de sua irmã, é de alguma forma, o próprio Italo vendo, é em suma, o humano sendo testemunha de um recorte que a luz faz nos objetos, trazendo movimento, visibilidade.

A quinta proposta é a multiplicidade, a rede de conexões, os encontros e desencontros, a trama da vida, o drama, alargando horizontes, uma sucessão de acontecimentos interligados. Tal como uma pedra arremessada em um rio, que propaga ondas, Cosme que conheceu Viola menina, volta a reencontrá-la, agora mais velha, e assim como ele, está sem os pés no chão, pois cavalga em seu cavalo.

A sexta proposta, a consistência, Italo Calvino não chegou a escrever, pois faleceu no ano em que proferia essas conferências em Harvard, em 1985<sup>56</sup>. A consistência pode ser a da árvore, dando frutos sazonais por toda uma vida, é também a consistência de Cosme, disposto a ajudar.

Cosme reinventou seu mundo, poetizou em cima das árvores, viveu uma moral vegetal fundamentada a partir do contato íntimo com a natureza, sendo assim, mudando o curso da história de um povo de um lugar, enfim, escrevendo a própria história.

Nós, contudo, estamos entre aqueles que crêem em uma literatura que seja presença ativa na história, em uma literatura como educação, de grau e qualidade insubstituíveis. (...) A literatura deve se voltar àqueles homens, deve, enquanto aprende com eles – ensina-los, servi-los, e pode servir somente em uma coisa:

<sup>56</sup> Ricardo Piglia em uma palestra, reduz as cinco propostas de Italo em três, apresentando que a literatura está sempre fora de contexto, trabalhando com o que está por vir. Nessa perspectiva, a literatura torna-se atemporal, bem como profetiza, diz o que não se vê, ou o que não se quer ver. Cosme vive nas árvores, uma experiência social, política, portanto as três propostas a seguir de Piglia trazem uma lente que se adequa ao Barão de Calvino: a) a verdade como horizonte político e objeto de luta; b) noção de limite, a impossibilidade de dizer essa verdade; c) a clareza como virtude, em busca da experiência com a linguagem, que é a literatura. (Piglia, 2020)

ajudando-os a ser sempre mais inteligentes, sensíveis, moralmente fortes. (Calvino apud Mareschachi, 2007, p. 71)

Um jogo de símbolos e provas morais, eis o livro de Calvino. O impensado e o inquestionável ganham oportunidades na obra calviniana. Um não-lugar no mundo das convenções, um não-caber no lugar na mesa - no banquete que não lhe era verdadeiro - indo buscar o banquete nas árvores, o banquete das itinerâncias.

A literatura enquanto ponte, amálgama de diferentes substâncias, alquimia de elementos, onde a árvore-mundo é o laboratório para encontros, árvore que impele ao fazer, ao subir e ir de galho em galho, como colcha de retalho costurada com várias mãos de ciência e arte, e desta maneira, no fim de uma breve existência, pode-se perceber que o movimento veio de dentro para fora:

"É a literatura - chegou a hora de dizer isso - o campo de energias que apoia e motiva esse encontro e confronto de pesquisas e operações em disciplinas diferentes, ainda que aparentemente distantes ou estranhas. É a literatura como espaço de significados e de formas que valem não só para a literatura. Nós acreditamos que as poéticas literárias podem remeter a uma poética do fazer, aliás: do fazer-se." (Calvino, 2006, p.315)

Diz Calvino que seu tema narrativo é colocar o personagem em uma regra difícil e esse seguir até as últimas consequências para ser quem se é. A vida Cosme fez, pois era a sua única.<sup>57</sup> E os símbolos são ferramentas para uma mudança, assim como os jogos infantis entre Cosme e Viola, da mesma forma a irmandade entre Cosme e Biágio.

Um menino que vai viver nas árvores é um jogo de faz-de-conta, que mostra a vida em todas as suas nuances e alquimias, é o conto de fada dos irmãos Grimm, o haikai de Bashô, é a vida do escritor que vive o que escreve. E nesses símbolos vivemos e damos significado às nossas existências, percebendo que nem tudo é visível ou dizível, ao mesmo tempo em que é preciso proporcionar o encontro entre a árvore e o ser humano para ver que ambos são muito mais que a concretude dos processos biológicos.

O barão que subiu nas árvores tenta ler o seu mundo, mas essa leitura só se torna possível pela leitura dos livros que falam desse mundo. A literatura é o modo de tentar ultrapassar essas linhas divisórias, mas ela deixa o leitor ciente de que o mundo que ela representa não reflete, mas refrata uma realidade, em um jogo de signos que mantém esse homem como o barão de Rondó, inseridos no mundo, mas sem nunca tocar-lhe o solo; participantes de uma realidade fragmentada, à qual não se pode apreender. (Arauz, 2009, p. 120-121)

---

<sup>57</sup> (Castro, 2007, p. 180)

Ítalo Calvino nos oferece esta história para refletirmos sobre a sociedade que criamos, ao mesmo tempo que coloca a árvore como este refúgio e nova morada de um olhar, de uma observação, um livro vegetal que oferece a visão da natureza.

Calvino propõe uma nova forma de viver, em que o nome de “sociedade” não precisasse ser usado, pois aí está imbricado meios de produção, sistema capitalista, um “mundo adulto” que é o que o barão nas árvores transforma. Um paraíso ativo, uma ilha comunitária, com direito à leitura, escrita, amores, natureza e liberdade.

O que Calvino oculta a seus leitores é a saudade que ele sente de seu mundo maravilhoso da infância e, até mesmo, do mundo pré-industrial. O que exhibe é um otimismo racional e lúdico, o desmonte de personagens em figuras menores, elementares, capazes, porém, de aparentar complexidade. Para se sentir resguardado do risco da confissão, das afirmações graves e comprometedoras, Calvino trata seus leitores como crianças. Ao leitor Calvino oferece esta maravilhosa oportunidade regressiva: voltar atrás no tempo, recomeçar a partir dos elementos simples, do ponto em que os jogos da vida ainda não são feitos e o tempo ainda não é irreversível [...] (Bernardini, 2023, p. 65)

Ítalo Calvino em uma entrevista de 1978 a Guido Almansi disse que Cosme era um quadrúmano<sup>58</sup>. Duas, as próprias mãos, e outras duas, as mãos da árvore. Como deuses do panteão indiano, com vários braços que lhes dão poderes divinos, as mãos das árvores estão disponíveis para ajudar aqueles que deixarem escutar as orientações do grande mapa vegetal.

## 1.8 PROBLEMÁTICA, CULTURA E INTELIGÊNCIA

A vida toda que Cosme viveu na árvore, a partir dos seus 12 anos, a meu ver, pode se resumir a um dia, a 24 horas. Pois a vida da criança é assim, cheia de possibilidades, de criatividade. Ela vive anos em um único dia, experimenta o que a vida tem a oferecer. Da mesma forma a árvore, que em um único dia experimenta sol, chuva, vento, animais e humanos por perto.

Imagina se Cosme não tivesse ido para as árvores, o que seria de sua vida? Esta atitude mudou a vida de toda a sua família. É claro que ninguém precisa ir viver nas árvores, sem nenhuma condição, sem nada para comer, se agasalhar, distante da sua família. Mas o que Ítalo Calvino quer mostrar, mesmo não intencionalmente, o que quer inspirar, é uma nova postura diante da vida. Cosme não vergara, não descera na árvore, foi resoluto. Calvino anseia por uma literatura que nos leve adiante, que não se dobre, que seja como os bambus, honesta.

---

<sup>58</sup> (Neto, 1997)

A planta honesta (o termo latim *honestus* é aplicado às plantas<sup>59</sup>) é como a criança, diz o que sente, é inteira quando sorri, quando chora, verdadeira com os princípios que a regem, com o que sente, interessada pela vida. Não seria então necessário dizer “honestamente falando”, pois o falar já deveria ser honesto, claro, sincero, aberto, como as plantas.

Na última página do livro, Calvino compara a vida com a escrita, metaforizando uma vida inteira com os grafismos que se faz ao escrever. Fala da semente puntiforme, que ao mesmo tempo pode ser o “i”, sendo o pingo, Cosme, e a árvore o corpo da letra, assim como esta semente puntiforme é literalmente o ponto final (.), o fim da história.

Na semente contém a árvore toda, ela é o início, o gérmen. A problemática da semente é que está se perdendo sua enorme variedade de formas e cores<sup>60</sup>, como, por exemplo, a riqueza da diversidade de tonalidades de milho, mas que o amarelo se tornou amplamente cultivado na monocultura, além de ser em larga escala, modificado geneticamente. Inclusive, já se vende até abacates sem caroço<sup>61</sup>.

Infelizmente, em nome do capitalismo, da praticidade, da produção em massa, dos agrotóxicos e dos transgênicos, as sementes estão sumindo. O início da vida está sumindo. São louváveis atitudes de banco de sementes por todo o mundo, em que agricultores, indígenas, quilombolas, cientistas estão se preocupando com o futuro e fazendo estoque de sementes, para que não se percam espécies e que se mantenha a biodiversidade.

Paralelamente, a problemática da criança é não ter tempo para poder ser o que é, para brincar, devido a tornar o universo infantil, cada vez mais adultizado. Sendo assim, a solução da problemática passa pelo desenvolvimento de uma cultura<sup>62</sup>, ou seja, de hábitos, práticas, estudos, manifestações individuais, sociais, políticas e artísticas que gerem transformações, em busca de formação de uma tradição que cuide das sementes e das crianças.

Nesse sentido, é preciso criar uma cultura da semente e da criança, que possibilite à humanidade ações embasadas na *origem*, pois tem uma causa, uma ancestralidade, vem de algo; na *proteção*, pois guarda algo precioso, dá limite; na *transformação*, pois quer evoluir, crescer.

---

<sup>59</sup> O adjetivo *honestus* numa primeira fase do latim, se aplica apenas às plantas. Por sua verticalidade, a planta não se curva, não desiste, não se verga diante das dificuldades. Em suas *Seis propostas para o próximo milênio*, Calvino dimensiona a literatura como um espaço de honestidade. (Malato, 2022). Crescer em busca do sol torna o mundo vegetal uma inspiração para os humanos na sua autotransformação, de ir da sombra para luz, encontrando a flor de lótus na lama.

<sup>60</sup> Hoje meu filho colheu um limão de um pé que plantamos juntos e quão foi a surpresa ao vermos que dentro era laranja. Um limão-cravo, com sementes.

<sup>61</sup> (Mancuso, 2022)

<sup>62</sup> "A cultura é capaz de provocar curas de doenças, reais ou imaginárias. Estas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio ou no poder dos agentes culturais. Um destes agentes é o xamã de nossas sociedades tribais (entre os Tupi, conhecido pela denominação de pai'ê ou pajé)." (Laraia, 2014, p.77)

A raiz possibilita à árvore buscar nutrientes, se comunicar e se fixar em um local. A problemática da raiz dos tempos atuais é o próprio avanço do desmatamento, das erosões, das pavimentações. Cada vez mais concreto nas ruas, deixando impenetrável a água nas raízes. Curiosamente é o calcário, tão necessário às plantas, tão rico nutriente, que acaba se tornando na mão do ser humano elemento para a vida civilizada, para a expansão do crescimento econômico. Também o solo empobrecido devido à monocultura e à criação de pastos leva as raízes a não se desenvolverem em sua plenitude.

Da mesma forma, a problemática do adolescente é a falta de sentido em suas vidas, ao uso de medicamentos antidepressivos, à falta de relações sociais, ao excesso do uso da tecnologia, das redes sociais. Sendo assim, é preciso criar uma *cultura* da raiz e do adolescente, que possibilite à humanidade ações embasadas na difusão, pois tem uma vontade de seguir, de expandir, de desbravar, na nutrição, pois precisa de nutrientes para continuar, na comunicação, pois quer comunicar, traduzir, ouvir, expressar.

Há uma inteligência presente na semente e na raiz. Não só a árvore como um todo a contém ou é contida por ela, mas cada parte. Há uma inteligência em ser semente, em preservar, conter, metamorfosear e há uma inteligência em ser raiz, em expandir, nutrir, comunicar. Analogamente, há uma inteligência em ser criança, em nascer, crescer, brincar e há uma inteligência em ser adolescente, em idealizar, pertencer, estudar.

A criança-semente, parte de uma ancestralidade e de uma mãe para nascer. Seu crescimento é apoiado e sustentado por uma comunidade humano-vegetal. Precisa também de um território, de um solo para fincar memórias-raízes e dessa forma, aprender.

O adolescente-raiz sente a necessidade de se comunicar, de estabelecer vínculos, e dessa maneira gera uma inteligência múltipla, diversificada. A nutrição pode ser entendida como um aspecto mais amplo de relação com o habitat, extraindo informações para subsistência em níveis mais integrativos, tanto do humano como do vegetal. O pertencimento a um grupo permite se vincular a ideais maiores.

A criança traz a sua hereditariedade dos pais, dos avós, de sua árvore genealógica. Essencialmente a criança brinca, imita. Um dia vira adolescente e este começa a questionar o mundo, a querer mudá-lo. Cabe a humanidade cuidar da infância<sup>63</sup>, pois este é o futuro. Um lema da criança e do adolescente pode ser a Liberdade.

Não confundamos liberdade com desresponsabilização dos adultos, responsabilidade é a raiz da liberdade. É necessário amparar, proteger, cuidar. Liberdade aqui no sentido de observar o que é próprio, saudável, nutritivo para cada fase e assim, deixar a criança ser livre

---

<sup>63</sup> O projeto *Aliança pela Infância* cuida dos direitos da infância.

para brincar, para se socializar, para estar na natureza, bem como deixar o adolescente ser livre para ler, fazer um esporte, tocar um instrumento, seguir sua vocação. Liberdade com ampla gama de possibilidades. O ser carrega em si a semente da liberdade; o movimento de crescimento pode ser constatado no ser humano, no qual a criança vai deixando de ser criança, ao mesmo tempo em que a semente vai se tornando uma árvore.

A liberdade, como nos diz Sartre, é o próprio ser do humano, e por não ser tangível, por ser abstrato, é de natureza peculiar, intocável, presente: “[...] fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser.” (Sartre, 2011, p. 545)

Dentro da barriga da mãe, a semente-placenta com sua raiz-cordão umbilical prepara uma árvore preciosa, que é o ser humano. A raiz se tornou um grande símbolo da humanidade. Voltemos às nossas raízes, aos nossos ancestrais, no caso aqui no Brasil, aprendamos com os indígenas, com os quilombolas, com os afrodescendentes, também com as crianças. A criança bem como o adolescente, como podemos perceber em Cosme, é um *artista*, que inventa a própria vida, que descobre, que cria.

As sementes e as raízes são o início da árvore e a base para metamorfoses e maturações futuras. Nós também viemos de uma semente, de um embrião, e temos nossas raízes. Nossos familiares, antepassados, ancestrais, nos trouxeram até aqui e fundamentam nossa hereditariedade, pois nos deram a vida. A infância e a adolescência são como jardins, que sendo bem cuidados, exalam seu perfume por toda a vida. Percebe-se como o ser na árvore é a presença da vida em forma de semente e posteriormente em forma de raiz, é a criança que encontrou um lugar na árvore-mundo, que fez descobertas, amizades, se relacionou com a natureza, criou um mundo interior; é o adolescente que escreveu, leu, estudou, cultivou e colocou em prática ideais, cuidou da natureza, participou de grupos em prol de um bem comum. A infância e a adolescência um dia ficam no passado. Sem dúvida levamos dentro o que vivemos, mas o tempo anda para frente.

O capítulo 1 chega ao fim, tal qual as últimas palavras de Calvino em *O barão nas árvores*: “[...] floresce e envolve um último cacho insensato de palavras ideias sonhos e acaba.” (Calvino, 1991, p. 254). Os “anos dourados” ficam nas lembranças, então quem ainda está nesta fase, ou tem filhos pequenos, sobrinhos, ou crianças e adolescentes por perto, se lembrem deste período do início de tudo.

## Capítulo 2 - *O homem que plantava árvores* de Jean Giono - Ser com árvore

“Cajá-manga, farol em alto-jardim  
É para já o tempo de ser assim  
Cheio de vitamina C  
Cuidando de você.”<sup>64</sup>



Figura 4 - Cajá-manga<sup>65</sup>

O ser com árvore significa o estabelecimento de uma relação, de uma interação do ser humano com a árvore, o encontro de dois seres. Este capítulo apresenta a ação do ser humano no mundo, considerando as árvores. Será abordado neste capítulo o tronco e os galhos da árvore, relacionando-os com a fase adulta do ser humano.

Há muitos anos tive contato com esta obra de Jean Giono através de um livrinho da Associação Comunitária Monte Azul<sup>66</sup>, chamando-me atenção da história tratar de alguém que plantou árvores e transformou tudo à sua volta.

---

<sup>64</sup> Poesia de minha autoria.

<sup>65</sup> Cajá-manga aqui de casa. Minha esposa plantou uma muda pequena e cresceu muito. Suas folhas são bastante trocadas e dá tanto fruto que serve até o vizinho.

<sup>66</sup> Orientado pela Antroposofia, a associação localiza-se numa favela em São Paulo e demonstra a transformação social feita por muitas mãos. Conta com ambulatório médico, padaria, casa de parto, entre outros. Teve como uma das fundadoras a educadora Ute Craemer. Vide: <https://monteazul.org/pt-br/>

## 2.1 TEMPO, PLANTAR

Logo no início do livro há uma citação que esclarece que algo pode levar anos, décadas para encontrar sua maturação<sup>67</sup>:

Para que o caráter humano de um ser humano desvende qualidades realmente excepcionais, é preciso ter a boa sorte de poder observá-lo em ação durante longos anos. Se essa ação é despida de todo egoísmo, se o espírito que a orienta é de uma generosidade sem igual, se é absolutamente certo que ela não buscou recompensa nenhuma e que, além do mais, deixou marcas visíveis neste mundo, então estamos, sem sombra de dúvida, diante de um caráter inesquecível. (Giono, 2018, p. 11)

A obra de Giono se passa onde os Alpes entram em Provença. O narrador, que é um peregrino/caminhante, após 3 dias de caminhada se vê em uma paisagem desértica com casas abandonadas e um poço seco. Encontrou um pastor com 30 carneiros. O homem dá água de um cantil ao peregrino. Falava pouco, sua casa era de pedra e com ele, um cão.

O peregrino pernoitaria ali, pois o próximo vilarejo ficava a mais de um dia e meio de caminhada. Dividiram uma sopa. Os lenhadores das quatro ou cinco vilas por ali produziam carvão e o caminhante percebe que naquele lugar inóspito há ao mesmo tempo vícios como também virtudes.

O crescimento de uma árvore passa pela fase de adaptação ao solo, de enraizamento e consequentemente de expansão, de crescimento e alargamento do diâmetro de seu tronco, pois no tronco estará sua relação mais direta com o mundo. Do tronco nascerá as ramificações, os galhos, que vão se formando, e de cada gema apical nasce novo galho.

A árvore ganha corpo, estrutura, base. Esse desenvolvimento da árvore faz um paralelo com a nova fase do ser humano. Enquanto a infância e a adolescência abrangem três setênios, ou seja, três períodos de sete anos, totalizando 21 anos, podemos situar a fase adulta a partir dos 21 anos, quando podemos perceber a chegada de um “eu”, de uma parte de nós mais decidida, que faz escolhas, que atua no mundo tendo responsabilidades, um ser mais fortalecido em sua personalidade, gostos, convicções.

Podemos situar a fase adulta indo dos 21 anos até os 62 anos, totalizando 42 anos, passando por muitas transformações internas, bem como a árvore. É um período longo, que exige paciência, coragem, autoconhecimento e sabedoria em lidar com algo que é muito precioso: o tempo.

---

<sup>67</sup> Goethe levou décadas para concluir a obra *O Fausto*.

Tempos atrás, eu estava num avião. Ao meu lado sentou-se um industrial, acho que foi em Teerã. Começamos a conversar, pois tínhamos uma língua em comum, e esse homem me disse uma coisa que jamais esqueci: “Seja qual for sua profissão, em algum momento você vai se perguntar se não está perdendo tempo, ou até mesmo causando algum mal. Seja você comerciante, arcebispo, pescador, músico ou médico, cedo ou tarde terá a impressão de estar perdendo seu tempo. Só existe uma exceção: se você planta árvores, tem a certeza de que está fazendo algo de bom”. Eu gostei muito do que ele disse. (Hallé, 2022, p.5-6)

Essa conversa que Francis Hallé teve com o passageiro ao lado revela que, para além das obrigações cotidianas, o ato de plantar abre a dimensão temporal de que a árvore continua por várias gerações. O que fazer com o nosso tempo livre? Plantar árvores é um dos maiores benefícios que se pode fazer para si e para a humanidade.

Precisamos confiar mais no tempo. Por exemplo, se você planta um pé de jabuticaba, pode ser que só os filhos ou os netos colherão e comerão, sendo assim, o tempo da natureza é maior, é um ciclo que envolve vários processos, envolve nutrientes, animais, outras pessoas, até aquelas que estão por nascer.

O ato de plantar tem como significado o nascimento da vida, também é importante para que a vida fique mais bela, colorida, e não pelo que esta vida dará de “produtos”, “necessidades” para os outros reinos, como alimento, madeira, sombra: “plantar árvores não para ter sombra, flores, oxigênio, fruto ou madeira / plantar árvores pelas árvores.” (Behr, 2006, p. 64)

No texto de Giono, o homem que habitava aquelas paragens colocou em cima da mesa bolotas de carvalho, das quais separou 100. O caminhante quis ficar com aquele homem que inspirava paz e pediu permissão para permanecer em sua casa. Foram caminhar e o homem com uma vara de ferro perfurou a terra, colocando em cada buraco uma bolota de carvalho.

Novamente o carvalho. Primeiramente, é a árvore que Cosme vai morar e agora o plantador de árvores de Giono planta bolotas de carvalho. O carvalho<sup>68</sup> tem a simbologia de arte, força, justiça, estabilidade, resistência, reunindo atributos necessários para a existência, além de sinalizar ao ser humano as qualidades necessárias para sua vida de adulto.

São precisos pelo menos vinte anos para o carvalho começar a produzir bolotas, e mesmo então só uma vez por ano, no Outono. É notável que o poderoso carvalho esteja todo contido numa bolota mas, na verdade, apenas cerca de uma bolota em

---

<sup>68</sup> Dorothy Maclean, uma das fundadoras da comunidade de Findhorn, na Escócia, nos oferece em seu livro “O chamado das árvores” as mensagens das próprias árvores. O carvalho com a palavra: “Somos uma amostra da vida vegetal que dá abrigo, auxílio e força a todos e acolhe toda a vida, inclusive a humana, como temos feito por muitas eras. Nosso espírito está em todo lugar, a nossa força inteira está dentro de vocês, mas ainda precisamos que as poderosas árvores fiquem firmes e se propaguem para trazer o nosso poder à Terra.” (Maclean, 2008, p. 105)

cada dez mil virá a ser uma árvore. (The archive for research in archetypal symbolism, 2012, p. 132)

Aquele camponês, chamado Elzéard Bouffier, plantava árvores há três anos. Já havia plantado cem mil, destas só vinte mil tinham vingado. Das vinte mil, ele esperava perder a metade por conta dos roedores ou pelo imprevisível. Onde antes não havia nada, agora cresciam 10 mil carvalhos.

A persistência de um sonho humano é a persistência da árvore, que resiste. Um ser humano se dedicar a plantar cem mil árvores é um feito impressionante, como Hélio da Silva que plantou mais de vinte mil árvores em São Paulo e fez uma “ilha verde” em meio à cidade grande<sup>69</sup>.

A matemática do sistema capitalista nos deslegitima enquanto seres vivos, nos tornando máquinas, produtos: a adição é a aquisição de bens, a subtração é extrair da mão-de-obra o máximo de trabalho que puder, a multiplicação é a expansão de pandemias e a divisão é a humanidade pagar o preço pelas mudanças climáticas.

A conta não fecha e desta forma é preciso pensar soluções, como por exemplo, energia limpa. A matemática das árvores é simples: quanto mais tiver de suas espécies, mais o fruto será colhido por todos.

Em 2019, uma equipe de pesquisadores do Politécnico de Zurique publicou os resultados de um estudo no qual se afirmava que o plantio, em nível planetário, de 1 trilhão de árvores era de longe a melhor, mais eficiente e mensurável solução para reabsorver significativa porcentagem do CO<sub>2</sub> produzido na atmosfera desde o início da Revolução Industrial. Apesar da generosidade do estudo e de sua sólida base científica, as críticas não tardaram a chegar. Onde encontraríamos espaço para plantar 1 trilhão de árvores? Qual seria o custo? Críticas, em grande parte, infundadas. Área para plantá-las existe, e o custo, por maior que seja, é muito menor do que qualquer alternativa que se possa imaginar e que tenha apenas uma pequena chance de sucesso como essa. E se fosse possível plantar boa parte dessas árvores dentro de nossas cidades, os resultados, tenho certeza, seriam muito maiores. Na verdade, a eficiência das plantas na absorção de CO<sub>2</sub> é tanto maior quanto maior for sua proximidade da fonte de produção. (Mancuso, 2021, p. 52)

O dito popular “Você colhe o que plantou” reflete um simples e profundo ensinamento. Não dá pra plantar abacaxi e colher caqui, a colheita será de abacaxi. Então, precisamos pensar na colheita, já que o plantio deve ser feito desde já. Plantar é pôr a mão na terra, abrir um buraco no solo, colocar a muda ou semente com atenção, ver se a terra está rica em nutrientes, cobrir com matéria orgânica, deixar a terra afogada. Enfim, requer um processo, uma intimidade com a terra, uma força de vontade.

---

<sup>69</sup> (Mantovani, 2024)

## 2.2 MUDANÇAS, RESPIRAÇÃO, RESILIÊNCIA

Elzéard Bouffier tinha 55 anos, perdeu seu único filho e mulher, tais fatos foram, certamente, difíceis para ele. Conclui-se assim que aquelas terras estavam morrendo por falta de árvores. Viver aquele deserto interior se espelhava no deserto que via nos campos, sem árvores.

O imponderável da vida, a perda de alguém, causa uma reviravolta em nossas vidas. Ele se viu sozinho, diante de um profundo deserto existencial. Não sabemos a dor do outro, apenas podemos escutar e tentar compreender. Depois das perdas, viria muito mais vida, não por mera sorte, mas por uma vontade ferrenha, de fazer a vida nascer.

Um dos aspectos mais importantes de se conectar com as qualidades da vida, de se recompor frente aos desafios é a alternância entre momentos de introspecção e de ação. O ritmo, tal qual a respiração, traz saúde para a vida adulta.

Cada vez mais, a sociedade capitalista exige que dediquemos nossa vida a trabalhar, a ganhar dinheiro, a colocar os filhos em escola integral para os pais poderem exercer seus ofícios e botar comida na mesa, porém, o que se constata é o adoecimento físico e psíquico da sociedade. Momentos de pausa, de sossego, de meditação, trazem força para a vida seguir seu curso.

A respiração é um símbolo poderoso da vida: inspiramos o ar, refletimos, amadurecemos. Expiramos o ar: agimos, compartilhamos. O yoga nos ensina o poder da respiração para liberação de tensões, para aumento da consciência, para vivermos em paz. A respiração ofegante é fruto dos tempos modernos, diferente da respiração usando a barriga, na qual os bebês realizam com tanta naturalidade.

As árvores respiram, as florestas são fontes poderosas de oxigênio e a humanidade respira o oxigênio que vem das árvores. A crise que vivemos é uma crise respiratória; a humanidade vem atravessando pandemias, a mudança de temperatura afeta nossa capacidade de respirar<sup>70</sup>. Todas as nossas células precisam do oxigênio vindo das árvores.

Por dia de verão, cada quilômetro quadrado de árvores libera 10 toneladas de oxigênio. Em geral cada pessoa usa cerca de 1 quilo de ar por dia, portanto cada árvore produz o oxigênio necessário para 10 mil pessoas. Um passeio diurno por uma floresta é como um banho de oxigênio, mas essa fartura ocorre apenas durante o dia, quando as árvores produzem carboidratos não só para armazenar a substância na madeira mas também para saciar o próprio apetite. (Wohlleben, 2017, p. 195)

---

<sup>70</sup> Nossos brônquios pulmonares parecem duas copas de árvores.

Um dos segredos das árvores é a sua capacidade de resiliência. Tal capacidade se dá pelo fato de a árvore ter uma inteligência espalhada por cada uma de suas partes; caso um galho seja cortado ou o tronco sofra avarias, o sistema todo se mobiliza para sanar a situação. Além disso, a árvore está conectada com suas vizinhas e com todo o meio ambiente circundante. No Japão, há árvores que sobreviveram à bomba atômica e por lá, desde a tenra idade, há reverência por essas sobreviventes, abraçando-as, escutando-as<sup>71</sup>.

### 2.3 TRONCO, GALHOS, FLORESTAS, AMAZÔNIA, DESMATAMENTO

Após passar pela fase da semente e começar a expandir suas raízes, um caule fino vem se formando e pequeninos galhos também vão ganhando o espaço; este caule será um dia um tronco robusto e resistente. O tronco da árvore é a exemplificação da força, da segurança, da verticalidade. Por ali desce e sobe a seiva, os nutrientes para toda a árvore; é ali também que a árvore aumenta sua circunferência, indicando também sua idade através dos anéis em seu interior.

Com os troncos, as árvores ganham corpo, se tornam mais perceptíveis, ganham presença. Aqui, no cerrado, temos a experiência das árvores com os troncos e galhos retorcidos<sup>72</sup>. Em uma viagem até Alto Paraíso vemos na paisagem estas contorcionistas e temos a sensação de estarmos em casa para quem nasceu por aqui, que este é o nosso lugar, nosso habitat. Abraçar um tronco de árvore é uma experiência muito humana, às vezes conseguimos sozinhos abraçá-lo ou precisamos de uma dupla ou de uma família inteira para tal feito<sup>73</sup>.

Bouffier tinha um viveiro com mudas de faias. O viveiro é uma mini-floresta, é um cantinho de harmonia onde se prepara grandes mudanças. No viveiro busca-se proteger os filhotes de árvores com menos incidência de raios solares de forma direta e com aporte regular de água.

Em relação à adubação, tudo está na natureza, a matéria orgânica da floresta contém todos os nutrientes para todas as espécies vegetais presentes ali. De alguma forma, comprar adubação química alimenta o mercado de consumo, gerando lucro para grandes corporações

---

<sup>71</sup> (Mancuso, 2022)

<sup>72</sup> O poeta Nicholas Behr nos diz em um poema que esses galhos retorcidos parecem com as pernas do jogador de futebol Garrincha.

<sup>73</sup> Na trilha do santuário Vagafogo, em Pirenópolis, nos deparamos com o centenário e altíssimo jatobá, que para ser abraçado são necessários muitos braços.

produtoras de insumos para a agricultura. Contudo, a natureza é mais simples e sábia, e tudo de que ela precisa está na terra, nas plantas, no sol e na chuva.

Voltando à obra de Giono, quando regressou de um período ausente de cinco anos devido à sua ida para a guerra, o narrador constatou que o pastor Elzéard continuava cuidando das árvores, além de ter apenas quatro ovelhas e uma centena de colmeias. Os carvalhos plantados em 1910 agora tinham dez anos e estavam mais altos que os dois homens. A impressionante floresta tinha 11 km de comprimento por 3 de largura.

O exercício de se volver à natureza e testemunhar os resultados das ações de plantio, de regeneração, levam tempo. Trabalho diário e meticoloso, ao mesmo tempo invisível, onde não se vê de imediato o que se espera, mesmo atributo da arte de educar, no qual uma professora que planta sementes de poesia<sup>74</sup> nos corações de seus estudantes: na fase adulta pode reviver o gosto pela arte, o reencontro com a poesia.

Os muitos ofícios existentes trabalham em sintonia com o tempo. De fato, muito do que é feito não é colhido imediatamente. Fazemos também como prevenção. Confiar no tempo é confiar em algo que sobrepassa nossas intenções mais imediatistas, confiar é a justa medida entre fazer o que precisa ser feito agora e deixar o resultado como consequência do que se fez e das interrelações.

Só há colheita, se um dia foi plantado, só há ofício porque alguém um dia quis trabalhar: "O verdadeiro ofício do pastor, só o céu pode ensinar. [...] uma coisa que se compreendia de imediato e uma outra que se compreendia com o tempo, bem devagar." (Giono, 1995, p.36)

Em dez anos muitas mudanças podem acontecer. Uma década é uma quantidade simbólica para transformações. O tronco precisou ficar mais largo, forte, para sustentar os galhos que crescem a todo vigor. Os galhos vão se contorcendo para buscar luz. A árvore é um sistema energético eficiente, onde tudo se transforma, onde as moléculas são transformadas. É no tronco do corpo humano que também estão a maioria dos nossos órgãos.

Curiosamente chamamos de tronco o que não é nem cabeça nem membros, é o meio, o eixo, é por onde se processam informações e processos metabólicos. Nosso tronco contém coração, pulmões, rins, baço, fígado, pâncreas, estômago, intestino, bexiga e outros, cada qual com sua função, inteligência e comunicação com outros órgãos através de uma rede de comunicações, como as raízes nas árvores.

---

<sup>74</sup> No meu ensino médio, recordo-me do impacto quando um professor de Química leu para a turma o poema *Desejo* de Victor Hugo.

A seiva que corre dentro da árvore é como nosso sangue que é bombeado para cada extremidade (nas árvores a seiva flui com a velocidade de até 1 centímetro por segundo das raízes até as folhas - elas têm tempo!)<sup>75</sup>, carregando oxigênio, ferro, glóbulos de defesa, manutenção e reparação das células, tecidos e sistemas.

As árvores mantêm um equilíbrio interno. Racionam a energia com todo o cuidado, pois precisam economizar para realizar todas as necessidades. Parte da energia é usada em seu crescimento: os galhos devem ser estendidos, o tronco precisa aumentar em diâmetro para suportar o peso cada vez maior. Outra parte é retida, para que ela possa reagir e bombear substâncias de defesa para as folhas e a casca caso seja atacada por insetos ou fungos. Por fim, resta a reprodução. (Wohlleben, 2017, p. 33)

Um ser humano sozinho foi capaz de erguer uma floresta através de sua força de vontade. As florestas estão na Terra há milhões de anos, com uma inteligência coletiva que as rege, que as defende de adversidade e cria abundância vegetal. Podemos considerar também que a ação do ser humano pode erguer florestas<sup>76</sup>.

O ser humano pode ajudá-las: ou não atrapalham seu crescimento vegetal ou, plantam. Nas práticas da permacultura, da agrofloresta, há orientações para que certas áreas não sejam manejadas, não haja interferência. Estes habitats se desenvolvem pela própria cooperação do sistema e pela transformação dos processos, não sendo necessária a ação humana, são autossustentáveis, têm vida própria.

O fator decisivo para garantir a solidez do ecossistema das florestas nativas frente a essas mudanças é permanecer inalteradas. Quanto mais intacta a comunidade e mais equilibrado o microclima, mais dificuldade os invasores estrangeiros encontrarão para se fixar na floresta. (Wohlleben, 2017, p. 190)

O ser humano enquanto habitante deste planeta, deixa suas marcas. Individualmente precisamos das florestas em muitos níveis, seja para respirarmos, comermos, nos vestirmos, nos locomovermos, enfim, nossa vida depende da floresta. No âmbito coletivo, a sociedade moderna para funcionar precisa extrair das florestas o que precisa para a máquina funcionar.

As megacorporações, fábricas, indústrias e diversos segmentos precisam da matéria-prima florestal, seja o que está abaixo do solo, na superfície ou acima do mesmo; em relação às árvores, se usa tudo: semente, raiz, tronco, galhos, copas, folhas, flores, frutos.

---

<sup>75</sup> (Wohlleben, 2017)

<sup>76</sup> O arqueólogo brasileiro Eduardo Góes Neves, em sua pesquisa sobre a Amazônia, estima que há oito mil anos os povos originários vêm modificando a paisagem através do cultivo do solo, plantando árvores que ajudaram a formar a floresta amazônica. (Kiyomura, 2022)

A principal causa de muitos problemas atuais, incluindo a alteração do clima, os ciclos da natureza, a vida sobre a Terra, é o desmatamento. A derrubada de árvores traz erosão ao solo, aumento da temperatura global e alteração nos biomas e ecossistemas.

No estudo sobre as árvores, é muito importante lidarmos com os números, com os dados, pois revelam a realidade. Em 2020, por exemplo, o desmatamento na região sul cresceu 150% em relação ao ano anterior e o estado do RS<sup>77</sup> perdeu mais de 2 mil hectares de vegetação nativa<sup>78</sup>, são mais de 280 gramados do Maracanã.

As duas imagens abaixo (figuras 5 e 6) revelam as mudanças das florestas ao redor do mundo<sup>79</sup>. São consideradas árvores nestes mapas aquelas com mais de cinco metros de altura, com a parte verde representando a extensão das florestas, a vermelha mostrando as florestas perdidas, a azul as florestas ganhas e a rosa as florestas perdidas e ganhas, conforme dados do período de 2000 a 2023.

Quase não se vê azul no mapa e pode-se perceber o tanto de manchas vermelhas no Brasil e no globo terrestre. O uso e o monitoramento de tecnologias<sup>80</sup>, como avançados satélites, mapas, podem auxiliar os governos a tomarem medidas de reflorestamento, de reestocagem de carbono, de criação de leis ambientais, uma vez que tais tecnologias trazem uma visão de cima do efeito, e que muitas vezes daqui debaixo não se consegue ter consciência da dimensão dos danos.

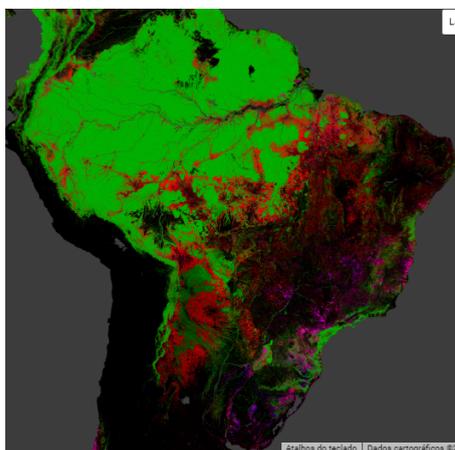


Figura 5 - Desmatamento no Brasil

<sup>77</sup> Em 2024, a população e a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, atravessaram uma catástrofe natural nunca vivida. O rio Guaíba transbordou e milhares de famílias ficaram desabrigadas tendo suas casas submersas pela água, além de centenas de outros lugares afetados. Os dados mostram um passado de desmatamento nesta região.

<sup>78</sup> (MapBiomas Brasil, 2020)

<sup>79</sup> (Hansen, s.d.)

<sup>80</sup> (Goetz *et al.*, 2015). REDD+ é um mecanismo para recompensar financeiramente quem reduz a emissão dos gases de efeito estufa vindos da degradação florestal. (BRASIL. Ministério do meio ambiente. Redd+ Brasil, s.d.)

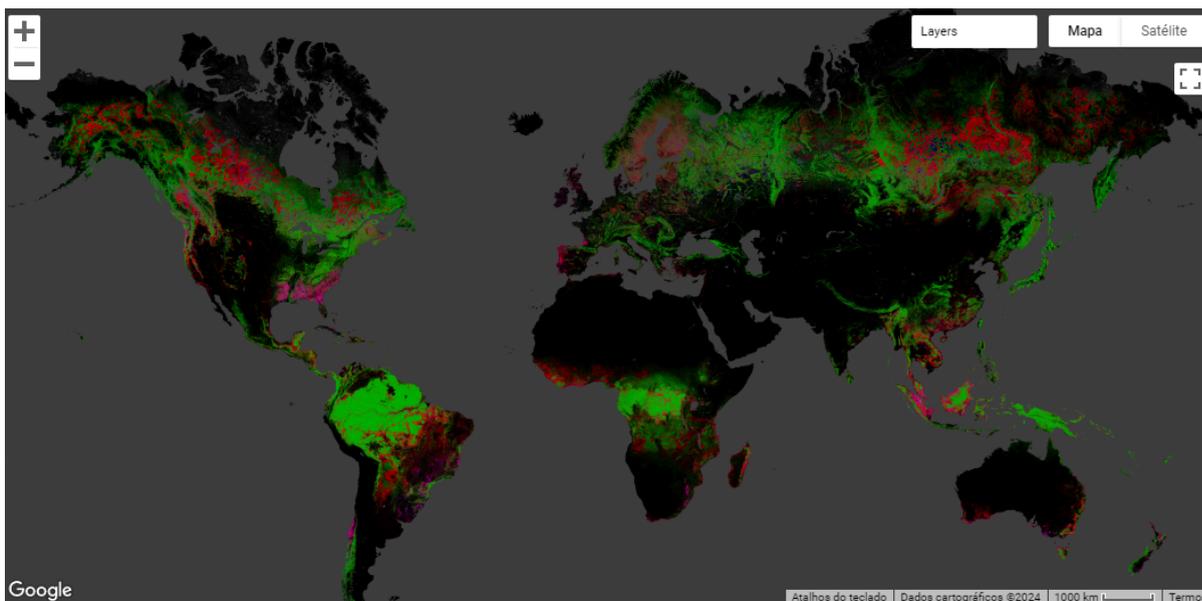


Figura 6 - Desmatamento no mundo

A revista *Science*<sup>81</sup>, em sua edição de fevereiro de 2023, trouxe um estudo sobre o que impulsiona a degradação da floresta amazônica (figura 7). Abaixo, podemos perceber como as árvores representam a saúde do ecossistema e caso haja alteração, extinção, toda a vida é afetada. Demanda por madeira e produtos agrícolas, falta de governança e corrupção, fatores culturais, migrações e crescimento populacional, além de mudanças climáticas globais, impulsionam consequências como extração de árvores, fogo, diminuição das fronteiras verdes (com a pecuária intensiva causando danos), seca extrema.

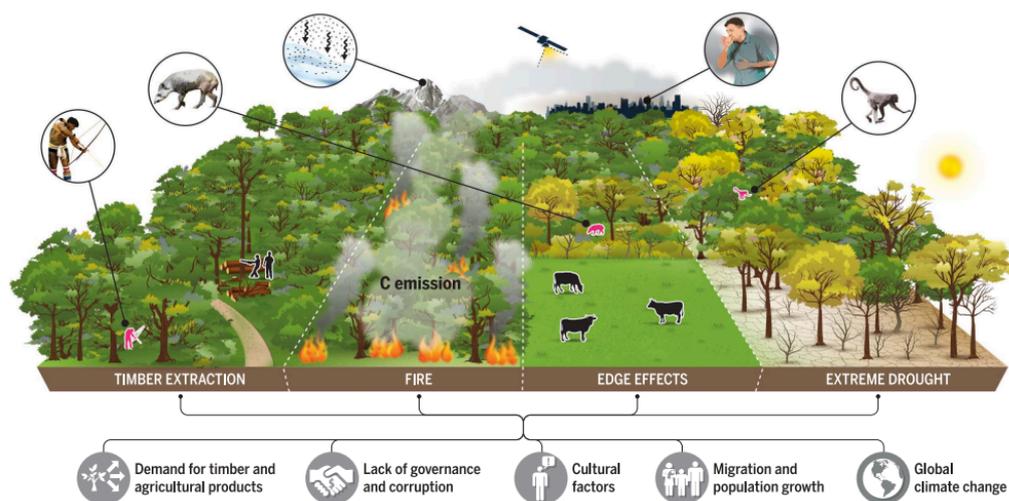


Figura 7 - Efeitos da degradação ambiental na floresta amazônica

<sup>81</sup> (Lapola *et al*, 2023)

Chamo a atenção para um fator descrito de forma mais genérica no estudo e que impacta diretamente na mudança do ecossistema, que são os fatores culturais. Quais são os padrões culturais assumidos ou subjetivamente velados na relação ser humano-natureza?

A lista desses padrões poderia ser maior, contudo vou elencar apenas três: 1) a busca pela ostentação, pela autoimagem, pelo poder, pelo dinheiro a qualquer custo, que gera ganância, individualismo, desrespeito, inconsciência; 2) a ideia e pretensão de que a natureza serve o ser humano, gerando degradação e extinção de vegetais e animais em escalas que a natureza não consegue se recuperar; 3) a desvalorização da vida humana, onde o ser humano passa a ser visto como objeto, desintegrado do meio ambiente, sendo apenas percebido e sustentado como consumidor.

O biólogo Jorge Paiva nos alerta que as árvores têm as características de serem produtoras e purificadoras, enquanto os seres humanos, de consumidores e poluidores<sup>82</sup>; somos consumidores e poluidores também por desresponsabilização, pois quando abrimos um pacote de um alimento e jogamos no lixo a embalagem, estamos alienados de todo o processo de produção, no qual o descarte também precisa ser considerado. Se eu faço meu alimento, a produção de embalagem é muito menor.

Ao dirigirmos um carro que polui, é evidente que possuímos este carro e que alguém o produziu, ou seja, há o fato de que este carro a combustão está a venda, que é permitido usá-lo, usufruí-lo e ainda trocá-lo por um novo se quisermos daqui a um ano. O sistema facilita o consumo, você pode inclusive dividir o carro em prestações que duram cinco anos. O olhar precisa ser amplo, de satélite. A mudança necessária é política, global, comunitária e individual.

A importância da consciência sobre a vegetação presente no local em que se vive e de preservar este bioma, de consumir produtos da região e da estação, são atitudes importantes que criam um pertencimento ao local e auxilia a natureza. Para consumir um produto do Chile ou da Turquia, este produto usou água, terra, energia e trabalhadores de outro país.

Depois, há a logística do transporte: veio de caminhão, de navio, trem ou avião, usando petróleo. Certamente, o produto está em uma embalagem que rapidamente será jogada no lixo<sup>83</sup>. Enfim, o ciclo é muito devastador para a natureza. O bioma amazônico se estende por mais de nove países, contando com mais de 13 mil espécies de flora<sup>84</sup>.

---

<sup>82</sup> (Paiva, 2021)

<sup>83</sup> A indústria alimentícia já embala o côco e coloca um canudinho para vender.

<sup>84</sup> (Brasil. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, 2024)

Um bioma tão rico de fauna e flora, mas que sofre com a ação predatória do ser humano. Recentemente, em um estudo de 2023, foi identificada no Brasil a primeira região árida (delimitada na figura 8 pela linha de cor vermelho escuro, situada no nordeste). Tal região apresenta o índice bem menor que 1, ou seja, a demanda atmosférica é maior que a precipitação de chuva. Na Amazônia, por exemplo, é maior que 1,6, caso em que as chuvas superam a demanda da evaporação da atmosfera.<sup>85</sup>

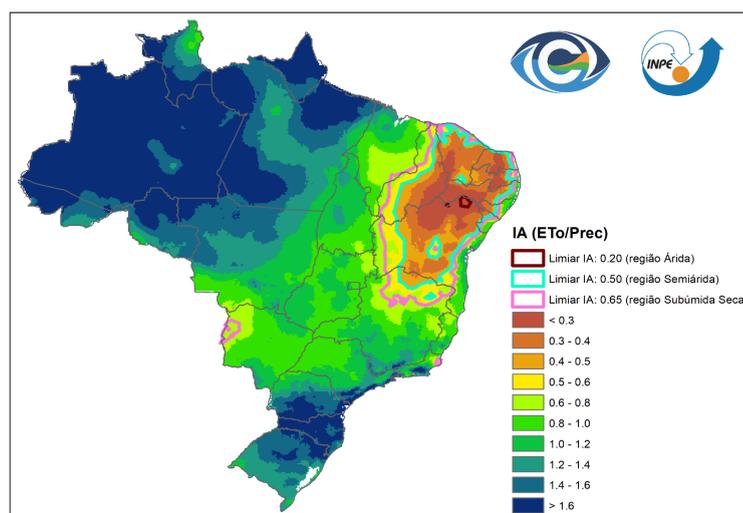


Figura 8 - Primeira região árida no Brasil

Tal aridez também revela uma aridez de conduta, uma acidez de caráter, revela um distanciamento, uma secura, revela depressões, doenças. Bouffier foi um generoso anfitrião para um peregrino, acolheu-o em sua casa, compartilhou chá e sonhos. A vida adulta precisa ser permeada de encontros transformadores, frutíferos, de relações duradouras que envolvam todos os seres vivos.

A aridez no nordeste é o deserto das relações, é o esquecimento de um povo, é a angústia da família de Vidas Secas, de Graciliano Ramos, são os retirantes, os candangos que buscam uma vida melhor, mais digna. A vida poderia ser melhor no habitat de origem de cada um, as oportunidades de dias melhores poderiam acontecer em qualquer canto deste país. Aridez é onde a vida tem dificuldade de acontecer, onde se espera a chuva para a árvore voltar a dar frutos<sup>86</sup>.

<sup>85</sup> (Brasil. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, 2023)

<sup>86</sup> Como diz a canção de Marisa Monte “Segue o Seco”: “Oh chuva vem me dizer se posso ir lá em cima pra derramar você...” (Monte, 2009). O convite para a chuva não poderia ser em cima de uma árvore plantada por Elzéard e tendo como mensageiro Cosme de Italo Calvino?

Uma posição crítica é necessária no mundo do adulto. A maturidade que vem com o passar dos anos traz consigo uma responsabilidade de investigar mais a fundo a vida, os problemas da humanidade e as possíveis soluções.

A responsabilidade é uma posição consciente perante a própria vida. Cada ação individual reverbera no todo, estamos conectados, nossa liberdade e livre-arbítrio não podem avançar caso não haja consciência, caso extrapole os limites do respeito, da paz, da natureza.

Em relação ao meio ambiente, a criticidade se reflete nas escolhas que se faz, principalmente no que se consome. A quantidade do que se consome, a qualidade, para onde vai o descarte, são questões fundamentais.

Repensar os próprios hábitos faz parte do mundo adulto, reduzir as necessidades é condição para uma vida mais consciente e harmoniosa. O que vale é a intenção, o propósito, mesmo que o resultado não venha de imediato, muitas vezes o resultado vem a médio, longo prazo, no caso da natureza. Bouffier plantara mais de mil bordos, mas todos morreram. O peregrino vinha-o visitar todos os anos e percebia que o camponês não mais falava, mantinha-se em sua quietude interior, mas ativa, trabalhando.

## 2.4 TRABALHO

Colocar para a humanidade os teus talentos, dons, habilidade é uma grande tarefa do mundo adulto e das árvores que compõem uma floresta. Elzéard ia plantar faias a 12 quilômetros de casa e para evitar o trajeto de volta, construía cabanas de pedra ao longo do caminho, próximas aos lugares onde plantava. Não importava se perto de casa ou distante, a sua disposição era de estar a serviço, como nos sugere o título da poesia de Gabriela Mistral, *O Prazer de Servir*, em que incia desta maneira: “Toda a natureza é um serviço. Serve a nuvem, serve o vento, serve a chuva. Onde haja uma árvore para plantar, plante-a você; Onde haja um erro para corrigir, corrija-o você; Onde haja um trabalho e todos se esquivam, aceite-o você.” (Mistral, s.d.)

Assim como Khalil Gibran, em seu capítulo sobre o Trabalho no livro *O Profeta*, o trabalho para o Bouffier era sagrado, era a possibilidade do autoconhecimento e de transformar a vida própria e das pessoas com o fruto do suor, do amor. Também a possibilidade de adentrar nos mistérios da natureza, pois como pode se revelar algo da natureza se nem nos aproximamos dela, se não a contemplamos, não a entendemos?<sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> Goethe em seu livro *Viagem à Itália* aguçou seu senso estético, treinando o seu olhar para os detalhes, vendo beleza em pequenas porções: “Deste fruto dourado [tangerina] há imensas pilhas equilibrando-se sobre o

A Humanidade não tem outra escolha senão aprender algo nos mais variados campos de todo o conjunto da Natureza, aprender novamente algo de todo o contexto do Universo, ou então deixar fenecer, degenerar tanto a Natureza como a vida humana. Do mesmo modo como nos tempos antigos foi necessário possuírem-se conhecimentos que efetivamente penetrassem na estrutura da Natureza, também hoje precisamos novamente de conhecimentos que realmente penetrem nessa estrutura. (Steiner, 1993, p. 57)

Os povos originários sabem do valor do trabalho como continuação da própria natureza. Escutam o que as árvores têm a dizer, trabalham em cooperação, são gratos. A gratidão brota quando percebemos a inter-relação dos seres vivos. As árvores são um povo trabalhador, que oferece suas curas.

O Povo-em-Pé percebe as necessidades de todos os Filhos da Terra e se esforça por atendê-las. Cada árvore e planta possui seus próprios dons, talentos e habilidades a serem compartilhados. Por exemplo, algumas árvores nos dão frutos, enquanto outras fornecem curas para distúrbios em nossos níveis emocionais ou físicos. O Pinheiro Branco é a Árvore da Paz, e pode trazer serenidade à vida de uma pessoa que se senta à sua sombra. As florestas tropicais estão cheias de árvores que possuem propriedades curativas ou fornecem substâncias como a borracha que pode ser utilizada para auxiliar a humanidade na fabricação de vários artigos. O mundo está repleto dos presentes que nos foram concedidos pelo Povo-em-Pé. (Sams; Carson, 1993, p. 83-84)

Ansiamos por encontrar a nossa missão de vida, o que viemos fazer aqui na terra. Cada um tem o seu dom, sua especificidade, e isso é de uma beleza ímpar. Mas o trabalho não deve ser visto apenas como profissão, como a escolha de ser professor, médico, artista ou cozinheiro.

Essas escolhas nos trazem o sustento, fundamental para nossa existência, pois precisamos da materialidade para viver. Contudo, o trabalho tem a ver com uma escuta do próprio coração e do mundo ao redor. De que a humanidade precisa, como posso ajudar, ser útil, contribuir para um mundo melhor, para as pessoas serem mais felizes, são reflexões importantes. Plantar e cuidar de árvores é um trabalho inestimável, que atravessa gerações, que vitaliza processos e gera mais vida.

A caridade também é uma forma de trabalho. As árvores têm os seus dons, se doam para ajudar. Medicamentos, vacinas e óleos essenciais são extraídos da natureza, das árvores, e curam milhões de pessoas todos os dias, como as árvores de moringa que auxiliam as

---

calçamento das ruas. O que me parece mais belo, entretanto, são as pequenas quitandas onde se vendem verduras e hortaliças, nas quais estão expostos também uvas-passas, figos e melões. Tudo delicadamente arranjado para ser visto, de modo a alegrar aos olhos e ao coração. Nápoles é uma cidade na qual Deus abençoou todos os sentidos do homem.” (Goethe, 2017, p. 394)

mulheres no noroeste de Benin na África ocidental, conhecida como “a árvore miraculosa”, por suas propriedades nutritivas e medicinais<sup>88</sup>.

O mercado de remédios é um dos mais lucrativos do mundo, pois a civilização está doente e a indústria química se vale disso para lucrar. O químico sintético passou a vigorar, e o químico natural está perdendo cada vez mais seu lugar. Dessa forma, cada vez mais crucial uma ciência atrelada ao desenvolvimento da pesquisa em consonância com os princípios do mundo natural.

Nos saberes tradicionais dos povos ancestrais, os vegetais tinham o seu papel de guardiões dos mistérios curativos da natureza. Vejamos um pajé curando com ervas os doentes da tribo (assim como o cacique Raoni que usando ervas na pajelança, ajudou a curar o naturalista Augusto Ruschi)<sup>89</sup>.

Os indígenas estão em conexão com a natureza e conseguem escutar a sabedoria e os conselhos das realidades curativas. A cura da humanidade está na natureza. A cura do câncer pode ser encontrada, por exemplo, no potencial da graviola<sup>90</sup>.

Ser um ativista, batalhar por uma causa nobre, dedicar-se com todo o ser para uma mudança de consciência e atitude, é ajudar a vida na Terra. Júlia Butterfly Hill morou em cima de uma sequoia milenar (que apelidou de *Luna*) por 738 dias, para evitar que ela fosse derrubada<sup>91</sup>.

A força de sua convicção, o contato com sua irmã, amiga ou avó *Luna*, deu novo significado para sua vida e inspirou muitos. Em relação à sequoia, em 1891 foi derrubada uma espécie gigante, com 4.8 metros de diâmetro, nomeada de *Árvore Mark Twain* - nome de um escritor americano - e simplesmente aconteceu isso com essa árvore milenar, porque mesmo após a inauguração do parque nacional onde a abrigava, as pessoas não acreditavam que poderia existir árvores tão grandes, e então, decidiram cortá-la e levá-la para públicos curiosos de Nova Iorque e Londres verem com os próprios olhos, tendo seu fim em um museu<sup>92</sup>.

Respeitar os antepassados é condição básica de sobrevivência, honrando quem nos trouxe até aqui. Outro exemplo similar é o da artista Andrea Bowers que fez um barco-instalação para proteger árvores de serem cortadas. Unindo arte, ativismo ambiental e feminismo, Bowers construiu uma plataforma para se sentar em árvores e bradar na luta pelos direitos das árvores e mulheres.<sup>93</sup>

---

<sup>88</sup> (Naylon in Holten, 2023, p. 124)

<sup>89</sup> (Torres, 2015)

<sup>90</sup> (Almeida, 2024)

<sup>91</sup> (Trees Foundation, 2021)

<sup>92</sup> (National Park Service, s.d.)

<sup>93</sup> (Bowers, 2013)

Há inclusive um movimento de ativistas que se sentam em árvores para protegê-las<sup>94</sup>. As árvores *Khejri*, cruciais no deserto, são para o povo *Bishnoi* no Rajastão, seres sagrados, assim como são a natureza e os seres vivos.

Em 1730, Amrita Devi abraçou uma árvore para impedir que ela fosse cortada para se fazer um palácio para o rei. Não só ela, como suas filhas e centenas de pessoas foram mortas por tentarem preservar as árvores em pé. Em 1970, o movimento *chipko* (que significa abraçar), ganhou força com as pessoas voltando a abraçar árvores para evitar a derrubada por madeireiros. Em 2022, após os Bishnois protestarem, o governo local decidiu replantar árvores ao invés de derrubar<sup>95</sup>.



Figura 9<sup>96</sup> - Júlia protegendo a sequoia



Figura 10<sup>97</sup> - Árvore *Mark Twain* cortada

<sup>94</sup> *Tree sitting*.

<sup>95</sup> (Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, 2015).; (Kapoor, 2023); (Chitnis, 2013)

<sup>96</sup> (Trees Foundation, 2021)

<sup>97</sup> (Curtis, 1891)



Figura 11 - Instalação de Andrea Bowers<sup>98</sup>

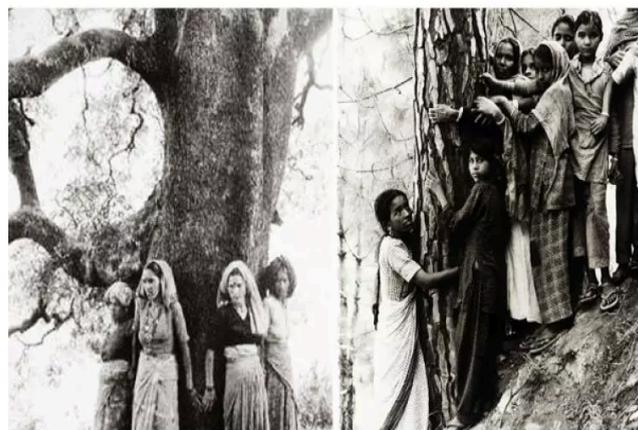


Figura 12 - Mulheres do movimento *Chipko* abraçando as árvores<sup>99</sup>

Cabe considerar em toda perspectiva de estudos ambientais, a magnificência e importância das florestas e das árvores. Há mais de 3 trilhões de árvores em nosso planeta, que corresponde a 60% do total de biomassa da Terra<sup>100</sup>. Por comparação, os animais e humanos correspondem a apenas 0,37% do total. Desde o surgimento e desenvolvimento da agricultura há cerca de 12 mil anos, a intervenção do *homo sapiens* resultou no desaparecimento de 1,4 trilhões de árvores<sup>101</sup>. Os números continuam alarmantes hoje em dia, 30% das árvores correm risco de extinção.<sup>102</sup>

Nós, animais, representamos apenas 0,3% da biomassa, enquanto as plantas representam 85%. É óbvio que qualquer história em nosso planeta tem, de um jeito ou de outro, plantas como protagonistas. Este planeta é um mundo verde; é o planeta das plantas. Não é possível contar sua história sem deparar com seus habitantes mais numerosos. E o fato de serem invisíveis em nossas histórias ou de aparecerem discretamente, tendo apenas o papel de figurantes para dar cor à cena, é o resultado de um recalque total da nossa percepção desses seres vivos, dos quais depende a vida na Terra. Quando se é capaz de olhar para o mundo sem vê-lo simplesmente como o campo de ação do homem, não se pode deixar de notar a onipresença das

<sup>98</sup> (Bowers, 2013)

<sup>99</sup> (Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, 2015)

<sup>100</sup> (Fazan; Song; Kozlowski, 2020)

<sup>101</sup> *Idem.*

<sup>102</sup> (Botanic Gardens Conservation International, 2021). No relatório completo sobre as árvores do mundo, detalham que segundo a lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais das Espécies Ameaçadas (2020.3), a pior ameaça para as árvores, com 29% de árvores afetadas, foi a agricultura (na agricultura convencional da monocultura cortam as árvores para terem o solo “livre”). Sob outra perspectiva, sem ser esta da monocultura, mas sim de interconexão, as árvores são a base da vegetação e da saúde dos ecossistemas. No movimento agroecológico e permacultural são louvadas e plantadas como mães, como centros de energia: purificam o ar, armazenam água, se comunicam, protegem a biodiversidade, citando apenas alguns aspectos. Vide relatório em: (Gardens Conservation International. State of the world's trees, 2021).

plantas. Elas estão por toda parte e suas aventuras se entrelaçam às nossas de maneira inevitável. (Mancuso, p. 4-5, 2021)

O nosso planeta é, antes de tudo, o planeta das plantas, o planeta das árvores. A expressão o “planeta azul”, consagrada pela visão que astronautas tiveram vendo a Terra de fora, assim como da observação do astrônomo Carl Sagan que disse sobre o “pálido ponto azul”, em uma perspectiva de mais distância ainda que a dos astronautas, revela que nosso planeta é regido pela água, que dá vida às plantas e às árvores. Nosso “planeta azul” também pode ser chamado de “planeta verde”, caso ajudemos que essa cor seja também a predominante junto com o azul.

Retomando a obra de Giono, uma delegação, em 1935, veio examinar a floresta natural em que Elzéard Bouffier havia se dedicado a erguer. De início, poderíamos pensar que haveria problemas, que devido à burocratização haveria empecilhos ou a derrubada das árvores para povoamento, construção de condomínios residenciais ou fábricas, mas não, colocaram a floresta sob proteção do Estado e com a observância de não extraírem madeira para carvão da maneira irresponsável como era feita anteriormente.

Curiosamente, na chegada da equipe governamental, Bouffier estava plantando a 20 km dali. Na imagem abaixo (figura 13), há um pequeno exemplo de como a presença humana despreocupada com a preservação ambiental, com o manejo consciente, causa o desmatamento. O verde vai gradativamente desaparecendo (A-1989, antes do assentamento e depois com as ocupações em B-1999 C-2009 D-2019<sup>103</sup>).

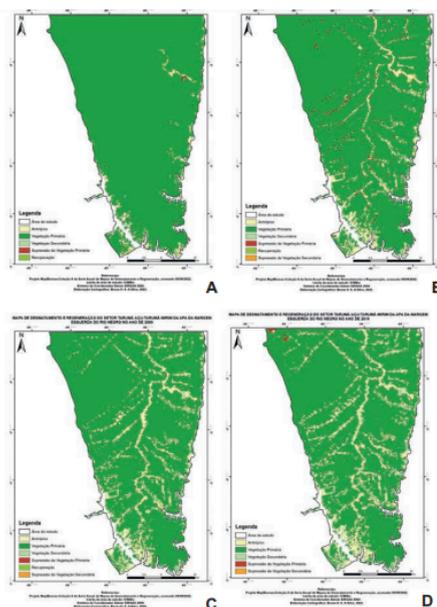


Figura 13 - Desmatamento em um assentamento de Manaus

<sup>103</sup> (Costa, 2023)

O Estado é zelador do meio ambiente, é seu servidor, promovendo a proteção e sustentabilidade. O Estado também está sob proteção da Terra, ela é quem dita, governa, que prevê, e podemos ser cientistas da terra, a serviço da nave Mãe, pois sendo para ela o cuidado, se transborda naturalmente para nós.

O narrador traz que Bouffier tinha uma saúde quase solene, que era um atleta de Deus. A saúde realmente é uma busca da humanidade. Saúde é um termo amplo que envolve não somente capacidades equilibradas fisicamente, mas também emocionalmente, espiritualmente, de relação, seja com os seres humanos, seja com outros seres vivos. Um dos parâmetros para nossa saúde é percebermos se o que fazemos nos faz literalmente suar.

Nestes rincões do Brasil, há milhões de trabalhadores da roça<sup>104</sup> que acordam antes do sol nascer e, durante toda a trajetória do astro celeste, lavram a terra com o suor no rosto, gerando abundância para alimentar a família, o município e a nação. Esta saúde, este vigor, é uma das curas para as doenças. A saúde é percebida também na floresta, é um atributo da floresta.

Hoje os cientistas estão mais dispostos a dizer que as florestas são sistemas adaptativos complexos, compostos de muitas espécies que se ajustam e aprendem, que incluem legados como árvores antigas, bancos de sementes e cepos, e que essas partes interagem em redes intrincadas e dinâmicas, com retroalimentação das informações e auto-organização. Disso tudo emergem propriedades em nível de sistema, que representam mais do que a soma das partes. As propriedades de um ecossistema respiram saúde, produtividade, beleza, vigor. Ar puro, água limpa, solo fértil. Desse modo a floresta é aparelhada para curar, e podemos ajudar se agirmos de modo semelhante. (Simard, 2021, l. 5243)

O adulto muitas vezes em sua vida se esquece de sua saúde. A questão é que a saúde pode vir cobrar suas contas um dia e dessa forma tudo precisará parar, ser colocado de lado, para se cuidar da saúde, e assim perceba que esteve distante da natureza por muito tempo. A natureza regula seus próprios processos de crescimento e nos ajuda a regular os nossos.

Numa cidade, enquanto vemos o movimento incessante de carros, escutamos buzinas, obras sendo feitas, comemos apressados, num parque com muitas árvores, vemos muito verde, escutamos a harmonia dos cantos dos pássaros, respiramos o ar profundamente e caso queiramos, podemos colher uma fruta no pé. Perceber a vida vegetal é um convite para que entremos em outra frequência, em outro ritmo.

---

<sup>104</sup> No interior de Minas Gerais, em Belmiro Braga, quando eu passava as férias junto de minha irmã e com meus avós Raphael e Sylma, me lembro do Sr. João e do Sr. Laurindo, ambos trabalhadores de roça, que apesar da labuta, mantinham um sorriso caloroso no rosto.

## 2.5 O OUTRO, A RELAÇÃO, O DIÁLOGO

Na relação cooperativa que se estabelece na floresta, as árvores se comunicam, falam sua linguagem com todo o seu ser, se relacionando com outras árvores, com toda a diversidade da floresta, pois sabem que existem outras espécies por perto, outras formas de vida. Desta maneira, é preciso reconhecer que há um “outro”, um “tu”.

O filósofo austríaco Martin Buber aprofundou suas pesquisas em desenvolver um significado para a relação Eu-Tu. A relação Eu-Tu ao invés do Eu-Isso, favorece o diálogo, pois é no reconhecimento que o outro é um Tu, que eu me constituo enquanto um Eu, e em relação com alguém, pode nascer um amálgama que constrói pontes de inter-relação, pontes emocionais, de vínculo, de afeto, de escuta, de identidade, de comunidade.

Eu considero uma árvore.

[...] pode acontecer eu simultaneamente, por vontade própria e por uma graça, ao observar a árvore, eu seja levado a entrar em relação com ela; ela já não é mais um Isso. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim. [...]

Tudo o que pertence à árvore, sua forma, seu mecanismo, sua cor e suas substâncias químicas, sua “conversação” com os elementos do mundo e com as estrelas, tudo está incluído numa totalidade.

A árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta “em pessoa” diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela.

Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade.

Teria então a árvore uma consciência semelhante à nossa? Não posso experienciar isso. Mas quereis novamente decompor o indecomponível só porque a experiência parece ter sido bem sucedida convosco? Não é a alma da árvore ou sua dríade que se apresenta a mim, é ela mesma. (Buber, 2004, p. 56)

Elzéard Bouffier já plantava, já tinha uma relação de Eu-Tu com as árvores, da mesma forma que as árvores tinham com ele. Quando chegou o caminhante, um Eu-Tu novo também nasceu e a forma de ver a vida de ambos mudou. Nasceu uma amizade, mesmo com poucas palavras, mesmo com um silêncio. Encontramos ou reencontramos na vida adulta, verdadeiros irmãos que não são de sangue, mas que são muito íntimos.

O poder da amizade é um catalisador de interações, de escuta, auxílios, de refazimento da vida. As árvores nos inspiram a participarmos de comunidades, pois assim vivem. A vida comunitária é uma grande escola, onde de maneira prática a gente se vê colocando nosso nome em uma escala de trabalho e dado o horário, lá estamos lavando um banheiro, varrendo um chão, fazendo o almoço ou subindo em uma escada para trocar uma lâmpada.

Em comunidade, vamos até o limite do outro, o respeito precisa falar mais alto, laços são feitos e ao mesmo tempo a roupa suja é lavada, em que o assunto é colocado sobre a mesa na busca de conciliações, curas emocionais, onde desafetos podem virar grandes amizades.

Bouffier aprendia com as árvores, já não tinha mais sua mulher e seu filho. As árvores se tornaram sua família e por ali encontrou parentes. De certa medida, a árvore começou a ser sua interlocutora. Platão nos oferece a ideia de que a árvore pode ser uma comunicadora, ao nos trazer o discurso entre Sócrates e Fedro sobre o amor<sup>105</sup>.

Primeiramente, Sócrates como um amante do aprendizado, diz que a árvore não pode lhe ensinar nada. Quem pode é o ser humano da pólis, da política, do social, das relações de poder, afastado do mundo natural; esse humano não é o do campo, que está inserido na natureza. Sócrates depois refuta a ideia.

Sócrates nega, torna distante, para depois se aproximar de outra forma, por outro ângulo, mostrando-nos que o aprendizado decorre da outridade, do diálogo, da interação, da busca por ideias, do retorno não só fisicamente à natureza, mas da alma à natureza.

As árvores podem ensinar, pois trazem o conhecimento perpassado de geração em geração, na relação sutil com a natureza, emergindo um recado, uma mensagem, uma sabedoria compartilhada. Se já se sabe de princípio o objeto, há o escape de uma observação mais apurada; se de início a pessoa se coloca como aprendiz, a filosofia pode vir ao auxílio, como espaço entre dois seres, entre duas almas.

A relação entre árvore e o ser humano, desde os tempos mais longínquos, demonstra uma intimidade, inclusive o carvalho sendo o responsável por oferecer ao ser humano, respostas, manifestações divinatórias<sup>106</sup>. A partilha é o banquete filosófico: se duas pessoas dialogam embaixo de uma árvore, essa presença vegetal se torna parte da filosofia, cenário que compõe o encontro para a expressão das ideias.

O homem que plantava árvores devia conversar com as árvores, ou ao menos, pedir “licença” para adentrar na floresta ou cavar a terra. A totalidade do outro mostra a minha não-totalidade, o que falta, o que preciso alcançar, é uma ponte que atravesso para chegar mais forte do outro lado.

A vida adulta tem fases como a de experimentar o mundo, de estudar, de conhecer muitas pessoas, de trabalhar, de viajar - é a fase *verão*. A fase de desapego, de deixar pra trás algumas hereditariedades que persistem e que não servem mais, alguns jeitos e comportamentos parecidos com pai e mãe, com a educação que foi dada, é a fase *outono*.

A fase de assentamento do que se conquistou, de refletir sobre o caminho escolhido, de poupar, de planejar, é a fase *inverno*. A fase de mudança, de tomada de iniciativa, de

---

<sup>105</sup> (Barbosa, 2022)

<sup>106</sup> (Guimarães, H. G., 2023)

realizar através da consciência o chamado que é próprio de cada um, o que veio aqui fazer, o propósito, a missão de vida, ter as rédeas do próprio destino, adentrar no oceano da vida, pensar grande, compartilhando ensinamentos, é a fase *primavera*. Podemos sempre recomeçar, aprender novidades, resgatar da infância os gostos, vocações e sonhos escondidos ou deixados de lado.

## 2.6 A LUZ, A SOMBRA

A sombra de uma árvore é um destino desejado por animais e humanos. A lebre, da fábula de Esopo, tira uma soneca na sombra de uma árvore e a tartaruga acaba por ultrapassá-la na corrida; a sombra de uma árvore representa uma pausa, um refazimento das energias, “sombra e água fresca”.

A sombra é importante na floresta, pois a incidência de sol diretamente o tempo todo acaba por fazer secar e evaporar rapidamente a água. "A maior parte da floresta é ainda mais escura, porque apenas 3% da luz do sol penetra a folhagem. Para as plantas sob as árvores, é um breu. Talvez você não tenha essa impressão enquanto caminha pela mata, mas isso acontece por causa do verde da floresta." (Wohlleben, 2022, p. 54)

A luz física, bem como a luz metafísica nos inspira a vivermos e a transformarmos nossos medos, padrões, nosso ego, afinal, a luz ilumina o que está escuro, nebuloso, traz clareza, abertura e renovação.

Olhar de perto a sombra é olhar o dragão de frente, é aquele momento no conto de fadas que a criança ou o adulto encara de frente um medo, um obstáculo, e consegue ter forças para superar os desafios, como Sidarta Gautama, o Buda, que se iluminou embaixo de uma árvore, e que precisou trabalhar suas sombras, fazendo um mergulho profundo em seu ser e no sofrimento da humanidade.

No filme “Dias perfeitos”, de Win Wenders, um limpador de banheiros de Tóquio vive sua vida tendo quase a mesma rotina todos os dias. O hábito se tornara grandioso, suficiente por si só. Sentava todos os dias na hora do almoço em um banco de parque para almoçar e depois retirava do bolso uma máquina fotográfica analógica, tirando fotografia de uma árvore à sua frente. O interessante é que quando ficava pronta a revelação - em preto-e-branco - guardava na pasta daquele dia (havia muitas pastas, como um diário).

Também recolhia uma mudinha que nascia espontaneamente no pé de uma árvore e levava o broto para cuidar em casa. Ao fim do dia, antes de adormecer, lia um trecho do livro

“Árvore” da escritora japonesa Aya Koda. Há um momento interessante, onde o ator principal e um outro brincam de um pega-pega em que a sombra projetada no chão, de um, precisa pegar a do outro.

Nossos olhos enxergam por causa da luz e teimamos em não querer ver o que está acontecendo mundo lá fora em relação ao meio ambiente. Como no Mito da Caverna de Platão, precisamos encontrar uma saída e começar a ver o reino vegetal: “Cegueira botânica” é uma expressão referente à invisibilidade das plantas por parte sobretudo dos habitantes das cidades, pessoas em geral incapazes de reconhecer e nomear as árvores e os arbustos dos espaços urbanos e rurais.”(Nascimento, 2021, p. 63). A tentativa de aproximar a natureza de nossa face é válida para retirar o véu que nos cobre os olhos, e podemos pedir auxílio à Ísis, a deusa da vegetação.

Uma porção esquecida de nosso ser, o inconsciente, revela nossa sombra, guardando essa parte nossa que ainda não levamos à luz, sendo assim, o autoconhecimento é a chave para acessar esses porões e abrir o cadeado de nossos traumas, angústias e sofrimentos. É adentrar na floresta escura, no deserto, carregando consigo a esperança, a vontade e a luz do coração.

A floresta densa de difícil acesso é o símbolo de nosso inconsciente, onde o mínimo movimento inesperado ou barulho repentino nos causa tensão e, voltar ao corpo, à respiração, à confiança do passo, nos mostra a clareza de que pode ter sido: um fruto que caiu no chão; uma memória da infância; o som do vento agitando as folhas da árvore; uma fala própria que foi interpretada inadequadamente por outrem em algum momento de nossa história.

E todo esse cenário pode ter acontecido em um sonho, basta acordarmos para perceber que estávamos sonhando. O despertar significa também ir da sombra para a luz. Para Carl Gustav Jung, herdamos o inconsciente coletivo, ideias de repressão, de medo, e essa herança desemboca no inconsciente individual.

Todos nós trazemos em nossas entranhas essa parte obscura, um segredo que teima em se revelar. E quanto mais tentamos mantê-lo preso, acorrentado em nosso ‘porão’, mais ele grita e se denuncia, mais ganha autonomia e nos subjuga, escapando ao nosso pretense controle. Este é um segredo revelado, da humanidade - e que se revela a todo instante, bastando um breve olhar para que se o perceba. São nossas inabilidades, nosso egoísmo, invejas, incapacidades, tudo o que rejeitamos profundamente em nós e que, mesmo assim, temos de reconhecer fazer parte de nossa natureza. (Loureiro, 2005, p. 21)

A árvore além do símbolo da vida, do conhecimento, pode ser também percebida como símbolo da transformação da luz, que transforma seus processos de morte, de gás

carbônico, em processos de vida, de oxigênio, utilizando-se da luz, pois sua busca é para crescer em direção à claridade, metáfora para a vida humana.

## 2.7 TER E SER

Adquirimos uma sabedoria na fase adulta que é proveniente de mais anos vividos, mais experiências, mais relações, também pela repetição de nossas atividades como, por exemplo, uma profissão. Um violinista que estuda horas todos os dias, em algum momento chegará ao domínio do instrumento, caso persista.

Grande parte do mundo adulto visualiza o futuro, a aposentadoria, um plano de saúde, a aquisição de algum bem e, paralelamente, também percebe, por exemplo, o valor de ficar em casa, cuidar do jardim, arrumar uma gaveta, brincar com um filho. E esta balança entre o ter e o ser constitui muitas crises para o ser humano: sigo o que o mundo pede, ganhar dinheiro, status, poder, ou sigo o coração, desacelerando, em compasso orgânico, buscando o essencial, o que está vivendo interiormente? Como equilibrar, como conciliar?

O ser com árvore é ser a partir da sabedoria da natureza e em contato com ela, um buscador do próprio sustento. Há o galho da saúde, o galho da família, o galho da atividade física, o galho das finanças, o galho da paz interior, são muitos galhos na árvore da nossa vida. Cuidar de si é condição básica para viver. Dar conta de si primeiramente, pois como amar sem ter amor?

A biografia humana, observada de um primeiro ponto de vista mais genérico, pode ser dividida em duas partes: a primeira, do nascimento até em torno dos 35 anos, na qual o ser humano vivencia forças da vitalidade em crescimento; e a segunda, a partir dos 35 até a morte, na qual é vivenciado o declínio dessas forças. Podemos chamar essa primeira fase dos mistérios do Ter, e a segunda, de os mistérios do Ser. (Almeida, 2016, p. 10)

Como florir sem ter raiz? Como erguer uma casa sem fundação? Cada fase da vida apresenta seu sabor, sua surpresa e desafio. Ser sem ter o suficiente é privação, ser com o suficiente é um caminho coerente, ser com mais que o suficiente é exagero. O abacateiro não dará mais do que pode, nem menos.

O equilíbrio é uma questão central na pauta da agenda ambiental de todo o planeta, e quem ensina é a floresta, ela é a mestra do equilíbrio. A homeostasia, o equilíbrio traz consigo uma vitalidade, uma inteligência de auto-funcionamento, de ciclos de energia, onde tudo se transforma, e o que já passou, já está incorporado ao seguinte. Os mistérios do ser a partir dos

35 anos revela novas qualidades, mais sensitivas, como se tivéssemos um sexto sentido ou terceiro olho. A partir de 35 anos temos mais bagagem e podemos enxergar mais à frente, do alto da montanha. Não é por acaso que o presidente do Brasil só o pode ser a partir dos 35 anos e na antiga Grécia um cidadão estava mais maduro para dar uma opinião sobre algo só a partir dessa idade.

## 2.8 SENTIR

As árvores não só pensam, mas sentem. O sentir é um pensar com o coração<sup>107</sup>? O sentir de uma árvore é a própria comunicação, é o próprio relacionar-se, é estar inserida em uma floresta. A sensibilidade das árvores permite uma adaptabilidade conforme o meio externo se modifica, através das estações, da mudanças de clima, sendo assim, elas pensam a partir do que sentem.

A atribuição de uma sensibilidade dos vegetais não é, porém, tão “simbólica” como se poderia pensar na primeira leitura. As pesquisas atuais acerca da biologia das plantas questionam muitos de nossos preconceitos sobre o mundo vegetal, borrando cada vez mais a fronteira da vida entre plantas e animais. Várias descobertas recentes sobre a sensório-motricidade e o tratamento da informação entre os vegetais inauguraram assim um novo campo de investigação científica: a neurobiologia vegetal. (Albert; Kopenawa, 2023, p. 150)

No livro de Jean Giono, um amigo do caminhante, que era capitão florestal, disse que Elzéard Bouffier sabia mais que todo mundo e, sensivelmente percebeu, que aquele homem encontrara uma maneira de ser feliz. Plantar árvores, cuidar, ver o crescimento do mundo vegetal é acompanhar o próprio caminho, amadurecendo com o passar dos anos. A sabedoria que adquirira não é exclusiva sua, mas sim, como as árvores, da relação, do encontro, da entrega, de ser no momento presente.

Sabedoria esta que quem dá é a natureza, dando a oportunidade de intuirmos. A imaginação, a inspiração e a intuição são três princípios de autodesenvolvimento do ser humano. Imaginemos uma árvore, como são suas raízes, seu tronco, sua copa, o tamanho dela, onde se encontra, o que há ao redor.

Agora inspiremos o que ela traz de mensagem, de simbologia, de arquétipo, como por exemplo, a resiliência em cada estação, o crescimento, o florescimento, a transformação. Por fim, vamos intuir o quê fazer com essas imagens (visões) e com essas inspirações (escutas),

---

<sup>107</sup> Segundo a Antroposofia, chegará o tempo na evolução do ser humano que nosso coração será um órgão de percepção, ou seja, assim como nosso olho percebe a luz, o nariz sente os perfumes, nosso coração será um órgão que pensará, assim como hoje nosso cérebro o faz.

por conseguinte podemos agir, tomar decisões, escolher caminhos unidos à natureza. Os povos originários exercitam esses três princípios basilares, como se o olho, o ouvido e a fala (enquanto palavra que constrói o mundo) fosse um prolongamento da natureza, e dessa forma, comunicam também o que recebem do reino vegetal.

A comunicação vegetal é a prova indubitável de que as plantas não somente pensam, mas também sentem, ainda que não da maneira intencional como pensamos e agimos, ou antes, como “pensamos” que pensamos e agimos. Elas se deslocam sempre mais além de nosso imaginário simbólico, que deseja fixá-las num só lugar, silenciosas, quase mortas, a despeito da vivacidade de seus tons de verde. (Nascimento, 2021, p. 22)

As árvores sempre nos acompanham onde quer que estejamos, seja numa paisagem que vemos, dormindo sob um teto de madeira, comendo uma fruta, além de propiciarem o oxigênio que adentra nossos pulmões. Aonde quer que nos desloquemos, não só simbolicamente as árvores estão conosco, mas influenciam diretamente nossas vidas. Somos também parecidos com as árvores, e assim, como ela também sente, podemos manter uma relação de parceria, de amizade.

## 2.9 FRACTAIS, ARQUITETURA, CIDADE IDEAL

A ciência se baseia nas formas e no funcionamento da natureza, em que a escala e a proporção são geometricamente perfeitas e seguem um padrão. Seja na concha encontrada na areia da praia ou nos filamentos de uma folha de um coqueiro, há uma razão de comprimento, largura e volume. O ser humano se espanta tamanha a harmonia e estética, da mesma maneira que os fractais demonstram uma simetria que invoca uma lei geral do mundo natural.

Há uma arquitetura natural das florestas, onde parece que cada árvore está colocada no local exato onde deve estar para que tudo funcione com abundância e vigor. É como se houvesse uma “Arquiteta” que ordena cada planta, cada árvore, os processos, onde o Sol precisa mais incidir.

E no indivíduo também há sua própria organização, seu padrão, pois em algumas espécies do reino vegetal, umas vão até um limite de crescimento, enquanto outras, de um galho nasce outro, e assim sucessivamente, tendo um “modelo arquitetônico”<sup>108</sup>, no qual o design orgânico está a serviço da máxima eficácia natural e do pertencimento a algo maior, a uma ideia de cooperação, de saber que seu papel é fundamental: uma samambaia precisa de

---

<sup>108</sup> (Coccia; Hallé, 2019)

uma mangueira e vice-versa; também podemos colocar assim: uma mangueira já foi uma samambaia. A evolução da planta que não dá fruto é um dia poder dar fruto. Goethe além de escritor foi um grande observador da natureza<sup>109</sup> e percebeu os ideais, as leis por detrás dos fenômenos de desenvolvimento das plantas.

Em suas análises intelectuais e intuitivas, foi atrás de um princípio gerador, ancestral, de uma planta primordial, um arquétipo constitutivo presente na metamorfose das plantas<sup>110</sup>. Não é princípio estático, mas um princípio em movimento, um arquétipo vivo e fundante da experiência de vida de uma planta.

A contemplação da natureza, sem interferir, é uma etapa primária e necessária para qualquer mudança de paradigma da atividade humana. O ser humano é um eterno imitador da natureza, seja para fazer obras de arte, seja para construir uma casa, pois ao observar os padrões da natureza, percebe uma matemática oculta. A natureza é a união da matemática com a estética.

Buscou-se em determinado momento da Idade Média, com o aumento populacional das regiões urbanas, o desenvolvimento de uma cidade ideal<sup>111</sup>. Curiosamente, os pensamentos que povoavam os arquitetos<sup>112</sup> dessa época, não concebiam que a natureza, as árvores, pudessem estar nas cidades, portanto, só haveria espaço para construções feitas pelo humano, como casas, estradas, muros, pontes e postes.

Buscava-se uma perfeita simetria, porém, sem árvores. Abaixo trago dois exemplos destas cidades, como o projeto da cidade de Palmanova e uma pintura de uma cidade ideal. Na primeira figura, pouquíssimas árvores dentro de alguns muros e na praça mais abaixo, a ausência de árvores.

---

<sup>109</sup> Observar é estar presente, é se relacionar: “O papel do sujeito pesquisador na fenomenologia da natureza de Goethe é dialogar com o sujeito natureza, para compreendê-lo segundo sua própria linguagem. Assim, não há uma invasão, uma coerção ou silenciamento forçado sobre o sujeito pesquisado. O método dialógico não tortura a natureza para entendê-la, porque este ato a silencia. A fenomenologia da natureza de Goethe é um processo de ausculta, um processo em que o sujeito pesquisador cria as condições adequadas para perceber a expressão da natureza, o sujeito pesquisado. A linguagem do pesquisador é uma linguagem criada em concomitância dialógica com a natureza.” (Bach, 2019, p. 151-152)

<sup>110</sup> (Brito, 2020). O conceito “metamorfose” é fundamental na teoria de Goethe. Metamorfose revela qualidade de expansão e contração, variando de intensidade para cada espécie de planta, por exemplo. (Bach, 2019, p. 65). Expansão e contração encontramos em nosso sistema rítmico: quando o pulmão se enche e se esvazia, da mesma forma o coração.

<sup>111</sup> (Mancuso, 2021)

<sup>112</sup> Leon Battista Alberti (1404–1472) foi um dos idealistas desta busca de uma arquitetura moderna para a época.



Figura 14 - Cidade de Palmanova



Figura 15 - Cidade ideal<sup>113</sup>

Cada vez mais nas sociedades atuais, há uma busca por cidades verdes, que deveriam ser as ideais. O concreto que é base destas cidades ideais desde a Idade Média, é a grande floresta cosmopolita, ou seja, há um culto ao cimento. O reflorestamento, o regresso das plantas e das árvores nas paisagens urbanas é condição obrigatória para uma mudança de paradigma, onde a natureza ocupe lugar de destaque nas cidades.

Sendo assim, seria inconcebível projetos de desmatamento de áreas de reservas ambientais para construção de usinas, lojas, edifícios e condomínios. O programa global da FAO-ONU reconhece as cidades mais arborizadas do mundo<sup>114</sup>, que para serem reconhecidas precisam cumprir algumas etapas, como um estatuto de responsabilização do cuidado das

<sup>113</sup> De Fra Carnevale. (Cidade ideal, 2024)

<sup>114</sup> (Tree cities of the world, s.d.)

árvores, alocação de recursos, plantio, cuidado e celebração dos resultados. O Brasil tem 34 cidades premiadas e a capital Goiânia está entre as agraciadas, tendo o plantio de mais de 97 mil árvores. Também podemos conceber nossa vida como um grande projeto de engenharia e de arquitetura que considera as plantas, as árvores.

Especificamente na fase adulta, a escolha do terreno é onde iremos morar, em qual trabalho dedicaremos nossa energia, como cuidaremos de nosso tempo; a construção da fundação e dos pilares que sustentarão toda a casa serão os valores, virtudes e qualidades que estarão em nossas escolhas, e também, se buscaremos pelo duradouro que possa ser colhido na velhice ou se escolheremos pelo momentâneo e imediato, sem repercussão futura. E na casa montada, qual aposento nos agrada mais?

Somos mais da cozinha, do preparo, da transformação, como Elzéard que se ocupava de processos mais lentos, como a fermentação natural de um pão, ou da sala e do escritório, com conversas, diálogos, planejamento, estudo, como o peregrino? Somos em certa medida, ambos, arquitetos-moradores, narradores-plantadores, Eu-Tu: "[...] o ser humano pode tomar sua biografia nas mãos através de suas próprias ações. Inconsciente ou conscientemente, ele pode ser o arquiteto de seu próprio destino." (Lievegoed, 1984, p.151).

Dentre as árvores que foram plantadas na época da Revolução Francesa como símbolo de união entre as pessoas, havia o choupo, que vem do latim *populus*, que quer dizer “gente”. É justamente na percepção de, primeiramente, nos vemos como povo atrelado ao país que nascemos e, posteriormente, como um único povo habitante da Terra, que podemos ter consciência da Fraternidade.

Em uma escala atual e global, o “efeito borboleta” é sentido, onde uma guerra ou uma calamidade pública afeta o mundo todo, contudo, não só apenas os problemas, mas as soluções também trazem benefícios para o todo.

Populações da Amazônia foram capazes de alterar o cenário geográfico há mais de 10 mil anos, ao plantarem abóbora, milho e mandioca, sendo responsáveis por criarem 4700 ilhas florestais<sup>115</sup>. Bouffier plantava sua árvore como indivíduo mas sua ação reverberou pelos vizinhos, pela cidade, pelo país (A árvore “chama” a água e esta segue seu curso, podendo passar por outras vilas, municípios, até chegar ao oceano).

Era então um cidadão do mundo, atuando localmente, no que era possível fazer com o que possuía. Mudando a paisagem, a geografia, muda-se o olhar. Plantar é uma ação para o coletivo, para o povo, pois para aquele camponês da história de Giono plantar tornou-se parte

---

<sup>115</sup> (Lombardo *et al.*, 2020)

integrante de sua identidade e as árvores voltaram a fazer parte da identidade de uma comunidade.

## 2.10 SAMAÚMA

A samaúma é considerada uma mãe da floresta. Ela é como uma torre que a tudo observa na amplidão vegetal com seus mais de 50 metros de altura. Considerada pelos povos originários como a árvore da vida, ou como uma biblioteca, é uma guardiã da sabedoria ancestral, contendo informações e conhecimentos dos diálogos vegetais produzidos na floresta.

Suas raízes emitem sons (estudos têm sido feitos nesse sentido, denominando uma área chamada de fitosemiótica<sup>116</sup>), são violas, caixas acústicas, instrumentos sonoros que reverberam quando se dão batidas em seu tronco.

Sendo assim, a samaúma pode ser considerada uma orquestra vegetal, que se comunica através do som que é expressado.<sup>117</sup> Assim como na história de Giono, podemos dizer que ela é uma guarda florestal, uma observadora sempre atenta.

Ela também é considerada como um telefone, representando um canal de comunicação entre as árvores e também entre a floresta e comunidades locais (em 2020, ocorreu o “Chamado das samaúmas”, com o objetivo de proteger a Amazônia). Através de sua arte (figura 16), Abel Rodríguez, nascido na Amazônia colombiana, retrata bem a diversidade e o ambiente de integração e cooperação das árvores com outras formas de vida, traduzindo o espírito da floresta.



Figura 16 - *Terraza Alta II*<sup>118</sup>

---

<sup>116</sup> (Lins; Neto, 2022)

<sup>117</sup> (Didonet; Araujo, 2024)

<sup>118</sup> (Rodríguez, 2018)

## 2.11 CAPITALISMO

Três guardas florestais começaram a proteger a região por causa dos lenhadores e também da necessidade de se ter carvão para auxiliar os carros da época. A civilização avançava no contexto da época de Bouffier. As árvores começaram a ter valor de troca, de moeda, era um novo combustível para a necessidade de uma vida mais ágil, onde o capital se tornara a busca das cidades grandes.

Em 1936, Charles Chaplin trazia ao mundo “Tempos Modernos” em que mostra o mundo novo e ilusório que surgia, onde as pessoas eram vistas como ferramentas para a produção, para o acúmulo de riquezas, para a mais-valia. O capitalismo é uma sociedade sem mãe, só tem pai, patriarcado renovado com capital. Os filhos não eram mais das mães, mas sim dos patrões, dos empregos e das indústrias.

Nem tinham mais tanto os pais, pois estes precisariam trabalhar em jornadas que começavam a ficar cada vez mais longas. O capitalismo tira o ser humano da terra, de seu local de origem, e o manda para trabalhar longe, para pegar várias conduções para chegar ao trabalho.

O modo de vida capitalista traz o princípio da produção em massa, exemplificado na agricultura como a monocultura, no extermínio da diversidade do solo, onde em milhares de hectares apenas soja ou milho transgênicos imperam. Agrotóxicos unidos à imensa quantidade de água retirada do solo por pivôs subtraem sem cessar os recursos hídricos dos lençóis freáticos.

O alimentar desenfreado que é o oposto de acabar com a fome do planeta (já que há comida suficiente para todos, sendo o ponto central, a falta de distribuição) é produto do capitalismo. Em outras palavras, a gula é o que leva também à monocultura. Os consumidores querem experimentar uma iguaria do Japão ou dos Andes sem se importar quanto custe não só de dinheiro mas de energia e recursos da Terra.

## 2.12 SABERES, AUTOESTIMA, SUPERAÇÃO

A última vez que o caminhante viu Elzéard Bouffier foi em junho de 1945, ele com 87 anos. Em 1913, havia apenas três habitantes naquela região esquecida, porém com o trabalho silencioso e disciplinado do homem que plantava árvores, tudo se transformou: agora eram dez mil pessoas que viviam ali e suas vidas cercadas de árvores, na felicidade que brota em meio à natureza, o real novo mundo por causa daquele homem.

Como se mede a cultura de um povo, a cultura de um indivíduo? Como mensurar a inteligência de um camponês que plantou uma floresta? Gosto muito da história de Paulo Freire e de seus estudantes adultos que estavam sendo alfabetizados. Certa vez, Paulo Freire fez uma prova para eles e pediu também que estes fizessem uma prova para ele responder, sobre os conhecimentos que tinham.

Resultado das provas: os estudantes não conseguiram responder as questões, nem o professor Paulo Freire! Isto quer dizer que há o saber acadêmico, científico, e há o saber da vida, da experiência, o saber da terra.

Existe o conhecimento de como se resolve uma operação básica de matemática e há o conhecimento de como se planta mandioca. A busca deve ser pela integração dos conhecimentos, que tudo vem de uma fonte comum, que é a própria vida.

Os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos), por exemplo, trazem uma bagagem de vida enorme, de muita experiência, tendo às vezes nascido em uma família de mais de 10 irmãos e largado os estudos cedo para ajudar em casa, criando filhos, trabalhando, ganhando pouco dinheiro e resolvido voltar a estudar. Muitos desses estudantes trabalham na roça, têm conhecimento e prática de roça, de enxada, de receitas caseiras para enfermidades, pois estão em contato direto com a natureza, com as árvores, sabem o tempo de cada fruta. A sabedoria presente nos que lavram a terra é grande, pois há uma intimidade. O que lhes falta muitas vezes é a autoestima, é acreditar que podem, que conseguem melhorar de vida. Aprendem com a terra, assim como Elzéard Bouffier, que encontrou um sentido de vida ao plantar.

Sendo íntimo, percebem a interligação, percebem que para cuidar da terra é preciso respeitar os ritmos cósmicos, os astros, o sol, a lua, as constelações, pois percebem que uma semente terá mais vitalidade se plantada em determinada época do ano. O resgate desta união, desta cura para a terra, pede também um olhar para o céu, para as estrelas, em um estudo que promova a vida no solo com fertilidade.

Recuperar o olhar e a vivência dos antepassados para com a terra é uma tarefa que vem ganhando mais força nos tempos atuais. Considerar um tempo menos acelerado é prerrogativa para uma agricultura regenerativa. Thoreau nos lembra da dimensão sagrada da agricultura, uma dimensão também, celebrativa:

A poesia e a mitologia da antiguidade sugerem, quando menos, que a agricultura foi outrora uma arte sagrada; mas nós a praticamos com desmazelo e uma pressa pouco respeitosa, pois nosso objetivo é apenas ter grandes sítios e grandes safras. Não temos nenhuma festa, nenhuma procissão, nenhuma cerimônia, sem excetuar nossas Exposições de Gado e as chamadas Festas de Ação de Graças, em que o agricultor

expresse a percepção do caráter sagrado de sua atividade ou lhe sejam lembradas suas origens sagradas. O que o atrai é o prêmio e a comilança. (Thoreau, p. 161, 2012)

A agricultura biodinâmica realiza estes estudos e práticas ao, por exemplo, perceber que não é adequado plantar em período de eclipse<sup>119</sup>. Aplicam substâncias naturais na terra, como o esterco de vaca ou pó de quartzo, os quais por seis meses ficam enterrados em um chifre e depois dinamizados em água e espalhados na terra (esterco), ajudando as mudas a se enraizarem melhor, ou nas folhas (quartzo) das árvores, ajudando na captação da energia solar. Rudolf Steiner nos traz um “ABC” do crescimento vegetal:

[...] o que é cósmico numa planta, e o que nela é terrestre, terreno? Como fazer com que o solo, por sua natureza peculiar, se incline a tornar o cósmico, digamos, mais denso, e com isto mantê-lo mais na raiz e na folha? Ou como torná-lo mais refinado, para nesta forma ser aspirado para o alto até às flores, colorindo-as, ou até à formação do fruto, impregnando-o de um delicado sabor? Pois ao se obterem damascos ou ameixas de sabor delicado, este delicado sabor, assim como a cor das flores, consiste no elemento cósmico elevado para dentro da fruta. Na maçã se come efetivamente Júpiter, na ameixa se come realmente Saturno. (Steiner, 1993, p. 56)

O povo brasileiro (e claro, todas as outras nacionalidades com seus biomas) tem em seu “DNA” uma relação íntima com a terra, com a floresta. Aqui mora a floresta amazônica, com o verde que ocupa a maior parte de nossa bandeira. A superação é uma palavra grandiosa para as árvores e para o ser humano, como o plantador de árvores Elzéard Bouffier.

Quando considero que um único homem, reduzido a seus meros recursos físicos e morais, foi capaz de transformar um deserto em uma terra de Canaã, penso que, apesar de tudo, a condição humana é admirável. Mas quando faço a conta de quanta constância na grandeza de alma e de persistência na generosidade foram necessárias para obter esse resultado, sou tomado de um imenso respeito por aquele velho camponês sem cultura que soube levar a cabo essa obra digna de Deus. (Giono, 2018, p. 37)

Quantas florestas já não foram perdidas, incendiadas, e voltaram a se recuperar? Quantos seres humanos já não voltaram mais fortes e esperançosos após uma doença ou a perda de um parente próximo? Elzéard Bouffier morreu em paz em 1947. Um camponês sem cultura transformou a paisagem com a persistência de suas mãos. Cultura letrada ele não podia ter, mas realmente a verdadeira cultura é aquela que se alia aos sábios ensinamentos da natureza, fazendo desta sua mestra e sendo dela, aprendiz e praticante de revoluções.

---

<sup>119</sup> O calendário biodinâmico, idealizado pela agricultora Maria Thun, fornece o planejamento do melhor momento para se plantar e para se colher, a depender das influências dos astros celestes.

## 2.13 PAI, MÃE, REGRAS, FAZER TUA PARTE, GUERRA E PAZ, EXEMPLOS

Na fase adulta é o momento de olharmos para trás e vermos que não somos mais crianças. Não sabemos na totalidade por todas as dificuldades que nossos pais passaram, por tudo que fizeram para nos educar, alimentar, criar. Enquanto adultos, cedo ou tarde, haverá o momento de termos gratidão por quem nos deu a vida. Alguns têm a oportunidade de visitar a casa ou o apartamento onde passaram a infância, e se antes parecia uma imensidão, agora já crescidos, vemos como era pequeno nosso quarto.

Devemos aceitar como foi nosso passado<sup>120</sup>, agradecer aos nossos pais pelo que puderam fazer, e depende de cada um transformar os traumas, as dificuldades passadas em novas melodias, novas paisagens, e que possamos passar adiante, o amor, a paz e a vontade de superar os desafios. Da mesma maneira, uma árvore-mãe envia suas sementes para o mundo.

Quando se cuida de uma muda de árvore, também nos tornamos partícipes de seu crescimento e desta forma uma árvore se torna nossa filha (A indiana Saalumarada Thimmakka, considerada a “mãe das árvores”, hoje em dia com mais de 112 anos, não podendo ter filhos com seu esposo, plantou mais de 8 mil árvores em sua vida<sup>121</sup>). Dedicou seu amor às árvores.

Os pais precisam colocar limites, as regras são necessárias e devem ser claras e acordadas, são as balizas para um viver mais harmonizado. A natureza tem suas regras, cada parte da floresta sabe de seu papel, de seu espaço e do outro. A escrita é uma oportunidade de dar vida sobre nossos sentimentos sobre a natureza e sobre as árvores, é uma forma de fazermos o caminho pensamento-papel-encontro com uma árvore.

A árvore decodifica luz em seiva, e codifica seiva em fruto. Os humanos precisam passar por uma nova alfabetização, para uma nova leitura e escrita que contenha a natureza em sua voz e letra, e assim também canção, constituindo uma ação, nação.

Imagino as plantas como zelosos pais que, depois de terem nos possibilitado viver, e tendo percebido nossa incapacidade de nos desenvolvermos autonomamente, vêm de novo em nosso auxílio, oferecendo-nos as regras – verdadeira Constituição – que devem ser seguidas como um manual de sobrevivência da espécie. (Mancuso, 2024, p. 7)

Apesar de toda destruição que o Antropoceno causou e causa no meio ambiente, se imaginássemos agora sendo como uma árvore, não ficaríamos felizes em avistar um ser

<sup>120</sup> O livro *Onde estão as moedas?*, de Joan Garriga Bacardí, trata sobre a aceitação do que os nossos pais nos deram.

<sup>121</sup> (Srinivasacharlu, 2018)

humano plantando uma muda ou hortaliças, uma criança brincando, um indígena dançando? Esta aqui é a casa de todos, minerais, vegetais, animais e seres humanos. Temos a chance de viver melhor, de evoluirmos, nos foi dada esta chance.

A arte imita a vida: o pai de Jean Giono era um sapateiro pobre que gostava de plantar árvores. O sapato como símbolo do caminhar, como o camponês que caminhava 12 km para plantar. O pisante, como alguns chamam, traz o simbolismo do caminho. Quantas crianças no Brasil não têm o que comer e o que calçar. Há um conto dos irmãos Grimm chamado *O sapateiro e os duendes*, no qual o homem estava sem dinheiro e toda noite os duendes apareciam sem que ninguém os vissem para ajudá-lo com os sapatos.

Até que um dia o sapateiro e sua esposa descobrem quem estava ajudando. Resolvem então ajudar os duendes e costuram roupinhas para eles, já que não as tinham. Recordo-me também do fim do filme “José e Pilar”, onde José Saramago traz a história de um elefante, que depois de caminhar milhares de quilômetros, o destino de sua pata por causa da crueldade humana, foi o de virar um porta guarda-chuva (Saramago traz a reflexão de que o que vale é caminhar, é o caminho, o percurso da viagem).

A infância de Giono foi marcada pelas atitudes de plantar de seu pai sapateiro, acompanhando-o alegremente em suas andanças, para o plantio de bolotas de carvalho, mesmo sem terem nenhum tostão, nem terra:

Era uma alegria sem igual: alegria de fazer, alegria de imaginar o que a natureza faria desses gestos tão simples. Enquanto tratávamos desses novos plantios, visitávamos também os dos anos precedentes. Nessas condições, uma em cada dez bolotas dá origem a um carvalho; é uma boa proporção. Como exultávamos quando encontrávamos uma planta bem robusta! De quantos cuidados nós a cercávamos - grades para protegê-la dos coelhos e das cabras, ou senão pequenos goles d'água, que levávamos numa garrafa, durante a estação seca! (Giono, 2018, p. 51)

Uma árvore adulta já consegue ver do alto, a vida, tem outras perspectivas dos fatos, mobiliza recursos para superar tempestades e alterações do entorno. A vida adulta também busca este olhar de cima, de samaúma, do alto da montanha, um olhar de águia, onde se torna observador, vendo que há uma impermanência na vida, que tudo muda o tempo todo, que o tempo passa.

O primeiro nome do plantador, Elzéard, vem do hebreu e quer dizer “A ajuda de Deus” e o segundo nome, “Bouffier”, quer dizer “assoprar”, como o vento<sup>122</sup>. A ajuda de um ser onipotente e onisciente mas que está dentro de cada coração, pode ser uma das incontáveis definições de Deus, e no caso aqui, a natureza também pode ser vista como um Deus ou uma

---

<sup>122</sup> (Besson, 2022)

Deusa, sendo assim, Elzéard é o ajudante de algo maior, de um ser Floresta, da grande Vida. E seu sobrenome é o assoprar, como o vento que se muito forte desfolha, mas se na força adequada leva as sementes para longe, carrega o exemplo para outros corações.

Como a história do beija-flor na floresta em chamas, o qual pega um pouquinho de água no rio e leva para apagar o incêndio, e faz isso repetidas vezes, até que o tatu o interrompe e diz que desta forma não irá apagar todo o incêndio. O beija-flor diz que está fazendo sua parte. Esta história em sua versão primeira<sup>123</sup> conta que o pequeno pássaro bem zangado vai até os pelicanos (que são os que podem organizar maior quantidade de água) e coletivamente vão apagar o incêndio.

A junção do beija-flor, que individualmente faz sua parte, com a cooperação do pássaro junto aos pelicanos, traz uma ideia de colaboração ampla, pois ao mesmo tempo que é preciso um Bouffier - um beija-flor sozinho -, é também necessária uma organização de pessoas, da sociedade civil, das nações, para plantar, para frear o avanço das mudanças climáticas. O verde poder então voltar a reinar, cor da esperança<sup>124</sup>.

O livro de Giono atravessa duas guerras mundiais, e com toda a barbárie, o poderio, a destruição, o escritor nos traz um ponto de partida para o recomeço, de um oásis que começa a nascer em meio a um deserto, que volta a chover maná.

A terra de Canaã é promissora, é farta, abundante, quando o ser humano, como Bouffier, a partir de sua inteligência se une à inteligência de Gaia. Como Wangari Maathai, agraciada com o prêmio Nobel da paz, que conduziu pessoas a plantarem milhões de árvores no Quênia, criando o Green Belt Movement (GBM), mostrando a importância da natureza e do plantio das árvores como formas de plantar a paz e a esperança.

O livro de Giono em 2005, foi prefaciado por Maathai e assim enriqueceu o diálogo entre literatura e plantas com suas considerações, afirmando que Giono sabia o que estava fazendo, que entendia que a mensagem do livro extrapola o mérito acadêmico ou a crítica literária. O livro *O homem que plantava árvores* fala do planeta Terra, de um recomeço. Ganhadora do Nobel, Maathai traz uma bela metáfora onde as 3 pernas do tradicional banquinho africano representam os 3 pilares tecidos juntos na busca de uma nova consciência: meio ambiente, democracia e paz.

---

<sup>123</sup> *idem*.

<sup>124</sup> Certa vez o poeta amazonense Thiago de Mello estava em um barco, tudo ao redor estava escuro - não via sequer a palma de sua mão à sua frente - e de repente escutou um canto vindo do indígena que pilotava a embarcação. Necessários são os cantos de esperança, as escritas de esperança, assim como o título do livro do poeta: *Faz escuro mas eu canto*.

Ele [Elzéard Bouffier] acordou e foi caminhar. Seu simples gesto de face a face com a terra, de face a face entre um homem solitário e uma terra perdida no início da história, é ao mesmo tempo um gesto de cura para si mesmo, para a terra e um presente para futuras gerações.” (Besson, 2023, p. 18, tradução nossa)

O filme<sup>125</sup> de 30 minutos de 1987 de *O homem que plantava árvores* (ganhador do Oscar de 1988 de melhor curta de animação) mostra em imagens a transformação da terra. Antes acinzentada, desértica. Quando começa a surgir o verde, o azul aparece, com a água também voltando a aparecer (o verde é a junção do amarelo com o azul, é a união do sol com a água). Frédéric Back, que fez o filme, plantou quase três mil árvores a partir da inspiração da obra de Giono. As árvores nos levam ao pensamento de abundância, ao pensamento de vitalidade e continuidade da vida, pois as árvores acolhem os humanos e os ajudam a viverem melhor.

O retorno da vida selvagem é também uma das consequências naturais do reflorestamento. O retorno de espécies de animais, de plantas e o retorno da água, trazem o reequilíbrio para o sistema. A floresta tem seus mistérios e sua inteligência, pois onde estavam estes animais e plantas? Como em um passe de mágica e encantamento, a vida retorna, surgida de onde não se sabe, como se estivesse invisível à espera de condições necessárias.

Crianças indígenas que se perderam nas mata e que foram protegidas por “seres da floresta”, sendo posteriormente encontradas sãs e salvas; o trabalho do suíço Ernst Götsch<sup>126</sup>, que através de sua atividade em sua terra na Bahia, que antes era quase desértica, fez rios voltarem a nascer, plantando uma floresta (figura 17) através do estabelecimento de uma agricultura sintrópica, de restauração; a reintrodução de lobos no parque de Yellowstone<sup>127</sup> no EUA, que fez com que a fauna e flora voltassem a ter abundância, que a cadeia alimentar se equilibrasse.

O Instituto Terra de Sebastião Salgado, com milhões de árvores que foram plantadas, e a floresta tornou-se o modo de vida do fotógrafo, para onde sua câmera fotográfica começou a se virar; Benki Piyãko<sup>128</sup>, líder do povo indígena ashaninka que conduz o instituto Yorenka Tasorentsi<sup>129</sup>, trabalhando pelos direitos dos povos originários e preservação da floresta, onde

---

<sup>125</sup> (Back, 1987)

<sup>126</sup> (Believe. Earth, 2017)

<sup>127</sup> (Farquhar, 2023)

<sup>128</sup> Benki quando era menino inspirou a música “Benke”: “[...]Tudo é dentro e fora/Minha Floresta de jóia/Tem a água/tem a água/tem aquela imensidão/tem sombra da Floresta/tem a luz do coração/Bem-querer!!!” (Bretas; Nascimento, 2021)

<sup>129</sup> (Yorenka Tasorentsi Institute, s.d.)

já se plantou mais de 3 milhões de árvores, além de conservação de animais e cura das pessoas com plantas medicinais; enfim, esses são apenas alguns exemplos do poder “verde”.



Figura 17 - Fazenda de Ernst Götsch

## 2.14 A MUDANÇA DE LINGUAGEM, O QUE COMEMOS, CONSTITUIÇÃO

A mudança de nossa consciência passa também por uma mudança de nossa linguagem. Envolvidos em uma poética vegetal, em um imaginário botânico, somos impelidos a dizer mais de nós mesmos em nossas vivências a partir da natureza, de nossos sentimentos<sup>130</sup> em conexão com a grande teia da vida; ansiamos por expandir nosso vocabulário, em ficarmos mais admirados com a beleza da vida, em traduzirmos em ação, as virtudes, como a compaixão, paciência, respeito, honestidade, cooperação.

Abrimo-nos mais para conhecermos nossas origens, antepassados, ansiamos por saber de nossa árvore genealógica, o nome de nossos tataravós, como viveram, o resgate da linguagem dos povos que habitaram nossas terras desde muito tempo (no dicionário de tupi<sup>131</sup>, descobrimos várias palavras que dão nomes às árvores, como *Aimara*, *Ajuru*, *Amapá*, *Amary*, *Anamí*, *Ayuru*, *Jeru*, *Juru*, *Macaúba*, *Ubá*).

<sup>130</sup> Wohlleben teve críticas por usar uma linguagem muito emocionada em suas pesquisas sobre a inteligência das árvores, da natureza. O mesmo enfatiza que a emoção é que permite sermos humanos: “Para mim, é mais importante que as pessoas compreendam minhas explicações em um nível emocional. Só então posso guiá-las por um passeio sensorial completo pela natureza, porque é assim que comunico a parte mais importante: a alegria que todas as criaturas e seus segredos podem nos oferecer.” (Wohlleben, 2022, p. 214)

<sup>131</sup> (Brasil. Biblioteca Funai, s.d.)

Quais sentimentos brotam quando plantamos ou regamos uma terra? De zelo, cuidado, pertencimento? Ainda há muito a desvendar no campo dos sentimentos que brotam a partir de uma reaproximação com a terra. Para uma nova aliança, uma reconquista da amizade, da irmandade, da parceria, é necessário nomear, descobrir o nome, saber a origem do vocabulário do reino vegetal, percebido como indivíduos, personalidades, seres distintos.

Quando falamos, a floresta, é a união, é o conjunto, a família, contudo, há uma singularidade da árvore que está próxima de você, simplesmente por estar perto. E na nova alvorada que se almeja em nosso futuro, o que está perto tem valor sentimental e é daí que a mudança começa, de uma relação mais profunda.

A árvore que vejo aqui na minha frente faz parte da minha história de vida, ela é única, não há outra igual em nenhum lugar, sendo assim, preciso me referir a ela do jeitinho que é, com suas formas próprias, dizendo sobre sua especificidade: "Não há uma única língua das montanhas, mas uma variedade de línguas das montanhas. Não uma única língua costeira, mas um fractal de línguas costeiras; não uma língua de árvore solitária, mas uma floresta de línguas de árvore. Celebrar o léxico da natureza não é nostálgico, mas urgente." (Macfarlane in Holten, 2023, p. 43, tradução nossa)

Outro aspecto importante que tem a ver com nossa boca é sobre nossa alimentação. É fato que parte do desmatamento é ocasionada pela formação de pastos para alimentar bovinos que serão abatidos para a alimentação mundial. A escala global da necessidade de carne é algo insustentável pela Terra.

O quanto consumimos e de onde vem o que consumimos impactam os ecossistemas mundiais. Uma alimentação com frutas, saladas, sementes, raízes, brotos e grãos gera uma sensação de vitalidade, pois estes alimentos trazem armazenados, em si, o Sol<sup>132</sup>. " [...] a filosofia indígena reconhece outros seres como nossos parentes, incluindo aqueles que temos a pretensão de comer" (Kimmerer in Holten, 2023, p. 273, tradução nossa)

A obra de Giono é de 1953, poucos anos após o fim da segunda guerra mundial. A Europa estava destruída, fragmentada, e a recuperação, pensando nos dias de hoje, estava na terra, deveria ter vindo do plantio de árvores. Na declaração universal dos direitos humanos, documento de 1948, não consta a palavra árvore, tampouco plantar.

O ser humano tem o direito de conviver com as árvores e de plantar, e isso deveria ser visto como uma atividade ensinada em casa e nas escolas. A obra de Giono poderia ser, então,

---

<sup>132</sup> O médico Otto Wolff, em seu livro *O que comemos, afinal?*, reflete sobre o fato de que ingerimos nos vegetais, por exemplo, a quantidade de vida que há neles, vida que foi gerada a partir da transformação da luz solar. Sendo assim, é sábia a cultura popular que diz que alguns alimentos têm mais vida e conseqüentemente mais saúde, e outros menos vida e conseqüentemente menos saúde.

um apêndice à declaração, sobre a ação que um ser humano poderia fazer, contribuindo assim para a paz e a fraternidade humana.

[...] escrita de Giono como espaço de tomada de consciência de uma ruptura e afastamento da natureza provocada pelo desenvolvimento industrial e urbano e, simultaneamente, um alerta para a necessidade de reliance [confiança], adaptando e adotando um conceito caro a Edgar Morin (2005). (Outeirinho, 2022, p. 5)

Junto a este apêndice poderia vir também *Os estatutos do homem* do poeta amazonense Thiago de Mello, que diz no artigo nº 4: “Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem.

Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.” (Mello, 2004, p. 26). Em meio à violência humana e privação da liberdade, durante uma ditadura, o poeta ribeirão plantou nos corações brasileiros um novo estatuto, uma nova Constituição.

## 2.15 PROBLEMÁTICA, CULTURA E INTELIGÊNCIA

A obra *O homem que plantava árvores*, de Jean Giono, nos dá esperança de tempos melhores, de que há um caminho a percorrer para que haja transformação e vida mais feliz. Elzéard Bouffier planta e plantando resolve, soluciona suas dores e possibilita que outros se beneficiem, que os frutos sejam colhidos por todos.

A natureza é generosa e sua abundância é capaz de transformar o deserto e fazer a água voltar a correr, da chuva voltar a cair, das pessoas se sentirem mais ligadas aos fluxos da vida. E foi só um plantador, foi só um escritor. Imagina mais gente, uma família, uma comunidade, uma vizinhança, um planeta, fazendo o que fizeram.

A fase adulta é cheia de aprendizados. É uma fase de muitas escolhas, de muitas decisões, mas uma certeza de que pode sempre contar com a natureza, com banhos de cachoeira ou de mar, com os frutos de uma árvore.

Enquanto adultos, temos um “Eu”, assim como não tem uma árvore igual a outra, da mesma forma não tem ninguém igual a cada um; somos únicos e ao mesmo tempo tão iguais, de carne e osso, com sentimentos, fraquezas e virtudes.

O tronco é o pilar, a coluna da árvore, se apresentando para a Terra, dizendo: “Eis-me aqui.”. O tronco está no meio, entre as raízes e a copa, ali a “madeira” se apresenta enquanto substância, matéria, força de vida. É similar ao nosso tronco, onde estão nossos órgãos, onde há processos 24h por dia.

A problemática *do* tronco e dos galhos é o desmatamento, o corte, o “arrancamento” das árvores, da mesma forma que a problemática dos adultos é não poder se expressar integralmente através dos seus pensamentos, sentimentos e ação no mundo. As motosserras, os tratores, usados por mãos humanas estão acabando com as florestas, com os biomas. Antes de ligarem essas máquinas, alguém pensou em desmatar, então, o importante é ir na causa. Carretas, vagões ou navios com toras de madeira causam aperto no peito.

A mudança passa pela consciência, pelo indivíduo se ver como um ser unido às árvores e não como uma empresa, um cnpj que desmata em nome de lucros. É preciso parar de desmatar. A solução passa pelo desenvolvimento de uma cultura do tronco, galhos e do adulto, que possibilite à humanidade ações embasadas no *corpo*, enquanto veículo, fonte de vida e emoções; na *preservação*, que naturalmente busca a cooperação; e no *reconhecimento* da inter-relação dos seres vivos.

Sendo assim, procurei neste 2º capítulo, apresentar uma inteligência inerente na árvore, contida em seu tronco e galhos. Há uma inteligência em ser tronco e ser galho, em avolumar, firmar, unir, da mesma forma que há uma inteligência em ser adulto, em *se* relacionar, trabalhar, se curar.

O adulto-tronco e galhos necessita de uma estrutura para poder avolumar seu corpo-presença. Implica a responsabilidade de estar na fase adulta, de se ter um tronco de órgãos-seiva. O ideal é posto em prática na relação com outros seres humanos-seres árvores; Floresta-gente, gente-floresta, formando comunidades que cooperam. O trabalho do *adulto-tronco e galhos* é estar a serviço da vida.

A árvore se vendo no meio de uma floresta percebe que é preciso trabalhar conjuntamente, que está em uma comunidade, que não é um ser isolado, da mesma forma o adulto, já não sendo mais criança, agora conta consigo mesmo, com sua força interior para superar os desafios da vida.

Na busca de si, o lema, o caminho, a virtude da árvore adulta e do ser humano adulto é a Fraternidade. Fraternal é abrir espaço dentro de si para acolher o outro, o ambiente, a natureza, a própria biografia, a vida.

Não confundamos fraternidade com não ser você próprio, ou como na história da árvore que tinha inveja da outra porque a outra era mais vistosa, florida, e no fim acaba percebendo que o melhor é ser do jeito que se é. Não é possível dar mais do que se tem, a meta é sempre dar a justa medida, para que fique bom para todos. Para o tocador de cítara, Buda diz-lhe que se afrouxar muito a corda não sairá som e se apertar muito a corda, esta arrebentará.

Se a criança e o adolescente se aproximam do arquétipo do artista, se carregam em sua alma o artista puro, o adulto traz em si a imagem do cientista. Um cientista que estuda, que pesquisa, que descobre, que compartilha o conhecimento, que está preocupado com o todo, encontrando dentro de si uma força de amar, de ser universal. É o cientista Elzéard Bouffier, que observa as bolotas de carvalho e as escolhe cuidadosamente, saindo a plantar.

Um cientista que não descarta as emoções, os sentimentos, o coração, as relações, que não quer ficar trancado no quarto ou no laboratório, um cientista fraterno, que sabe que seu projeto de pesquisa é seu projeto de vida, que o percurso é para aprimorar a epistemologia de seu coração, tornar-se mais humano, assim como a árvore quer ser cada vez mais árvore.

Há um encantamento na infância e na velhice para com as árvores, com a natureza. A vida adulta fica no meio, e são tantas as tarefas, trabalhar, pôr comida na mesa. A busca do ser humano em sintonia com a natureza é por resgatar o encantamento, ressignificá-lo, assim como Jean Giono nos convida para uma literatura que nos inspire à ação, para o florescimento da paz em meio à guerra. Em tempos difíceis nada como a literatura que levante a bandeira da paz e da natureza, que são expressões da multiplicidade da vida.

Ser com árvore é a força de vontade, exemplificado no que Elzéard Bouffier fez, é o crescimento, as curas, as relações, as ações para um mundo melhor. É a firmeza de seu tronco, a firmeza das tuas ações, é a seiva levando nutrientes, é a palavra levando soluções, é o contorcimento dos galhos, é o teu corpo em movimento.

### Capítulo 3 - Poesia *Árvore* de Manoel de Barros - Ser árvore

“Jasmim delicado  
A pétala tocar  
O branco amarelado  
O cheiro do amar.”<sup>133</sup>

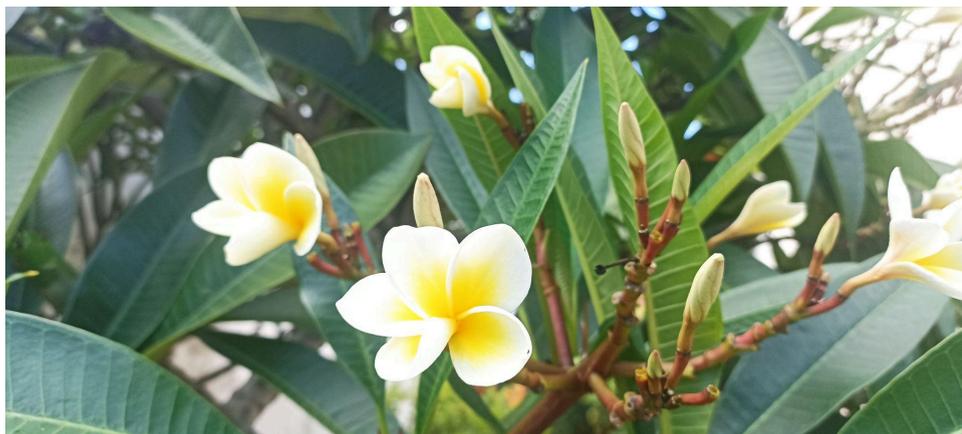


Figura 18 - Jasmim<sup>134</sup>

No primeiro capítulo da dissertação, foi visto o “ser na árvore”; no segundo, o “ser com árvore”; e agora, neste último capítulo, será o “ser árvore”. O ser árvore é literalmente ser uma árvore. Para além de representações teatrais<sup>135</sup>, o ser árvore será visto sob o prisma de se pensar o que é ser uma árvore por completo, e para tanto, neste capítulo, abordarei as copas, mais especificamente as folhas, flores e frutos e sua relação com a terceira idade, a fase do idoso. Esta dissertação já apresentou a semente, as raízes, o tronco, se ramificou em galhos e agora parte para o céu! O verde das folhas, as multicoloridas flores, as polpas dos frutos, tudo é tão vivo e pertencente à Terra. Podemos também imaginar que já fomos árvores em outros estágios de evolução? O poeta sufi Rumi<sup>136</sup> nos diz que já fomos mineral, vegetal, animal e agora somos humanos. Como todo ser vivo, um dia chegará a morte e assim tudo vai para a terra, vira adubo, cinzas, sejam as árvores, sejam os idosos. Enquanto matéria, compostos de minerais, somos parte de um ciclo, somos também matéria-prima para o crescimento de uma árvore.

<sup>133</sup> Poesia de minha autoria.

<sup>134</sup> Foto do pé de jasmim aqui de casa, que faz buquês com seus cachos.

<sup>135</sup> Certa vez participando de um teatro na educação infantil, fui quem como personagem? A árvore. Eu fiquei lá parado, fantasiado, com os braços a meia altura, imitando os galhos.

<sup>136</sup> A Antroposofia também tem essa visão.

Evidentemente, não somos árvores, mas humanos, contudo, pensar na particularidade de ser árvore pode trazer novas reflexões, novas descobertas, um senso ecológico mais apurado. Podemos aprender com a longevidade das árvores, pois de maneira geral vivem bem mais do que os seres humanos. Quando alguém medita, sentado, imóvel, estará vivenciando momentos que uma árvore também vivencia? Ou seja, estar imóvel pode ser uma imagem-espelho de uma árvore<sup>137</sup>, pois dentro de nós acontecem os processos orgânicos similares às árvores.

Neste capítulo é a vez da poesia “Árvore”, de Manoel de Barros, que, com poucas palavras, diz sobre o que acontece quando alguém vira uma árvore. Manoel de Barros<sup>138</sup> chegou na minha vida como um tufão, com todo o seu Pantanal. Assim como as duas obras anteriores, eu já conhecia este poema do Manoel de Barros, que abriu meus sentidos para a natureza, para a entrega de um olhar simples e natural.

Há alguns anos, vi o vídeo do poeta Odilon Esteves<sup>139</sup> declamando esta poesia e fiquei muito tocado, com um misto de alegria e leveza. Fui humanizado pelas insignificâncias do poeta Manoel, ou por suas garças, e seus poemas vieram desconstruindo o ser para torná-lo o ser a vir, em construção. A poética manoelina é ecossistêmica, é de bioma, é de simplicidade dos que vivem cercados por bichos, plantas, como seu amigo Bernardo, com quem conviveu na fazenda em que morava e quem muito o inspirou em suas poesias. Sua poética é acima de tudo uma porta-voz da natureza, nos trazendo o ser das coisas, e neste caso, nos traz o ser das árvores.

### 3.1 A POESIA

A poesia como manifestação da arte literária tenta traduzir o mundo, abarcar em algumas linhas o universal. O título do livro onde se encontra a poesia citada, é “Ensaio fotográficos” e assim como uma foto de manchete de jornal ou uma foto 3 por 4, o poeta busca emoldurar suas vivências, suas experiências captadas através dos sentidos.

Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.  
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.

---

<sup>137</sup> Na tradição milenar da yoga há a postura da árvore, em que uma perna sobe e o pé se apoia em outra perna. Nesta postura sentimos o peso do nosso corpo em uma só perna, sentimos o que é ser uma árvore.

<sup>138</sup> Duas disciplinas foram muito importantes na minha formação de amante das letras. “Oficina de formação do professor leitor” e “Literatura e Educação” da Faculdade de Educação da Unb com a professora Simone do Amaral, onde fui apresentado ao Manoel de Barros e de alguma forma abriu as portas da poesia para mim. No sebo, fui atrás dos livros do Manoel.

<sup>139</sup> (Esteves, 2017)

No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.  
 No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhe ensinavam no internato.  
 Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.  
 Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.  
 E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só presta para poesia.  
 No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.  
 Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros.  
 E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas. (Barros, 2000, p. 63)

No lusco-fusco, no jogo entre luz e sombra, entre lápis e papel, a imagem pelos olhos poéticos ganha novos contornos. Os cinco sentidos são um portal por onde a vida é convidada a entrar e é justamente no coração que ela ganha significado. Qual pilão que mói grão ou forno que assa o pão, a ação ganha cor ou a cor ganha ação. Poesia não é apenas “ver”, é “transver”, como diria o amigo de Bernardo, é ver atravessando, ver por todos os ângulos e deixar a coisa também dizer.

Derrida nos diz que a relação do “de cor” com o coração nada tem a ver com um sentimentalismo facilmente traduzido e decifrado, com a expressão de um sentimento interior, com um sujeito ensimesmado, do mesmo modo que “aprender de cor” nada tem a ver com um exercício cerebral de memorização, mas, antes, pressupõe um não-saber, pressupõe uma certa ignorância [...] (Magalhães, 2021, p. 4)

Uma certa ignorância, um não saber, uma entrega, um desapegar é preciso para aprender com a natureza, para saber de “cor e salteado” a linguagem das árvores. Bernardo, o trabalhador de sua fazenda, aparece em várias de suas poesias e assim como Manoel, não prestava para nada, apenas para poesia (como o mesmo dizia). E quão valoroso é prestar para poesia! Bernardo só prestava para ser Bernardo ou para ser árvore<sup>140</sup>: "Bernardo inaugurou, com plenitude, a representação do *homo árbor*." (Chaves, 2017, p. 180).

Do *homo sapiens* para o *homo árbor*, do que sabe que sabe, para o que aprende com as árvores. Um dos heterônimos de Fernando Pessoa foi Bernardo Soares, considerado o mais imóvel dos poetas<sup>141</sup>, poeta que faz uma ponte entre o mundo simbólico e real, entre o inconsciente e consciente, um ajudante de guarda-livros.

<sup>140</sup> Bernardo, assim como muitos idosos, encontra uma serenidade que inspira paz. Desacelerar é uma virtude que com a chegada da terceira idade, torna-se prioridade. Bernardo se assemelha às árvores, é quieto, pode ficar semanas em silêncio; é autossuficiente, pode ficar anos usando as poucas peças de roupa que possui; é inativo, pode ficar horas se nutrindo ao olhar a paisagem. Dessa forma, Bernardo se assemelha às árvores, às plantas. As plantas são exemplos de quietude, autossuficiência e inatividade (Giraldo, 2023, p. 112).

<sup>141</sup> (Pessoa, 2015)

O ajudante de guarda-livros é aquele que limpa, organiza, arruma os livros. Tarefa que pode ser pensada sem muita utilidade, mas que revela o próprio estado manoelino representado no Bernardo pantaneiro, que auxiliava na cozinha, regava planta, se escondia em cima da mangueira. Aquele guarda-livro, este ajudante de cozinha, funções que se tornam por si só, matéria de poesia, revelando na invisibilidade, a organização, a ordem, o preparo, o tempero, a predisposição<sup>142</sup>.

Em uma entrevista, Manoel chegou a dizer que Bernardo era seu outro eu, um alter ego<sup>143</sup>. Fernando Pessoa nomeou de Bernardo Soares um outro eu seu. Em sua poesia *Na floresta do alheamento*<sup>144</sup>, Pessoa nos fala do amor, da alma, do sonho, do não desejar, não esperar, revelando um olhar vegetal que traz possibilidade de caminhos, de amores, de perfumes, de realidades frente às indecisões e ao não-saber da alma. Pessoa escreve: “O movimento parado das árvores” e “Instantes-flores, minutos-árvores”.

Para estar à altura da inteligência de uma árvore, não é preciso mais, é preciso menos, menos pressa, mais coração, desaprendendo muitas coisas que a sociedade contemporânea nos impõe. É necessário desacelerar, observando, respirando, se acalmando, se preparando para um encontro, um diálogo.

Da mesma forma que se arrumar para ir a uma festa, a um banquete, também se preparar para se encontrar com o Pantanal, com suas açucenas, com o pôr-do-sol, com os botos; aprender de cor é estar sem o peso das obrigações, é se abrir para uma nova linguagem que surge quando você decora não no sentido da pressão, da obrigação, mas do entendimento, e por entender que aquilo é importante, diz respeito à tua vida, que não deve ser esquecido, precisa ser guardado na memória. O outro, o lugar, o território passa a ser íntimo, a habitar: “[...] ‘aprender de cor’ passa necessariamente pelo outro e é, antes, o que se recebe do outro.” (Magalhães, 2021, p. 3)

É na liberdade que a poesia encontra sua fertilidade, sua graça, ousadia e sonho. Captar um momento<sup>145</sup>, como uma máquina fotográfica e torná-lo uma expressão do coração, é a função artística da poesia.

A poesia pode dar voz e lugar aos que não os possuem, unir as formas de vida. Ela pode apenas insinuar, deixar para o leitor concluir, fazer de um pente ou de um prego enferrujado matéria de poesia (como nos diz nosso pantaneiro), humanizar: “[...] uma vocação

---

<sup>142</sup> (Chaves, 2017)

<sup>143</sup> (Lino, 2019)

<sup>144</sup> (Pessoa, 2015, p. 102-110)

<sup>145</sup> Meu avô reunia a família no quarto escuro e em um carrossel de slides mostrava algumas fotos do interior de Minas Gerais. O habitual, cotidiano, ordinário, virava extraordinário, mágico, um sopra de alento, o hífen da memória-eternidade.

natural que já em seu sentido originário se deixava mostrar: [a poesia] ser produção infinita e livre de formas, de sentidos, de ordem e organização tanto para as coisas como para os homens”. (Souza, 2007, p. 11)

A poesia pode ser a porta de entrada para muitos no fazer artístico. Precisa-se de pouco: o aspirante a poeta utiliza-se da própria língua materna para enxergar com o coração uma nova paisagem que é descortinada.

Começa pelos sentidos: olhando pela janela, ouvindo mais atentamente o canto do sabiá, sentindo o cheiro de um feijão sendo feito, se deliciando com uma manga ou abraçando um amigo, inspirações para começar a brotar a curiosidade. A partir daí, colocar no papel, compartilhar poesia.

O olhar manoelino é olhar microscópico, com lupa, a partir de gota de orvalho. Certa vez, vi um letreiro de uma loja que dizia “Miudezas em geral”, aí pensei que o poeta gostaria dessa loja, encontrando poesia em parafusos e dobradiças. Manoel descobre metáforas pelo chão, aprendendo com formigas como o mesmo escrevera. O poeta Rilke nos traz essa qualidade de se atentar ao minúsculo, ao despercebido, como Manoel fez:

[...] se tiver este amor ao que é ínfimo e, de modo inteiramente singelo, como um servidor, procurar ganhar a confiança daquilo que parece pobre: então tudo se lhe tornará mais fácil, mais uno e, de algum modo, mais apaziguador, talvez não no plano do entendimento, que recua, surpreso, mas no mais íntimo da sua consciência, do seu estar desperto, do seu saber. (Rilke, 2016, p. 39)

O lugar do poeta, do “carregar água na peneira” como a mãe do mato-grossense dizia, é o território que o idoso habita, é o momento em que as árvores dão flores, pois têm uma sensibilidade no sentido de que não aguentam mais do que suportam<sup>146</sup>! São sensíveis às chuvas, ventos muito fortes, à ação predatória humana.

### 3.2 AS COPAS, O PANTANAL, A TERCEIRA IDADE

As copas são as partes mais vistosas da árvore, é de forma geral, para onde nossos olhos se voltam e ali procuramos identificar qual espécie que é ou constatar se já está na época de dar frutos. É a parte mais próxima do céu, portanto, recebe mais diretamente raios solares, estando também mais propensa a sofrer com as mudanças de temperatura e rajadas de vento.

---

<sup>146</sup> Minha mãe, após ser diagnosticada com câncer, não viu mais sentido ter copos de cristal, guardados em uma cristaleira.

Com grande quantidade de árvores próximas, como em uma floresta, tendo o olhar por cima como alguém que sobrevoa o local, pode-se pensar que se trata de uma única árvore com uma enorme copa, mas são dezenas, centenas, formando um grande paredão para que também a umidade fique mais retida no solo.

No capítulo 1, foram trazidas algumas informações e reflexões sobre o cerrado; no capítulo 2, alguns dados sobre a Amazônia e, agora, no capítulo 3, tratarei sobre o Pantanal. O Pantanal com sua vasta riqueza de fauna e flora, abriga mais de 2 mil espécies de plantas e é um bioma “alagado”, com as áreas da planície recebendo muitas águas e, por essa razão, forma-se um grande bolsão de biodiversidade, além de apresentar fases de cheia, seca e fogo, onde as espécies acabam se adaptando a essas mudanças.

Em relação ao fogo, apenas 1% é por causas naturais como incidência de raios, o restante acontece por causa de fazendeiros da região<sup>147</sup>. A população mato-grossense se relaciona de forma direta com as árvores de tal bioma, em que o ipê amarelo tem grande importância por suas propriedades analgésicas e anti-inflamatória das cascas, além da canjiqueira, a qual os frutos têm variados usos para consumo in natura. Povos indígenas e comunidades ribeirinhas precisam das árvores para sobreviverem.

A terceira idade é a última idade da vida, é o momento da colheita do que foi semeado durante toda uma vida, assim como é o momento de novas descobertas, aprendizados, alegrias. A vida do idoso precisa ser permeada por encontros<sup>148</sup>, conversas, caminhadas, passeios, bem como por arte, tanto como espectador como fazedor.

O ato de receber pessoas em casa, convidar amigos para um café, almoço ou chá da tarde com bolo de fubá e, dessa forma, filosofar sobre a vida, dar conselhos, escutar, dar gargalhadas, é a meu ver, a essência da vida social do idoso. Escutar os mais velhos, sua sabedoria de vida, suas histórias, é fundamental, mas para isso é preciso de tempo, assim como tempo para andar ao lado do idoso que caminha com uma bengala.

É importante que façamos todo esforço possível para ajudar os idosos a ter um entardecer fértil e criativo para suas vidas. Assim como nos referimos a uma cultura familiar para crianças pequenas, assim deveria haver uma cultura doméstica para os idosos. As casas em que vivem deveriam ser centros de cultura, com conferências, noites musicais e cursos criativos, nos quais outras pessoas da localidade deveriam ser capazes de participar. Isto funcionaria nos dois sentidos: as pessoas da localidade teriam um centro no qual coisas interessantes estariam acontecendo e os idosos

<sup>147</sup> (Silva *et al.* s.d.)

<sup>148</sup> Recordo-me da minha vó materna tocando teclado, eu adolescente ao seu lado, ouvindo valsas e boleros. Aquilo para ela era tão importante, trazia tanta alegria. Em meu avô materno, havia a vontade de ir para a roça e dessa forma, ergueu um sítio no interior de Minas. O trato com vacas, galinhas, cavalos, com o verde, se relacionando com pessoas simples do interior, trouxe aos dois muita vontade de viver, após perderem um filho.

manteriam seu contato com um mundo vivente. [...] Nós sabemos que muitos grandes artistas produzem seu melhor trabalho muito após terem passado seu septuagésimo aniversário. Afirma-se do pintor japonês Hokusai ter declarado que tudo o que fez antes dos setenta e três era bastante sem valor, tendo ele somente então embarcado em sua verdadeira carreira artística. Ticiano pintou seus trabalhos mais vigorosos quando tinha quase cem anos. Verdi, Richard Strauss, Schütz, Sibelius e outros continuaram a compor música até próximo dos oitenta anos. (Lievegoed, 1987, p. 72)

As árvores também se tornam velhas, porém em ritmo diferente. Há árvores com milhares de anos como a *Tjikko*, abeto da Suécia com 9550 anos<sup>149</sup>. Nesses quase 10 milênios, por quantas fases essa árvore não passou, quanta folhagem, quanto material orgânico não produziu?

Parece ser esta uma das maiores funções da natureza: ajudar a produzir matéria orgânica, rica de nutrientes, abundante, alimento para o reino vegetal: “O húmus é o produto da decomposição vegetal, é onde são sepultados plantas, insetos e arganazes mortos. A composteira da natureza.

As árvores amam fincar raízes no húmus, não muito acima nem abaixo dele, pois assim podem acessar sua riqueza de nutrientes.” (Simard, 2021, l. 211). O Brasil apresenta um total de 116 milhões de toneladas de biomassa em seus 6 biomas<sup>150</sup>, considerando o que está acima do solo, abaixo e biomassa morta, sendo assim, percebe-se que os biomas são usinas de energia, constituindo um sistema cíclico, em que a biomassa morta faz parte do ecossistema - é contabilizada -, pois vegetais e animais em decomposição serão incorporados para dar continuidade à vida.

### 3.3 PRIMEIRA PARTE DA POESIA

“Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.  
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.”

O poeta começa a poesia com um pedido de um passarinho para um humano. A ave quer que aquele em sua frente seja sua árvore. A simbologia dos pássaros também se assemelha à das árvores no tocante à longevidade e de sua relação com os humanos. Terem asas os fazem mais próximos do céu, atuando como mensageiros de um outro mundo. O canto das aves anuncia um dia novo que surge, além do fim do mesmo dia.

---

<sup>149</sup> (Wohlleben, 2022, p. 163)

<sup>150</sup> (Brasil. Serviço Florestal Brasileiro, 2020)

As aves são sábias e persistentes, o joão-de-barro faz seus ninhos resistentes contando apenas com seu bico como ferramenta. Na cultura popular, os pássaros chegam até a indicar que a morte de alguém está próximo, como o canto da coruja. É também sabido que a floresta silencia quando o uirapuru canta<sup>151</sup>.

Os povos indígenas reconhecem a associação entre o mundo vegetal e os pássaros, pois estes têm íntima relação de sobrevivência com as plantas. Os pássaros levam os indígenas aos frutos, através de seus cantos, de suas odes. Para então saber apreciar o fruto, antes de tudo há uma escuta, e escutar a natureza é escutar um som primordial:

No campo vegetal, o canto melodioso do sabiá-da-mata (*Turdus fumigatus*) revela a existência de taperebá (*Spondias mombin*), e os assobios contrastantes do furriel (*Caryothraustes canadensis*) anunciam a presença de frutas da árvore *Pseudolmedia laevigata*. (Albert; Kopenawa, 2023, p. 122)

A casa dos pássaros é nas árvores, é seu habitat, e o ser humano ser parecido com uma árvore fisicamente, levou a acontecer este pedido na poesia, para ligações afetivas com os humanos acontecerem, relações estas presentes nos povos originários, como no caso dos guaranis, possibilitando o sonho, a abertura para o futuro: “Ouvir o que contam os cantos dos pássaros não é um saber (só) dos pássaros, nem um saber (só) do ouvinte, mas um evento relacional que conecta linhas de vida e se projeta para frente, ou seja, sabe-se principalmente não o que foi, mas para o que virá.” (Pissolato; Junior, 2016, p. 13).

A aceitação de algum fato em nossas vidas em algumas situações, levará um tempo maior e com a chegada da terceira idade, não resta muita saída de acolher o que aconteceu em nossa vida. O tempo é o grande cicatrizador de feridas, de perdões. O irmão aceita o pedido do passarinho e assim uma amizade surge, uma intimidade. E o que é se tornar árvore nesse contexto? É priorizar um outro estado de presença, é estar no tempo presente.

O tempo é o grande fio condutor de processos, seja na vida humana, seja na vida de uma árvore. Para os gregos<sup>152</sup>, o tempo era dividido em 3 conceitos: *Aion* que representava o tempo mais dilatado, o tempo dos deuses, mas também do destino humano alicerçado no tempo divino, sem limites.

Por outro lado, o *Kronos* tem a ver com a atividade humana, regulada, dentro de limites, sujeita aos ritmos da natureza, com duração, onde ocorre a materialização. Se *Aion* é a causa, *Kronos* é o causado, a consequência, o movimento, o dançarino. E em terceiro o

<sup>151</sup> Valioso o trabalho de Johan Dalgas Frisch que se dedicou à ornitologia - estudo dos pássaros -, observando-os e registrando seus cantos pelo Brasil.

<sup>152</sup> (Haubert, 2019).

*Kairós*, que, de antemão, há uma difícil tradução para este termo. É o momento chave, o momento único, é o instante em que o arqueiro está tensionando a flecha no arco e está prestes a soltá-la, está entre acertar ou errar o alvo; é a crise que abre uma porta para uma mudança; é a raridade, é também o novo, algo que não está pronto mas se constrói, a qualidade; é visto também como tecer um tecido, uma pausa na música, o fim inesperado de uma poesia; não há como segurá-lo, nem guardá-lo.

O *Aion* é o tempo que fez o universo, a água, a vida, a árvore, o pássaro, o ser humano. O *Kronos* é o humano que estava por ali perto do passarinho, andando no jardim ou na mata, dentro dos minutos que possuía. O *Kairós* é este pedido de um passarinho, é também aceitar o pedido. A terceira idade busca ou deveria buscar tempo *Kairós* para viver, momentos significativos, como alguém que vai aprender a surfar com 80 anos ou plantar uma árvore: é o tempo de florir, frutificar.

Manoel de Barros é fruto da palavra, carregando em si imagens surgidas do exercício de poetizar, do que sai do traçado de seu lápis<sup>153</sup>, sendo a imagem construída, uma paisagem, que tem som, cor e movimento a partir do olhar do poeta, um ser oriundo de "uma natureza que pensa por imagens, como diria Paul Valéry." (Barros, 2006, p. 45). Paul Valéry nos traz o encontro entre o pastor Títiro e o filósofo Lucrécio, que tem o desejo de ser um outro, uma planta, e assim estar entregue a um outro tempo. Títiro adiciona que Lucrécio, de alguma forma, já é, pela sua linguagem, suas palavras são as folhas.

"[Lucrécio] Ah, Títiro, uma planta é um canto cujo ritmo desencadeia uma forma definida, e que no espaço expõe um mistério do tempo. Cada dia, ela levanta um pouco mais a carga de sua armação retorcida, e larga aos milhares suas folhas ao sol, cada uma delirando em seu posto aéreo, conforme o que lhe vem de brisa e que ela crê ser sua inspiração divina e singular..."[Títiro]: Mas tu mesmo te tornas uma árvore de palavras..." (Valéry, 1996, p. 101-102)

Poetizar confere outro tempo ao lugar comum das palavras ditas no hábito. Poetizar é conceber-se filósofo da natureza.

### 3.4 SEGUNDA PARTE DA POESIA

Nossos antepassados tinham uma relação, uma vivência mais direta e profunda com a natureza. Em contraponto aos ensinamentos da natureza, temos os ensinamentos que o tradicionalismo escolar ensina, a produção da ciência da história da humanidade, majoritariamente

---

<sup>153</sup> Manoel fala de criar sua naturezinha particular, até onde seu lápis pode alcançar. (Barros, 2006, p. 53)

trabalhando apenas os aspectos cognitivos dos estudantes. O imaginário popular criou uma certa aversão pelos conteúdos curriculares das escolas, visto que não teriam utilidade prática para a vida.

Aliado a isso, tem a questão da forma como se ensina esses conteúdos, de maneira maçante, onde o professor despeja as matérias nos estudantes que as recebem passivamente. Sem contar que os discentes ficam sentados durante horas (e com pouco tempo de recreio!).

Há escolas que nadam contra a correnteza, como a escola fundada por Rabindranath Tagore na Índia, a escola da ponte em Portugal, a Pedagogia Waldorf, em que se busca um ensino integrado à natureza, em que o elemento artístico permeia o ensino, oferecendo autonomia para a criança em busca do conhecimento, além do respeito ao desenvolvimento integral de cada faixa etária.

Manoel de Barros viveu muitos anos em um internato de padres. No estágio de ser árvore ainda não é a completude de ser inteiramente, é a preparação, é o jovem menino Manoel que dentro das quatro paredes de um internato podia sentir a grandeza e o calor de um raio de sol que penetrava na janela de seu quarto, ou ainda o azul do céu durante o futebol com hora marcada, também em uma lua cheia que inundava rostos e pátios.

O papa Francisco sugeriu que as homilias dos padres não passem de oito minutos, para que os fiéis não durmam. O bom senso<sup>154</sup> é um termômetro quando se fala de religião. A humanidade paga preços altíssimos com guerras e todos os tipos de violência por causa das religiões, em nome de Deus. Cada vez mais a consciência se amplia e busca compreender o que de fato é uma expressão legítima para auxiliar o crescimento espiritual dos seres humanos, do que uma fé falsa sustentada por interesses, poder e lucro. É tempo também de resgatar as origens, os cultos ancestrais, as matrizes africanas e indígenas (no caso de nosso país), que podem sinalizar caminhos mais identitários no campo da espiritualidade.

Incluo aqui também aqueles (que são todos), que sentem uma profunda conexão espiritual em um mergulho na cachoeira ou em uma trilha na mata, no sabor de uma melancia, ou exercendo com paixão seu ofício, sentindo algo maior nessas experiências. Também ouvi certa vez uma história de que o Papa Francisco<sup>155</sup>, quando era bispo da Argentina, chegara de metrô em um evento religioso, na simplicidade, enquanto um outro eclesiástico fizera questão de ir de primeira classe de avião.

O que viera por conta própria se tornaria então, o representante da igreja. Para além de instituições, dogmas e crenças, o importante é o que cada um traz no coração. Padre Antônio

---

<sup>154</sup> Certa vez presenciei o Padre Fábio de Melo dizendo para que os religiosos tivessem cuidado com os exageros.

<sup>155</sup> Dom Antonio Piber narrou.

Vieira foi também um destes interessados no autoconhecimento, na comunhão entre pessoas e a natureza. A poética manoelina se assemelha à poética de seus sermões (inclusive Manoel fez anotações sobre o padre na capa de seu exemplar *Os Sermões*<sup>156</sup>).

Manoel deve ter se inspirado na ousadia e inteligência retórica do padre, que colocava a árvore como símbolo dos sermões<sup>157</sup>, em que cada parte precisa estar no lugar que lhe cabe, fazer sua função, para o crescimento fecundo como o mesmo diz, da “árvore da vida”: “Se tudo são folhas, não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe.

Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore.” (Vieira, 1655, p. 7). O sermão em uma visão eco-poética tem o sentido de chamar a atenção para o que está dentro do ser humano e o que está em volta, em sua casa, que é a natureza, para o planeta, na união entre seres, em uma simbiose, no estar junto, um lugar que é familiar: “[...] a árvore como uma imagem poética, um símbolo da poesia de Manoel de Barros que resume toda a comunhão dos seres.

Pode ser homem, mas pode ser inseto, assim como pode ser um homem-árvore, ou um “homem tronco”, como em Vieira.” (Benites, 2021, p. 17). Muitos em busca de uma santidade ou de uma pseudo-santidade se perdem de seus caminhos verdadeiros ou se retiram da realidade da vida.

O irmão sendo estagiário de ser árvore aprendeu mais de santo que os padres; a imagem de santo que nos foi passada/vendida é de alguém em martírio, um habitante de uma caverna. Mas a santidade pode ser vista como um ser humano que encontra sua paz interior, sua alegria, e nesse sentido, somos todos buscadores desta santidade viva, plural, colorida. A cada momento do dia podemos sentir essa santidade (não precisa ser um fim, mas um meio, aproveitando a viagem).

São Francisco de Assis, considerado o protetor dos animais, patrono da natureza, passou pelas amarguras de não cuidar de seu corpo físico, se arrependendo; pediu perdão ao corpo, e celebrou em seu Cântico das Criaturas, o Sol como irmão e a Lua como irmã, agradecendo pelas plantas, realçando que somos uma imensa família: “Nunca se esqueça que vocês foram colocados nesta Terra por uma razão - honre seus ancestrais.

Seja um bom parente.” (Winder in Holten, 2023, p. 167, tradução nossa). Manoel nos relembra de nossa cosmologia natural, nos trazendo microcosmologias<sup>158</sup>, nas quais cada ser e objeto independente do tamanho, tem uma origem, uma história a contar, um percurso: “O

<sup>156</sup> (Blog Companhia das Letras, s.d.).

<sup>157</sup> Sermão para Antônio Vieira está legitimado nos ensinamentos do Evangelho.

<sup>158</sup> (Lino, 2019)

mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois árvore. [...]” (Barros, 1997, p. 95).

Árvores que como ímãs, atraem outros seres para formarem uma poética captada por quem se surpreende. Microcosmologias é compreender que não só o Universo nasceu em determinado momento, da mesma forma a desprezada palavra, a minúscula forma, o pistilo de uma flor.

### 3.5 - TERCEIRA PARTE DA POESIA

O cheiro adocicado da planta dama-da-noite é sentido a distância, sendo um alento nos ligarmos à natureza pelo olfato. A visão é muito direta, bem como o tato, o paladar, mas já a audição e o olfato guardam esta invisibilidade e imprevisibilidade. O cheiro nos transporta para um outro lugar, onde experimentamos com saudosismo momentos vividos. O cheiro traz memória e afeto<sup>159</sup>.

O olho é um órgão muito desenvolvido, é um prolongamento do cérebro. Vivemos em uma era visual, onde a publicidade, o marketing e as celebridades propagam uma autoimagem. A fotografia revolucionou a vida das pessoas, lhes dando a possibilidade de captar o presente, o efêmero, o passageiro, tal qual a onça captada por Araquém de Alcântara ou a foto do rapaz dormindo apoiado sobre um jornal, tirada em Budapeste por André Kertész.

Manoel sugere fotografias através das palavras, com o olhar poético indo até a paisagem para fotografar suas impressões, colocando seus negativos em forma de poesia no papel, deixando para o leitor/espectador reconhecer o “*punctum*” - termo de Roland Barthes -, o “detalhe”, aquilo que chama a nossa atenção na fotografia, que desvia nosso olhar, a amizade com borboletas.

O olho aprendeu melhor o azul ao ser árvore, como o artista-árvore Van Gogh que captou o azul do céu no quadro “Noites Estreladas”. Olhar com outros olhos é ofício do poeta, é fundamento da poesia. Captar o tanto de luz em uma cor é tarefa que exige tempo. Uma dupla de periquitos que assisti anteontem com meu filho comendo uma goiaba no jardim, carrega em si o verde da penugem junto com o vermelho da polpa: “Meu velho hábito de olhar o mundo com os olhos de pintor levou-me a algumas considerações.

---

<sup>159</sup> Eu me lembro como se fosse hoje chegando com minha irmã no aeroporto do Galeão para as férias com meus avós maternos e ao abraçar meu avô, sentia o seu cheiro impresso em seu casaco.

É um fato reconhecido que o olhar se forma a partir de objetos que contemplamos desde a infância.” (Goethe, 2017, p. 105). O artista pode ser comparado a um tronco de árvore, a um mediador, como nos diz Paul Klee<sup>160</sup>, pois extrai de suas profundezas, de suas raízes, a matéria-prima de sua arte, o sentido de sua vida. As obras do pintor Miró e as poesias de Manoel de Barros têm similitudes.

Manoel em um poema diz que Miró, para atingir a pureza de não saber mais nada, fez um ritual de ir ao fundo do quintal à busca de uma árvore<sup>161</sup>. Esta árvore pode ser a de sua obra “*A Fazenda*” (figura 19), onde o pintor mostra uma árvore bem ao centro (árvore como centro, eixo do mundo), em uma junção das formas geométricas do cubismo com o cotidiano da arte naif.

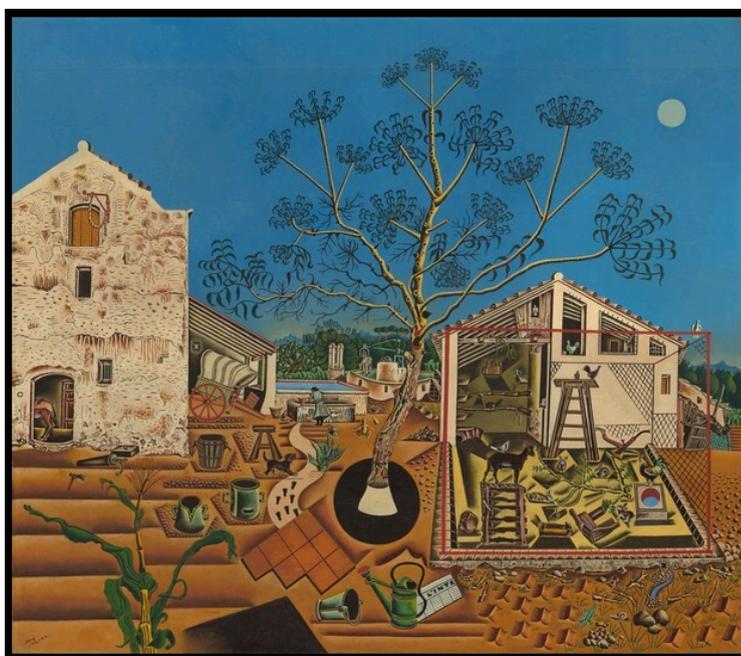


Figura 19 *A Fazenda* - Joan Miró<sup>162</sup>

É uma imagem que bem pode traduzir a poética manoelina, com muitos objetos por ali, como baldes deitados, além de animais e tantas outras árvores ao fundo. Em um de seus cadernos de rascunho (figura 20), Manoel fez desenhos em que as formas e a coloração nos remetem à pintura “*A Fazenda*” e outras obras de Miró. Os próprios desenhos de Manoel de Barros (figura 21) se assemelham aos traços dos desenhos infantis, às garatujas, que é um estado primitivo, pré-histórico; a poesia é pré-histórica. Nos desenhos infantis, os traços

<sup>160</sup> (Cruz, 2021)

<sup>161</sup> (Barros, 2000, p. 29)

<sup>162</sup> (Miró, 1921-1922)

sugerem palavras, antecipam, preveem. A palavra torna-se um brinquedo<sup>163</sup>, ganha vida. Daí a poesia ser uma brincadeira, um lugar não prévio, mas construível, do instante.

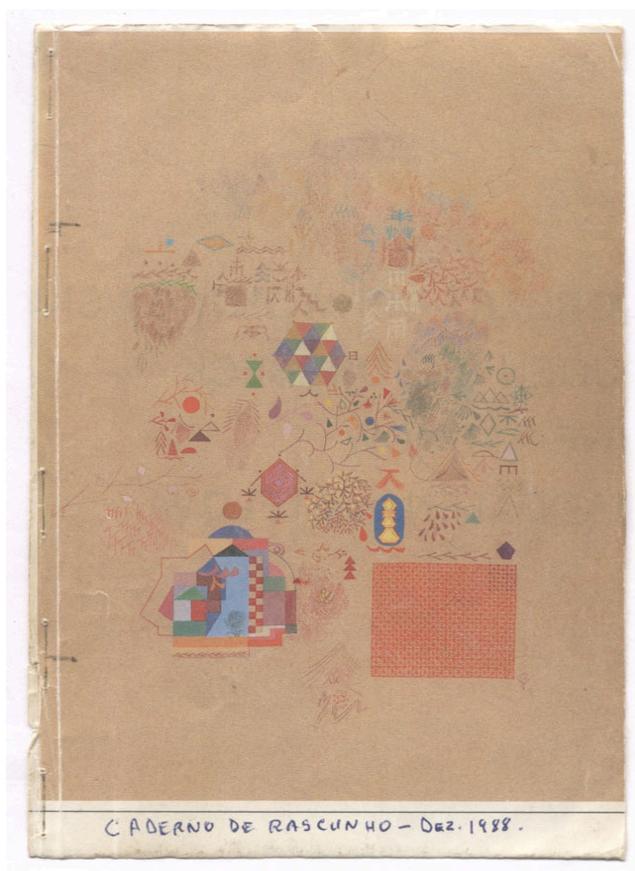


Figura 20 - Caderno de rascunhos de Manoel de Barros<sup>164</sup>

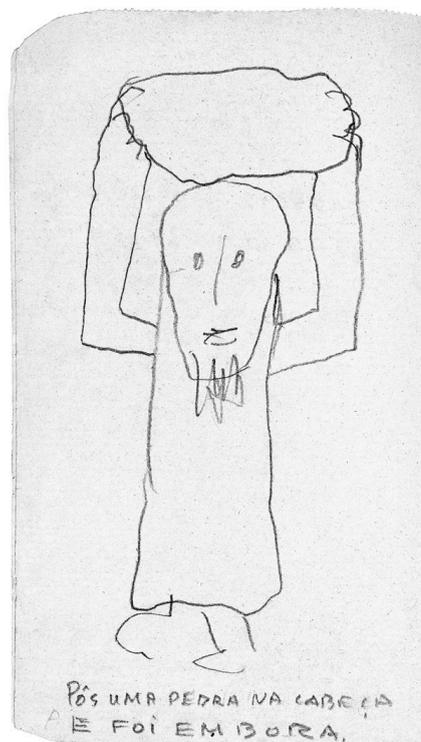


Figura 21 - Desenho de Manoel de Barros<sup>165</sup>

O artista contempla a si e ao mundo e tem na natureza um ambulatório, para ressurgir novo. O azul é uma cor rara de aparecer na natureza. O mirtilo, a asa da borboleta, a carapaça de um besouro, o mineral lápis-lázuli, uma ou outra flor.

Mas o azul é muito vasto se olharmos para cima, para onde as árvores querem crescer e para onde o ser humano na terceira idade busca se conectar, com o invisível, com os antepassados, com o futuro, como nos lembra o Pequeno Príncipe de Exupéry, que o essencial é invisível aos olhos<sup>166</sup>. Manoel de Barros entregara seu último livro para o editor com um aviso: para ver se prestava o que estava escrito.

Um decifrador de enigmas, um abridor de horizontes e um revelador de sossegos. O poeta é um tradutor da natureza, que aprendeu com sua professora<sup>167</sup>, a própria natureza. Uma

<sup>163</sup> (Barbosa, 2003)

<sup>164</sup> *ibidem*.

<sup>165</sup> (Blog da Companhia das Letras, s.d.)

<sup>166</sup> Minha avó paterna ao fim de sua vida queria encontrar os pais que já haviam partido há muitas décadas.

<sup>167</sup> Certa vez, não tendo comida em casa, minha mãe escreveu poesia em um papel e colocou dentro da geladeira.

visão bem atual é de que as plantas e claro, as árvores, são professoras e podem ensinar os humanos a como se comportarem melhor, em inspirar-lhes soluções para os desafios da vida. Para diversos povos originários as plantas são mães e mestras.

A relação entre plantas e humanos em tais povos é de respeito. As plantas sempre trouxeram para a humanidade inúmeras curas; há uma mensagem que elas transmitem que desperta o doente para as suas próprias forças curativas, sendo mensageiras, atuantes seja em um chá de camomila ou em uma arnica<sup>168</sup>.

Levar uma mensagem é também função do poeta. A poesia se liga com a beleza e nessa associação, ao vermos uma paisagem bela, a mesma se torna poética, possível de poesia. Natureza que em sua essência é movimento e transformação, surpreendendo o espectador.

O voo de uma garça cruzando o entardecer no Pantanal ou o entardecer da garça cruzando o voo do Pantanal são tão somente a natureza escrevendo com cor e imagem uma poesia: "Desde a mais alta Antiguidade considerou-se que o poeta era o verdadeiro intérprete da natureza, que conhecia seus segredos na mesma medida, precisamente, em que se imaginava que a natureza age como um poeta e que o produto da natureza é um poema." (Hadot, 2006, p. 223)

Nas itinerâncias pelo mundo rural, agreste, a obra *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa<sup>169</sup>, também vem dialogar com a fitoliteratura manoelina. Um mundo míope era corrigido ao Miguilim ganhar um par de óculos e enxergar tudo, maravilhado; via com mais nitidez as pessoas e a natureza. Em meio às realidades vegetais, o corpo suaviza impressões, se torna brando e receptível, com porosidade, buscando o delicado, o esquecido, o menosprezado, o imperfeito. A visão se torna detalhista, pois no detalhe está a diferença, enxergando a geometria das coisas, a geometria sagrada.

Em estado de natureza por excelência, o corpo é todo uma objetiva que dá um zoom, que arrepia, que chora; é uma lupa que tem a função de não diferenciar o observador do observado. É essa a busca da poesia de Manoel<sup>170</sup>, que em sua transgressão poética, se volta ao corpo para este se tornar árvore, legitimando-o enquanto ponte entre o que se é e o que se pode ser, em uma metalinguagem da natureza, a natureza por ela mesma, em um regresso a

---

<sup>168</sup> (Gagliano, 2013b)

<sup>169</sup> (Silveira; Andrade, 2016)

<sup>170</sup> Há muitos estudos que associam Manoel de Barros com a infância [vide, por exemplo, (Maia, 2015)]. Não só por escrever sobre as crianças, mas sua poética também apresenta uma liberdade no trato com as palavras que remete à primeira fase da vida. Na presente dissertação procurei relacioná-lo com a última fase da vida, o que não deixa de ter relação com a infância, num movimento cíclico, assim como da semente ao fruto e vice-versa. Vale dizer que o poeta escreveu muitos livros de poesia em sua terceira idade.

um estado natural: "[...] pensar o projeto poético de Manoel como um projeto assumidamente corporal [...]" (Lino<sup>171</sup>, 2019, p. 74).

A inteireza do ser de Bernardo é a inteireza do corpo ocupando integralmente seu local na paisagem, a serviço desta, sem fragmentação; o amigo que compartilha intimidades silenciosas com Manoel: "[...] o silêncio antecede a metamorfose em natureza e a metamorfose em natureza eterniza o silêncio." (Lino, 2019, p. 122).

Em meio ao barulho não se vê, não se escuta, então o silêncio é uma poesia por si só, prepara para um novo estado, e este novo estado é a continuação do fio condutor, que não se esvai, mas que liga, que cria um campo de reverberação, uma concha, oco, vazio, que pode refletir: “Bernardo é quase árvore. Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe. E vêm pousar em seu ombro. Seu olho renova as tardes. [...] Seu olho aumenta o poente. [...] (Pode um homem enriquecer a natureza com sua incompletude?) (Barros, 1997, p. 97). Olhar que aumenta, como o do filho que olha o pai de longe na canoa, na *Terceira margem do rio* de Guimarães Rosa, terceira margem esta que pode simbolizar a morte, também a continuação de uma outra vida, ou ainda o processo iniciático, o não lógico-racional, um rito de passagem<sup>172</sup>, sendo também um rito de iniciação se tornar uma árvore. O tornar-se árvore-canoa é reconhecer a transformação da vida, o aspecto navegável da existência.

Uma casca de cigarra vazia esquecida no tronco de uma árvore só serve para a poesia implica em nos relacionarmos com o vazio. Aqui em Brasília, temos nítido este momento das cigarras, que saindo da terra, grudadas nos troncos de árvores, fazem sua cantoria<sup>173</sup>. A fábula de Esopo ilustra a relação entre o pensar ou não no amanhã, em que a formiga faz suas provisões para o inverno, guardando mantimentos em seu esconderijo, enquanto a cigarra não se preocupa com isto, pois só quer saber de cantar.

Na necessidade, a cigarra é ajudada pela formiga com seu senso de planejamento. No imaginário grego<sup>174</sup>, as cigarras são mensageiras das musas. No nascimento destas, os homens ficaram tão encantados, que só queriam cantar, esquecendo-se de comer e beber, e desta forma, morriam.

A canção de Trítano, considerado o poema da velhice, trata do envelhecimento do personagem que ganha a imortalidade concedida por Zeus a pedido de sua amada Eos,

<sup>171</sup> Patrícia Lino coloca o homem-árvore como o último estágio do humano em sintonia com a natureza, com a poesia, no livro *Manoel de Barros e a poesia cínica: o círculo dos três movimentos com vista ao Homem-Árvore*.

<sup>172</sup> (Marchini, 2016)

<sup>173</sup> As crianças fazem uma algazarra quando entra uma cigarra dentro de casa e também há a alegria de encontrar uma casca vazia.

<sup>174</sup> (Guimarães, H.G., 2023); (Cunha, 2007-2008)

entretanto, o tempo para ele corre indelevelmente, e acaba sendo transformado por Zeus, enquanto sua amada, a deusa Eos, tem a imortalidade<sup>175</sup>.

Cantar seria então a salvação; a lira sendo tocada, na concepção grega, é o esplendor. A cigarra guarda em si por um lado a beleza do canto, ligadas ao Deus Apolo, da música, à eternidade, e por outro à impermanência, ao efêmero, ao se transformar em casca, em vazio, servindo também para a poesia.

A cigarra é intermediária entre céu e terra, bem como a árvore; a aparente inutilidade de uma casca nos remete à origem, a uma vida que já esteve ali e que cantava, salientando assim a diferença se o objeto tem mera utilidade sob o viés utilitarista ou utilidade para além da materialidade sob o viés de aparente inutilidade.

Porque, afinal, o canto da cigarra, presente também no diálogo de Sócrates com Fedro (onde Platão nos fala que as cigarras conversam, na busca do diálogo), assim como o conselho de um avô para um neto, são belos, e isto por si só é suficiente.

### 3.6 QUARTA PARTE DA POESIA

A árvore ficava envaidecida pois fora nomeada para um lugar de destaque, onde os pássaros pousavam em seus galhos, espectadores e ao mesmo tempo atores, pois o entardecer não era do céu, mas dos mesmos, como se houvesse uma mudança de cor, de anima, de postura. E esse entardecer era o suprasumo para uma árvore, que abriga em si a multiplicidade de vida, cores e cantos.

A vaidade depende do olhar, da aprovação dos outros, pois é difícil ser vaidoso sozinho em um quarto, ou sem ninguém prestar atenção. Na relação das árvores, uma era escolhida pelos pássaros e outras não, e isto gerava para além do que sentiam as que não recebiam convidados, um prêmio para a “dona da casa”. O conto *O espelho*<sup>176</sup>, de Machado de Assis, nos faz refletir sobre a vaidade.

Primeiramente, o personagem Jacobina não está interessado na opinião dos outros, mas em contar sua própria história, que dura 30-40 minutos. Ao narrá-la, traz um fato de sua vida onde comunica que existem duas almas, uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro.

O ponto nevrálgico do conto é quando o personagem se vê um ser quase sem vida quando não tem ninguém para bajulá-lo e reforçar sua vaidade, lhe restando vestir sua farda

---

<sup>175</sup> (Luz, s.d.); (Santoro, 2020)

<sup>176</sup> (Assis, 1994)

com patentes e se olhar no espelho, e assim ganhando um pseudo sentido de existir<sup>177</sup>. A árvore da poesia em questão pode ser uma alusão ao ser humano.

Nem precisaria de alguém bajular, o simples fato de se ter pássaros em seu corpo vegetal e no do lado não ter, este fato por si próprio, já é suficiente para a separação, para o envaidecimento. Porém é muito interessante pensar que outros pássaros escolherão outras árvores, que os mesmos voam, que tudo não passa de um apego.

Todas as batalhas da vida, os empregos, os dias, desembocam no largar, no deixar ir, no abrir mão, de ser apenas lugar de passagem, ambiente onde ninhos fazem seus pássaros e podem voar. Ser de passagem e ser a serviço A árvore, além de todas as suas funções, é a moradia, ou local de pouso de outros reinos: "No quintal ia nascer um pé de tamarindo apenas para uso dos passarinhos." (Barros, 2006, p. 53).

O lugar do brejo vem em consonância com o próprio bioma do Pantanal, alagado por natureza. O brejo é também aquele lugar esquecido, o lugar do ordinário<sup>178</sup>, despido de maiores pretensões, cumprindo o papel que lhe cabe. Da mesma maneira, a flor de lótus que nasce da lama é a representação da virtude que surge do erro, da alegria que surge da dor, da vida que surge da morte. O lírio no brejo é o lótus na lama.

Na *Iliada* de Homero, os anciãos são considerados cigarras pela possibilidade de dialogarem com vivacidade, de serem bons oradores e ainda possuírem uma voz de lírios (simbolizando a pureza, o eu lírico, com ideais acima da trivialidade).

Após sentir ciúmes de ver o que os lírios faziam no brejo, o irmão no estágio de ser árvore agradeceu a Deus porque fez amizades com as borboletas. As borboletas simbolizam assim como as árvores, uma ponte entre o céu e a terra, entre o espiritual e o material, nos ofertando a virtude da leveza, da delicadeza, do sutil, igualmente as flores: "Um segredo da natureza/Contemple a planta!/Ela é da Terra/A borboleta aprisionada./Contemple a borboleta!/Ela é do cosmos/A planta liberta." (Steiner, s.d., p. 48).

O poeta Rabindranath Tagore, com sua sensibilidade, nos diz: "A borboleta conta momentos e não meses, e tem tempo de sobra." (Tagore, s.d.). Tempo de sobra é o desejo profundo de todo ser humano em todos os dias de sua vida, mas que em algumas situações, só terá no leito de UTI. O poeta bengali, em sua obra *O carteiro do Rei*<sup>179</sup>, nos fala da passagem

<sup>177</sup> Da mesma forma, Guimarães Rosa em seu conto *O espelho* nos traz reflexões sobre o existir. Em um momento, não se vê, vê o nada, alusão à alma, ao mistério. Mais adiante a imagem surge, um menino, a origem, o recomeço. (Rosa, 2019, p. 69)

<sup>178</sup> Em entrevista com Manoel de Barros, transparece sua ligação com uma linguagem do cotidiano, do relegado, do comum, tal qual Guimarães Rosa e Fernando Pessoa, na busca de uma "estética da ordinariedade": "[...] trago em mim uma pobreza ancestral que me eleva para as coisas rasteiras." (Barros in Barbosa, 2003, p. 123)

<sup>179</sup> (Tagore, 2018)

do tempo<sup>180</sup>, tempo esse que para o menino adoecido Amal se dilatou ao ter por breve momento a companhia da pequena florista Sudha, que não esqueceu de seu amigo. Recado importante e sempre atual da natureza: é tempo de aprender com as árvores, com sua ancestralidade, com os passarinhos, com as borboletas.

A sobra também é fundante na poesia de Manoel de Barros, é através delas que o olho pode ver novas inutilidades e almejar poesia. Na poética das sobras, o artista polônes Frans Krajcberg se utiliza de troncos de árvores que já deixaram de existir para compor suas instalações artísticas, criando árvores-esculturas, dando lugar aos restos. O artista construiu sua casa em cima de uma árvore na Bahia (figura 22) e na luta contra o desmatamento da região conseguiu salvar uma espécie, em que dava bom dia<sup>181</sup>.



Figura 22 - Casa-atelier de Frans Krajcberg<sup>182</sup>

### 3.7 QUATRO ELEMENTOS, QUATRO ORIXÁS

A poesia “Árvore” de Manoel pode ser dividida entre os quatro elementos e também entre os quatro orixás, nos mostrando a inter-relação entre a cultura humana e a natureza. A relação dos orixás com a natureza é direta, simbiótica, são os guardiões desta: “Os Orixás, para os africanos - eram (e são ainda) considerados como senhores de certas Forças Elementais ou dos Elementos da Natureza.” (Silva, 1969, p. 16). A primeira parte da poesia pode representar o elemento terra (“Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua

<sup>180</sup> No posfácio do quadrinho “A casa” de Paco Roca, Fernando Mariás nos diz que o único tema da literatura é a passagem do tempo (Roca, 2021).

<sup>181</sup> (Amaral, 2008) também faz uma alusão ao livro *O barão nas árvores* de Ítalo Calvino, onde diz que Frans Krajcberg é o “Barão das árvores”, na sua determinação em se unir às árvores para criar uma nova história de vida perpassada pela preocupação com a natureza.

<sup>182</sup> (Carroll, s.d.).

árvore./Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.”), no qual os acordos acontecem, os contratos, o convite feito e o convite aceito, portanto, a energia da entidade *Oxóssi*, na simbologia afro-brasileira, o senhor das matas.

A segunda parte pode representar o elemento fogo (“No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola./No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhe ensinavam no internato.”). Elemento que faz o passado virar cinza, é o aprendizado, o trabalho, a dedicação, o pensamento que se transforma, é a energia da entidade *Ogum*, o senhor da proteção. O 3º elemento é o *ar*, presente na terceira parte (“Aprendeu com a natureza o perfume de Deus/Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul./E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só presta para poesia.”), podendo representar o autoconhecimento, a transformação, as artes, o canto, é a força da entidade *Iansã*, senhora dos ventos e raios. E por fim, a derradeira parte (“No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas. Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidece-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros./E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos.

Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.”) representando o elemento água, trazendo a limpeza das mágoas, a purificação dos sentimentos, o fluxo e a fluidez da vida, é a entidade *Oxum*, senhora das águas doces e cachoeiras.

### 3.8 FOLHAS, FLORES E FRUTOS

O conjunto de folhas, flores e frutos forma o que é mais delicado na árvore, no sentido de estrutura; são as últimas etapas para a mesma se constituir enquanto tal. O papel que as folhas realizam nos biomas, nos ecossistemas e no Planeta Terra como um todo é imprescindível para a vida. É através das folhas que ocorre a fotossíntese, onde há a captação dos raios solares e a transformação do gás carbônico em oxigênio.

As flores, por sua vez, possuem sistemas reprodutivos que lhes permitem uma fecundidade e um florescimento alinhado com o ritmo e o tempo da natureza. Os frutos são a última etapa evolutiva da planta, que guardam em si as sementes, responsáveis pela continuidade da espécie.

[...] como as plantas lembram o momento exato em que devem florescer? Seu sucesso reprodutivo e a capacidade de gerar descendentes são baseados, antes de mais nada, na capacidade de florescer no momento certo. Muitas plantas esperam certo número de dias para florescer, a partir da exposição ao frio do inverno. Portanto, são capazes de lembrar quanto tempo se passou. (Mancuso, 2019, p.19)

Em nosso imaginário, temos a rosa como símbolo do amor, da sabedoria, que ao mesmo tempo que contém a cor vivaz, o cheiro, o desenho das pétalas, apresenta em seu caule, espinhos, representando a proteção, simbologia também da dor, da transformação interna que são submetidos os seres humanos em todas as fases da vida.

A expressão “flor da idade” indica que é chegado o momento de viver de uma maneira mais profunda, saboreando cada momento da vida, fazendo as pazes consigo mesmo e com os outros, tendo mais consciência, buscando a sabedoria<sup>183</sup> armazenada nas experiências de toda uma vida, como a semente guardada dentro de um fruto. A folha simboliza a natureza, a esperança de seu verde, enquanto a flor é a vida, com sua beleza e ao mesmo tempo brevidade. Já o fruto é o dia-a-dia, o trabalho, assim como os dons, as habilidades de cada um.

O princípio ativo e curador presente nas plantas é usado pela humanidade desde sempre. Seja na medicina tradicional ou na busca da ciência por encontrar soluções no mundo natural que curem doenças como o câncer<sup>184</sup> (a planta *viscum alba* tem tido efeitos positivos<sup>185</sup>).

A medicina popular e rural dos mais de cinco mil municípios do Brasil, se utiliza do conhecimento passado de geração em geração para sanar as enfermidades. Folhas são usadas para benzimentos (enaltecendo assim um aspecto purificador e salutogênico<sup>186</sup> no ato de passar as folhas pelo corpo de um enfermo fazendo uma reza), garrafadas (composto de ervas que tem o potencial de curar inúmeras doenças) e costuras (ato de costurar um pano enquanto se faz as rezas)<sup>187</sup>.

---

<sup>183</sup> A sabedoria que vem com o passar do tempo e das experiências vividas torna os seres humanos mais sensíveis, mais atentos às pequenas coisas, à poesia presente nos detalhes. No refinamento do olhar vamos percebendo realidades que não estão apenas na matéria concreta, mas nos laços afetivos, nos sentimentos, no aspecto espiritual da vida. "E decerto que, simultaneamente, ela [a árvore] simboliza o homem: as suas raízes simulam o inconsciente dele, o seu tronco, a realidade, concreta, e a sua folhagem, a realização pessoal ao encontro da iluminação. Ela é o modelo vivo de desabrochamento ordenado e de evolução da matéria para o espírito." (Fischesser, 1981, p. 267)

<sup>184</sup> É muito inspirador o trabalho da amiga Alexandra Reschke, que lançou o livro “A flor da cura”, onde fala de sua trajetória lidando com o câncer e transformando sua vida através da alimentação e de ferramentas holísticas (Reschke, 2022)

<sup>185</sup> (Chagas, 2022)

<sup>186</sup> A salutogênese é um termo utilizado pela medicina antropológica que abarca uma visão mais integral de saúde e de bem-estar humanos, considerando os vários aspectos de sua constituição, incluindo o espiritual. (Grines, 2014)

<sup>187</sup> (Horochovski, 2015)

Nos povos indígenas e quilombolas, as plantas fazem parte de seu dia-a-dia e são o eixo central da relação mais íntima com a natureza, demonstrando assim o aspecto sagrado e simbólico que as plantas carregam, fazendo uma ponte com realidades mais sutis.

As folhas trazem também calma, conforto, ritualidade e cerimônia. Um banho com ervas no qual despejamos a mistura sobre nossas cabeças, nuca, corpo, nos traz proteção, limpeza, abertura de caminhos.

Da mesma forma, o preparo de um chá, nos tranquiliza, abre espaço para uma conversa informal. Milenarmente a cultura nipônica segue a tradição do chá, onde o ritual é pautado nos princípios da harmonia (*Wa*), respeito (*Kei*), pureza (*Sei*) e tranquilidade (*Jaku*)<sup>188</sup>. Princípios esses almeçados pelos seres humanos, em que é preciso primeiro colher as folhas, esquentar a água no fogo, saborear, enfim, ritualizar o cotidiano.

Com a idade vamos perdendo nossos cabelos, como no outono em que as árvores perdem as folhas. Há uma luta do ser humano em se aceitar do jeito que se é; passa-se uma vida reclamando e se modificando, não se aceitando. A sociedade capitalista nos leva a um padrão de beleza que iguala todos os dentes, todos os cabelos, todos os corpos, todas as individualidades. Nossos cabelos “são a floresta de nosso corpo, nossas parabólicas, tais quais os chifres de um alce.

Um cafuné no cabelo é um gesto de intimidade, que alivia tensões, que pode fazer alguém adormecer, consequência desse gesto de carinho. Os cabelos com a idade perdem a força, ficam brancos, caem, mas em troca há a experiência de vida, uma percepção mais aguçada e fidedigna a partir das experiências. Além de nossos avós humanos, temos os celestes, como o avô Sol e a avó Lua:

Os senecas dizem que toda árvore tem mais raízes do que galhos. Este ensinamento nos fala de como cada Pessoa-em-Pé, nós, os seres Duas-Pernas, temos uma espinha que lembra um tronco, braços que parecem galhos, e cabelos que lembram folhas. Crescemos em direção à luz, da mesma forma que os galhos das árvores esticam-se em direção do Avô Sol. Recebemos compreensão através de nossas antenas - os nossos cabelos - assim como as árvores recebem a luz através das suas folhas. (Sams; Carson, 1993, p. 86)

O poeta Francis Ponge dedica todo um livro para a flor “mimosa”<sup>189</sup>. O próprio nome nos remete ao mimoso, ao carinho, ao delicado, ao encontro de um casal de namorados, ao casal de idosos caminhando pelo parque de mãos dadas. Damos flores de presente, escutamos mulheres chamando outras de “flor”, “florzinha”. O chamego, o cheiro no cangote, a

<sup>188</sup> (Guarnieri, 2020)

<sup>189</sup> Estudo mostra a inteligência da mimosa. Ela se faz de morta, uma habilidade para reagir e se proteger de predadores ou contra distúrbios externos como um simples toque em suas partes. (Gagliano; Marder, 2019).

dimensão da flor é a dimensão da poesia, da dimensão do tempo presente, repleto de significado.

“As flores são uma das paixões típicas do espírito humano. Uma das rodas do seu carrossel. Uma das metáforas de rotina. Uma das involuções, das obsessões características desse espírito. Para nos liberarmos, liberamos a flor. Mudemos de opinião quanto a ela. Fora desse invólucro: O conceito em que ela se tornou, por meio de alguma revolução devolutiva, entreguemo-la, salva de toda definição, ao que ela é, mas o que então? Evidentemente: um *conceptáculo*.” (Ponge, 2003, p.26-27)

Conceptáculo é um conceito na botânica para um tipo de formação do fruto, contudo aqui para Ponge é a união de conceito com espetáculo. O espetáculo da vida, em que somos convidados a subir no palco, não sendo apenas espectadores, mas em uma observação/atuação com tempo do mundo natural, vendo as reentrâncias das pétalas, tendo um encontro com a flor. Espetáculo este que Margaret Mee, inglesa que descobriu na arte botânica sua maneira de amar o mundo vegetal. A partir de incursões na Amazônia, com sensibilidade e apurado senso estético, buscou ser fiel à expressão da planta que se apresentava em sua frente, conseguindo desenhar a “flor da lua” (figura 23), que só abre em uma noite uma vez por ano.



Figura 23 - Moonflower - Margaret Mee<sup>190</sup>

<sup>190</sup> (Society of Botanical Artists, 2021)

A arte é uma grande ferramenta para nos aproximarmos das plantas, seja através dos desenhos, das músicas, ou na ponta do lápis escrevendo sobre um novo mundo, um novo jeito de viver: "A poética vegetal moderna e contemporânea se deseja então o máximo próxima das plantas, sem utilizá-las como instrumento da moralidade humana. As árvores e as flores, por exemplo, comparecem como sinais de vitalidade, num mundo exaurido [...]" (Nascimento, 2021, p. 320).

O que sai da ponta do lápis pode contribuir para mostrar as características da natureza. Para João Guimarães Rosa e Manoel de Barros, o processo de escrita é de união, torna-se a própria vida, ofício natural: "Tanto Rosa como Barros não utilizam a natureza como cenário, mas como matéria-prima de seus textos." (Barbosa, 2003, p. 18). Eu acrescento que para ambos e também para aqueles que buscam uma poética unida à sabedoria dos vegetais, após transformarem a natureza em poesia, deixam este ser nascido, *naturesia*, viver. Faço a junção de natureza com poesia em *naturesia*. O poeta Leonardo Fróes publicou por mais uma década, uma coluna no Jornal do Brasil, chamada "Natureza". Morando em um sítio e trazendo conhecimentos de botânica, e apresentando aos leitores, poetas como Thoreau (O poeta americano foi viver isolado na natureza em uma casa nas margens do lago Walden). Fróes popularizou a necessidade de voltar-se à natureza para aqueles que abriam as folhas de jornal; até Drummond opinou sobre seus escritos<sup>191</sup>. Há um poema de Fróes *Introdução à arte das montanhas*, no qual fala de um animal que sobe a montanha mas que não sabe que precisará descer; também o poema "Justificação de Deus", no qual chamou de "deus" uma árvore na qual certa vez entrou para recuperar sua energia<sup>192</sup>, são exemplos dessa *naturesia*, um convite da natureza para o humano, para um olhar e uma experiência poética, de catarse, de ser livre.

Pensar, falar, escrever sobre as flores nos levam a constatar o elemento feminino. Feminino que é a mãe de onde viemos, Gaia, a Mãe Terra, a Mãe Natureza, assim como a mãe de cada um, que nos deu a vida terrena, passando por nossas avós, bisavós e sucessivamente.

Aspecto feminino que se alicerça nos ritmos da natureza, da influência da Lua sobre os processos biológicos. Refletir sobre uma fitoliteratura, que também nos leva a uma ecocrítica<sup>193</sup>, nos impele a integrar o aspecto feminino da vida e a pensar a partir de um olhar

<sup>191</sup> (Rosa, 2021)

<sup>192</sup> (Fróes, s.d.)

<sup>193</sup> A ecocrítica se estabelece como uma ferramenta, um treino do olhar que rerepresenta o humano para o não humano, ou seja, a partir do esquecimento por parte do humano da natureza, a tarefa da ecocrítica é uma recordação, uma contemplação, uma ação e um testemunho, desta interação. "À medida que os ecocríticos procuram oferecer um discurso verdadeiramente transformador, que nos permita analisar e criticar o mundo em que vivemos, dá-se cada vez mais atenção à ampla gama de processos e produtos culturais nos quais e por meio dos quais ocorrem as complexas negociações entre a natureza e a cultura. Aliás, a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo 'humano'". (Garrard, 2006, p. 16)

maternal. A natureza contém o arquétipo da mãe, que dentre várias qualidades, acolhe. O regresso a uma pré-linguagem<sup>194</sup>, adâmica, vinda de Adão, do barro<sup>195</sup>, como Manoel de Barros utiliza em suas poesias, é também um retorno à mãe, ao ventre, à origem, ao primitivo. Por que não retornar também à Eva, a própria força feminina da palavra criadora, fonte primeva, da dimensão de Gaia, de ecofeminismos, de vozes vegetais prenhas?

Esta palavra que se busca é a maçã não-proibida, permitida, da poesia. A mãe de Cosme, no livro *O barão nas árvores* de Italo Calvino; a esposa falecida de Elzéard Bouffier, no livro *O homem que plantava árvores*, de Jean Giono; e a esposa de Manoel de Barros, Stella Barros, são as flores, o sustentáculo, o núcleo, as fortalezas e árvores ancestrais das histórias contadas, recontadas e vividas. Stella ficou casada com Manoel de Barros por 64 anos e isso deve ser levado em conta.

Acrescento mais duas flores nesse buquê, além das mulheres já comentadas nesta dissertação, que defendem de alguma forma, a natureza: Eliane Potiguara, primeira mulher indígena a publicar um livro no Brasil (só em 1985), “A terra é a mãe do índio”, onde trata do respeito aos povos indígenas e à natureza, e Ana Maria Primavesi, pioneira na agroecologia no Brasil. Abaixo um desenho (figura 24) de seu filho (Arturzinho), que faleceu com a idade de 32 anos, demonstrando que os trabalhos de sua mãe influenciaram muito sua concepção de vida, integrada à natureza.

---

<sup>194</sup> Pré-linguagem que impele uma busca de uma língua pura, uma pré-história da linguagem, como Walter Benjamin propôs e por conseguinte Haroldo de Campos (Barbosa, 2003). Uma linguagem das coisas que propõe Benjamin é o mesmo sentido de uma arquiescrita, proposta por Derrida. A arquiescrita trata de uma origem, uma expressão, uma abertura de possibilidades para o mundo falado e para os objetos, que deixam marcas, traços, grafias. É a “impressão” de uma vontade no mundo. A “fitografia” se insere nesta visão, sendo então esta “impressão”, “inscrição” das plantas no mundo e também seu viver nos textos literários. (Vieira, 2015)

<sup>195</sup> Lacan cunha o termo “lituraterra” (união de risco, rasura, com terra) para se referir ao que está antes do sentido da palavra, à materialidade das coisas, ao “gozo” das palavras, esvaziando o significado, em um deslumbramento pelo simples existir. A palavra como coisa e na aparente inutilidade, um novo irromper, um lugar comum de poetas, crianças, palhaços, visionários. (Barbosa, 2003). A letra para Lacan é uma precipitação do significante, é a ida para o litoral, onde o ser pode sair da fronteira e colocar seu semblante, desembocando na escrita, suas “águas”. (Almeida, 2020). No abrir “buracos no papel” que o lápis faz, abre-se um espaço vazio interior, e então se descobre a poesia, o estado das coisas.



Figura 24 - Desenho de Arturzinho, filho de Ana Primavesi<sup>196</sup>

O ecofeminismo é um movimento que ganhou força a partir da década de 1960, buscando o resgate da interligação da mulher com a natureza, onde ambas, mulheres e natureza, foram subjugadas e dominadas historicamente pelas consequências do patriarcado<sup>197</sup>. A tríade mulheres, meio ambiente e desenvolvimento sustentável<sup>198</sup> constituem perspectivas de vanguarda na mudança de paradigma necessária, onde o ecofeminismo se afirma em ações espirituais, sócio-econômicas e políticas.

A urgência dessa temática começa a ser pauta nos encontros sobre a mudança climática, buscando a consciência da igualdade e equiparação de gênero, além da erradicação da pobreza e violência, pois os frutos advindos do fortalecimento do ecofeminismo são a melhoria da qualidade de vida de toda a humanidade, pois dando voz, vez e espaço para as mulheres, sejam em seus núcleos familiares, comunitários, como lideranças ou ativistas, geram um olhar mais amplo, englobando e interrelacionando pessoas, hortas, jardins, cidades, biomas, no fazer ciência, no fazer arte.

### 3.9 MORTE

A vida que todos os seres vivos evidentemente têm, um dia, cedo ou tarde, chegará ao seu fim. A morte é uma certeza, é um destino o qual viveremos. Ao longo de toda a história da humanidade, a mais misteriosa resposta esperada e a maior busca da espiritualidade, da

<sup>196</sup> (Ana Maria Primavesi, s.d.)

<sup>197</sup> (Guimarães, V. M. B., 2023)

<sup>198</sup> (Sandoval, 2012)

ciência, tem a ver com a morte. Por que tenho que morrer? Para onde vamos depois de morrer? São apenas duas perguntas que acompanham boa parte de nossa biografia.

As árvores também morrem (é claro que a árvore que tem mais de 9 mil anos atualmente pode nos mostrar o contrário, contudo trilhões de árvores já morreram, seja de forma natural, pela ação da natureza ou do humano).

O poeta Manoel poetiza sobre essa travessia ao dizer que “No meu morrer tem uma dor de árvore” (Barros, 1997, p. 99)<sup>199</sup>, uma dor calada, inaudível, um encontro profundo consigo mesmo, com sua corporalidade, que não pode ir a nenhum lugar no momento da morte, que permanece no espaço onde está, como na imobilidade das árvores, com suas raízes fincadas na terra.

A imortalidade é um anseio humano; enquanto alguns querem a eternidade na matéria, como na criogenia, outros se contentam em saber que o corpo morre mas a vida continua em outros planos, e de alguma forma as árvores são as testemunhas de todas as ações humanas, desde Ur, a primeira cidade, até os tempos atuais.

Imensa, erguida para o céu, resistente aos elementos e ao tempo, símbolo da vida que se prolonga e que todos os anos se renova adquirindo forças, a árvore não cessou de povoar os nossos sonhos de imortalidade. Ela mergulha profundamente as suas raízes no inconsciente coletivo. Eis porque todas as civilizações veneraram a sua imagem. (Fischesser, 1981, p. 267)

Morrer faz parte da vida, e segundo algumas linhas espirituais, a vida continua após a morte. Certa vez, em um congresso, escutei o professor antroposófico George Glöckler dizer que morremos para poder nascer de novo. Fernando Pessoa, em *Iniciação*, descreve um processo iniciático, de autoconhecimento<sup>200</sup> e encerra este poema dizendo que não há morte, ou seja, a vida é uma continuidade, o corpo físico morre, mas algo continua, e se relacionar com esse fato faz parte de uma melhor compreensão sobre a vida.

A metáfora da lagarta que se transforma em borboleta nos sinaliza que não há fim, mas transformações, degraus evolutivos. Uma árvore ou um ser humano que morre, considerando a materialidade, voltarão para a terra, serão “adubo” para o mundo vegetal. Mas pensando em termos supra-sensíveis, invisíveis, de continuidade de vida, estão espalhadas por muitos lugares e já há muitos anos, as sementes daquela árvore que morreu, da mesma forma

---

<sup>199</sup> (Albert; Kopenawa, 2023) também tratam desta dor de árvore.

<sup>200</sup> (Gebra, 2012)

que as “sementes humanas”, suas atitudes, suas boas ações, estão espalhadas por parentes<sup>201</sup>, amigos, desconhecidos.



Figura 25 - *Familia Bororo - farta como o Jatobá*<sup>202</sup>

O medo acabou ocupando um papel principal em nossas vidas. Sentimos medo muitas vezes por causa do desconhecido, por um não saber. A partir do momento que começamos a ver notícias da mudança global do clima, do desmatamento acelerado, não chegamos a sentir um medo paralisante caso não sejamos afetados diretamente.

Agora, caso fôssemos um povo yanomami, huni-kuin, wajãpi, ou os krenak (que foram diretamente afetados pelo transbordamento da barragem de mineração de Mariana), e a fumaça das queimadas, o calor e falta de alimento pela derrubada das árvores, dessem a tônica, a relação seria diferente, e assim teríamos mais medo.

A consciência de que o outro sou eu, como na relação expressa do Eu-Tu proposta por Martin Buber, muda o paradigma ambiental do indivíduo. O medo do outro é meu medo em algum nível. O medo da morte é universal e o conhecimento de que a morte está na natureza, está nos animais, nas plantas, nos torna partícipes das inúmeras possibilidades de um nova

<sup>201</sup> Na perspectiva da grande teia da vida, estamos entrelaçados, e o tratamento cordial de que outros seres vivos são nossos irmãos, parentes, nos traz uma consciência de responsabilidade pela harmonia e equilíbrio das relações.

<sup>202</sup> Esta obra de arte da artista indígena Daiara Tukano esteve exposta em exposição no Museu Nacional da República em Brasília, no ano de 2023. Na árvore está escrito *Bororo*, povo indígena de Mato Grosso, terra do poeta Manoel de Barros. Subindo a árvore também estão escritos *Boe* e *Umutina*, denominações pertencentes a aos *Bororos*. A noção de família para os povos indígenas abrange muito mais do que os pais e os irmãos, abarca aqueles que vieram antes de nós e inclusive a natureza.

vida, de um viver com mais saúde e presença em todos os níveis. Da mesma forma que dissecamos o ser humano em suas frações física, mental, vital, emocional, espiritual, um novo corpo pode surgir, o corpo ambiental.

O medo da morte e a ignorância sobre a vida após a morte estão alimentando essa destruição do meio ambiente que está ameaçando tudo em nossas vidas. O mais perturbador nisso tudo não é o fato de que as pessoas não recebam instrução sobre o que é a morte, ou como morrer? Ou que não tenham esperança alguma no que vem após a morte, no que está por trás da vida? Pode alguma coisa ser mais irônica do que a existência de jovens altamente educados em todos os campos do conhecimento, exceto naquele que detém a chave do sentido global da vida, e talvez até da nossa sobrevivência? (Rinpoche, 1999, p. 26)

O educador e escritor Rubem Alves plantava uma árvore para cada amigo seu falecido<sup>203</sup> e depois de um tempo, começou a plantar também para quem estava vivo<sup>204</sup>. Rubem tinha uma relação íntima com um pé de rosmaninho, que o fazia especial porque seu pai falecido lhe dera quando a árvore era uma mudinha.

Mesmo a cremação nos dá a ilusão de que nosso corpo permanecerá intocável, enquanto ele será, neste caso também, alimento para outros – principalmente árvores, que sequestram todo o carbono que irá ser liberado de nosso corpo. Nada podemos nos tornar senão outros seres vivos. (Coccia, 2020, p. 1070)

A perda de alguém próximo nos traz reflexões profundas sobre a experiência de viver e de morrer. O luto é um sentimento que não tem data marcada para acabar, mas sim um processo que precisa ser vivido e compreendido para o amadurecimento da alma<sup>205</sup>. O mestre zen budista Tich Nhat Hanh, após a perda de sua mãe, compreendera que ela estava em todos os lugares, nas pequenas singularidades da natureza<sup>206</sup>.

Da mesma forma, Chimamanda Ngozi Adiche<sup>207</sup> viveu o luto com a morte de seu pai, relembando os momentos de convivência. Refletiu ainda sobre a futilidade de pessoas que, na Nigéria, brigam por causa de um pedaço de terra do tamanho da área de um automóvel.

A instalação artística de Candy Chang<sup>208</sup> coloca murais pelo mundo com a expressão “Antes de eu morrer eu quero...” para que as pessoas de qualquer idade possam escrever com um giz os seus sonhos. No fim da vida, no leito de uma UTI, qual a importância de um cabelo

<sup>203</sup> Já existem urnas biodegradáveis que recebem as cinzas do falecido, e junto com sementes e adubo se tornarão um dia, uma árvore. (Viggiano, 2019)

<sup>204</sup> (Alves, 2010)

<sup>205</sup> Em 2023, perdi minha mãe no dia em que ela completava 65 anos. Foi no dia 21 de setembro, dia da árvore.

<sup>206</sup> (Hanh, 2015)

<sup>207</sup> (Adiche, 2021)

<sup>208</sup> (Chang, s.d.)

despenteado, se você tem espinhas, de uma camiseta que rasgou, de desavenças por futilidades, as preocupações do amanhã?

A médica Ana Cláudia Quintana Arantes revolucionou a medicina brasileira ao colocar em prática os cuidados paliativos, que trazem conforto, afeto e dignidade para aqueles que estão em seus últimos dias. Perdemos<sup>209</sup>, deixamos, desapegamos, largamos, abrimos a mão. O coração, nos últimos momentos de vida sabe o que é mais importante: os laços afetivos, um olhar, um abraço, um pedido de perdão, uma lembrança vivida junta, uma canção.

Cada perda existencial, cada morte simbólica, seja de uma relação, de um trabalho, de uma realidade que conhecemos, busca pelo menos três padrões de sentido. O primeiro diz respeito ao perdão, a si mesmo e ao outro. O segundo é saber que o que foi vivido de bom naquela realidade não será esquecido. O terceiro é a certeza de que fizemos a diferença naquele tempo que termina para a nossa história, deixando um legado, uma marca que transformou aquela pessoa ou aquela realidade que agora ficará fora da sua vida. Aceitar a perda tem uma função vital na nossa vida que continua. (Arantes, 2019, 156-157)

As poesias do poeta não morrem com sua morte. Manoel de Barros nascido em Mato Grosso e falecido em Mato Grosso do sul, estendeu seus braços e sua arte por todo Pantanal. Assim como seu amigo Bernardo também falecera. Ambos árvores.

Sendo Bernardo o grande “andarilho” de sua poesia, está em sua voz a sua Fonte, tríade entre a criança, palavra seminal e originária, o passarinho e o seu desprendimento das coisas terrenas e mundanas, e os andarilhos, que não se perdem no caminho porque o inventam e, com um saber que antecede a Ciência, subvertem a lógica racional remetendo-se ao conhecimento do que é do âmbito do sagrado, do sacralizado. (Uzêda, 2017, p. 50-51)

O rio é uma das metáforas utilizadas para simbolizar a vida, a biografia humana. Se enquanto na infância a vida pode ser comparada a uma regato, nascente, olho d’água, a fase adulta ao leito do rio, com suas correntezas, curvas (como aquelas que nos fascinam ao vermos uma fotografia aérea do rio Amazonas) e encontros (como a do rio Negro e Solimões), a terceira idade é o momento que antecede o desembocar no oceano, anseio inequívoco dos rios.

O oceano representa a vida em totalidade, é também o desconhecido assim como as florestas. As florestas dependem dos oceanos e estes, com seus fitoplânctons, são responsáveis por boa parte do oxigênio que há em nosso planeta.

---

<sup>209</sup> Há um vídeo do palhaço Cláudio Thebas em que ele diz que somos essencialmente perdedores, perdemos cabelos, amigos, pais... (Dunker; Thebas, 2019)

O riquíssimo material dos rios, contendo galhos, folhas, são o adubo das algas, para a vida marinha. A interconexão e mais uma vez a descoberta da potência de vitalidade e importância que são as árvores, geram o sentimento de reverência por elas.

Um estudo japonês surpreendente mostra a importância do legado das árvores para o oceano. Katsuhiko Matsunaga, um oceanógrafo químico da Universidade de Hokkaido, descobriu que folhas caídas liberam ácidos em córregos e rios, e essas substâncias são levadas para o oceano. Lá, esses ácidos abastecem a produção de plânctons, o primeiro e mais importante elo da cadeia alimentar. (Wohlleben, 2022, p. 28)

A criança vive no presente, o adulto vive no futuro e o idoso vive no passado. A criança está certa, é o tempo que tem, é a vida que se apresenta, que mesmo em meio a dificuldades, na miséria, transforma um pedaço de tijolo em um brinquedo e um pedaço de pão partilha com o irmão; a criança sorri apesar dos pesares.

O adulto preocupa-se com o amanhã, com as contas a pagar, com o investimento a enriquecê-lo, com a compra de bens, com a aposentadoria, com as férias; a dúvida toma-lhe conta. O idoso se tensiona com o saudosismo, com o tempo que não volta mais, também com as mágoas que guardam de alguém por um fato de 30 anos atrás; sente por não terem mais o mesmo tônus, o mesmo vigor, disposição.

Cada fase com seu sabor e aprendizado, como no reino vegetal. Viver cada fase da vida, assim como cada árvore vive cada estação: "Em uma idade avançada Goethe descreveu as fases da vida nestes termos: a criança é um realista, o jovem um idealista, o homem adulto um cético, o homem idoso um místico!" (Lievegoed, 1987, p. 72). Uma das tarefas do adulto e idoso é encontrar o seu presente, no sentido duplo da palavra, o tempo presente e o presente enquanto afeto, troca. O fruto deliciado no tempo certo<sup>210</sup> segue o padrão da natureza. O idoso que sabe ser idoso faz de si própria uma árvore frondosa capaz de dar frutos de sabedoria e espalhar sementes de alegria:

"Não há tarefa mais urgente para nós que a de aprender diariamente a morrer; mas não é com renúncia à vida que aumentamos nosso aprendizado sobre a morte; apenas o fruto maduro do aqui-e-agora apanhado e mordido espalha em nós seu sabor indescritível." (Rilke, 2007, p. 173).

Aceitar a idade que se tem e que o tempo não volta atrás oferecem continuamente a oportunidade de sempre aprender, renovando a vida a cada dia. A inteligência e a vida das árvores vem sendo cada vez mais conhecida e estudada pela sociedade. Tal conhecimento ou

---

<sup>210</sup> Ontem tomei um suco de melancia que estava delicioso.

melhor, reconhecimento<sup>211</sup>, está começando a ir para a consciência das pessoas: primeiro passo para que ocorram mudanças frente aos desafios ambientais atuais e para que voltemos pensar, sentir e agir junto ao reino vegetal.

### 3.10 PROBLEMÁTICA, CULTURA E INTELIGÊNCIA

A poesia *Árvore*, de Manoel de Barros, sintetiza, com poucas palavras, a experiência poética por excelência e, ao mesmo tempo, mostra uma primitividade, aquela em que se insere a natureza, aquela que é nascida da natureza. Como nos diz Ralph Waldo Emerson, a linguagem é poesia fossilizada<sup>212</sup>, nos revelando assim sua essência estética, rupestre (como os poemas rupestres do próprio Manoel de Barros).

Em uma perspectiva ancestral, podemos pensar em uma coevolução, onde seres humanos e plantas se ajudam, por exemplo, como o *Australopithecus africanus* que possuía uma grande mandíbula e dentes com espesso esmalte para justamente, poder extrair os nutrientes das duras nozes<sup>213</sup>. A poesia é filha da natureza, sua origem nos leva ao âmago das fitoiterâncias, das fitotransformações. Manoel nos convoca a reentradas e reolhares para a natureza através da lente que a mesma oferece, de transformação e beleza, que convida à linguagem imaginativa, à interconexão entre palavras e vegetais. Na poesia, um verso leva a outro, bem como nas árvores, nas quais uma raiz leva a outra, e nessa profusão atemporal, podemos dissertar sobre novo tempo:

[...] a concepção de natureza tem uma história, porque age na vida humana e com ela interage diretamente. E o papel histórico do homem, desde a fase de contemplação na época grega antiga até ao predadorismo moderno, deu-se por contradições. Ao que parece, o homem tem percebido que a concepção moderna de que a natureza é

<sup>211</sup> Perguntei para uma criança, um adulto e um idoso sobre o que a árvore representa para eles. Primeiramente, meu filho de 10 anos, Cassiano: “Um sinal de vida, uma resposta para todos que têm problemas e um símbolo de paz.” Depois, Deidmar, minha esposa, de 43 anos: “É como falar sobre minha pele, meu sangue. As árvores estão aqui antes de nós, são muito sábias, elas são o ar que respiramos. Eu fico melhor, mais feliz, em um lugar onde tenha árvores. Gostava que na casa da minha avó tinha a árvore com aquela flor “xixi de macaco”. Os indígenas se relacionam com as árvores como seres.” Por último meu pai, Marcos, de 64 anos: “A árvore junto com o oceano são os pulmões da nossa vida. A árvore é tudo em nosso planeta.”

<sup>212</sup> (Macfarlane in Holten, 2023)

<sup>213</sup> (Schall, 2018). Paul R. Ehrlich e Peter H. Raven fizeram um estudo sobre a coevolução, mostrando a relação das borboletas e das plantas. Veja só a lobeira, parece ter sido feita para o lobo! Sobre esta temática cabe ressaltar a conclusão que Darwin tirou: [...] que se não houvesse insectos na Terra as nossas plantas não estariam adornadas com belas flores, mas apenas teriam produzido as pobres flores que vemos nos abetos, nos carvalhos, nos freixos, nas árvores que produzem frutos secos, nas gramíneas, nos espinafres, nas azedas, nas urtigas, todas elas fecundadas pela acção do vento. Podemos aplicar o mesmo raciocínio aos frutos. Todos admitem que uma cereja ou um morango maduros são tão agradáveis à vista como ao paladar; que os frutos vivamente coloridos dos evónimos e as bagas escarlates do azevinho são muito atraentes. Mas esta beleza não tem outro fim que não seja atrair as aves e os insectos, para que os frutos sejam devorados e as sementes disseminadas pelas fezes.” (Darwin, 1859, p. 176)

algo extrínseco a si mesmo e da qual ele é senhor não tem mais espaço no mundo atual. A natureza nos faz perceber que temos que voltar ao entendimento primário de que tudo é “um” e, nesse sentido, os gregos sempre tiveram razão. (Feitosa, 2021, p. 13)

Ser árvore no sentido de metamorfose de nosso corpo em matéria-prima após nosso desencarne, em composto orgânico para crescer uma árvore, é destino de todos os humanos, portadores da mortalidade.

Para os povos originários, em suas cosmologias, antes de sermos quem somos, fomos muitos seres, habitamos muitos mundos. Na dimensão de uma árvore se tornar ser humano está também a dimensão do ser humano se tornar árvore, circularmente<sup>214</sup>, em um evento cíclico, em uma dança cósmica:

As diferentes narrativas sobre a origem da vida e nossa transformação aqui na Terra são memórias de quando éramos, por exemplo, peixes. Porque tem gente que era peixe, tem gente que era árvore antes de se imaginar humano. Todos nós já fomos alguma outra coisa antes de sermos pessoas [...] (Krenak, p. 51, 2020)

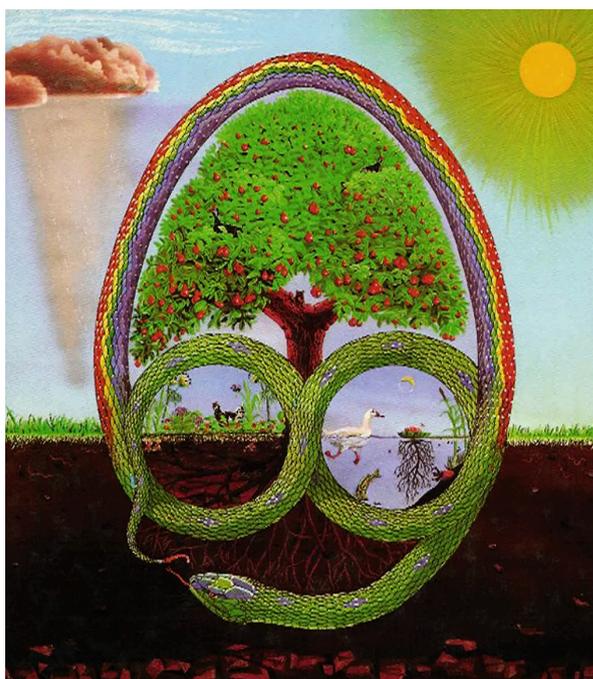


Figura 26 - Símbolo da permacultura

<sup>214</sup> A serpente representa essa circularidade, sendo o símbolo formativo dos povos aborígenes americanos e australianos, onde dentro de si está a árvore da vida, exemplificada na arte da figura 26 (Jeeves, s.d.). As éticas da permacultura são: cuidar da terra, cuidar das pessoas e partilha justa. (Permaculture Principles). Sobre permacultura vide (Mollison, ca. 1991). Saavedra fala de uma “permaescrita”, fusão de permacultura e escrita, necessária união para os tempos atuais. Um dos princípios é: “Observe e interaja” e outro: “Encontre pequenas e lentas soluções.” (Saavedra, 2021, p. 80-81).

Pela linguagem manoelina, podemos ser árvore em vida, e a terceira idade, onde a serenidade, a sabedoria e o aconselhamento vêm à tona, pode ser comparada a este ser humano que se transforma em árvore, na qual suas raízes, tronco e copa têm histórias para contar.

O médium Chico Xavier já com idade avançada, após centenas de livros publicados, simplificava sua escrita, tratada agora de maneira mais direta, com poucas palavras mas com profundidade, demonstrando assim que na terceira idade o menos é mais. Escrevia ele: “‘Seja comunicativo’, ‘Sorria à criança’, ‘Cumprimente o velhinho’, ‘Converse com o doente’” (Souto Maior, 2003, p. 249).

A escrita pantaneira do poeta Manoel revela uma tranquilidade, um desapego, um deixar levar, em consonância com o poema de Goethe a seguir (inspirado pelo poeta grego Alcman do séc. VII a.C): “Em todos os cumes:/Sossego./Em todas as copas/Não sentes/Um sopro, quase./Os passarinhos calam-se na mata./Paciência, logo/Sossegarás também.” (Vieira, 2017, p. 3).

O que está por detrás da poesia revela sentimentos do campo vegetal, no sentido de proximidade, de união, pois conforme vamos lendo calma e silenciosamente a poesia, um encantamento passível de fazer pontes com realidades mais profundas se instaura, com a sensibilidade capaz de diálogo com a natureza e com outros seres.

Relações com outros seres, como *Iroko*<sup>215</sup>, cultuado na umbanda e senhor da grande árvore, que a utiliza como sua morada. *Iroko* também pode inclusive ser visto como uma árvore, a própria figueira.

A apresentação de um novo mundo, viçoso, colorido, resgatando o abandonado, o excluído, o não importante, é parte integrante da poética de Manoel de Barros. O universo manoelino é florestal por natureza, é reflorestado pelo olhar poético, se afirmando com voz própria, se lançando ao âmago das existências, onde árvores, cigarras, garças, objetos sem utilidade, pôr-do-sol, Bernardo, se tornam mitos, personagens centrais de um enredo vegetal, natural, regional, tendo vida interior: “[...]Andar à toa é coisa de ave. Meu avô andava à toa. Não prestava pra quase nunca. Mas sabia o nome dos ventos [...] Falava coisas pouco sisudas: que fora escolhido para ser uma árvore” (Barros, 2000, p. 51)

Ser árvore implica em ir ao encontro, entrar no “brejo”, molhar os pés, sujar de terra as mãos, ir até o fundamento, à raiz, à lama para encontrar a pérola do poema: "Manoel convida a outro tipo de saber, o que, na verdade, está na base do exercício de vergar-se até ao chão. Até ao poema." (Lino, 2019, p.33). Ir até o chão é pode subir desde o princípio de tudo, é do

<sup>215</sup> (Azevedo, 2015)

chão que vem a vida vegetal na Terra: “O chão pare a árvore, pare o passarinho [...] (Barros, 1999, p. 31).

Sentir-se enfim em casa, em união, é deixar a natureza dizer, em uma visão ecocêntrica, ecopoética<sup>216</sup>. Buscar através da poesia traduzir a linguagem da natureza, das árvores, ou apenas pedir emprestado esta maneira da natureza de conversar, para além da lógica, do entendimento racional, dos padrões sufocantes estabelecidos, como o kinismo<sup>217</sup> fez.

A arte rompedora, da mesma forma se assemelhando aos “koans” do zen budismo, que são narrativas que a mente padrão, analítica, não consegue reter, indo também por uma lógica mais simples, mais direta, bem como neste exemplo a seguir sobre a corporalidade da árvore: “Um monge perguntou a Yunmen: ‘ - Quando desbota a árvore e caem folhas, como fica?’ Yunmen falou, ‘ - Um corpo exposto ao vento de Outono.’” (Chongxian, p. 39, 2021).

As folhas, flores e frutos da árvore são as partes mais frágeis, basta um vento forte, uma chuva torrencial, para que se abalem suas estruturas. Por isto mesmo que há muitas delas em uma mesma árvore e suas utilizações são as mais variadas: na farmácia, na nutrição, medicina, na agricultura, na culinária, no âmbito popular como um todo.

Pesquisas em todo o mundo surgem a cada dia sobre as propriedades curativas das plantas, entretanto, a problemática das folhas, flores e frutos é justamente o desconhecimento de suas propriedades, o que gera um afastamento do ser humano para com esta tríade.

Da mesma forma, a problemática do idoso é não poder ter condições saúde nem uma vida digna, tendo que sofrer o desprezo vindo da sociedade, que dita os padrões de beleza e juventude. O ser humano apartado, acaba por buscar respostas e soluções na indústria química em busca de tratamento, cura e saúde.

A substituição gradativa do poder das plantas pelas medicações de tarja vermelha, preta, leva naturalmente, por um lado, ao aumento da riqueza e do lucro por grandes conglomerados de indústrias e empresas farmacêuticas (só em 2023 a receita das indústrias farmacêuticas foi na casa de 1.6 trilhão de dólares, 100 bilhões a mais que em 2022<sup>218</sup>) e por outro, na dependência da humanidade a tais medicamentos, geradora também de doença.

A solução passa pelo desenvolvimento de uma cultura das folhas, flores, frutos e idoso que possibilite à humanidade ações embasadas na intimidade dos humanos com as plantas, ou

---

<sup>216</sup> (Correia, 2019)

<sup>217</sup> Corrente filosófica grega em que se pretendia romper com os padrões, posturas sociais e hierárquicas. (Lino, 2019)

<sup>218</sup> (Mikulic, 2024)

seja, é preciso tocar, cheirar, macerar, diluir, concentrar, tomar, comer, extrair os óleos, as polpas, enfim, com o intuito da melhoria da saúde integral.

Intimidade que é também ambiente propício para escuta seja das plantas como dos humanos; também ações embasadas na pesquisa de suas propriedades, perguntando para um vizinho, para um parente, como exemplos, alguma solução natural para uma questão de saúde, possibilitando um resgate das tradições, costumes e hábitos dos povos originários para com as plantas, já que o seu saber foi esquecido; e em terceiro lugar, ações embasadas na arte, também lugar de afeto, propiciando a criação de poesias, encenações, danças, músicas, esculturas, a partir das folhas, flores e frutos. Há uma inteligência em ser folha, flor e fruto, em alimentar, curar, reproduzir. Da mesma maneira há uma inteligência em ser idoso, em desapegar, contemplar, aconselhar.

O idoso-copa se vê diante do último estágio da vida, e por isso, resta-lhe desapegar do supérfluo e sorver-donar o sabor-ensinamento da beleza da flor perfumosa da vida. Por conseguinte, a saúde é a manifestação desse desapegar, entregar, de um expressar do vivido, da semente que virou uma árvore completa, que em sua plena atividade, oferece folha, fruto e flor. A morte, passagem para a matéria orgânica, para a matéria-prima, é a metamorfose necessária, é uma nova etapa da jornada humano-vegetal.

No capítulo 1, foi visto a qualidade e o ideal da Liberdade inerente às crianças e aos adolescentes; no capítulo 2, a qualidade e o ideal da Fraternidade; e, por fim, no capítulo 3, a qualidade e o ideal que mais se adequa é o da Igualdade. Reconhecemos com mais facilidade uma espécie de árvore por causa de suas folhas, flores e frutos. Um pé de jaca é igual ao outro em sua função de dar jaca.

Tem uma pergunta que certa vez ouvi que é: O que tem mais, estrelas no céu ou folhas nas árvores? Independente da resposta, mas se ficarmos apenas com a pergunta, perceberemos que as folhas em números grandiosos, representam a humanidade. Somos inegavelmente iguais aos outros, pois acima de tudo somos iguais perante a Lei cósmica da vida. Perante a natureza somos iguais. Igualdade pressupõe respeito e compaixão.

Enquanto a criança e o adolescente se aproximam do arquétipo do artista, o adulto do cientista, o idoso se relaciona com o arquétipo do filósofo, como aquele que sobe na montanha e contempla os fatos do alto, observa, pode olhar todo o percurso de sua vida menos “afetado”, com o humor que lhe faz perceber que tudo é passageiro, em um espanto da descoberta diária, voltando a ser criança: “[...] a filosofia precisa ser produzida no âmbito de um *pathos*, de um toque, de uma afecção ou, se se quiser, no seio de uma disposição de humor.” (Costa, 2015, p. 78).

O monge Tich Nhat Hanh fazia de sua caminhada uma meditação, nos trazendo a importância de que a filosofia, o ser pensante, a cabeça humana, esteja ligada a um corpo, para um saber traduzido em ação, em prática, em serviço, um corpo-árvore, um corpo-Terra; também como o filósofo Lucrécio, de Valéry, que gostaria de se tornar uma planta e ir para um outro saber. O perfume de uma flor nos lembra que a vida é um presente para nos aperfeiçoarmos, que assim como a árvore, somos coautores da vida neste planeta.

O ser árvore é a possibilidade de fazermos o exercício de ser árvore, como o pedido do passarinho na poesia *Árvore* de Manoel de Barros, que foi prontamente aceito e assim, o humano pôde se tornar árvore e sentiu/soube como é ser outro, ser um corpo vegetal. Ser árvore é a possibilidade de erguermos nosso verso, nossa consciência: "Meu processo de escrever é ir desbastando a palavra até os seus murmúrios e ali encaixar o que tenho em mim de desencontros. Isso produz uma coisa original como um dia ser árvore. Trabalho às vezes dias inteiros para pescar um verso que fique em pé." (Barros apud Martins, 2022, p. 74).

Aprendendo com a sabedoria da árvore, com sua vida e simbologia, podemos de alguma forma sermos humanos mais próximos das árvores, encontrando novas estações, novas alvoradas, celebrando cada ano completado, tendo folhas-palavras, flores-afeto, frutos-atitude.

## CONCLUSÃO

A árvore significa para a humanidade sua respiração, seu sustento, sua possibilidade mais próxima de estar na natureza, de pensar sobre a natureza. Muito para além do que imaginamos ou supomos imaginar, a árvore como um ser vivo tem sua própria vida e existência.

Queiramos ou não, ela sempre desempenhou um papel de termômetro sobre a saúde da Terra, em todas as épocas civilizatórias humanas. O oxigênio presente aqui é um presente da respiração de suas folhas, além de que suas cascas, frutos e sementes alimentam e curam o *homo sapiens* desde que se entende por gente.

Nos três capítulos desta dissertação, foram apresentados, com alguns detalhes, três biomas do solo brasileiro: Cerrado, Amazônia e Pantanal, reforçando assim que pensar as árvores é pensar primeiramente, perto de si, regionalmente, pois desta forma se cria uma identidade com o habitat em que se está inserido, importando-se com o encontro que a geografia promove, começando em si mesmo e junto com as árvores, a solução da crise ambiental.

Plantar e cuidar das árvores se tornaram parte integrante dos postulados governamentais, dos encontros mundiais e da consciência das pessoas atentas com o todo a que pertencem, para a melhoria da vida no planeta Terra.

Fomos convidados para uma festa que já acontece há muito tempo, pois enquanto nossa vida dura 100 anos, há árvores de mais de 9 mil anos de idade. E ela se doa, como foi visto na virtude “Doação”, atribuída aos Povos-em-Pé pelos indígenas norte-americanos, ou seja, o cuidado para conosco é dado. E justamente por ser assim, enquanto princípio da vida, está também presente no DNA dos seres humanos, o ato de cuidar, apesar de a natureza estar mostrando o contrário sobre nossas atitudes.

Cuidemos, então, das árvores, plantemos, troquemos sementes, enfim, tenhamos a consciência de que as plantas, as árvores, precisam de nós. Há um porquê de toda a trama de destinos, dos encontros entre reino vegetal e reino humano, pois também temos a possibilidade de reparar, de reflorestar, basta separarmos uma semente de uma laranja chupada e logo ali plantar, que o início de uma relação se estabelece.

As plantas têm vida e inteligência próprias, são o verde da existência, favorecendo os processos de cooperação entre as formas de vida. As árvores são o símbolo da transformação, resiliência e abundância.

Por sua vez, a literatura, arte manifesta pelo humano, é a possibilidade de criar sonhos e revisitar passados, de propor futuros, de pensar o impensável, de dar palavras aos sentimentos, de criar histórias que inspiram transformações, de mostrar.

A união entre literatura e as plantas, na descoberta e no tecer de uma *fitoliteratura*, com suas escritas vegetais, com seus aportes vitais, fornece o substrato para que a literatura continue a ser um galho da grande árvore-mundo, fazendo perguntas, criando narrativas, resgatando a tradição dos saberes da humanidade em sintonia com o reino vegetal. Casamento este, entre mundo vegetal e literatura, realizado pelo coração humano, que pode oferecer saídas para os problemas e conceber uma consciência mais integrativa.

No primeiro capítulo, foi apresentado o ser na árvore, através do livro *O barão nas árvores*, de Italo Calvino. A aventura de Cosme, ao ir morar nas árvores, sobre a qual procurou-se relacionar as fases de desenvolvimento humano da criança e adolescente, com o nascimento de uma árvore e suas partes, semente e raiz.

O segundo capítulo, o ser com árvore, foi conduzido a partir do livro *O homem que plantava árvores*, de Jean Giono, o qual mostra a ação de Elzéard Bouffier ao plantar árvores durante décadas e fazer uma floresta onde havia deserto. Procurou-se estabelecer uma relação com a fase adulta do ser humano com as partes tronco e galhos da árvore. Por fim, o terceiro capítulo, o ser árvore, trouxe reflexões tendo como base a poesia *Árvore*, de Manoel de Barros, na qual o personagem se transforma em árvore a pedido de um passarinho. Buscou-se estabelecer analogias entre a fase idosa do ser humano com a parte das folhas, flores e frutos da árvore.

O ser na árvore é o ser humano em cima de uma árvore, visitando seus espaços, seus galhos, se sentando, brincando, contemplando, vendo do alto. O ser com árvore é o ser humano ao lado de uma árvore, se vendo pequeno diante da altura de uma árvore imensa, ao mesmo tempo que traz em si a possibilidade de plantar uma floresta com suas mãos.

O ser árvore é o ser humano a partir da perspectiva da árvore, é o estar dentro da árvore, é metamorfosear-se simbolicamente em árvore, aprendendo com seus ensinamentos, como a doação, a comunicação, a inteligência em cooperar, em viver cada estação.

Nesses diálogos entre fitoliteratura e biografia humana à luz da Antroposofia, subtítulo da dissertação, foi possível realizar essa analogia a partir da constatação de problemáticas, nas quais se percebe um descaso e inconsciência perante as árvores e para com o desenvolvimento humano.

Portanto, há uma dor em ser árvore e também há uma dor em ser humano, como se a árvore e o crescimento saudável humano não pudessem mais existir, perdendo seu significado, simbologia e potência.

A possível resposta às problemáticas seria então criar culturas, ou seja, uma consciência aplicada na prática, onde princípios, valores e hábitos partilhados entre as comunidades de pessoas, possam solucionar as problemáticas ecológicas e humanas. Através da arte, da literatura, podemos ser fazedores de cultura, de um olhar mais refinado para as questões que envolvam a natureza e por conseguinte a todos.

Essa cultura renovada revela o poder e a beleza da natureza, dos animais, das plantas, dos seres vivos, nos fazendo aprendizes constantes da arte de educar dos ecossistemas, possuidores de mistérios e ensinamentos, alguns ocultos por natureza, mas que em uma relação de intimidade, de afeto, de diálogo, podem ser compartilhados, decantados, como um remédio para uma doença presente em uma flor.

Buscou-se também na presente pesquisa analisar a inteligência presente nas árvores e em cada fase da vida humana. Inteligência que é inerente ao ser, capaz de se transformar, crescer, evoluir e encontrar soluções criativas, cooperativas e evolutivas.

No capítulo 1, foi apresentado o princípio da Liberdade, que faz que com a semente rompa sua casa e possa nascer, que permite a raiz se ramificar, liberdade que leva a criança e o adolescente a irem para as árvores, descobrir o mundo, cavar a terra e se encantar ao descobrir minhocas, buscando os detalhes que fazem a diferença, encontrando o próprio ser, a essência, então o nada, o espaço, o recipiente, o balaio, a matula, a página em branco para ser escrita, o estar nu na natureza como os indígenas; para onde ir se já se encontrou na natureza sua casa?

No capítulo 2, o princípio da Fraternidade foi apresentado, fraternidade que compõe uma floresta, um ecossistema, no qual o esforço individual beneficia o coletivo e vice-versa. A fraternidade que levou Elzéard Bouffier a plantar cem mil carvalhos em sua vida, que leva o adulto a trabalhar por uma vida melhor para todos.

Por fim, o princípio da Igualdade foi relacionado com o capítulo 3, na percepção de que os seres humanos em essência são iguais, bem como as árvores, portadores da vida, e que tudo que nasce precisa um dia morrer.

São muitas folhas em uma árvore e cada qual tem seu papel, sua importância; foi analisada a terceira idade, momento de desapego, de memórias, de experiências de vida para contar, de aproveitar a beleza da existência.

A criança e o adolescente carregam a simbologia, o arquétipo de um artista, de criar seu próprio mundo, a própria realidade, de dar asas para a imaginação. Usam barro em suas

brincadeiras para construir estradas, casas para formigas, escrevem cartas para amigos e redações para governantes.

Por sua vez, o adulto tem afinidade com o arquétipo do cientista, o qual através do pensamento, decifra os enigmas da existência; fase de experimentar, de pegar a vida nas mãos e fazer dela o melhor possível, transformando-se interiormente qual alquimista.

E no capítulo final da breve passagem pela Terra, o idoso é um convite à filosofia, a pensar nas grandes questões da humanidade, da vida, do ser, do tempo, é o arquétipo do filósofo que é vivido.

Como resposta à problemática apresentada na introdução e percorrida ao longo de três capítulos, é sim possível estabelecer uma relação entre as fases de desenvolvimento humano e as fases de desenvolvimento da árvore, percebendo-se semelhanças. Sendo assim, uma parceria entre o ser humano e o ser da árvore mostra-se urgente e necessária frente aos desafios ambientais e de consciência.

A árvore e a literatura são grandes mestras para a humanidade. A árvore, tamanha sua força em crescer e em se tornar o que se é, torna-se uma referência para o ser humano. Uma literatura sensível capta as poéticas vegetais e as traduz em palavras, narrativas, histórias, poesias e práticas.

Podemos reconhecer-nos na natureza, e portadores do verbo que somos, somos também portadores de adjetivos, de metáforas e dessa forma, nos unimos às árvores. Em um movimento crescente de semente, raiz, tronco, galho, folha, flor e fruto, e de criança, adolescente, adulto e idoso, o que nasceu, cresceu, viveu, morreu e renascerá de alguma forma, lei da própria natureza.

Silêncio.

Uma palavra cai no coração.

Ser humano.

Uma semente cai no solo.

Ser árvore.

Ser.

## REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda N. **Notas sobre o luto**. Tradução Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta: A luta pelo nosso futuro**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

**ALIANÇA PELA INFÂNCIA**. Disponível em: <https://aliancapelainfancia.org.br/>. Acesso em 29 de nov. de 2024.

ALMEIDA, D. dos S.; AZEVEDO, P. V. M.; TENÓRIO, E. C. P. T.; FARIAS, M. V. O.; BULHÕES, M. C. L.; CARVALHO, L. D. T. de; KLIPPEL, A.; CAVALCANTI, I. M. P.; GIRARD, B. P.; MEDEIROS, A. L. P. **O potencial terapêutico do extrato de graviola (Annona muricata) no tratamento do câncer: revisão de literatura**. Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 7, n. 4, p. e72362, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n4-472. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/72362>. Acesso em: 17 de jan. de 2025.

ALMEIDA, Karin Evelyn. **Biografia humana: entre o nascimento, a morte e um novo nascimento**. Campinas, SP: Associação Beneficente Três Fontes, 2016.

ALMEIDA, Ricardo M. G. **A letra e a escrita a não se lerem**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 776-794, agosto. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/14913/18745>. Acesso em 28 de nov. de 2024.

ALVES, Rubem. **Cemitério de árvores**. Jornal Folha de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1506201005.htm#:~:text=Pus%2Dme%20a%20plantar%20%C3%A1rvores,com%20uma%20pracinha%20no%20meio>. Acesso em: 23 de jun. de 2024.

AMARAL, Simone R. **Recado do brejo: Por uma poética das sobras**. Tese (doutorado)-Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2008. Disponível em: [http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/8306/1/2008\\_SimoneRodrigueDoAmaral\\_ok.pdf](http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/8306/1/2008_SimoneRodrigueDoAmaral_ok.pdf). Acesso em: 23 de ago. de 2024.

**ANA MARIA PRIMAVESI**. Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/curiosidades/>. Acesso em: 21 de jun. de 2024.

ARANTES, Ana Cláudia Q. **A morte é um dia que vale a pena viver: E um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARAUZ, Valéria Angélica R. **Indivisíveis, intangíveis, impossíveis: Mundos ficcionais em I nostri antenati**, de Italo Calvino. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de Pós-graduação em estudos literários. Araraquara-SP, 2009. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos\\_literarios/1750.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/1750.pdf). Acesso em: 14 de mai. de 2024.

ARISTÓTELES, (s.d.). **Arte poética**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>. Acesso em: 06 de jun. de 2024.

ASSIS, Machado. **O espelho**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf>. Acesso em: 20 de jun. de 2024.

**ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL**. Disponível em: <https://monteazul.org/pt-br/>. Acesso em 28 de fev. de 2025.

AZEVEDO, Vitor A. M. **Ewé Igbo: árvores sagradas no Candomblé no contexto socioambiental**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biologia; Biodiversidade e sociedade) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/12097>. Acesso em: 28 de jun. de 2024.

BACARDÍ, Joan Garriga. **Onde estão as Moedas?: as chaves dos vínculos entre pais e filhos**. Tradução Adriana Campidelli; Lorice Ashkar Ferreira. Campinas, SP: Saberes Editora, 2011.

BACH, Jonas. **Fenomenologia de Goethe e educação: a filosofia da educação de Steiner**. Curitiba: Lohengrin, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. Coleção Os Pensadores. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução Joaquim José Moura Ramos *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BACK, Frédéric. **The man who planted trees**. A partir de obra de Jean Giono. Youtube, 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IV9D2fCpfTw>. Acesso em 27 de out. de 2024.

BARBOSA, Luiz H. **Palavras do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros**. São Paulo: Annablume / Belo Horizonte: Fumec, 2003.

BARBOSA, Patrícia L. **As árvores ensinam?** Reflexão sobre a alteridade no Fedro de Platão. Revista Relicário, Uberlândia, v. 9, n. 17, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/217/194>. Acesso em: 29 de mai. de 2024.

BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gramática expositiva do chão**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **Poemas rupestres**. Ilustração Martha Barros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

BEHR, Nicolas. **Um pouco sobre dendrolatria**. Brasília: Pau-Brasília, 2006.

BENITES, Paulo. **Antonio Vieira e Manoel de Barros: a comunhão entre os seres e a palavra.** Revista Coralina, Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, jul. 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/coralina/article/view/11655>. Acesso em: 14 de jun. de 2024.

BRETAS, Leonardo; NASCIMENTO, Milton. **Benke.** Youtube, 16/12/2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=INjIMgc-\\_Vo&ab\\_channel=MiltonNascimentoVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=INjIMgc-_Vo&ab_channel=MiltonNascimentoVEVO). Acesso em: 30 de ago. de 2024.

BERNARDINI, Aurora F. **Questões de ética, moral e moralismo na arte e na literatura: o caso de Italo Calvino (1923-1985).** Qorpus, vol. 13, n. 1, abr. 2023. Disponível em: <https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2023/04/Qorpus-v13-n1-Aurora-Fornoni-Bernardini.pdf>. Acesso em: 16 de abr. de 2024.

BESSION, Françoise. **The Healing Mathematics of Life in a Gesture: Jean Giono's The Man Who Planted Trees.** Lagoonscapes, Vol. 2, Num. 2, December, 2022. Disponível em: <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/article/the-venice-journal-of-environmental-humanities/2022/2/art-10.30687-LGSP-2785-2709-2022-04-006.pdf>. Acesso em: 24 de mai. de 2024.

**BHAGAVAD gita:** A mensagem do mestre. São Paulo. Pensamento. 2006.

**BIOCÊNTRICOS.** Diretores: Fernanda Heinz Figueiredo e Ataliba Benaim. Brasil, 2022.

Blog Companhia das Letras. **Um mergulho na poética de Manoel de Barros.** Companhia das Letras. 18/02/2019. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/4438/um-mergulho-na-poetica-de-manoel-de-barros>. Acesso em: 17 de jan. de 2025.

BONDER, Nilton. **A cabala do dinheiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Botanic Gardens Conservation International. **State of the world's trees.** Setembro, 2021. Disponível em: <https://www.bgci.org/wp/wp-content/uploads/2021/08/FINAL-GTAReportMedRes-1.pdf>. Acesso em 06 de nov. de 2024.

\_\_\_\_\_. **A third (30%) of the world's trees are at risk of extinction.** State of the World's Trees report. Disponível em: <https://www.bgci.org/news-events/bgci-launches-the-state-of-the-worlds-trees-report/>. Acesso em: 17 de mai. de 2024.

BOWERS, Andrea. **Radical Feminist Pirate Ship Tree Sitting Platform,** 2013. Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/andrea-bowers-radical-feminist-pirate-ship-tree-sitting-platform>. Acesso em: 16 de mai. de 2024.

BRANDÃO, Carlos R. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo:** uma história de pessoas, letras e palavras. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

BRASIL. Biblioteca Funai. **Dicionário de Tupi-Guarani**. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>. Acesso em: 28 de mai. de 2024.

BRASIL. Ministério da ciência, tecnologia e inovações. **Estudo do CEMADEN e do INPE identifica pela primeira vez a ocorrência de uma região árida no país**. Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais - Cemaden/MCTI, 14/11/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cemaden/pt-br/assuntos/noticias-cemaden/estudo-do-cemaden-e-do-inpe-identifica-pela-primeira-vez-a-ocorrencia-de-uma-regiao-arida-no-pais>. Acesso em: 15 de mai. de 2024.

BRASIL. Ministério do meio ambiente. **Redd+ Brasil**. Disponível em: <http://redd.mma.gov.br/pt/>. Acesso em: 26 de ago. de 2024.

BRASIL. Ministério do meio ambiente e mudança do clima. **Amazônia**. 05/09/2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biomas-e-ecossistemas/biomas/amazonia>. Acesso em: 17 de jan. de 2025.

BRASIL. Serviço Florestal Brasileiro. **Estoque das Florestas - Biomassa - Tabelas e Gráficos**. Sistema Nacional de Informações Florestais, 03/04/2020. Disponível em: <https://snif.florestal.gov.br/pt-br/estoques-das-florestas/625-tabelas-e-graficos>. Acesso em: 09 de jun. de 2024.

BRITO, Thiago M. A. **Goethe e a descoberta da natureza**. Desenvolvimento E Meio Ambiente, v. 53, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/66900>. Acesso em: 30 de mai. de 2024.

BROTTO, Fábio. O. *et al.* **Pedagogia da cooperação**: por um mundo onde todas as pessoas possam VenSer. Ilustrações de Marina Nicolaiewsky. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.

BURKHARD, Gudrun. **Bases antropológicas da metodologia biográfica**: a biografia diurna. São Paulo: Antropológica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Biográficos**: estudos da biografia humana. 2ª ed. São Paulo: Associação Tobias, 2006.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **O barão nas árvores**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **A trilha dos ninhos de aranha**. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Assunto encerrado**: discurso sobre literatura e sociedade. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARROLL, Tim. **Casa-atelier de Frans Krajcberg**, Nova Viçosa, Brasil. Fotografia. Espace Krajcberg. Disponível em: <https://pt.spacekrajcberg.fr/son-atelier-perche-de-nova-vicosa>. Acesso em 20 de nov. de 2024.

CASTRO, Gustavo. **Italo Calvino**: pequena cosmovisão do homem. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2007.

Cerrado. **Longas raízes, conexões profundas**. Disponível em: <https://cerrado.org.br/conheca/longas-raizes-conexoes-profundas/>. Acesso em: 15 de abr. de 2024.

Chang, Candy. **Before I die**. Disponível em: <https://www.candychang.com/before-i-die/>. Acesso em: 29 de nov. de 2024.

CHAVES, Kelson G. O. **As árvores me começam**: o mundo por Manoel de Barros. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. *E-book*.

CHITNIS, Rucha. **Os Abraçadores Originais da Árvore**: Não Vamos Esquecer Seu Sacrifício. Women's Earth Alliance. 22 de abril de 2013. Disponível em: [https://womensearthalliance-org.translate.google.com/wea-voices/the-original-tree-huggers-let-us-not-forget-their-sacrifice-on-earth-day/?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc](https://womensearthalliance-org.translate.google.com/wea-voices/the-original-tree-huggers-let-us-not-forget-their-sacrifice-on-earth-day/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc). Acesso em: 13 de dez. de 2024.

CHONGXIAN, Xuedou. **A falésia azul**: clássicos koans do budismo zen. Tradução Hakusan Kogen. Cabelo: PB, 2021. *E-book*.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Desenhos de Luiz Zerbini. Tradução Madeleine Deschamps, Victoria Mouawad. Rio de Janeiro : Dantes Editora, 2020. *E-book*.

\_\_\_\_\_; HALLÉ, Francis. **Uma vida a desenhar árvores**. Cadernos selvagens, Dantes Editora Biosfera, 2022. Disponível em: [https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO46\\_HALLE\\_COCCIA.pdf](https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO46_HALLE_COCCIA.pdf). Acesso em: 28 de ago. de 2023.

CHAGAS, Jaqueline. M. A. *et al.* **A utilização da terapia oncológica integrativa como complemento ao tratamento convencional para o osteossarcoma**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.5, n.1, p. 2711-2719, jan./fev. 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/44028/pdf/110098>. Acesso em: 26 de jun. de 2024.

**CIDADE ideal**. In: *Wikipedia*, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: [https://en.m.wikipedia.org/wiki/Ideal\\_city](https://en.m.wikipedia.org/wiki/Ideal_city). Acesso em: 29 de mar. de 2024.

CORRÊA, Paula C. **O canto da cigarra**. Kléos, n.11/12, p. 23-32, 2007/8. Disponível em: <http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/kleos/K11/K11-PaulaCorrea.pdf>. Acesso em: 18 de jun, de 2024.

CORREIA, Fernanda B. A. **Literatura e meio ambiente**: uma abordagem eco-poética em manoel de barros. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em:

[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12462/2/FERNANDA\\_BEZERRA\\_ARAGAO\\_CORREIA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12462/2/FERNANDA_BEZERRA_ARAGAO_CORREIA.pdf). Acesso em: 01 de jul. de 2024.

COSTA, Affonso H. V. **Acerca do surgimento da filosofia**. Anais de Filosofia Clássica, vol.9, nº17, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/2924/2691>. Acesso em: 10 de jul. de 2024.

COSTA, Joanne R. et al. **Aspectos socioambientais, iniciativas e aprendizados em assentamento e Área de Proteção Ambiental do setor Tarumã-Açu**. Tarumã-Mirim, Manaus, AM. Embrapa Amazônia Ocidental, 2023. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/doc/1160027/1/Doc162.pdf>. Acesso em: 17 de mai. de 2024.

CRUZ, Rogério. **Poesia e imagem: Os Ensaios fotográficos de Manoel de Barros**. Fórum Lit. Bras. Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 13, nº 26, pp. 181-201, dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/download/45879/29938>. Acesso em: 17 de jun. de 2024.

CURTIS, C. C. **Fifty men stand on the massive stump of the Mark Twain Tree, a giant sequoia tree felled in Sequoia National Park in 1891**. In: *Wikipedia*, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2e/Mark-twain-tree-2.jpg>. Acesso em: 08 de set. de 2024.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies: Através da selecção natural ou a Preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência**. Tradução Ana Afonso. Leça da Palmeira, Portugal: Planeta Vivo, 2009. 1ª edição: 1859. Disponível em: [https://darwin-online.org.uk/converted/pdf/2009\\_OriginPortuguese\\_F2062.7.pdf](https://darwin-online.org.uk/converted/pdf/2009_OriginPortuguese_F2062.7.pdf). Acesso em: 11 de mar. de 2024.

**DIAS perfeitos**. Diretor: Wim Wenders. Japão; Alemanha, 2023.

DIDONET, Candice.; ARAUJO, Laura C. **La Escritura Secreta de Samaúma: Voces vivas de un cuerpo colectivo**. Revista Arte da Cena, v.9, n.1, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/76003/40492>. Acesso em: 27 de mai. de 2024.

**DOS 3 aos 3**. Diretor: Pablo Lobato, elenco: Bianca Bethonico, Ravi Bethonico. Brasil, 2023.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **Vulnerabilidade e Criação do Vazio: O Psicanalista e o Palhaço**. Youtube, 17 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EQSDImAeYps>. Acesso em 28 de nov. de 2024.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradução Fernando Tomaz, Natália Nunes. 1ª ed.-4ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes: Editora WMF Martins Fontes, 1993-2010.

ESTEVEVES, Odilon. **Árvore**. Poesia de Manoel de Barros declamada por Odilon Esteves. Youtube, 28/07/2017. Disponível em: [https://youtu.be/N-NgJ8X7Wn4?si=iF\\_cL4nJDYtqEpIM](https://youtu.be/N-NgJ8X7Wn4?si=iF_cL4nJDYtqEpIM). Acesso em: 30 de ago. de 2024.

FARQUHAR, Brodie. **Wolf Reintroduction Changes Ecosystem in Yellowstone**: Wolves are causing a trophic cascade of ecological change, including helping to increase beaver populations and bring back aspen, and vegetation. Yellowstone National Park Trips. Updated Jun 22, 2023. Disponível em: <https://www.yellowstonepark.com/things-to-do/wildlife/wolf-reintroduction-changes-ecosystem/>. Acesso em 16 de jan. de 2025.

FAZAN, Laurence; SONG, Yi-Gang; KOZLOWSKI, Gregor. **The Woody Planet**: from past triumph to manmade decline. *Plants*, 9, 1593, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7698479/pdf/plants-09-01593.pdf>. Acesso em: 17 de mai. de 2024.

FEITOSA, Zoraida M. L. **O conceito de natureza**: Os gregos tinham razão. *Prometheus*, n. 36, May-August, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/download/16286/12077/48148>. Acesso em: 28 de jun. de 2024.

FERES, Osvaldo R. **Ogham**: O oráculo dos druidas. São Paulo: Editora Alfabeto, 2018.

FISCHESSER, Bernard. **Conhecer as árvores**. Tradução Cascais Franco. Publicações Europa-América: s.l, 1981.

FRÓES, Leonardo. Poemas: **Introdução à arte das montanhas; Justificação de Deus**. *Germina - Revista de literatura & arte*. Disponível em: <https://www.germinalliteratura.com.br/lfroes.htm>. Acesso em: 12 de dez. de 2024.

GAGLIANO, Monica. **Green symphonies**: a call for studies on acoustic communication in plants. *Behavioral Ecology*, Volume 24, Issue 4, July-August 2013a, Pages 789–796. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/beheco/ars206>. Acesso em: 16 de out. de 2024.

\_\_\_\_\_. **Persons as plants**: ecopsychology and the return to the dream of Nature. *Landscapes: the Journal of the International Centre for Landscape and Language* 5(2):1-11, 2013b. Disponível em: <https://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1195&context=landscapes>. Acesso em: 16 de out. de 2024.

\_\_\_\_\_; MARDER, Michael. **What a plant learns**. The curious case of *Mimosa pudica*. *August* 13, 2019. Disponível em: <https://botany.one/2019/08/what-a-plant-learns-the-curious-case-of-mimosa-pudica/>. Acesso em 24 de out. de 2024.

GALITESI, Célia R. L. **Odontologia antropológica**: A troca dos dentes e o desenvolvimento integral da criança. *Pedagogia Waldorf, Odontologia Antropológica (OIA), Periódico FEWB* n° 59, abril/2013. Disponível em: <https://www.fewb.org.br/admin/arquivos/arquivo-1446733734.pdf>. Acesso em: 18 de fev. de 2025.

GARDIN, Nilo E. **Quadrimemoração**: as quatro organizações que constituem o ser humano de acordo com a antroposofia. *Arte Médica Ampliada*, Vol. 35, N. 3, Julho/ Agosto/ Setembro, 2015. Disponível em:

<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/01/878030/0d659a4639cc06c8999b0da8af0a53d26f821c93-35-3-quadrinembracao.pdf>. Acesso em: 14 de out. de 2024.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GAZOLA, Flávio Roberto. **A busca do ser e da arte em “O cavaleiro inexistente” de Ítalo Calvino**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/da6b7d76-30b0-42b5-8841-edcd0f083336/content>. Acesso em: 10 de set. de 2009.

GEBRA, Fernando M. **O ritual esotérico no poema “Iniciação”, de Fernando Pessoa**. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.16, n.2, p. 47-61, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25761/14679>. Acesso em: 11 de nov. de 2024.

GIRALDO, Efrén. **Sumário de plantas officinas**: um ensaio sobre a memória da flora. Tradução Silvia Massimini Felix. São Paulo: Fósforo, 2023. *E-book*.

GOECKS, Rodrigo. **A Trimemoração Social e o Despertar de uma Nova Consciência no Mundo dos Negócios**. s.d. Disponível em: <https://www.adigo.com.br/a-trimembracao-social-e-o-despertar-de-uma-nova-consciencia-no-mundo-dos-negocios/>. Acesso em: 04 de dez. de 2024.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Viagem à Itália**. Coordenação Mario Luiz Frungillo. Tradução Wilma Patricia Mota. São Paulo: Unesp, 2017.

GOETZ, Scott J. *et al.* **Measurement and monitoring needs, capabilities and potential for addressing reduced emissions from deforestation and forest degradation under REDD+**. *Environ. Res. Lett.* 10 123001, 2015. Disponível em: <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/10/12/123001>. Acesso em: 18 de ago. de 2024.

GIONO, Jean. **A serpente de estrelas**. Tradução Estela dos Santos Abreu, Roberto Cortes de Lacerda, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

\_\_\_\_\_. **O homem que plantava árvores**. Ilustrações de Daniel Bueno; tradução de Cecília Ciscato e Samuel Titan Jr. São Paulo: Editora 34, 2018.

GRINES, Sergio Ariel. **Salutogênese**: a religação espiritual do ser humano. *Arte Médica Ampliada*, Vol. 34, N. 4, Outubro / Novembro/ Dezembro, 2014. Disponível em: <https://abmanacional.com.br/wp-content/uploads/2024/03/34-4-Salutogenese-religacao.pdf>. Acesso em: 14 de out. de 2024.

GUARNIERI, Fernanda, SILVA, Nôga. S. A. C., PÉPECE, Olga Maria C. **Da tradição milenar à contemporaneidade**: significados da cerimônia do chá japonesa. *Estudos Japoneses*, n. 43, p. 69-89, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/download/186115/171825>. Acesso em: 28 de jun. de 2024

GUIMARÃES, Henrique G. **O plátano e o canto das cigarras no Fedro de Platão: o ambiente do diálogo.** Rev. Archai (ISSN: 1984-249X), vol. 33, Brasília, 2023, e03317. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/download/10937/9648/61115>. Acesso em: 18 de jun, de 2024.

GUIMARÃES, Verônica Maria B. **Ecofeminism, rights of nature and climate justice: relational webs and planetary restoration.** Simbiótica. Revista Eletrônica. V. 10, n. 3, pp. 15-30, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/41072/29328>. Acesso em: 22 de jun. de 2024.

HADOT, Pierre **O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza.** Tradução de Mariana Sérvulo. Edições Loyola: São Paulo, 2006.

HALLÉ, Francis. **A vida das árvores: uma pequena conferência.** Ilustração Olavo Costa. São Paulo: Olhares, 2022. *E-book*.

HANH, Tich Nhat. **Medo: sabedoria indispensável para transpor tempestade.** Tradução de Maria Goretti Rocha de Oliveira. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HANSEN, M. C. *et al.* **Global Forest Change.** University of Maryland - Department of Geographical Sciences. Global Land Analysis & Discovery. Disponível em: <https://glad.earthengine.app/view/global-forest-change#bl=0;old=off;dl=0;lon=-44.05969365164164;lat=0;zoom=3>;. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

HAUBERT, Laura Elizia. **Apontamentos sobre a questão do tempo na grécia:** Καρὸς, Χρόνος e Αἰών. Prometheus, N. 31, September - December 2019 - E-ISSN: 2176-5960. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/download/10676/9532/34980>. Acesso em: 13 de jun. de 2024.

HEYDEBRAND, Caroline von. **A natureza anímica da criança.** Tradução de Rudolf Lanz. 2ª ed. São Paulo: Antroposófica, 1991.

HIOKI, Sandra A. O. *et al.* **A gestante na visão da antroposofia: contribuições para um acompanhamento psicológico integral.** Arte Médica Ampliada, Vol. 35, N. 4, Outubro / Novembro / Dezembro de 2015. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/01/878026/a151b751c3d5bd302b41801063bf728a3619f95f-35-4-gestante.pdf>. Acesso em: 19 de nov. de 2024.

HOLTEN, Katie. **The language of trees: how tree makes our world, change our minds and rewild our lives.** Elliott & Thompson. USA, 2023. *E-book*.

HOROCHOVSKI-HOFFMANN, Marisete T. **Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção.** Guaju, Matinhos, v.1, n.2, p. 110-126, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/download/45038/27420>. Acesso em: 26 de jun de 2024.

JEEVES, Andrew. **Símbolo da permacultura**. Pintura. Disponível em: <https://medium.com/the-regenerative-transition/permaculture-as-regenerative-design-894238d9f340>. Acesso em 27 de nov. de 2024.

**JOSÉ & Pilar**. Diretor: Miguel Gonçalves Mendes. 5 de dez. de 2010.

KAPOOR, Mahima. **Os "abraçadores de árvores" de Bishnoi, na Índia, renovam a luta pela conservação**. Mahima Kapoor. Natureza e meio ambiente - Índia. 16/07/2023. Disponível em: [https://www.dw-com.translate.goog/en/indias-bishnoi-tree-huggers-renew-conservation-fight/a-66189288?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc](https://www.dw-com.translate.goog/en/indias-bishnoi-tree-huggers-renew-conservation-fight/a-66189288?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc). Acesso em: 13 de dez. de 2024.

KIYOMURA, Leila. **Há 8 mil anos, os indígenas já habitavam a Amazônia**. Jornal da USP, 02/08/2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/ha-8-mil-anos-os-indigenas-ja-habitavam-a-amazonia/>. Acesso em: 23 de dez. de 2024.

KÖNIG, Karl. **Os três primeiros anos da criança**: a conquista do andar, do falar e do pensar e o desenvolvimento dos três sentidos superiores. Tradução Karin Glass. 4ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2006.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Organização Rita Catelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **O amanhã não está à venda**. Sao Paulo: Companhia das letras, 2020. *E-book*.

LANZ, Rudolf. **Noções básicas de antroposofia**. 6ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2002.

LAPOLA, David M. *et al.* **The drivers and impacts of Amazon forest degradation**. Science, Volume 379, Issue 6630. 16/02/2023. Disponível em: <https://www.science.org/doi/epdf/10.1126/science.abp8622>. Acesso em: 15 de mai. de 2024.

LARAIA, Roque B. **Cultura**: um conceito antropológico. 26ª reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LEITE, Fábio Rubens R. **A questão ancestral**: África negra. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

LESAGE, Alain- René. **Gil Braz de Santilhana**. Rio de janeiro: Garnier, [19--?].

LI, Qing. **Effects of forest environment (Shinrin-yoku/Forest bathing) on health promotion and disease prevention** -the Establishment of "Forest Medicine". Environ Health Prev Med. 2022;27:43. doi: 10.1265/ehpm.22-00160. PMID: 36328581; PMCID: PMC9665958. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9665958/>. Acesso em: 09 de dez. de 2024.

LIEVEGOED, Bernardus Cornelis Johannes. **Fases da vida**: crises e desenvolvimento da individualidade. Tradução J. Kahan. 2ª reed. São Paulo: Editora Antroposófica, 1987.

\_\_\_\_\_. **Desvendando o crescimento:** as fases evolutivas da infância e da adolescência. Tradução de Rudolf Lanz. 4ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2007.

LINO, Patrícia. **Manoel de Barros e a poesia cínica:** o círculo dos três movimentos com vista ao Homem-Árvore. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

LINS, Ana Cecília E.; NETO, Eraldo M. C. **O que as plantas nos ensinam?** Algumas considerações sobre a relação entre os seres humanos e o reino vegetal. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 08, n. 02, p. 100-125, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/44295/33871>. Acesso em: 02 de jun. de 2024.

LOMBARDO, Umberto *et al.* **Early Holocene crop cultivation and landscape modification in Amazonia.** *Nature*, Vol 581, 14 May 2020. Disponível em: [https://www.nature.com/articles/s41586-020-2162-7.epdf?sharing\\_token=-2BVIDdgqxf0LuTJUTEYINRgN0jAjWel9jnR3ZoTv0NK\\_OrqcwO-fUnFxHcwVwmJDITIKKO7MEIzjjJVEvS2CcdJAKtMI5Vbep4MPDPPHRZBrtsKpQ5WRLKeUuSbwTXG2KxXSeWkOWbi-46sb9DGkIFAH7UC6CV2q2OZ34JVPoPpW0qFHhR0l3qK9m4H7RZFXcsCA8W7sZxDIEVPGQZO2bf0HW1-yypxaFPfvRIJteDco4nIsSpX4lfmUpYOsTNvLwkmWL296tflCGSt7vOrqQn2id\\_0nUMoRRaSkw\\_cYfrXEYjgLRkwllY3sIm87Jc0lXao5xFe66ilCa2vG--XSPg%3D%3D&tracking\\_referrer=www.theguardian.com](https://www.nature.com/articles/s41586-020-2162-7.epdf?sharing_token=-2BVIDdgqxf0LuTJUTEYINRgN0jAjWel9jnR3ZoTv0NK_OrqcwO-fUnFxHcwVwmJDITIKKO7MEIzjjJVEvS2CcdJAKtMI5Vbep4MPDPPHRZBrtsKpQ5WRLKeUuSbwTXG2KxXSeWkOWbi-46sb9DGkIFAH7UC6CV2q2OZ34JVPoPpW0qFHhR0l3qK9m4H7RZFXcsCA8W7sZxDIEVPGQZO2bf0HW1-yypxaFPfvRIJteDco4nIsSpX4lfmUpYOsTNvLwkmWL296tflCGSt7vOrqQn2id_0nUMoRRaSkw_cYfrXEYjgLRkwllY3sIm87Jc0lXao5xFe66ilCa2vG--XSPg%3D%3D&tracking_referrer=www.theguardian.com). Acesso em: 11 de jul. de 2024.

LOPES, Reinaldo José. **Pelas folhas e raízes:** Equipes de Brasília e Campinas identificam estratégias de árvores para garantir o suprimento de água. *Revista Fapesp. Botânica*. Edição 151, set. 2008. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/pelas-folhas-e-raizes/>. Acesso em: 17 de jan. de 2025.

LOUREIRO, Sonia. **O segredo da sombra:** Um ensaio sobre o sócia à luz da Psicologia e da Antroposofia. São Paulo: Antroposófica, 2005.

LUZ, Clara. **Não é tão simples assim.** Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~claraluz/lendas/titono.htm>. Acesso em: 03 de jul. de 2024.

MACLEAN, Dorothy. **O chamado das árvores.** Tradução Equipe de voluntário da Irдин Editora. Carmo da Cachoeira, MG: Irдин, 2008.

MAGALHÃES, Danielle. **De cor:** uma leitura de *Che cos'è la poesia?*, de Jacques Derrida. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Outra travessia, v. 1 n. 31, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/83881/48442>. Acesso em: 04 de jun. de 2024.

MAIA, Janaina N. **Re (descobrimo) a infância com e nas poesias de Manoel de Barros:** exercitando a criança...*Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Aquidauana*, v. 1, n. 2, p. 87-99, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/1480>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.

MALATO, Maria Luísa. **Uma Casa nas Árvores** - O Barão Trepador, de Ítalo Calvino. O Conhecimento das Árvores. *Árvores do conhecimento*. Coleção Cassiopeia nº 9, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Porto - Portugal, 2022. Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/148186/2/599798.pdf>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

MANTOVANI, Flávia. '**Cuido delas como filhas**', diz executivo aposentado que já plantou **41 mil árvores em SP**: Hélio da Silva recuperou área na zona leste com espécies nativas da mata atlântica; local virou o Parque Linear Tiquatira. Folha de São Paulo, 11.ago.2024 às 11h00. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-social-mais/2024/08/cuido-delas-como-filhas-diz-executivo-aposentado-que-ja-plantou-41-mil-arvores-em-sp.shtml>. Acesso em 24 de nov. de 2024.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. Tradução Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **A planta do mundo**. Tradução Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2021. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **A incrível viagem das plantas**. Tradução Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2022. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **Nação das plantas**. Tradução Regina Silva. Ilustrações Mariana Zanetti. São Paulo: Ubu Editora, 2024. *E-book*.

MAPBIOMAS BRASIL. **Região Sul tem crescimento de 150% no desmatamento em 2020**. Relatório Anual do Desmatamento no Brasil, 2020. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2021/06/25/regiao-sul-tem-crescimento-de-150-no-desmatamento-em-2020/>. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

MARCHINI, Welder L. **Atravessando as margens**: Uma leitura do conto “A Terceira Margem do Rio” na Perspectiva do Rito de Passagem. Teoliterária, v. 6, n. 12, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/24724/21375>. Acesso em: 25 de jul. de 2024.

MARESCHACHI, Patrícia Y. M. **A História e as histórias de Cosimo**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2007. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos\\_literarios/1088.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/1088.pdf). Acesso em: 14 de mai. de 2024.

MARTINS, Bosco. **Diálogos do ócio**: um inventário de amizade com o poeta Manoel de Barros. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5454/1/DI%C3%81LOGOS\\_DO\\_%C3%93CIO.pdf](https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5454/1/DI%C3%81LOGOS_DO_%C3%93CIO.pdf). Acesso em: 10 de jul. de 2024.

MARTINELLI, Gustavo; MESSINA, Tainan; FILHO, Luiz Santos (orgs.). **Livro vermelho da flora do Brasil**: Plantas raras do Cerrado. Tradução David Straker, Chris Hieatt. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson : Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro: CNCFlora, 2014. Disponível em: <https://dspace.jbrj.gov.br/jspui/bitstream/doc/27/1/LivroVermelhoPlantasRarasCerrado.pdf>. Acesso em: 04 de dez. de 2024.

MASSEI, Karsten et al. **Os 100 Anos da Pedagogia Waldorf**: As Abelhas. Federação das Escolas Waldorf do Brasil. Periódico nº 76, 06/12/2018. Disponível em: [https://www.fewb.org.br/periodicos/periodicos/periodico\\_76.pdf](https://www.fewb.org.br/periodicos/periodicos/periodico_76.pdf). Acesso em: 05 de dez. de 2024.

MEE, Margaret. **Moonflower**. Society of Botanical Artists. 2021. Disponível em: <https://www.soc-botanical-artists.org/the-moonflower/>. Acesso em 27 de nov. de 2024.

MELLO, Thiago. **Os estatutos do homem**. Ilustração Dafni Amecke Tzitivivakos. Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras, 2004.

MELLON, Nancy. **Corpo em equilíbrio**: o poder do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais. Com Ashley Ramsden. Tradução Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Cultrix, 2010.

MEYERS, Galen. **Permaculture as Regenerative Design**. Published in Our Regenerative Transition, 19/03/2022. Disponível em: <https://medium.com/the-regenerative-transition/permaculture-as-regenerative-design-894238d9f340>. Acesso em: 27 de ago. de 2024.

MIKULIC, Matej. **Revenue of the worldwide pharmaceutical market from 2001 to 2023**. 22/05/2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/263102/pharmaceutical-market-worldwide-revenue-since-2001/#:~:text=For%202023%2C%20the%20total%20global,billion%20dollars%20compared%20to%202022>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

MIRÓ, Joan. **The Farm**. 1921-1922. Pintura. Disponível em: <https://www.nga.gov/collection/art-object-page.69660.html>. Acesso em: 09 de jul. de 2024.

MISTRAL, Gabriela. **O prazer de servir**. Tudo é poema, s.d. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/gabriela-mistral-o-prazer-de-servir/?print=print#:~:text=Serv%20e%20a%20nuvem%2C%20serve%20o,esquivam%2C%20aceite%2Do%20voc%C3%AA>. Acesso em: 28 de fev. de 2025.

MOLLISON, Bill. C.; SLAY, Reny M. **Introdução à permacultura**. 2. ed. Tyalgum: Tagari, ca. 1991.

MONTE, Marisa. **Segue o Seco**. Youtube, 5 de mar. de 2009. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=l4WLDrN\\_5k0](https://www.youtube.com/watch?v=l4WLDrN_5k0). Acesso em: 24 de nov. de 2024.

MOVIMENTO MUNDIAL PELAS FLORESTAS TROPICAIS - Em apoio às lutas por justiça social nas florestas. **Aprendizagens do movimento Chipko na Índia**: uma luta pelo feminismo e pela ecologia. Boletim WRM 211. 11/03/2015. Disponível em: <https://www.wrm.org.uy/pt/artigos-do-boletim/aprendizagens-do-movimento-chipko-na-india-uma-luta-pelo-feminismo-e-pela-ecologia>. Acesso em 13 de dez. de 2024.

NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal**: A literatura e as plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. *E-book*.

NATIONAL PARK SERVICE. **Big Stump of the Mark Twain Tree**. Sequoia & Kings Canyon National Parks. Disponível em: <https://www.nps.gov/places/000/big-stump.htm>. Acesso em: 08 de set. de 2024.

NETO, Anselmo P. **Italo Calvino**: as passagens obrigatórias. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

OLIVEIRA, Inês. **Ernst Götsch**: o criador da verdadeira revolução verde. Pirai do Norte, Brasil, 12/10/2017. Disponível em: <https://believe.earth/pt-br/ernst-gotsch-o-criador-da-verdadeira-revolucao-verde/>. Acesso em: 28 de mai. de 2024.

OLMOS, Roger. **Cosimo**. Imagem. Disponível em: <https://www.libri.it/cosimo?tracking=540ed7bbe3f23&id=6>. Acesso em 20 de nov. de 2024.

ORTEGA, Neli. **O fio do trabalho manual na tessitura do pensar, sentir e agir humanos**: e seus princípios no ensino Waldorf do 1º ao 5º ano. São Paulo: [s.n.], 2017.

OUTEIRINHO, Maria de Fátima. **A(s) história(s) de Elzéard Bouffier, o homem que plantava árvores**. O Conhecimento das Árvores. Árvores do Conhecimento. Coleção Cassiopeia nº 9, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Porto - Portugal, 2022. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/148181/2/599780.pdf>. Acesso em: 01 de jun. de 2024.

PAIVA, Jorge. **Árvores: produtoras e purificadoras. Nós: consumidores e poluidores**. As árvores e nós, Revista Público, Portugal, 21/03/2021. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/03/21/ciencia/noticia/arvores-produtoras-purificadoras-consumidores-poluidores-1955129>. Acesso em 01 de jun. de 2024.

PERMACULTURE PRINCIPLES. **Cartaz Éticas da Permacultura & Princípios de Design**. Disponível em: [https://permacultureprinciples.com/pt/pc\\_principles\\_poster\\_pt.pdf](https://permacultureprinciples.com/pt/pc_principles_poster_pt.pdf). Acesso em 16 de jan. de 2025.

PESSOA, Fernando. **Palavras do livro do desassossego**. 3ª edição. Ilustração de Mário Linhares. Portugal: Editora Centro Atlântico, 2015.

PIGLIA, Ricardo. **Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)**. Crítica Literaria, 2020. Disponível em: <https://piglia.pubpub.org/pub/k99hnwfn/release/1>. Acesso em: 20 de dez. de 2024.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão**: A natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016. *E-book*.

PISSOLATO, Elizabeth; JUNIOR, Rafael F. M. **Saber sobre pássaros, saber com pássaros**: introdução a um estudo sobre formas de interação e modos de conhecimento na experiência de pessoas guarani. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF, v. 11, n. 2, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12314/6531>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

POEPLAU, Norbert *et al.* **Abelhas & Árvores**: Um informativo para escolas e jardins de infância. Waldorf 100, 2019. Disponível em: [https://www.fewb.org.br/imagens/waldorf100/abelhas\\_arvores.pdf](https://www.fewb.org.br/imagens/waldorf100/abelhas_arvores.pdf). Acesso em: 05 de dez. de 2024.

PONGE, Francis. **Mimosa**. Tradução Adalberto Müller. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

REDAÇÃO DO JORNAL DA USP. **82% das espécies de árvores que só ocorrem na Mata Atlântica estão ameaçadas de extinção**. Jornal da USP, 19/03/2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/82-das-especies-de-arvores-que-so-ocorrem-na-mata-atlantica-estao-ameacadas-de-extincao/#:~:text=Muitas%20esp%C3%A9cies%20emblem%C3%A1ticas%20da%20Mata,como%20esp%C3%A9cies%20amea%C3%A7adas%20de%20extin%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 25 de abr. de 2024.

**O RENASCIMENTO do parto**. Diretor: Eduardo Chauvet, roteiro: Érica de Paula, produção: Eduardo Chauvet, Érica de Paula. Brasil, 2013.

RESCHKE, Alexandra. **A flor da cura**: torne-se protagonista da própria saúde. São Paulo: Tumiak Produções, 2022. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1huP-2\\_Qopzee0yLos5yXbEGeWo0S0Jwv/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1huP-2_Qopzee0yLos5yXbEGeWo0S0Jwv/view?usp=drivesdk). Acesso em: 17 de set. de 2024.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas do poeta sobre a vida**: a sabedoria de Rilke. Organização Ulrich Baer. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cartas a um jovem poeta**. 2ª edição. Tradução José Miranda Justo. Portugal: Antígona, 2016.

RINPOCHE, Sogyal. **O livro tibetano do viver e do morrer**. Tradução Luiz Carlos Lisboa. São Paulo: Talento: Palas Athena, 1999.

RIOS, Euclides C. **Veredas de Canabrava**: raízes de amor. [s.l.]: [s.n], 1985.

ROCA, Paco. **A casa**. Tradução Janayna Bianchi Bruscatin Pin. São Paulo: Devir, 2021.

RODRÍGUES, Abel. **Terraza Alta II**. 2018. Abel Rodríguez: o nomeador de plantas. Nathalia Lavigne. 09/08/2023. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/abel-rodriguez-the-namer-of-plants/>. Acesso em: 20 de nov. de 2024.

ROSA, João G. **Primeiras estórias**. São Paulo: Global, 2019.

ROSA, Victor da. **O jardineiro de secretário**: Por uma década, o poeta Leonardo Fróes registrou no jornal os segredos de botânica que encontrou no sítio onde mora. Revista Quatro cinco um, São Paulo, p. 34, mar., 2021.

RUIZ, Miguel. **Os quatro compromissos**: o livro da filosofia tolteca: um guia prático para a liberdade pessoal. Tradução Luís Fernando Martins Esteves. 40ª ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2021.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SAMS, Jamie; CARSON, David. **As cartas do caminho sagrado**: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos. Ilustrações Linda Childers. Tradução Fabio Fernandes. Consultoria da coleção Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANDOVAL, María Cristina. **Ecofeminismo y desarrollo sustentable**. Perspectivas Metodológicas 12, Vol. 12, Núm. 12, 2012. Disponível em <https://revistas.unla.edu.ar/epistemologia/article/view/449/491>. Acesso em: 22 de jun. de 2024.

SANTORO, Fernando. **A primeira filósofa: o amor à sabedoria da Lira**. Rev. Archai, n. 28, Brasília, e02802.2020, 2020. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/view/\\_28\\_2/6168](https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/view/_28_2/6168). Acesso em: 12 de set. de 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdigão. 19ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Ilustração Lua Kali. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019.

SCHALL, Barbara. **Plants and people**: Our shared history and future. Plants, People, Planet: Volume1, Issue1, Pages 14-19, January 2019. Disponível em: <https://nph.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ppp3.12>. Acesso em: 10 de jul. de 2024.

SILVA, Denise B. *et al.* **Bioma Pantanal**: da complexidade do ecossistema à conservação, restauração e bioeconomia (Resumo). Revista Ciência & Cultura. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/doc/1158955/1/Bioma-Pantanal-ciencia-cultura.pdf>. Acesso em: 08 de jun. de 2024.

SILVA, Evaneide A. **As faces do realismo**: *Gil Blas* e a tradição realista do século XVIII. Lettres Françaises, n° 9, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2041/1669>. Acesso em 27 de out. de 2024.

SILVA, Woodrow Wilson M. **Umbanda do Brasil**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1969.

SILVEIRA, Regina C.; ANDRADE, Ana Denise T. **Memórias do lugar para o personagem miguilim em campo geral, de guimarães rosa**. Matruga, Rio de Janeiro, v.23, n.39, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matruga/article/download/23528/19377>. Acesso em: 18 de jun. de 2024.

SIMARD, Suzanne. **A árvore-mãe**: em busca da sabedoria da floresta. Tradução Laura Teixeira Motta. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. *E-book*.

SOUTO MAIOR, Marcel. **As vidas de Chico Xavier**. 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

SOUZA, Cintia R. *et al.* **Sumaúma (Ceiba pentandra (L.) Gaerth)**. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2005. Disponível em: [ayhttps://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/678416/4/Doc41.pdf](https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/678416/4/Doc41.pdf). Acesso em: 21 de mai. de 2024.

SOUZA, Jovelina Maria R. **As origens da noção de poíesis**. HYPNOS, ano 13, nº19, p. 85-96, São Paulo, 2º sem. 2007. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/450/510>. Acesso em: 04 de jun. de 2024.

SRINIVASACHARLU, A. **Saalumarada Thimmakka - Mother of trees**. Review Of Research, UGC Approved Journal, No. 48514, ISSN: 2249-894X, Volume - 7, Issue - 7, April 2018. Disponível em: <https://oldror.lbp.world/UploadedData/10637.pdf>. Acesso em 02 de jun. de 2024.

STAFFORD, Fiona. **The long, long life of trees**. Yale University Press: Great Britain, 2016. *E-book*.

STEINER, Rudolf. **Fundamentos da agricultura biodinâmica**: vida nova para a terra. Tradução de Gerard Bannwart. São Paulo: Antroposófica, 1993.

\_\_\_\_\_. **Versos, textos e aforismos de Rudolf Steiner**. Compilados por Valdemar W. Setzer. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1bdCPbui6kOsCMLZ4QrdgQmJ4mSEhwLbr/edit>. Acesso em: 20 de jun. de 2024.

TAGORE, Rabindranath. **O carteiro do rei**. Tradução J. P. Nunes. [s.l]: [s.n], 2018. *E-book*.

\_\_\_\_\_. Poesia (Borboleta). Escritas.org, s.d. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/19529/a-borboleta-conta-momentos-e>. Acesso em 18 de jan. de 2024.

**TEMPOS modernos**. Diretor: Charlie Chaplin. 25 de fev. de 1936.

THOREAU, Henry David. **Walden**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

TORRES, Bolívar. **A ressurreição de Augusto Ruschi**: A história por trás da pajelança que curou o mais famoso naturalista do Brasil. Risca Faca. 11/03/2015. Disponível em: <https://riscafaca.com.br/historia/a-ressurreicao-de-augusto-ruschi/>. Acesso em: 31 de mai. de 2024.

**TREE CITIES OF THE WORLD**. Disponível em: <https://treecitiesoftheworld.org/>. Acesso em: 17 de mai. de 2024.

Trees Foundation. **Then & Now! Julia Butterfly Hill**. July 16, 2021. Disponível em: <https://treesfoundation.org/2021/07/julia-butterfly-hill/>. Acesso em: 16 de mai. de 2024.

TUKANO, Daiara. Família Bororo - farta como o Jatobá. Arte exposta no Museu da República, Brasília, Brasil, 2023.

UZÊDA, André Luís M. **Manoel de Barros e o último adeus de Bernardo**. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 9, n. 18, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/18037/14167>. Acesso em: 03 de jul. de 2024.

VALÉRY, Paul. **A alma e a dança e outros diálogos**. Tradução de Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

VIEIRA, Antônio. **Sermão da Sexagésima**. 1655. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf>. Acesso em: 14 de jun. de 2024.

VIEIRA, Antônio. **Sermão de Santo Antônio**. Universidade da Amazônia. Nead. s.d. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000257.pdf>. Acesso em: 22 de dez. de 2024.

VIEIRA, Patrícia. **Phytographia**. Environmental Philosophy, ISSN: 1718-0918, doi: 10.5840/envirophil2015101523, October 16, 2015. Disponível em: <https://www.patriciavieira.net/articles/articles-in-pdf/>. Acesso em 27 de nov. de 2024.

VIEIRA, Trajano. **Lírica Grega, hoje**. São Paulo: Perspectiva, 2017. Resenha de CORRÊA, Paula da C. Introdução ao universo da poesia grega. Revista USP, n. 114, 186-193, julho/agosto/setembro 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/14-livros-Paula-da-Cunha-Correa.pdf>. Acesso em: 28 de jun. de 2024.

VIGGIANO, Giuliana. **Urnas biodegradáveis: já é possível transformar cinzas humanas em árvores**. Revista Galileu. 25/06/2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/06/urnas-biodegradaveis-ja-e-possivel-transformar-cinzas-humanas-em-arvores.html>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**. Tradução Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **A sabedoria secreta da natureza**. Tradução Carolina Simmer. Rio de Janeiro: Sextante, 2022. *E-book*.

WOLFF, Otto. **O que comemos, afinal?**: Indicações práticas para uma nova consciência em alimentação. Tradução Heinz Wilda; Sonia Setzer. São Paulo: Antroposófica, 2000.

YORENKA TASORENTSI INSTITUTE. Disponível em: [https://yorenkatasorentsi.org/pt/home\\_pt/](https://yorenkatasorentsi.org/pt/home_pt/). Acesso em: 29 de ago. de 2024.

ZHONG, R. **Are We in the ‘Anthropocene,’ the Human Age? Nope, Scientists Say**. The New York Times, 08/03/2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/03/05/climate/anthropocene-epoch-vote-rejected.html>. Acesso em: 10.03.2024.